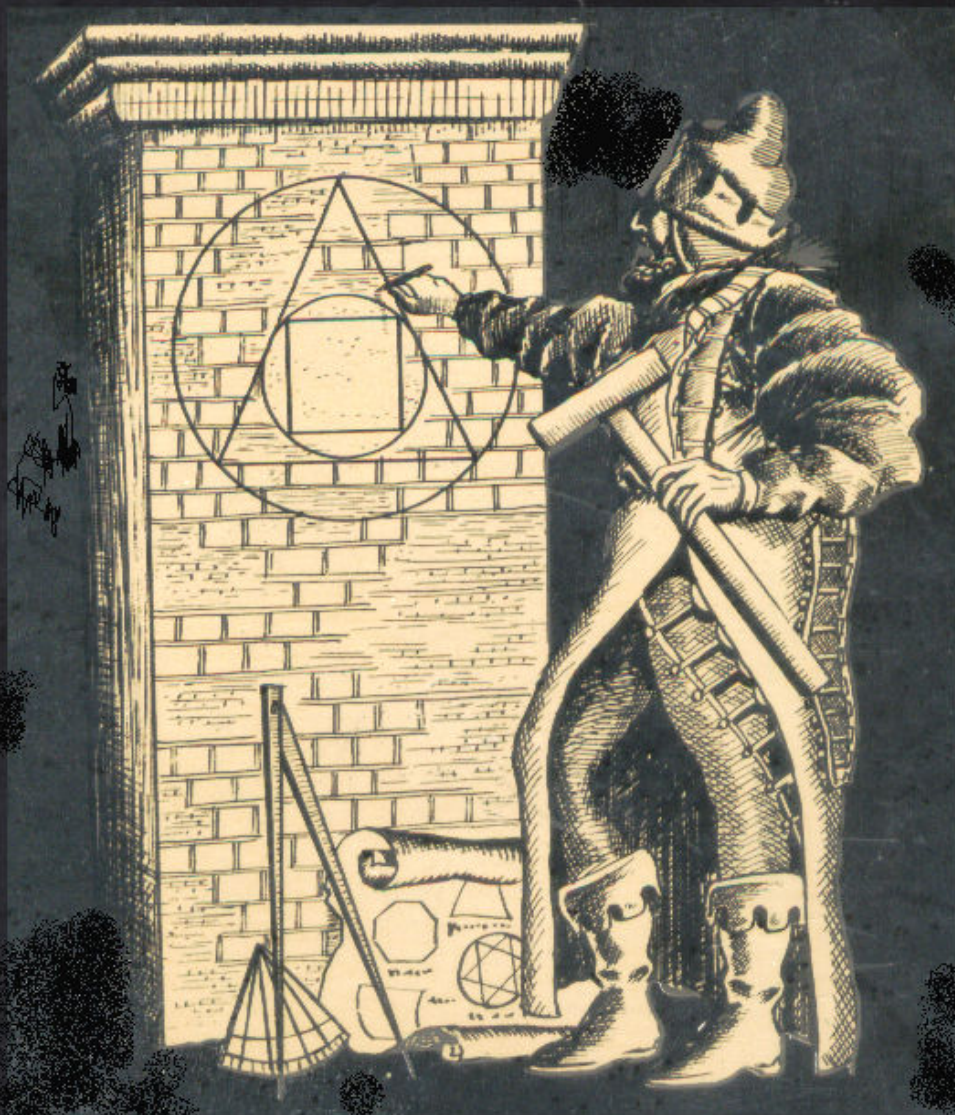


Jacques Sadoul

O TESOURO DOS ALQUIMISTAS



ÍNDICE

Prefácio	7
LIVRO I – A ARTE HERMÉTICA	
1. Primeiro contato com a alquimia	13
2. Hermes e a história da alquimia	24
3. Os princípios da alquimia	29
4. A realização da obra.	37
5. A alquimia e a ciência moderna	47
LIVRO II – OS ALQUIMISTAS	
1. Três diplomados pela Universidade de Montpellier no século XIII.	59
2. Nicolas Flamel, escrivão público.	75
3. O monge de Erfurt e o bom Trevisano	87
4. O médico e o cavaleiro	99
5. O romance de um soprador	110
6. O Cosmopolita	121
7. Transmutações efetuadas por sábios	138
8. O verdadeiro Philalèthe.	152
9. O apostulado de Lascaris.	164
10. História de Sehfeld	185
11. O conde de Saint-Germain.	195
12. Os adeptos do século XX	203
LIVRO III – A PEDRA FILOSOFAL	
1. Invejoso ou caridoso?	221
2. A matéria dos sábios	232
3. O magistério.	244
Anexo	279
Glossário	280
Bibliografia	290

JACQUES SADOUL

O TESOURO
DOS
ALQUIMISTAS

Tradução de
RACHEL DE ANDRADE

Supervisão de
Torrieri Guimarães

HEMUS — LIVRARIA EDITORA LTDA.

Título original:
LE TRÉSOR DES ALCHEMISTES

(c) Copyright 1970 by Editions J'ai Lu

*Todos os direitos adquiridos para a língua portuguesa
e reservada a propriedade literária desta publicação pela*



hemus livraria editora limitada

01510 - rua da glória, 312 liberdade

fone 279-9911 pabx

caixa postal 9686

são paulo

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

Prefácio

“Mesmo para um boticário, a vida não é fácil no novo mundo”, pensava o sr. Starkey que havia emigrado da Inglaterra para a América, no início do século XVII.

Afastou o cartaz de “quarto para alugar” que havia pregado diante de sua loja. Seu novo locatário, um certo John Smith, — um nome certamente fictício — era homem sem idade, altura mediana, rosto banal, mas seguramente instruído. Ora, não teria desgostos com este, como tivera com o inquilino bêbado que, no inverno passado, havia importunado a filha do vizinho.

O sr. Smith foi, com efeito, um pensionista modelo e Starkey quase esquecera sua existência quando uma noite seu locatário pediu permissão para utilizar o pequeno laboratório da farmácia. Desejava experimentar um novo colorante, explicara. O sr. Starkey consentiu nisso, mas, achando estranho o pedido, sugeriu a seu filho, George, que fosse dar uma olhada na experiência, através de uma fenda da porta.

O jovem tomou, pois, posição e viu o sr. Smith entrar no laboratório, trazendo um saco pequeno, mas visivelmente pesado. Retirou dele pedaços de um metal cinzento e tenro, provavelmente chumbo, que colocou num recipiente sob o qual acendeu um fogo forte. Quando o metal chegou ao seu ponto de fusão, o homem tirou de seu bolso uma pequena caixa que continha uma espécie de pó avermelhado. George pôde vê-lo, então, enrolar um grão desse pó num pouco de cera e lançar a bolinha assim obtida no metal em fusão, depois foi tranqüilamente sentar-se. George esperou um bom quarto de hora antes de ver o sr. Smith derramar o metal fumegante numa lingoteira. O jovem arregalou

então os olhos de estupefação, o metal derramado era amarelo, com reflexos esverdeados, em uma palavra, havia adquirido a cor do ouro fundido.

Foi então que o alquimista — pois é preciso chamá-lo assim — voltou-se para a fenda da porta de onde George Starkey o observava e disse:

— Entre, jovem, pois minhas operações lhe interessam.

O estranho personagem não se ofendeu por estar sendo espiado, e fez presente aos seus hospedeiros de uma parte do produto de sua transmutação, recusando, no entanto, categoricamente, a iniciá-los na sua arte, dizendo a George, que insistia mais do que seu pai:

— Meu amigo, se Deus o escolheu para esta Arte, ele lhe concederá em tempo útil sua ciência, mas se, em sua Sabedoria, ele julgá-lo impróprio para exercê-la, ou se vê que dela você faz mau uso, bem louco seria o homem que armasse o braço de um ignorante capaz de prejudicar a seus semelhantes.

Do relato que deixou sobre o acontecimento, Starkey esclarece: “Confesso que essa lição da divindade não me agradou”. O alquimista, vendo seu despeito, acrescentou:

— Saiba que somos estritamente proibidos, por ordens severas, de jamais dar a conhecer nossa Arte, pois poderia trazer confusão ao mundo se alguém dispusesse dela, e todo o mal resultaria disso. O Adepto que indiretamente for instigador deverá responder diante de Deus.

— Compreendo, senhor, respondeu o pai Starkey, mas, ao menos, deixe-me saber seu nome?

— Chamo-me Eyrénée Philalèthe, inglês de nascimento, habitante do universo⁽¹⁾.

(1) Esse relato tem por origem a obra de Eirenaeus Philoponos Philalèthes, “The Marrow of Alchemy” (O núcleo da Alquimia) publicada na Inglaterra em 1615 e atualmente conservada no Museu Britânico. George Starkey escreveu o prefácio sob o pseudônimo de Egregius Chryso.



*Comment & par quelles figures ilz signi-
fioient laage & les ans du temps.*

— Como e com que figuras eram indicados a idade e os anos do
Tempo.

Livro I

A ARTE HERMÉTICA

Primeiro contato com a Alquimia

Durante o rude inverno de 1956, fui apanhado por uma tempestade de neve que me obrigou a procurar abrigo numa livraria da rua Saint-Jacques. Tratava-se de uma dessas lojas consagradas às obras ocultas sobre magia, astrologia, adivinhação ou alquimia.

Foi finalmente nesse último assunto que um livro chamou minha atenção, primeiro pelo aspecto medieval do desenho da capa, depois pelo seu título estranho, “As doze chaves da Filosofia”. Decidi comprar esse volume para não ser posto para fora, durante a tormenta, pelo livreiro que me parecia temível.

Sou forçado a reconhecer que este primeiro contato com a alquimia foi decepcionante. O prefácio de Eugène Canscliet pareceu-me de uma erudição que ultrapassava de muito as possibilidades de um neófito, como eu o era: quanto ao texto do autor, o frei Basile Valentin, da Ordem de São Benedito, não correspondia absolutamente ao seu exórdio, que dizia: “No meu prefácio, ó grande amigo apaixonado da arte, eu te dei a esperança de conhecer, pelo estudo, e aos outros que ardem do mesmo fogo, as propriedades da natureza e, mais profundamente, aos pesquisadores, as artes, a pedra angular e o rochedo tanto quanto me foi concedido do alto. Vou indicar-te do que nossos antigos Senhores confeccionaram sua Pedra, que receberam do

Altíssimo, com o fim de utilizá-la para a sua saúde e a comodidade desta vida terrestre.”

Eis quão belas promessas, mas o texto que se seguia era de uma tal obscuridade que não compreendi nada! Quanto aos desenhos das “doze chaves”, que — do ponto de vista artístico — eram aliás muito bonitos, elucidaram-me ainda menos do que os escritos do Mestre. Viam-se neles alguns personagens ricamente vestidos, animais mais ou menos fabulosos e, por vezes, instrumentos que pareciam mais diretamente ligados à alquimia, tais como cadinhos e retortas. As explicações de Canseliet pretendiam precisar tais simbolismos, mas me pareceram sobretudo destinadas a leitores já iniciados. Por exemplo, começava dessa forma seu comentário sobre a primeira figura: “O Rei e a Rainha da Obra, isto é, o *ouro* e a *prata filosóficos*, espagiricamente designados pelo Lobo e o Grande *botão de retorno* sobre a Taça. Isto e o cadinho, em meio às chamas, indicam nitidamente a *via seca* na qual desempenha grande papel o *fogo secreto*.”

Confesso que tais explicações, longe de dissipar meu embaraço, só fizeram com que ele aumentasse. Contudo, as esquisitices de Basile Valentim pouco a pouco começaram a exercer em mim uma verdadeira fascinação. O desejo de penetrar mais além nesse mundo oculto tomou conta de mim, e voltei à loja da rua Saint-Jacques. Ali pedi obras acessíveis a iniciantes ou estudos de vulgarização; o livreiro respondeu-me, não sem uma certa condescendência, que os dois últimos livros a respeito tinham sido editados, respectivamente, em 1860 e 1891, e que estavam praticamente esgotados desde então. Acrescentou que hoje não se podiam encontrar senão dois tipos de obras, umas sendo reedições de tratados de alquimia de séculos passados, as outras, estudos modernos analisando as causas psicológicas, mesmo psicanalíticas, do “fenômeno” alquímico, e esses últimos livros sempre de autores que unem, disse ele, a incompetência à fatuidade. Diante de minha expressão decepcionada, acabou por ir procurar numa das prateleiras um livro que me entregou.

— Tome, disse-me, pegue este. O autor, Claude d'Ygé, é um confrade, especialista na arte hermética, isto é, em alquimia, acrescentou vendo meu ar surpreso.

A obra chamava-se “Nouvelle assemblée des Philosophes Chymiques” (Nova Assembléia dos Filósofos Químicos) e havia aparecido em 1954, isto é, dois anos antes. Resolvi formular uma pergunta:

— Por que esse título estranho?

— Os alquimistas são chamados filósofos herméticos ou químicos, com um Y; é uma denominação tradicional. Quanto ao título “nova assembléia” foi dado, certamente, imitando uma velha obra, *Turba philosophorum* que deve traduzir-se por “assembléia dos filósofos” e não por “Turba dos filósofos” como se tem feito às vezes.

Sentindo-me cada vez mais confuso, tratei logo de pagar o livro e comecei logo o seu estudo. Não era uma obra para iniciante, mas o autor soubera torná-la suficientemente clara para fazê-la acessível aos leitores atentos. Foi o sésamo que me abriu a primeira porta da arte hermética.

Foi-me preciso mais de um ano para obter as duas dezenas de obras básicas, necessárias ao estudo do assunto e, à medida que eu as estudava, sentia minha primeira opinião modificar-se pouco a pouco. No início, como todo mundo, pensei que a alquimia estivesse contida, inteiramente, na definição de Louis Figuier: “O objeto da alquimia é, como ninguém o ignora, a transmutação dos metais; transformar metais vis em metais nobres, fazer o ouro e a prata por meios artificiais, tal foi o começo desta singular ciência, que não conta menos de quinze séculos de existência.” (*A Alquimia e os Alquimistas*, 1856).

Eu havia lido, com efeito, que o trabalho prático do alquimista, chamado *magistério*, destinava-se a encontrar uma substância extraordinária, a Pedra filosofal, que tinha a propriedade de transmutar em ouro qualquer metal em fusão. Assim, na sua obra *Espelho da Alquimia*, o monge britânico Roger Bacon declara: “A Alquimia é a ciência que ensina a preparar um certo medicamento ou elixir, o qual sendo projetado sobre metais imperfeitos lhes comunica a perfeição no momento mesmo da projeção”.

Uma primeira prevenção contra essa opinião preconcebida foi-me fornecida pelo erudito Grillot de Givry em sua obra *Museu dos feiticeiros, Magos e Alquimistas*: “Para muita gente

que não a estudou, a alquimia não passa de um amontoado de sonhos e divagações, resultante de uma vã tentativa dos homens para fazer ouro artificial, à qual são impelidos, seja por uma cupidez sórdida, seja por uma loucura orgulhosa de querer igualar-se ao Criador. Entretanto, os que estudam a alquimia, deixando tais preocupações inferiores, não tardam em descobrir nela uma atração cuja suavidade não poderia ser descrita; e, no edifício tenebroso das ciências da Idade Média, esta irradia como rosas gigantes, silenciosas e imóveis que, longe das vulgaridades da vida, banham de luz inefável o transepto das catedrais adormecidas.”

Pergunto-me se esta obstinação sobre a transmutação dos metais em ouro, não teria a finalidade de jogar areia aos olhos dos não-iniciados para melhor mantê-los fora das realidades secretas da alquimia.

* * *

O ouro é hoje, ainda, considerado como o fim último da arte hermética por uma outra razão. Ao lado dos alquimistas propriamente ditos geralmente chamados *Adeptos* ou *Artistas*, isto é, os que possuem a Arte — houve duas outras categorias de pessoas que tentaram transmudar os metais; primeiro os *sopradores* e, em seguida, mais próximos a nós, os *alquimistas*. Ora, o público sempre confundiu tais personagens, cujo único objetivo era fabricar o ouro, com os verdadeiros filósofos herméticos.

Podemos encontrar uma excelente definição dos sopradores na obra de René Marcard, *Pequena História da Química e da Alquimia*: “À margem da Grande Arte, os sopradores constituíam uma seita inferior onde abundavam charlatões, mercadores de jóias, loucos, feiticeiros, lançadores de sortes, bruxos, agulheiros, antigos ladrões, astuciosos truões e sobretudo esses estúpidos empregados de oficina que acreditavam ter roubado aos “práticos” uma parte de seus segredos ou uma flama de seu gênio. As operações mágicas, a preparação das poções que tiveram outrora certa voga, constituíam as origens impuras de sua magra renda; persuadidos de que se poderia preparar uma quintessência

maravilhosa com a ajuda de produtos animais, fizeram experiências com as matérias mais estranhas, como também, às vezes, com as mais repugnantes. O sangue de crianças servira com muita frequência a essas experiências que fizeram passar à posteridade o nome do sinistro Gilles de Rais, mas não incitaram os juizes à indulgência frente aos puros cavaleiros da Grande Obra.

“Pretendendo imitar a natureza em sua lenta evolução, os alquimistas procediam a intermináveis operações cuja duração ia de alguns meses a alguns anos, a tal ponto que, freqüentemente, o Adepto que havia iniciado a conquista do magistério morrendo de esgotamento durante o trabalho, seus discípulos disputavam a honra de terminá-lo. Os sopradores, pessoas sem-vergonha, impelidas pela execrável sede do ouro, a *auri sacra fames*, não podiam resignar-se a tais delongas; em sua ignorância, pretendiam substituir a lenta ação do tempo pelo ardor de seus fogareiros, então, com frequência uma explosão terminava a experiência, e punha fim ao mesmo tempo à experiência e um termo à existência de aprendiz de feiticeiro.”

A descrição de Marcard não é de modo algum exagerada. Com efeito, há três elementos secretos necessários à elaboração da Pedra filosofal: a *matéria-prima*, corpo único sobre o qual o alquimista trabalha e que submete à ação do *fogo secreto* (também chamado *primeiro agente*) depois à do *mercúrio filosófico*. Os sopradores, ignorando a que correspondiam tais nomes simbólicos, colocavam pois qualquer coisa em seus cadinhos ou em suas retortas. Assim fizeram muitas importantes descobertas químicas algumas das quais lhes foram infelizmente fatais; por exemplo, uma das fases do magistério podia reunir num cadinho carvão, enxofre e nitrato, o que está perigosamente próximo da pólvora de canhão!

René Marcard tinha pois inteira razão de assinalar que a carreira de muitos sopradores termina numa enorme explosão. Eis aqui um exemplo tirado das *Memórias da nova Atalante*, de Marie Manley, que foram compostas na Grã-Bretanha em fins do século XVII:

“Uma princesa interessada na alquimia encontrou-se com um homem que pretendia ter o poder de mudar o chumbo em ouro, isto é, na linguagem alquímica, de converter os metais imperfeitos em metais perfeitos. Este filósofo hermético não pediu senão os materiais e o tempo necessário para executar a conversão que havia prometido. Foi levado à casa de campo de sua protetora, onde se construiu para ele um vasto laboratório e, a fim de que não fosse importunado em seus trabalhos, ordens expressas foram dadas para que ninguém lá entrasse. Ele imaginou fazer sua porta girar sobre um gonzo, de modo que recebia as refeições sem ver nem ser visto, e sem que ninguém pudesse distraí-lo de suas sublimes contemplações. Durante os dois anos que ficou no castelo, ele não falou com quem fosse, nem mesmo com sua entusiasta protetora. Quando ela foi introduzida pela primeira vez em seu laboratório viu, com agradável espanto, alambiques, caldeiras imensas, canos longos, forjas, fornos e três ou quatro fogos violentos acesos em diferentes cantos dessa espécie de vulcão. Ela não contemplou com menos veneração a figura desse físico, pálido, descarnado e enfraquecido por suas operações durante o dia e vigílias contínuas, que lhe revelou, em seu jargão ininteligível, os sucessos que havia obtido; ela viu e acreditou ver pilhas de ouro espalhadas em seu laboratório. Com freqüência o alquimista pedia um novo alambique ou quantidades enormes de carvão. Essa princesa, vendo contudo que já despendera grande parte de sua fortuna fornecendo material ao filósofo, começou a regrar os fluxos de sua imaginação com os conselhos de sua sabedoria. Dois anos já se tinham passado, vastas quantidades de chumbo haviam sido fornecidas, e ela não via outra coisa senão chumbo. Disse ao físico o que pensava; este lhe confessou sinceramente que estava surpreso com a lentidão de seus progressos, mas que iria redobrar esforços e tentar uma laboriosa operação à qual até então julgara não ser obrigado a recorrer. Sua protetora se retirou e as visões douradas de esperança tomaram conta dela novamente. Um dia, quando jantava, um grito horroroso seguido de uma explosão semelhante à de um estampido de canhão do mais forte calibre, foi ouvido: dirigiu-se com seu pessoal ao laboratório; encontraram duas grandes re-

tortas quebradas, uma grande parte do laboratório em chamas, e o físico queimado dos pés à cabeça.”

* * *

Considera-se hoje que nossa química moderna não provém em nada da arte tradicional dos alquimistas, mas antes das buscas desordenadas dos sopradores. Como dissemos, antes de citar o exemplo desse infeliz charlatão, um grande número de reações químicas, e também de corpos novos, foram descobertos por estes pseudo-alquimistas que faziam experiências sistemáticas com tudo o que lhes caísse nas mãos. Ao contrário, o Adepto verdadeiro sabia com exatidão quais eram os corpos naturais que lhe eram necessários para a elaboração da Pedra, por conseguinte não tinha, a não ser raramente, necessidade de entregar-se a pesquisas puramente químicas. É claro que certos alquimistas — Basile Valentin, Paracelso, por exemplo — enriqueceram a nomenclatura química de nomes novos e importantes, mas eram então experiências secundárias sem ligação direta com o magistério filosofal.

Consideremos agora os alquimistas, investigadores independentes operando no fim do século passado e no começo deste, que pretendiam que a transmutação de metais em ouro era perfeitamente possível por vias químicas ordinárias, isto é, não utilizando as energias nucleares fantásticas liberadas pela física moderna. Tiffereau, depois Jolivet-Castelot ilustraram-se nestas pesquisas, mas a ciência oficial não reconhece como válidas as transmutações que eles pretenderam ter efetuado. É preciso reconhecer que o ouro obtido nessas experiências era em quantidade tão mínima, que podia provir de impurezas que se encontrassem nos corpos empregados. Um tal caso, antes cômico, aconteceu na Alemanha em 1931, onde o Prof. Hans Mietne afirmava ter transmudado o mercúrio em ouro. Uma análise de suas manipulações revelou que os traços de ouro encontrados no mercúrio ao final da experiência provinham simplesmente das lunetas do professor que haviam sido atacadas pelos vapores do mercúrio!

Além disso, após a guerra de 1914, no mesmo momento em que Jolivet-Castelot criava e presidia a *Sociedade Alquímica da França*, os Adeptos contemporâneos negavam às experiências o nome de alquímicas. Não quero por prova mais do que o que escreveu um deles, Auriger, em 1926, no número especial consagrado à alquimia, pela Revista *O véu de Isis*. Eis um extrato do artigo intitulado *Alquimia diante da Ciência*: “O sr. Jolivet-Castelot me permitirá sem dúvida uma observação sobre o qualificativo de “alquímica” que ele dá às suas experiências. Elas o eram no tempo em que apenas existiam alquimistas, mas, atualmente, pelos materiais usados e processos empregados, elas pertencem ao domínio da química pura e simples. Se fossem alquímicas no verdadeiro sentido da palavra, não haveria de modo algum, ao menos que eu saiba, professor na Sorbone, qualquer que fosse sua erudição, capaz de as controlar. Aliás, o sr. Jolivet-Castelot pretende unicamente o controle dos químicos, é porque as transformações que afirma obter são efetuadas por via química, nada mais.” Este texto de Auriger parece resumir, perfeitamente, a questão, e não tratarei mais aqui dos alquimistas que não têm relação real com a arte hermética.

* * *

Tendo conseguido circunscrever meu estudo aos verdadeiros Artistas, no nobre sentido do termo, tentei estudar em suas obras qual a importância efetiva que davam à transmutação dos metais. É isto um verdadeiro “trabalho de Hércules”, do nome que os Adeptos dão, por vezes, ao magistério, pois — mesmo limitando-se aos mais célebres tratados — é impossível extrair deles uma impressão de conjunto tanto as práticas diferem de autor para autor.

Tal diversidade não provém igualmente de diferenças constatadas nos métodos, mas antes do fato de os tratados dos Alquimistas não abordarem, praticamente nunca, a mesma parte da Obra! Realmente, é *sem exemplo* que um deles tenha descrito as operações do magistério, na ordem cronológica, desde o começo; isto é, desde a procura da *matéria afastada* da Pedra, que deve tornar-se sua *matéria próxima*, antes de se transformar no

último estágio em *rebis* (do latim res-bis, isto é, a substância dupla).

A expressão “matéria-prima” designa indiferentemente, nos tratados, esses três estados bem diferenciados; quanto às confusões entre os diversos “mercúrios”, são incontáveis. Assim, cada filósofo parece falar de coisas sem a menor relação com os dizeres de seus companheiros, quando comenta, certamente, a mesma Obra mas considerada em fases diferentes. Este é um primeiro e muito sério entrave.

O segundo reside na incrível obscuridade dos textos e, em particular, na terminologia, assim um mesmo corpo pode ostentar mais de doze nomes diferentes! O célebre naturalista Buffon comentou, no artigo sobre o ouro de sua *História Natural dos minerais* (tomo 4, edição de 1784, pág. 270 a 272):

“Nossa maior obra-prima, com efeito, seria aumentar a densidade da matéria, ao ponto de dar-lhe o peso desse metal (o ouro); talvez tal obra-prima não seja impossível, e talvez mesmo seja alcançada; pois, entre os numerosos fatos exagerados ou falsos, que nos foram transmitidos a respeito da *grande obra*, há alguns⁽¹⁾ dos quais me parece bastante difícil duvidar; mas isto não nos impede de desprezar e mesmo condenar os que, por cupidez, se entregam a essa investigação, com frequência mesmo sem terem os conhecimentos necessários para se conduzir nos seus trabalhos: pois é preciso confessar que nada se pode tirar dos livros de Alquimia; nem a “Tábua Hermética”, nem a “Assembléia dos Filósofos”, nem o “Philalèthe” e alguns outros que me dei ao trabalho de ler⁽²⁾, e mesmo de estudar, não me apresentaram senão obscuridades, processos ininteligíveis, onde nada percebi, e dos quais nada pude concluir, a não ser que todos esses pesquisadores da Pedra filosofal olharam o mercúrio comum co-

(1) “Veja-se, entre outros, o fato da transmutação do ferro em ouro, citado por Model em suas *Recreações químicas*, traduzidas para o francês por M. Parmentier”. (Nota de Buffon).

(2) *Nota*: “Posso mesmo dizer que vi um bom número desses senhores *adeptos*, alguns dos quais vieram de muito longe para me consultar, diziam eles, e me participarem seus trabalhos; mas todos ficaram desgostosos com minha conversa, dado meu pouco entusiasmo”. (Nota de Buffon).

mo a base comum dos metais e sobretudo do ouro e da prata. Bécher com sua *terra mercurial* não se afasta muito dessa opinião.

Pode-se perguntar por que os filósofos herméticos tomaram de tal modo o cuidado de parecerem incompreensíveis. Uma primeira resposta possível é a do escritor científico do século passado Louis Figuier, que nos diz: "Para adotar essa linguagem obscura e inacessível, os alquimistas tinham um excelente motivo. Nada tinham a dizer sobre a arte de fazer ouro, todos os seus esforços para aí chegar foram inúteis". Tal opinião é bem o reflexo do espírito científico do século XIX que acreditava ter descoberto tudo e não deixar nada ao século XX a não ser o cuidado de "calcular as decimais seguintes". Uma segunda resposta, mais exata, nos é fornecida pelo alquimista árabe Geber, em sua *Suma das perfeições do magistério*: "Declaro aqui que, esta *Suma*, não ensinei nossa ciência através de um caminho coerente. Se eu a expusesse na ordem de seu desenvolvimento, os espíritos mal-intencionados poderiam compreendê-la e utilizá-la para maus fins".

Persuadidos da realidade de sua Obra, os Adeptos se acreditavam responsáveis pelos poderes ocultos que detinham e, conseqüentemente, se reservavam a possibilidade de interditar o magistério àqueles que fossem indignos dele. Os tratados de alquimia não devem, por isso, ser considerados nem como manuais de iniciação, nem como comunicações científicas destinadas aos outros filósofos. São reservados a uma terceira categoria de leitores, e dos "iniciáveis", segundo a feliz expressão de René Aleau em *Aspectos da Alquimia tradicional*, que põe à luz a existência de pessoas que podem ter acesso à arte hermética por elas mesmas, sem a necessidade de um "guru" (guia), isto para estabelecer uma comparação com as disciplinas hinduístas onde a iniciação por um Mestre é regra única e absoluta.

Além das respostas propostas por Figuier e Geber à nossa questão inicial, há uma terceira possibilidade. A Alquimia pode parecer-nos incompreensível na época atual simplesmente porque certas noções correntes quando da formação dessa ciência estão, hoje, esquecidas. Por exemplo, Jacques Bergier⁽¹⁾ falava recen-

(1) Escritor científico contemporâneo.

temente de uma obra técnica de televisão que descrevia os principais tipos de receptores e me diga: "Se, no futuro, um tal manual caísse em mãos de uma civilização fundada numa tecnologia diferente da nossa, os aparelhos descritos pareceriam absurdos, pois o autor não indica, em parte alguma, que é preciso ligá-los à corrente elétrica para que os aparelhos funcionem! É tão evidente aos seus olhos, que ele não julgou necessário mencionar isso".

Não está excluído que o mesmo se dê com a alquimia, e que certos textos indecifráveis, ou certas lacunas sejam, de fato, noções tão familiares aos iniciados daquele tempo e aos seus sucessores, que isto os levou a negligenciar qualquer explicação. Pessoalmente, fico com a explicação de Geber que creio sincera, mas insuficiente. Os "maus" têm outros meios de conseguir o ouro que não fabricando-o artificialmente! O que os alquimistas têm a esconder é mais importante que o segredo do metal precioso, eis a conclusão que se impõe. Mas o que é? Bem, uma rápida volta à história da filosofia hermética talvez nos esclareça.

2

Hermes e a história da alquimia

De onde ela vem?

É difícil responder com uma data e um lugar preciso a essa questão; a China, o Egito, o Médio Oriente e a Grécia, todos igualmente podem pretender ter dado nascimento à alquimia.

Seguirei, pois, simplesmente a tradição fazendo remontar a arte hermética ao próprio Hermes (que foi um deus ou um rei pré-faraônico) pois ele lhe deu seu nome. Atribui-se a ele numerosos tratados alquímicos, entre outros a famosa *Tábua de Esmeralda*, que é, certamente, o mais breve resumo existente da Grande Obra, senão o mais claro. Uma lenda pretende que o texto tenha sido encontrado pelos soldados de Alexandre, o Grande, nas profundezas da Grande Pirâmide de Gizé, que não seria senão o túmulo de Hermes. Ele mesmo teria gravado as poucas linhas que compõem a *Tábua*, com uma ponta de diamante sobre uma lâmina de esmeralda, daí seu nome.

Vou citá-la inteira pois sua leitura permitirá melhor dar-se conta da dificuldade dos textos alquímicos; e esclareço que escolhi uma tradução — a do Adepto contemporâneo Fulcanelli — que me pareceu sensivelmente mais clara e mais precisa que a maior parte das outras.

“É verdade, sem mentira, certo e muito verdadeiro:

“O que está em baixo é como o que está no alto, e o que está no alto é como o que está em baixo; por essas coisas fazem-se os milagres de uma só coisa. E como todas as coisas são e provêm de UM, pela mediação do UM, assim todas as coisas são nascidas desta coisa única por adaptação.

“O sol é o seu pai, a lua é a mãe. O vento o trouxe em seu ventre. A terra é sua nutriz e receptáculo. O Pai de tudo, o Thelemeu do mundo universal está aqui. Sua força ou potência está inteira, se ela é convertida em terra. Tu separarás a terra do fogo, o sutil do espesso, docemente, com grande desvelo. Ele ascende da terra e descende do céu, e recebe a força das coisas superiores e das coisas inferiores. Tu terás por esse meio a glória do mundo, e toda obscuridade fugirá de ti.

“É a força, força de toda força, pois ela vencerá qualquer coisa sutil e penetrará qualquer coisa sólida. Assim, o mundo foi criado. Disso sairão admiráveis adaptações, das quais o meio é aqui dado.

“Por isso fui chamado Hermes Trismegisto, tendo as três partes da filosofia universal.

“O que disse da Obra solar está completo.”

* * *

Se a alquimia interessou os Egípcios desde a mais alta Antiguidade, curiosamente ocorreu o mesmo, do outro lado da terra, no império celestes. Com efeito, os mais antigos textos chineses — O Tsai-y-Chi e o Tao — já revelam especulações sobre a matéria e sobre as possibilidades de transmutações metálicas. Ora, na China, à época de Tao, ignorava-se o uso de ácidos fortes para dissolver os metais e é notável que ali se tenham empreendido operações transmutatórias em bases bastante próximas das dos herméticos da Idade Média.

Entretanto; o betço concreto da alquimia, ao menos como a conhecemos hoje, parece-me que deva ser procurado entre os gregos, os árabes e em Bizâncio. A principal escola grega de arte hermética foi fundada em Alexandria por Zózimo, o Panapolitano, por volta do início do IV século depois de Cristo. Muitas

de suas obras nos chegaram, em particular seu *Tratado dos Fornos* onde descreve aparelhos de vidro destinados à destilação, bem antes de os sábios árabes terem assinalado sua existência. Um de seus discípulos, Demócrito, afirmava já a existência de dois pós de projeção, um branco e outro vermelho. A famosa mulher alquimista, Maria, a Judia, que alguns querem erradamente que seja irmã de Moisés, viveu nessa mesma época. Ela descobriu o "banho-maria" que hoje usamos com tanta frequência na cozinha: ela inventou, também, o "kerotakis", que é um recipiente fechado onde se expõe à ação de vapores, metais reduzidos a folhas delgadas, e o areômetro, idêntico àquele de que nos servimos hoje e que foi reencontrado por Baumé no século XVIII, após ter sido esquecido.

Da Alexandria, a alquimia emigrou para Bizâncio, no século V, onde se manteve alguns lustros antes de passar aos árabes que recolheriam, dessa forma, toda a herança egípcia e grega. Do século VII ao IX, a alquimia foi assim introduzida em todos os países conquistados pelos árabes, pela força de suas armas, em particular na Espanha que se tornou, assim, um dos grandes centros herméticos da Europa ainda em trevas. A influência árabe sobre a arte hermética foi considerável e conservava ainda todo o esplendor na época de Alberto o Grande e de Tomás de Aquino. Numerosas palavras da alquimia árabe passaram, aliás, à linguagem corrente: elixir, álcool, alambique, etc.⁽¹⁾. O maior Adepto árabe foi, sem dúvida, Geber, do qual já citei *Suma das perfeições do magistério*, e não penso ser inútil parar um pouco em sua figura.

Geber, cujo verdadeiro nome era Djabir-Ibn-Hajjan, viveu no século VIII depois de Cristo; foi aluno de um célebre senhor do Islão, o Imã Djafar, e se tornou, por sua vez, sábio muito reputado. Em particular, explica em suas obras a preparação do ácido nítrico, da água régia, e de outros corpos químicos totalmente desconhecidos dos sábios ocidentais: como acrescentava obter suas descobertas de seu mestre Djafar, é preciso pois admitir que foi no século VII que a alquimia árabe chegou a resultados

(1) A própria palavra "alquimia" vem do egípcio "kêmeia" e do artigo árabe "el". É pois a "ciência da terra negra", isto é, da matéria-prima e original.

tão notáveis. Não é preciso espantar-se por descobrir sob a pena de historiadores ocidentais longas demonstrações para mostrar que as obras de Geber são falsificações muito posteriores, que ele nunca foi um alquimista, nem mesmo químico, e que aliás ele nem existiu! Ora, depois encontrou-se nas bibliotecas do Cairo e de Constantinopla muitas obras de Geber, cuja autenticidade não é posta em dúvida, e que contém resumos particularmente interessantes e sobre a filosofia da natureza, sobre a maneira de predizer o futuro e sobre as propriedades químicas dos corpos naturais. Uma dúvida permanece, entretanto, quanto à *Suma das Perfeições* pois seu texto árabe foi perdido e sua primeira versão conhecida é uma tradução que data do fim do século XIII. Nada impede então que o tradutor, querendo firmar mais a autoridade do alquimista árabe, tenha introduzido no texto descobertas que datam dos séculos XI e XII. De qualquer modo, hoje, a questão se torna puramente acadêmica.

Esse rápido bosquejo do horizonte histórico da alquimia nos conduz a um desses problemas de atribuição de tratados que fazem a alegria dos eruditos. Parece-me necessário dizer algo aqui: com efeito, logo perceberemos no decorrer deste livro, que praticamente todos os grandes Adeptos viram a paternidade de suas obras posta em dúvida. Assim, a acreditar-se nos historiadores, ou naqueles que se pretendem como tais, Alberto o Grande jamais teria escrito uma linha sobre alquimia, muito menos o seu aluno Tomás de Aquino (que, na *Suma Teológica*, disserta contudo longamente sobre a questão de saber se a venda de ouro hermético é fraudulenta!). Os tratados atribuídos a Arnaldo de Villeneuve, Raimundo Lullo, ao Papa João XXII, e tanto outros, seriam falsos; quanto aos alquimistas célebres como Basile Valentin ou Nicolas Flamel, não teriam jamais existido, apesar de, com relação ao escritor público parisiense, possuímos numerosos atos notários relativos à sua vida e que subsiste ainda em Paris, com toda certeza, uma das casas onde viveu.

Todas estas contestações me parecem próximas do sofisma. É evidente que Basile Valentin era um pseudônimo: *Basileus*, em grego, quer dizer rei, *Valens* (*valentis*), em latim, significa poder; mas não ocorreria a ninguém dizer que Molière não existiu historicamente porque esse não era seu verdadeiro nome!

Certamente existiu alguém sob o nome de Basile Valentin, escreveu tratados de alquimia onde descobertas notáveis foram assinaladas pela primeira vez na história das ciências ocidentais, o que valeu a seu autor ser, ainda com frequência, citado nas obras modernas de química mineral. Lancemos, agora, um olhar no caso de Raimundo Lullo (ao qual voltarei quando estudarmos a vida desse Adepto): todas as suas obras alquímicas são qualificadas de apócrifas, por que? Essencialmente, porque elas foram publicadas após sua morte; ora, Lullo vivia em Palma de Majorca, isto é, numa Espanha muito católica, e é fortemente provável que tenha julgado mais prudente deixar aos seus discípulos a incumbência de publicar suas obras herméticas após sua morte. Nota-se que a paternidade de suas obras só foi contestada quando recebeu da igreja católica a qualidade de “bem-aventurado”...

Por isso, nesta obra, não levarei em conta as discussões acadêmicas relativas às atribuições de tratados a outros autores que não aqueles aos quais são assinalados. Admito, voluntariamente, que não é inteiramente certo, em alguns casos, que o nome do autor seja o que figura na capa, mas, depois de trezentos ou quatrocentos anos, que importância isto representa para nós?

O contacto assíduo com todos os velhos filósofos me permite, ao contrário, dar-me conta de um fato interessante. Como eu o desconfiava, a maior parte deles coloca as virtudes medicinais da Pedra bem antes de suas qualidades transmutatórias. Na citação inicial desta obra, das *Doze chaves da Filosofia*, vimos já que Basile Valentin recomenda aos seus leitores “utilizar para sua saúde” a Pedra filosofal; aliás ele precisa: “E assim, por este tratado, quis te indicar e abrir a Pedra dos Antigos, que nos veio do céu, para a saúde e consolação dos homens, neste vale de misérias, como o mais alto tesouro terrestre concedido e, para mim, quantas vezes legítimo”.

Entretanto, muitos fatos são ainda misteriosos; por que se devem efetuar as transmutações e quais as diferenças que existem entre a medicina universal, o ouro potável e o elixir da longa vida? Precisaria pois prosseguir pelo estudo dos princípios sobre os quais repousava a arte hermética e que, sozinhos, poderiam trazer-me as respostas desejadas.

Os princípios da alquimia

Fala-se, geralmente, de *teorias* alquímicas, mas esse termo é recusado pelos próprios alquimistas que encontram nele um aspecto muito doutoral, muito escolástico. Sua arte é feita antes de tudo de relações pessoais com a natureza, relações que diferem de um adepto para outro. Todos, entretanto, têm alguns *princípios* comuns e são esses princípios que vamos examinar agora.

O primeiro e o mais importante desses princípios é a afirmação da unidade da matéria; assim, em seu *Carro de Triunfo do Antimônio*, Basile Valentin escreveu: "Todas as coisas vêm de uma mesma semente, elas foram, na origem, engendradas pela mesma mãe". É igualmente tal noção que se encontra na *Tábua de Esmeralda*, embora sob forma mais alegórica, com a frase "o que está em baixo é como o que está no alto", e que Raimundo Lullo resumiu magistralmente, em seu *Testamento*, na fórmula: "Omnia in unum".⁽¹⁾

A modernidade dessa concepção surpreende na Idade Média, mas é preciso não esquecer que a alquimia é antes de tudo uma ciência tradicional e que o ensinamento platônico chegara

(1) Do latim: "Tudo em um" (N. T.).

sem interrupção aos Adeptos de todos os períodos da História. Todos sabiam que uma máxima atribuída ao filósofo grego havia sido gravada sobre uma das estelas do Templo de Saís: “Eu sou tudo o que foi, o que é o que será. Ninguém dentre os mortais levantou o véu que me cobre”.

Depois, os alquimistas assentavam em princípio que os metais, longe de serem corpos simples, eram, bem ao contrário, compostos e continham todos os três elementos dos quais somente as proporções variavam, a saber, o *mercúrio dos filósofos*, o *enxofre dos filósofos* e o *sal* ou *arsênico*. Precisemos, imediatamente, que há necessidade absoluta de não confundir o mercúrio dos *filósofos* e o mercúrio *filosófico*; numerosos sopradores enganaram-se por identificar essas duas substâncias cuja única relação é nada ter em comum com o mercúrio! Quanto ao enxofre e ao sal, não correspondem igualmente aos corpos químicos que trazem estes nomes, mas trata-se apenas de nomes simbólicos.

Segundo esse princípio, os alquimistas achavam que o cobre, por exemplo, era composto de partes iguais de enxofre e mercúrio, e somente um pouco de sal, em dose infinitesimal. Quanto ao ouro, eis como o viam dois Adeptos renomados. Em seu *Compêndio do perfeito magistério*, o árabe Geber (VIII século) indica: “O Sol (*o ouro*) é formado de um mercúrio muito sutil e de um pouco de enxofre muito puro, fixo e claro, que tem um rubor límpido. E como esse enxofre não é colorido por igual, ocorrendo que um é mais escuro que outro, disso advém também que o ouro é mais ou menos amarelo”. Quanto ao monge britânico Roger Bacon (XIII século), declara em se *Espelho da Alquimia*: “Natureza do ouro: o ouro é um corpo perfeito composto de um mercúrio puro, fixo, brilhante, vermelho e de um enxofre puro, fixo, vermelho, não combustível. O ouro é perfeito”.

Vemos que há identidade de ponto de vista entre os dois alquimistas, separados, no entantô, por sua época e sua cultura.

Precisemos ainda que tais nomes, enxofre, mercúrio e sal, não eram somente abstrações, mas representavam certas qualidades bem precisas da matéria. O mercúrio, ou elemento feminino, simbolizava o elemento propriamente metálico, a causa do brilho, da ductilidade e da maleabilidade dos metais. O enxofre

fre, ou elemento masculino, indicava seu grau de combustibilidade e sua cor: o sal (ou arsênico), mais que um terceiro elemento, representava o meio de união entre o enxofre e o mercúrio.

É certo que uma tal concepção justificava totalmente a idéia da transmutação: desde o instante em que todos os metais fossem compostos de elementos rigorosamente idênticos, mas em proporções diferentes, seria lógico pensar que se poderia modificar tais proporções através da ação de um agente catalizador, a Pedra filosofal. Geber foi o primeiro a expor tal "teoria", sem todavia atribuir a si a descoberta que reportava aos Antigos.

Os alquimistas eram, assim, levados a admitir a existência na Natureza de uma única matéria-prima. Ademais, achavam que a formação dos minerais e dos metais, a partir dessa matéria-prima, era comparável à dos fetos nos úteros dos seres animais. Conseqüentemente, deveria existir uma semente de metais, assim como existe uma semente da vida vegetal ou animal. Um dos fins da arte hermética era, pois, descobrir essa semente e não era raro ouvir falar de *esperma mineral*.

* * *

A velha teoria dos quatro elementos herdada da Antiguidade, não era, entretanto, rejeitada pelos filósofos herméticos que a tinham somente adaptado à sua arte. Tal teoria sustentava que quatro elementos somente, a Terra, a Água, o Ar e o Fogo formavam o conjunto do universo. Eram diferenciados pelo peso, a Terra sendo a mais pesada, depois a Água, seguida do Ar, enquanto que o fogo era de longe o mais leve. Logo, os dois primeiros eram atraídos para baixo por causa da gravidade, e os dois outros para cima. Aristóteles fundamentou essa teoria indicando que os quatro elementos eram ligados entre si por propriedades tais como a secura, o calor, a umidade, o frio: as propriedades opostas eram totalmente incompatíveis, tais como o frio e o calor, o seco e o úmido. Isto possibilitava quatro uniões dando, finalmente, nascimento aos quatro elementos:

Calor + secura = Fogo
 Calor + umidade = Ar
 Frio + secura = Terra
 Frio + umidade = Água

Assim, cada elemento não continha nada que não estivesse parcialmente contido nos dois outros, o que lhes permitia misturar-se.

A adaptação dessa velha teoria clássica à alquimia foi muito bem descrita por Albert Poisson: “Para um alquimista, todo líquido é uma Água, todo sólido é Terra em última análise, todo vapor é Ar. Por isso encontramos nos antigos tratados de física que a água ordinária fervida se transforma em Ar. Isto não quer dizer que a água se transforma na mistura respirável que constitui a atmosfera, mas que a água, primeiro líquido, se transforma em fluido aeriforme, em gás como se vai dizer mais tarde. Os elementos representavam não somente estados físicos mas, por extensão, qualidades”.

Poisson conclui seu estudo por um quadro de correspondências que reproduzimos abaixo:

Matéria-prima única e indestrutível	{ ENXOFRE princípio fixo SAL MERCÚRIO princípio volátil }	{ Terra (visível, estado sólido) Fogo (oculto, estado sutil)
		{ Quintessência, estado comparável ao éter dos físicos
		{ Água (visível, estado líquido) Ar (oculto, estado gasoso)

Convém lembrar aqui as relações que a alquimia sempre manteve com esta outra ciência da Antiguidade que é a Astrologia.

Os autores não costumam fazer menção a isto e parece que grandes Adeptos como Nicolas Flamel ou Philalèthe consideravam a astrologia como inteiramente estranha à obra hermética. Ao contrário, alquimistas de épocas tão diversas como Zózimo, o Panapolitano (IV século depois de Cristo), Basile Valentin (XV século), Paracelso (XVI século) sempre lhe deram muita importância.

Num manuscrito alquímico de Nicolas Valois, pode-se ler: “Saiba, ó meu filho, e o mais caro de meus filhos, que o Sol, a Lua e as estrelas lançam perpetuamente suas influências ao centro da Terra”. Esclarecemos, finalmente, que desde o começo da arte hermética, uma relação estreita ligou os metais e os planetas, pois foi esclarecido o seguinte sistema de correspondências:

Sol	—	Ouro,	Lua	—	prata
Vênus	—	Cobre,	Marte	—	ferro
Júpiter	—	estanho,	Saturno	—	chumbo
Mercúrio	—	prata-ardente (hoje chamada mercúrio)			

* * *

Essa rememoração das principais concepções alquímicas nos leva, naturalmente, à Pedra filosofal, que é decorrência do conjunto destes princípios e é deles a justificação por excelência.

Ei-la descrita pelo Adepto contemporâneo, Fulcanelli: “A Pedra filosofal se oferece a nós sob a forma de um corpo cristalino, diáfano, de massa vermelha, amarelo após pulverização, denso e fungível, apesar de estável a qualquer temperatura, e cujas qualidades próprias o tornam incisivo, ardente, penetrante, irreduzível e incalcinável”.

Atenção, esta Pedra não tem por si mesma *nenhum poder transmutatório*: ela permite preparar o *pó de projeção*, o que permitirá realizar as famosas transmutações. Fazia-se fermentar a Pedra, sob forma sólida, com ouro ou prata purificados, por fusão direta. O pó que servia para realizar a transmutação de um metal em ouro — isto é, a crisopéia — era vermelho, o obtido com a prata era branco.

A operação da crisopéia foi muitas vezes descrita; tomava-se, por exemplo⁽¹⁾, uma grama de pó para cada cem gramas de metal e a lançava — enrolada em cera ou papel⁽²⁾ — sobre a massa metálica levada a seu ponto de fusão. Ao cabo de um quarto de hora a totalidade do metal estava transmutado em ouro, sem nenhuma perda de peso.

Aliás, a quase totalidade dos estudos existentes sobre alquimia indica que a Pedra filosofal servia, igualmente, para preparar ouro potável ou medicina universal, e o elixir da longa vida. Essa maneira de formular as coisas é totalmente errônea. É absurdo dizer que a Pedra serve para transmutar os metais e para preparar a medicina universal e para fazer o elixir da longa vida: a Pedra filosofal servia, *unicamente*, para preparar a medicina universal que é o elixir da longa vida.

E a transmutação, que fazer dela? perguntarão. A resposta é simples, a crisopéia era simplesmente *um ensaio* praticado ao final do magistério, para assegurar-se que o corpo obtido era a Pedra filosofal. É este o ponto essencial da arte hermética: os alquimistas não procuravam somente transmutar os metais para fabricar o ouro como o povo acreditava, eles tinham somente necessidade de realizar uma transmutação para assegurar-se sobre a qualidade de sua Pedra. Por isso raramente se vê Adeptos que se tornaram ricos; tinham possibilidade de fazer uma, duas ou três projeções ao todo, com o único fim de renovar sua provisão do elixir. Jamais a posse dos bens deste mundo, e o ouro em particular, foi o propósito dos verdadeiros alquimistas.

Seu fim, após a transmutação de um metal, era transmutar a si mesmos graças à ingestão, duas vezes ao ano, de uma diluição homeopática de Pedra filosofal. Existem poucos tratados que esclarecem as etapas dessa transformação física e intelectual do Adepto, e os raros relatos que abordam o assunto permanecem em manuscritos no seio das grandes bibliotecas. Graças a Bernard Husson, erudito e “amoroso de ciência” que passou mais

(1) A relação existente entre o peso do pó a ser empregado e o do metal era muito variável e dependia da potência da Pedra elaborada pelo alquimista.

(2) Senão os vapores do metal em fusão que escapavam do recipiente alterariam o pó de projeção e lhe tirariam todo o poder transmutatório.

de vintes anos a estudar os velhos textos herméticos inéditos, posso dar os seguintes esclarecimentos.

A diluição da Pedra filosofal começa por eliminar todas as toxinas do corpo assim como os micróbios patogênicos. De um golpe o Adepto perde os cabelos, as unhas e os dentes, que voltam a crescer depois, tendo adquirido vigor e saúde. Todas as eliminações naturais se efetuam então unicamente pela sudoreção, sem precisar urinar ou defecar, logo a alimentação se torna supérflua. Vemos pois quanto a imagem do alquimista comendo bastante para viver é falsa, muito ao contrário, o Adepto superior não come senão para seu prazer, pois não está mais submetido às necessidades naturais dos outros homens! A influência da Pedra filosofal não se exerce somente no corpo, ela decuplica também as faculdades intelectuais, espirituais e permite o acesso ao Conhecimento. É, chegado a este ponto, que todos os tratados se calam, pois além dele o homem normal não poderia seguir os raros eleitos em seu novo universo.

Que me permitam dar aqui um exemplo recente. Um alquimista contemporâneo (conheço uma dezena em França) foi iniciado nos mistérios da alquimia por um Adepto cheio de saber e de anos que, um dia, desapareceu. Recentemente, esse alquimista reencontrou seu Mestre; fazia uns quarenta anos que não se viam. Uma diferença: O Mestre estava mais jovem que o aluno. . .

Lendas tudo isto, dirão os espíritos cartesianos⁽¹⁾, essas pretensas transformações não existem senão na imaginação desregrada dos alquimistas e nada há que prove suas afirmações.

Pois bem, justamente, existe uma prova da realidade dessas transformações físicas e, conseqüentemente, do poder do elixir da longa vida. Bernard Husson encontrou numa coleção particular de manuscritos inéditos o relato de um acontecimento extraordinário que ocorreu, no começo do século XVII, no círculo social do Conselheiro de Estado Saint-Clair Turgot. Trata-se de simples memórias, redigidas por um médico, que não eram destinadas à publicação e não fazem, em nenhuma parte, aliás, alusão à alquimia, de onde seu interesse para nós.

(1) Esquecendo que Descartes se interessou pela Rosa-Cruz, portanto pela alquimia.

O Conselheiro tinha uma ligação com uma jovem que recebia todas as tardes em sua mansão particular. A jovem, ciosa de sua respeitabilidade, fazia-se acompanhar sempre por um velho escudeiro, Mestre Arnaud, que a esparava em casa do boticário vizinho do qual acabara por tornar-se amigo. Este, há mais de vinte anos, procurava a Pedra filosofal; ora, num dia em que Arnaud entrava em seu laboratório, o boticário precipitou-se em sua direção, gritando:

— Aqui está, encontrei, encontrei!

— Encontrou o que?

— Mas . . . a Pedra, Arnaud, o elixir. Olhe, disse brandindo um frasco, eis o licor da vida. Bebamos logo, velho amigo, em nossas idades nunca é demais tomar esse tipo de coisa.

Assim dizendo, encheu uma colher com seu elixir, tomou-a, e convidou Arnaud a fazer o mesmo. Este, desconfiado, pôs somente algumas gotas do líquido em sua língua; foi, em seguida, tirado do embaraço por um dos lacaios que chegava para avisar que a senhora já deixava o conselheiro e que era preciso que ele se fosse. Arnaud devolveu o elixir ao boticário e se afastou o mais depressa que suas velhas pernas lhe permitiam.

Durante o trajeto de volta foi tomado, bruscamente, de suores gelados, seguidos de forte febre. A dama, inquieta pela vida de seu fiel escudeiro, enviou um de seus lacaios a buscar o boticário, pois sabia da amizade que o ligava a Arnaud. Voltou sozinho: o boticário acabara de morrer bruscamente!

O escudeiro refez-se rapidamente, não sem ter perdido os cabelos, as unhas e mesmo os dentes. Saint-Clair Turgot, posto ao corrente desses fatos singulares, veio interrogá-lo pessoalmente. Após essa entrevista, ofereceu-se para comprar por 100.000 libras o frasco contendo o elixir, mas os herdeiros do boticário não puderam encontrá-lo pois a botica tinha centenas de frascos idênticos, dos quais quase nenhum com inscrição.

Alguns anos mais tarde, um médico, familiar da Casa Saint-Clair Turgot, escreveu o relato desse caso extraordinário. Esclareceu, por outro lado, que os cabelos, as unhas e os dentes de Arnaud tinham renascido, e quando redigia sua memória, o escudeiro estava em pleno verdor, apesar de seus cento e vinte e três anos . . .

A realização da obra

Depois de ter exposto os principais pontos da doutrina alquímica, creio ser interessante para o leitor vê-los postos em prática num curto tratado, *Os Princípios de Philalèthe*, que explica, resumida mas *claramente*, como realizar o magistério.

Seu autor, Irineu Philalèthe, um dos maiores Adeptos, assim se define no começo de sua obra mais conhecida, a *Entrada aberta ao palácio fechado do Rei*: “Sou um Filósofo adepto e não me nomearei de outro modo senão de Philalèthe, pseudônimo que significa *Amante da Verdade*”. Mais além, falando de suas pesquisas de laboratório, acrescenta: “Isto não são Fábulas, são Experiências reais e efetivas, que vi e sei com certeza, como todo homem que for Filósofo poderá facilmente reconhecer neste escrito”.

Os *Princípios de Philalèthe* foram compostos em meados do século XVII e traduzidos do latim para o francês por Salmon, em 1672, no seu compêndio de tratados de alquimia, *Biblioteca do Filósofos Químicos*. Limitei-me a modernizar a ortografia, em particular as terminações dos verbos. Além disso, nenhuma outra modificação fiz no texto do Adepto que, apesar de ter escrito há tanto tempo, é perfeitamente inteligível e, por vezes, surpreendentemente moderno em sua expressão.

PRINCÍPIOS DE PHILALÈTHE

Para dirigir as operações na Obra hermética, por Irineu Philalèthe, Inglês de nascimento, habitante do universo.

1.^o Não vos entregueis nunca à empresa da grande Obra pelas regras que os ignorantes, ou os Livros dos Sofistas, poderiam sugerir-vos, e não fujais deste princípio: o fim que aspirais é o Ouro ou a Prata, o Ouro e a Prata devem ser os únicos objetos sobre os quais deveis trabalhar com a ajuda de nossa Fonte mercurial preparada para banhá-los, e isto pede toda vossa aplicação.

2.^o Não vos entregueis às murmurações que poderiam reter-vos, ao dizerem-vos que nosso Ouro não é o Ouro vulgar mas o Ouro físico: O Ouro vulgar está morto, é verdade, mas da maneira como o preparamos, ele se revivifica do mesmo modo que um grão de trigo morto se revivifica na terra. Após seis semanas o Ouro que estava morto, torna-se em nossa obra, viva, vivente e espermático, pois é posto numa terra que lhe é própria quero dizer em nossa composição. Podemos portanto chamá-lo nosso Ouro, a justo título, pois nós o misturamos a um agente, que certamente lhe devolveu a vida; como, por uma denominação contrária, um homem condenado ao suplício da morte, é chamado um homem morto, pois morrerá logo, mesmo que ainda esteja com vida.

3.^o Além do Ouro, que é o corpo, e que funciona como elemento masculino em nossa Obra, tendes ainda carência de um outro esperma, que é o espírito, a alma, ou a fêmea; esse esperma é o Mercúrio fluido, semelhante em sua forma à Prata-viva comum, entretanto mais limpo e mais puro. Muitos ao invés de mercúrio se servem de todas as espécies de águas e licores, que chamam Mercúrio filosófico. Não vos deixeis seduzir pelos seus belos discursos e não empreendais esse tipo de trabalho, pois é inútil: não se poderá recolher o que não semeamos: ceifa-se o fruto do grão que se semeou; assim, se vós semeais vosso corpo, que é o Ouro, numa terra, ou um Mercúrio, que não seja metálico e homogêneo aos metais, ao invés de um elixir metálico, vós retirareis de vossa operação tão só uma cal inútil e sem virtude.

4.^o Nosso Mercúrio não é senão a mesma coisa em substância com a Prata-viva vulgar; mas difere na forma, tendo uma forma celeste e ígnea, e uma excelente virtude; qualidades que recebe de nossa Arte em sua preparação.

5.^o O segredo dessa preparação consiste em tomar um mineral que se aproxime do gênero do Ouro e do Mercúrio. É preciso empregá-lo com o Ouro volátil que se encontra nos reinos de Marte (1), e com isto se deverá purificar o Mercúrio pelo menos sete vezes. Isto feito, esse Mercúrio é preparado para o Banho do Rei, isto é, do Ouro.

6.^o Depois de sete a dez vezes o Mercúrio se purifica mais e mais, e torna-se assim mais ativo, estando mais aquoso em cada preparação por nosso verdadeiro enxofre: mas ao se exceder esse número de preparações ou sublimações, tornar-se-á muito ígneo; e longe de dissolver o corpo ele próprio se coagularia, e o Ouro não se fundiria nem se dissolveria.

7.^o Esse Mercúrio assim aquoso ou animado, deve ser ainda destilado numa retorta de vidro duas ou três vezes, pois podem restar-lhe ainda alguns átomos do corpo, no instante de sua preparação: em seguida é preciso lavá-lo com vinagre e sal amoníaco; então está preparado para nossa Obra, o que deve aqui ser entendido metaforicamente.

8.^o Escolhei sempre para esta Obra um Ouro puro e sem mistura: se não for assim, quando o comprardes, purificai-o vós mesmos pelas vias ordinárias. Depois dessa operação transformai-o em pó sutil, limando-o ou por qualquer outro processo, ou reduzi-o a folhas; ou se quiserdes, calcinando-o com corrosivos: não importa de que meio vos servireis, desde que se torne bem fino.

9.^o Agora vamos à mistura: tomai uma onça ou duas desse corpo preparado e duas ou três onças ou mais de Mercúrio animado, como acabo de vos dizer: juntai-os num vaso de mármore aquecido, do mesmo modo que a água fervente o poderá fazer; macerai-os e triturai-os até que estejam incorporados jun-

(1) Marte é o símbolo do ferro.

tos, depois colocai vinagre e sal até a perfeita pureza, em seguida suavizai com água quente e secai-o.

10.º Posso assegurar-vos que, embora o que precede seja enigmático, falo-vos com candura, e que o caminho que vos ensino aqui é o mesmo de que nos servimos; e que todos os antigos filósofos se serviram desse meio que é o único. Nosso Sofisma reside somente nas duas espécies de fogos empregados em nossa obra.

O fogo secreto interno é o instrumento de Deus, e suas qualidades são imperceptíveis aos olhos dos homens. Falaremos com frequência desse fogo, embora pareça que nos referimos ao calor externo: é daí que nascem os erros, onde caem os falsos Filósofos e os imprudentes. Este fogo é nosso fogo graduado, pois o calor externo é quase linear, isto é, igual e uniforme em toda a obra, e na Obra ele não se altera exceto nos primeiros sete dias, onde o mantemos mais fraco para a pureza da Obra; mas o Filósofo experiente não precisa desse aviso.

A respeito da conduta do fogo externo, ele é insensivelmente graduado de hora em hora, e como é diariamente avivado pela seqüência do cozimento, as cores são alteradas e o composto amadurece. Acabo de desembaraçar-vos um nó bem difícil e embaraçado, conservai-o na memória, e evitai deixar-vos surpreender daqui por diante.

11.º Deveis estar provido de um vaso ou recipiente de vidro, sem o qual não podereis concluir vossa obra: que seja de forma oval ou esférica, e de capacidade conveniente para vosso composto, isto é, que tenha capacidade de conter duas vezes a matéria que aí colocardes: chamamo-lo ovo filosófico: que o vidro seja espesso, bem transparente, sem nenhum defeito; seu gargalo deve ter mais de meio pé de altura. Quando vossa matéria aí for posta, selai o gargalo desse ovo hermeticamente, de maneira que não tenha nenhuma abertura, pois a menor abertura deixaria evaporar o espírito mais sutil, e estaria perdida a Obra.

Para estardes certos do perfeito fechamento de vosso recipiente, fazei a prova seguinte, ela é infalível. Quando ele estiver frio, aplicai vossa boca no local do gargalo em que está fechado, sugai com força e se houver a mínima abertura, atraireis

o ar que está dentro do vaso, e quando retirardes da boca o gargalo do vaso, o ar tornará a entrar pela abertura com um assovio que vossos ouvidos perceberão facilmente: jamais tal experiência fracassou.

12.º É preciso também um forno, que os Sábios chamam athanor, onde possais realizar toda a obra. No primeiro trabalho, o que ides precisar deve estar disposto de maneira que ele forneça um calor vermelho escuro, ou um pouco menos, como desejardes, e que possa manter-se pelo menos doze horas em seu mais alto grau de calor com igualdade; tendo isto, observai cinco condições.

A primeira, que a capacidade de vosso ninho não seja mais ampla do que o necessário para conter vossa caldeira, com cerca de uma polegada de folga em todo o seu redor, a fim de que o fogo que vem do respiradouro possa circular ao redor do vaso.

A segunda é que vossa caldeira deve conter somente um vaso, matraz ou ovo, com quase uma polegada de espessura de cinza entre a hácia, o fundo e os lados do matraz; e lembrar sempre as palavras do filósofo: um só vaso, uma só matéria, um só forno.

Essa caldeira deve ser colocada de maneira que esteja exatamente sobre a abertura do respiradouro de onde vem o fogo, e não deve haver senão uma única abertura de cerca de duas polegadas de diâmetro, por onde inclinando ou subindo se conduzirá uma língua de fogo, que baterá sempre no alto do vaso, rodeará o fundo e o manterá continuamente como é necessário que o seja.

A terceira é que, se vossa caldeira for muito grande, como a cavidade de vosso forno deve ser três ou quatro vezes mais espaçosa que seu diâmetro, o vaso não poderia nunca ser aquecido exata nem continuamente como é necessário que o seja.

A quarta é que, se vossa chaminé não for de seis polegadas ou quase em relação ao fogo, não estareis na proporção e não chegareis nunca ao ponto justo do calor; e se excedeis essa medida, e fazeis muito dissipado vosso fogo, será ele muito fraco.

Finalmente, a quinta é que a frente de vosso forno deve ter uma abertura muito bem vedada, e que não deve ter senão o

tamanho necessário para introduzir o carvão filosófico, isto é, quase uma polegada, a fim de que ele possa provocar o calor com mais força.

13.º *As coisas estando assim dispostas, colocai o ovo com a vossa matéria nesse forno, e lhe dai o calor que pede a natureza, isto é, fraco, não muito violento, começando onde a natureza parou.*

Não deveis ignorar que a Natureza deixou vossa matéria no reino mineral, e embora tiremos nossas comparações dos vegetais e animais, é preciso, entretanto, que concebais uma relação conveniente ao reino no qual está colocada a matéria que vós ides trabalhar: se, por exemplo, eu faço comparação entre a geração de um homem e a vegetação de uma planta, não acrediteis que meu pensamento seja tal que o calor, que é próprio para um, o seja também para o outro; pois estamos certos de que na terra, onde os vegetais crescem, há o calor que as plantas sentem, e mesmo desde o começo da primavera; mas um ovo não poderia chocar com este calor, e um homem, longe de receber esse sentir, não se ressentiria senão de um frio entorpecimento. Certo que vossa obra permanece totalmente no reino mineral, deveis conhecer o calor que lhe é necessário e distinguir com precisão o fraco e o violento.

Considerai atualmente que não somente a Natureza vos deixou no reino mineral, mas ainda que deveis trabalhar com o Ouro e o Mercúrio, e que os dois são incombustíveis; que o Mercúrio é leve e que pode transbordar dos vasilhames que o contêm se o fogo for muito violento. Que ele é incombustível e que o fogo não pode prejudicá-lo; mas que é necessário, no entanto, retê-lo com o esperma masculino num mesmo vaso de vidro, o que não poderia ser feito se o fogo fosse muito vivo, e vós estaríeis impossibilitados, conseqüentemente, de realizar a obra.

Assim, o grau de calor, que poderá manter o chumbo e o estanho em fusão, mesmo um pouco mais forte, não tanto, contudo, que os vasos possam romper-se, deve ser considerado o grau requerido, ou o calor temperado. Vede, por isto, que é necessário começar a graduação do calor pelo que é próprio ao reino onde a Natureza vos deixou.

14.^o *Todo o progresso desta obra, que é uma destilação da Lua sobre o Sol, é subir em nuvens e cair em chuva; por isso aconselho-vos a sublimar em vapores contínuos, para que a Pedra tome ar e possa viver.*

15.^o *Mas, para obter nossa tintura permanente, ainda não é suficiente; é preciso que a água de nosso lago ferva com as cinzas da árvore de Hermes. Aconselho-vos a fazê-la ferver dia e noite, continuamente, para que nos trabalhos de nosso mar tempestuoso, a natureza celeste possa subir e a natureza terrestre descer. É certo que sem a exatidão dessa operação, que é de ferver, não podemos nunca chamar nossa obra de cozimento, mas de uma digestão: pois quando os espíritos circulam somente em silêncio e que o composto, que está em baixo, mas se move absolutamente por ebulição, isto se chama propriamente digestão.*

16.^o *Não precipiteis nada na esperança de recolher antes da maturidade da ceifa, quero dizer da Obra; mas, ao contrário, trabalhai com confiança durante cinqüenta dias ou mais, e vereis os sinais de bom augúrio.*

Muitos, diz o Filósofo, imaginam que nossa solução é muito fácil, mas os que a tentaram, ou os que fizeram a experiência, sabem quanto ela é dificultosa. Por exemplo, se vós semeais um grão de trigo, três dias após já o encontrareis inflado, mas se vós o retirais da terra ele secará e retornará ao seu primeiro estado. Entretanto, foi colocado numa matriz conveniente, a terra é seu próprio elemento; mas não houve tempo necessário para a vegetação. As sementes mais pertinazes pedem um tempo mais longo de permanência na terra para aí germinar, tais são as nozes ou os caroços de ameixa e das frutas; cada espécie tem sua estação, e é um sinal certo de uma operação natural e frutuosa quando espera o tempo prescrito por sua ação, sem precipitação prematura.

Julgais pois que o Ouro, que é o corpo mais sólido que há no mundo, possa mudar de forma em tão pouco tempo? É preciso esperar atento até o quadragésimo dia para que o negrume comece a aparecer. Quando for perceptível, conclui que vosso corpo está destruído, isto é, reduzido a uma alma viva, e vosso espírito está morto, isto é, coagulado com o corpo; mas, até esse

negrume, o Ouro e o Mercúrio conservam cada um sua forma e sua natureza.

17.º Tomai cuidado para que vosso fogo não feneça, nem por um momento; pois se uma vez a matéria esfriar, a perda da Obra é certa.

Resulta de tudo isso que acabamos de dizer que toda nossa Obra consiste em fazer ferver nosso composto no primeiro grau de um calor liquidificante, que se encontra no reino metálico, onde o vapor interno circula ao redor da matéria, e nessa fumaça um e outro morrerão, e se ressuscitarão.

18.º Continuai então vosso fogo até a aparição de cores e podereis ver, afinal, a brancura. Quando ela aparecer (o que acontecerá ao fim do quinto mês) a conclusão da Pedra branca se aproxima. Alegrai-vos, portanto; pois o Rei, vencedor da morte, aparece no Oriente envolto em glória, anunciado por um círculo citrino, seu precursor ou embaixador.

19.º Continuai com coragem vosso fogo até que as cores apareçam novamente, e podereis ver o belo vermelhão e a papoula campestre. Glorificai a Deus e sede reconhecido.

20.º Finalmente, embora vossa Pedra seja perfeita, é preciso fazê-la ferver, ou antes cozinhá-la novamente na mesma água, com a mesma proporção e o mesmo método; que vosso fogo seja somente um pouco mais leve; e por esse meio será aumentada em quantidade e em virtude, segundo o vosso desejo, o que podereis reiterar tantas vezes quantas vos parecer.

Que Deus, Pai das luzes, Soberano Senhor, Autor de toda vida e de todo o bem, vos faça a graça de mostrar-vos essa regeneração de luz, para entrar na terra da vida, terra prometida aos seus Fiéis, e participar um dia da vida eterna. Assim seja.

Fim do tratado."

* * *

Estes Princípios de Philalèthe podem ser considerados como um resumo do célebre tratado do Adepto, A Entrada aberta ao palácio fechado do Rei. Quis reproduzi-los integralmente, da

mesma forma como fiz antes com a *Tábua de Esmeralda*, para que o leitor possa fazer uma idéia das principais dificuldades que esperam o estudioso da arte hermética.

No texto de Hermes Trismegisto, a obscuridade é o obstáculo maior; é preciso reconhecer que a *Tábua* é quase incompreensível (aliás, o célebre comentário que fez dela o Adepto Hortulano não é menos complicado). No tratado de Philalèthe, ao contrário, tudo parece claro. Ele indica qual é a famosa matéria-prima, o ouro (e precisa bem que é o ouro vulgar), e sugere que o mercúrio filosófico poderia ser a prata-viva do comércio, preparada de uma certa maneira. Quanto às suas explicações concernentes à realização da obra, elas parecem muito convincentes. Ora, não há texto mais enganador!

Antes de examiná-lo, é preciso ter em mente a reflexão de Schroeder: “Quando os filósofos falam sem rodeios, desconfio de suas palavras. Quando se explicam por enigmas, eu reflito”. É necessário, também, lembrar-se da apóstrofe que Artephius endereça ao seu leitor: “Pobre idiota! Serias tu bastante simples para creres que vamos ensinar-te aberta e claramente o maior e o mais importante dos segredos, e tomar nossas palavras ao pé da letra? Asseguro-te que aquele que quiser explicar o que os filósofos escreveram segundo o sentido ordinário e literal das palavras será envolvido nas voltas de um labirinto de onde não se desembaraçará jamais, pois não terá o fio de Ariadne para guiar-se e para sair dele e, qualquer despesa que faça nesse trabalho, será dinheiro perdido”.

Finalmente, e sobretudo, é preciso lembrar-se das palavras do próprio Irineu Philalèthe, que reconhecia em seu próprio tratado *Entrada aberta ao palácio fechado do Rei*: “Confesso que de tal modo entrelaço as sutilezas da filosofia com uma ingenuidade extraordinária que, se não se estiver preparado para explicar e entender metaforicamente diversas coisas que digo nos capítulos precedentes, não se recolherá outro fruto senão a perda e a despesa inútil”.

Isto estabelecido, posso assegurar ao leitor que é preciso entender “metaforicamente” a identificação da matéria-prima com o ouro vulgar, como o veremos na segunda parte desta

obra. Quanto ao mercúrio filosófico, não se cogita mais que ele tenha a mesma relação com a prata-viva do comércio. O que não significa de modo algum que se deva considerar o texto de Philalèthe vazio de interesse, longe disso; é, ao contrário, precioso sobre certos aspectos práticos de técnica operatória.

Com efeito, somente confrontando os inúmeros tratados que existem é que se pode chegar a entender o problema por todos os ângulos: um evoca o aspecto da matéria-prima, o outro sua cor, um terceiro seu peso, um outro ainda sugere qual poderia ser um dos componentes do fogo secreto, um último indica os graus de temperatura do athanor, isto é, do forno. Eis a única maneira de proceder, que não é de fato para pessoas apressadas, mas para os "amorosos da ciência".

A alquimia e a ciência moderna

Contrariamente à astrologia que por vezes tem sido ensinada nas universidades, ao lado de matérias mais clássicas, a alquimia tem sido sempre olhada com desconfiança pelos meios científicos. Sem dúvida é porque essa ciência não é passível de ser ensinada do alto de uma cátedra, pois se trata de uma disciplina essencialmente secreta, tradicional e iniciática.

Secreta porque — por razões de obediência a antigas proibições — a natureza real dos corpos chamados matéria-prima, fogo secreto e mercúrio filosófico, jamais foi divulgada, o que exclui qualquer ensinamento público.

Tradicional, pois a alquimia repousa, não sobre teorias científicas sempre discutíveis, mas sobre alguns princípios básicos que nunca variaram e não podem variar.

Iniciática, pois — exceção feita a alguns raros predestinados — o estudo livresco do magistério é insuficiente para obter a sua realização; é preciso a iniciação direta, de Mestre a aluno, a única que revela o *modus operandi* verdadeiro.

Compreende-se, então, que a alquimia jamais gozou dos favores da ciência oficial, mesmo porque, até estes últimos anos, a própria idéia de transmutação era tida como absurda e impossível. Hoje, as coisas estão, evidentemente, modificadas e, num

recente artigo, o escritor científico Jacques Bergier podia escrever: “Tudo, uma vez mais, modificou-se e a ciência retomou o caminho dos alquimistas quando admitiu que o átomo não era a menor parte possível da matéria. Com a descoberta das partículas elementares, a transmutação tornou-se possível. Ela é hoje um fato quase banal e prova disto é a fabricação anual no mundo de centenas de quilos de plutônio, elemento que não existe normalmente na natureza”.

Da mesma forma, se abrirmos o volume *O Mercúrio* da coleção “Que sei eu?” seu autor — Clément Duval, diretor científico do C.N.R.S. — nos fala também da transmutação. O isótopo 189 do mercúrio, diz ele, se desintegra em ouro com captura eletrônica; mais além acrescenta: “Pode-se também provocar transmutações. Assim, Sherr, Bainbridge e Anderson (1941) obtiveram isótopo de ouro radiativo por bombardeamento do mercúrio com os neutrons rápidos. Sabe-se também provocar a transmutação do mercúrio em platina por reação, em tálio por bombardeamento protônico ou deutônico”.

Um fato desperta minha atenção neste texto, é que o mercúrio — o famoso mercúrio caro aos alquimistas — converte-se em ouro, e veremos mais além que o mesmo acontece com o chumbo. Não é estranho que entre os sete metais conhecidos na época, e todos os outros corpos químicos de que dispunham, os filósofos herméticos tenham, justamente, indicado que o mercúrio e o chumbo se transmutavam facilmente em ouro, o que é verdade? Por acaso, me responderá sem dúvida a Faculdade de Ciências, pois se trata na realidade de transmutações de isótopos radioativos. O *acaso* é com efeito uma possibilidade, mas bem improvável; o *saber* me parece uma resposta bem mais verdadeira. O conhecimento de um método que permite transmutar os isótopos estáveis em outros isótopos estáveis, sem recorrer à utilização de energias fantásticas.

Voltaremos a isso. No entanto, como o fato da transmutação é hoje provado, vamos ver se foi mudada a opinião sobre a alquimia; de modo algum. Escutemos novamente Jacques Bergier: “Contra os alquimistas mudaram então o argumento. Certo, eles haviam pressentido, por acaso, a possibilidade das transmutações mas se enganavam tentando obtê-las através de

meios químicos. Não se pode consegui-las senão por meio de aparelhagem complicada de que não podiam de modo algum dispor”.

Hoje, como no século passado, com efeito, a posição da ciência oficial não mudou: a arte hermética é desprovida de toda realidade, somente as descobertas da química mineral ou orgânica feitas pelos Adeptos são levadas em consideração em suas obras. Há nisso uma atitude intelectual ao menos surpreendente; pois ela admite que — num *mesmo* tratado — um alquimista possa descrever um corpo novo, indicar sua preparação e suas propriedades, portanto fazer um verdadeiro trabalho científico, depois começar a mentir como um vulgar charlatão desde que pretenda ter chegado à Pedra filosofal! Tal atitude me parece absurda, mesmo desonesta: ou Basile Valentin, Paracelso, e seus companheiros que enriqueceram a nomenclatura química de numerosos corpos foram mistificadores e não poderiam ter feito tais descobertas, ou foram sábios e, neste caso, o conjunto de suas obras deve ser igualmente considerado.

Apesar de as descobertas que devemos a eles estarem longe de ser pequenas, formam apenas uma parte de seus trabalhos. Alberto o Grande foi o primeiro a preparar a potassa cáustica e reconheceu a composição do cinabre (sulfureto de mercúrio), da alvaiade e do mínimo. Basile Valentin descobriu além do antimônio, o ácido clorídrico e o ácido sulfúrico; Paracelso reconheceu a existência do zinco, Glauber do sulfato de soda e Brandt do fósforo, entre outros. É inútil prosseguir nesta lista cuja importância não escapará ao leitor. Os homens que isolaram, reconheceram, descobriram ou prepararam estes corpos não podem, em nenhum caso, ser considerados charlatães.

Ora, é preciso dar-se conta de que os filósofos herméticos não escreviam duas espécies de tratados: aqueles onde exporiam suas descobertas puramente químicas e aqueles onde falavam da Pedra filosofal. Não, eles compunham unicamente obras sobre a Grande Obra, no decorrer das quais, de passagem, mencionavam suas descobertas químicas anexas. Uma tal conduta não pode ser a de um mistificador ou de um iluminado; ao contrário, a conduta de um homem de ciência que não deixa contemporâ-

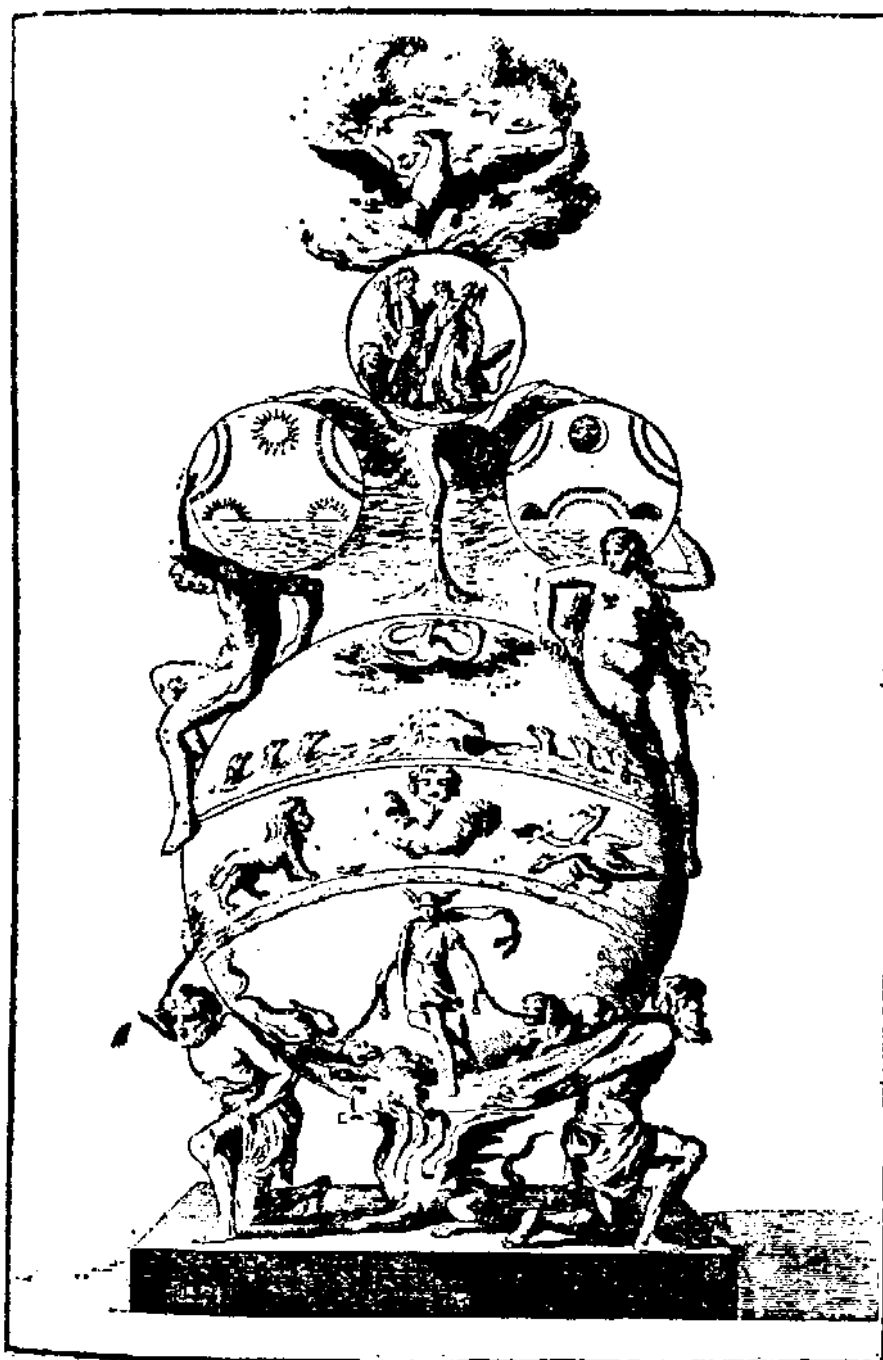
ncos ignorarem uma descoberta, mesmo pequena, e cuja totalidade da obra deve ser considerada como verídica.

Além disso, a objeção que pretende serem as transmutações unicamente possíveis por meio de energias nucleares fantásticas, está hoje praticamente superada. As descobertas do biólogo Kervran mostraram que o fenômeno da transmutação espontânea é coisa corrente na matéria orgânica; de mais a mais, é agora certo que as relações que existem entre o núcleo e os elétrons planetários são totalmente diferentes em química orgânica e química mineral. Assim, uma experiência interessante foi tentada num animal bastante comum, a galinha. Essas aves necessitam de calcário para fabricar a casca de seus ovos, e experimentadores privaram, voluntariamente, algumas delas de alimento calcário. Ao contrário, lhes deram, misturada ao alimento, mica, que é um silico-aluminato do potássio. Ora, foi constatado em seguida que as galinhas fabricavam elas mesmas o calcário necessário aos seus ovos, o que mostra que houve transmutação do potássio ($K = 19$) com captura de um íon de hidrogênio ($H = 1$) para dar o cálcio ($Ca = 20$).

Uma conclusão se impõe, a de que existem métodos totalmente diferentes de transmutação, e que os alquimistas puderam muito bem realizá-la, ao nível do átomo, e de elétrons periféricos, sem precisar bombardear os núcleos com energias consideráveis.

Uma nova teoria, chamada teoria dos números mágicos, que está em curso na União Soviética, mostra que deve existir além do urânio elementos super-pesados — e entretanto estáveis — ao passo que se admitia até o presente que todos esses elementos, acima do urânio, eram radioativos e com existência de fraca duração. Assim, começa-se a falar muito do elemento de peso 310 e número atômico 135, que se chama “Ekaplombe” ou superchumbo. Esse Ekaplombe existiria na natureza, sob forma de traços infinitesimais, no chumbo comum. O estudo, teórico no momento, de suas propriedades, mostra que numa transmutação provocada, ele seria susceptível de dar o isótopo estável do ouro.

Pela segunda vez, nós nos encontraríamos em presença dessa pré-ciência bastante incrível dos alquimistas para os quais o



Paradigma da Grande Obra por Libânio

chumbo, assim como anteriormente o mercúrio, era um dos metais mais aptos a transformar-se em ouro. Acaso novamente? Não o creio absolutamente, desta vez ainda a resposta parece ser: o saber.

* * *

Uma outra objeção parece mais válida: como os alquimistas poderiam ter adquirido um conhecimento prodigioso da própria estrutura da matéria, se se fundavam numa teoria absolutamente falsa, pretendendo que todos os metais fossem compostos de três substâncias em proporções variáveis? A esse respeito escutemos ainda Jacques Bergier: “A teoria alquímica segundo a qual os metais preciosos podiam ser obtidos a partir de três elementos somente, denominados sal, enxofre e mercúrio, não tem nenhum sentido em química. Em física, não é o mesmo, se crermos na moderna teoria dos quarks.

“Mas o que são os quarks? Sabe-se que há vinte anos a estrutura da matéria nos aparece cada vez mais fantástica. Conhecem-se, atualmente, duzentas partículas, umas de longa duração, quase eternas, outras de vida curta, efêmeras. Como classificá-las? Por um prodigioso esforço de síntese descobriu-se arranjos simétricos chamados SU (3), SU (6), U (12). Não entraremos aqui no detalhe dessas estruturas, mas dizemos que elas voltam a afirmar que todas as partículas, isto é, toda a realidade, são fruto da combinação de três coisas, e de três somente.

“Eis-nos de volta, portanto, à trindade alquímica. Os três objetos constitutivos de toda a matéria são provisoriamente chamados quarks”. E Bergier conclui: “Mas, dirão, que vale a teoria dos quarks? É fruto do pensamento de algum obscuro investigador, de algum inventor de pequeno porte, de algum sonhador charlatão? Assinalarei, simplesmente, que devemos esta idéia ao chinês T. D. Lee, prêmio Nobel de Física em 1957, que fez uma primeira revolução científica provando a não-conservação da paridade”.

Tive ocasião de falar dos quarks com um jovem físico e lhe perguntei: “Por que lhes dar estas denominações abstratas, SU (3), etc., se é tão mais simples chamá-los pelos nomes tradicionais, ou seja Enxofre, Sal e Mercúrio dos filósofos?” Contrária-

mente à minha expectativa, ele não se indignou e simplesmente respondeu: "Afinal, isto não é impossível."

Parece aliás que a atitude dos cientistas com relação à alquimia é hoje muito mais amenizada do que outrora. Por exemplo, se lermos a introdução de Duval à sua obra sobre o mercúrio, já citada, poderemos descobrir aí pequenas alusões à arte hermética despidas de qualquer apreciação depreciadora. "Ele (o mercúrio) teve um grande papel no desenvolvimento da física, da alquimia, depois da química." Mais além o autor acrescenta: "Se os alquimistas não conseguiram operar sua transmutação, deram a conhecer, ao menos, seus principais compostos e os químicos os utilizaram para isolar e manipular os gases". A afirmação da não transmutação não nos surpreende, mas a assimilação da alquimia às ciências reconhecidas, tais como a física ou a química, indica bem que o sábio moderno não sente mais o desdém de um Buffon, por exemplo, para com essa disciplina marginalizada.

Seja-me permitido citar uma anedota contada por Jacques Bergier. A cena se passa em 1949, em Marrakech. Na praça Djema-El-Fna, exposta a todos os ventos. Um velho árabe que traz na cabeça um turbante verde da seita dos Fatjans, faz ferver um balão de vidro hermeticamente fechado sobre um forno de carvão. Ao seu lado está o prof. Holmyard, de Oxford, que segue a experiência com aparente respeito. Esta terminada, o professor diz ao velho árabe: "Mestre, agradeço-lhe ter-me deixado ver o que se pode mostrar a um profano da santíssima alquimia".

* * *

Eis concluída nossa rápida recapitulação das teorias alquímicas. Este breve resumo, espero, incitará o leitor a estudar melhor a questão; mas ele era necessário, para melhor seguir a história das principais mutações metálicas, historicamente comprovadas, que se seguirá.

É possível, com efeito, tirar uma conclusão desse estudo preliminar? Não o creio. Em 1856, Louis Figuier dizia: "O estado presente da química impede considerar como impossível o fato da transmutação dos metais; resulta; de dados científicos

recentemente adquiridos e do espírito atual da química, que a transformação de um metal em outro é possível de ser executada. Mas, de outro lado, a História nos mostra que até hoje ninguém realizou o fenômeno da transmutação metálica". Hoje, temos a certeza da possibilidade das transmutações, e uma única questão ainda persiste: os alquimistas as efetuaram outrora, por meios diferentes dos empregados hoje?

Da resposta a essa questão depende finalmente toda nossa conclusão sobre a arte hermética. Ou temos a certeza que o mercúrio e o chumbo foram transformados em ouro pelos Adeptos, e neste caso a alquimia é inteiramente válida e devemos reconsiderar os nossos conceitos científicos; ou uma tal certeza não pode ser obtida, e as teorias herméticas ficam como um exemplo de superstições do passado.

Mas como obter uma prova determinante, se em nossa época os Adeptos se escondem e não fazem mais demonstrações públicas como nos séculos passados?

Foi para responder a essa questão que me pus a estudar os documentos e obras que relatam casos precisos de transmutações metálicas, a fim de ver se é possível tirar deles uma conclusão positiva, isto é, se os fatos relatados tiveram suficientes testemunhos sérios — por exemplo, os sábios da época — para que se possa considerar as experiências descritas como dignas de fé.

É pois agora a uma investigação através da vida dos principais Adeptos que os levarei; uma investigação essencialmente "materialista", pois, desta vez, deixaremos qualquer preocupação espiritual para nos interessarmos unicamente pelo Ouro.



O Ergon e o Parergon da Rosa-Cruz

Livro II

OS ALQUIMISTAS

Três diplomados pela Universidade de Montpellier no século XIII

Transmutações metálicas são atribuídas aos grandes Adeptos da Antiguidade e dos primeiros séculos da era cristã, mas o distanciamento no tempo torna impossível qualquer verificação e não permite separar o que pertence à lenda e o que pertence à História. Decidi, por isso, começar meu estudo por três dos maiores alquimistas que se sucederam na universidade de Montpellier, criada por volta de 1181 e que foi uma fonte de talentos excepcionais graças à extraordinária independência de espírito que ali reinava e que gostaríamos de ver praticada hoje em nossas faculdades.

Essa universidade teve por alunos homens eminentes como Alberto o Grande, Roger Bacon, Arnaldo de Villeneuve, Raimundo Lulle, no século XIII, Michel de Nostre-Dame (mais conhecido sob o pseudônimo de Nostradamus), Rabelais e Erasmo em seguida. Certamente, a alquimia não figurava no programa oficial dos estudos, mas o ensino sofria grande influência de médicos árabes e judeus, todos praticantes de filosofia hermética, o que permite supor que as perspectivas alquímicas não foram deixadas de lado durante o curso. Em todo caso, Mestre Alberto, Roger Bacon, Lulle e Arnaldo de Villeneuve tornaram-se todos

filósofos herméticos destacados. O que menos se sabe é que o mesmo tenha acontecido com François Rabelais, do qual certos capítulos do *Pantagruel* são transposições alegóricas da Grande Obra alquímica. Quanto a Nostradamus, o mais célebre adivinho de todos os tempos, ele não esconde nunca seu interesse pela arte de Hermes. É pois evidente que havia um fermento alquímico no seio dessa universidade e será interessante estudar a vida de três dos principais Adeptos que ali se sucederam.

ALBERTO O GRANDE

Mestre Alberto nasceu em 1193, em Lauingen, no seio de uma família rica. Seus primeiros estudos, bastante medíocres, não deixavam de modo algum prever que ele se tornaria mais tarde o maior sábio de seu tempo. Um fato miraculoso sobre vindo após sua entrada na Ordem dos Dominicanos, pretende explicar essa anomalia. A Virgem Maria teria aparecido ao jovem Alberto e lhe perguntado em qual ciência desejava se particularizar. O jovem escolheu a filosofia e a aparição prometeu atender a esse desejo acrescentando que estava amargurada por ele não ter escolhido a teologia e que, em consequência, no fim de seus dias, ele seria punido por essa escolha impia voltando à sua estupidez inicial.

O certo é que Alberto iniciou uma vida de estudante rico em Pavia, até o dia em que encontrou um frade pregador que o exortou a entrar na ordem de São Domingos, então muito poderosa, o que lhe permitiria entregar-se aos estudos com toda a tranqüilidade. Com efeito, em meio às guerras incessantes da Idade Média, as abadias eram os únicos asilos invioláveis onde a cultura podia expandir-se calmamente. Mestre Alberto tornou-se pois dominicano mas obteve uma derrogação importante às regras da ordem. A fim de prosseguir em suas investigações, foi-lhe permitido continuar a desfrutar sua fortuna até sua morte, o que era excepcional para a época.

Após uma estadia em Colônia, Alberto o Grande partiu para Paris, em 1245, a fim de conquistar o título invejado de *magister* que conferia essa universidade. Para consegui-lo era

preciso ensinar na Sorbonne durante três anos, com sucesso. As primeiras conferências foram um verdadeiro triunfo; o anfiteatro onde falava era tomado de assalto a ponto de ser necessário ceder-lhe uma sala mais vasta. Como nenhuma parecia bastante grande para conter seu auditório, Mestre Alberto foi obrigado a dar seu curso ao ar livre, numa praça pública, que depois ficou com seu nome, pois se trata da praça Maubert, isto é, a praça do Mestre Alberto.

Alberto o Grande não se interessou somente pela filosofia mas foi um sábio completo. Deixou, entre outros, trabalhos de química mineral extremamente avançados para sua época. E, bem entendido, interessou-se pela alquimia. Possuímos ainda cinco tratados de alquimia assinados por ele, sendo o mais conhecido o *De Alchimia*. Atribuem-se-lhe dois pequenos trabalhos sobre magia: *Os admiráveis segredos do Grande e do Pequeno Alberto*. Sua autoridade científica foi tal que durante muito tempo não se pôs nunca em dúvida sua paternidade sobre estas diferentes obras. Somente mais tarde, quando uma crítica mais serena notou que Paracelso e Basile Valentin, por exemplo, eram citados no *Pequeno Alberto*, sendo que eles viveram dois séculos depois de nosso Adepto, foi que se julgaram apócrifas as duas coletâneas de práticas mágicas. Finalmente, no começo do século XX, quando da canonização de Mestre Alberto pela Igreja, pretendeu-se que todos os tratados herméticos que lhe eram atribuídos fossem falsos. Que Mestre Alberto foi um alquimista não resta hoje nenhuma dúvida, mas no que concerne à paternidade dos tratados, a questão é muito mais complexa. Parece que Mestre Alberto foi autor da *De Alchimia* ou, pelo menos, que tal obra foi realizada sob sua direção. É praticamente certo que ele jamais escreveu nenhum dos outros tratados que lhe são atribuídos, com exceção do "De Alchimia", mas, e isto não é o menos espantoso, investigações dirigidas por professores de uma grande universidade norte-americana provaram, de maneira irrefutável, que uma parte ao menos dos *Admiráveis segredos do Grande Alberto* eram mesmo do dominicano! Isto mergulhou aliás os universitários do outro lado do Atlântico na mais profunda confusão; eles concluíram que Alberto tinha-se tornado louço ou zombava voluntariamente do mundo. O es-

panto redobrou quando, prosseguindo nas investigações, perceberam que uma pequena parte das obras manuscritas inéditas de Alberto continha textos comparáveis aos da obra de magia popular; ora, o dominicano não parecia ter feito diferença entre eles e suas outras obras. A realidade, ao mesmo tempo fantástica e simples, é esta: os escritos mágicos de Alberto o Grande são tratados de alquimia porém escritos sob forma simbólica ainda mais complicada que todas as outras obras do mesmo gênero.

Eis um exemplo tirado do primeiro capítulo do segundo livro do *Grande Alberto*: “A primeira erva é de Saturno e se chama *offodilius*. Seu suco é muito bom para apaziguar e curar as dores dos rins e os males das pernas. Dá-se também àqueles que estão incomodados da bexiga. Cozinhando-se ainda que seja um pouco sua raiz, os andemoniados e os melancólicos que a portarem numa roupa branca ficarão livres; enfim essa mesma raiz expulsa os espíritos malignos das casas”. Este texto, aparentemente desprovido de qualquer significação, ganha uma no instante em que se percebe que se trata de uma receita alquímica onde se fala de Saturno, isto é, do chumbo, de cozinhar sua raiz, isto é, extrair a raiz metálica do metal pela cocção, para levá-la até o ponto da obra em branco, simbolizada aqui pela roupa da mesma cor. Com efeito, tal pretensa receita mágica descreve simplesmente um dos pontos do magistério.

A partir de 1244, Tomás de Aquino — um dos futuros santos da Igreja católica — tornou-se aluno particular de Alberto o Grande, que o iniciou não somente nas ciências que ensinava abertamente, mas também na alquimia, pois possuímos muitos escritos herméticos do punho de Tomás de Aquino. Aliás, em uma de suas obras⁽¹⁾, este se pergunta se a utilização de ouro alquímico é legítima e conclui que não vê nenhuma razão de preferi-lo ao ouro nativo, o que mostra bem que ele assistiu a transmutações efetuadas por Alberto. Os dois interessavam-se, também, pela construção de autômatos, muito em moda na época. Conta-se que chegaram a criar uma cabeça falante

(1) *Suma Teológica*.

que respondia às questões⁽¹⁾, que essa cabeça falante ficou transtornada um dia e importunou de tal sorte Tomás de Aquino, com suas tagarelices contínuas, que, num acesso de furor, ele quebrou-a a golpes de bengala. Essa história, que foi acolhida até nas páginas do grande Larousse, é totalmente desprovida de fundamento. Somente no século XVIII ela aparece, pela primeira vez, seja pura invenção, seja que tenha resultado de má compreensão de um texto alquímico de Alberto onde se fala de uma cabeça quebrada. Esta cabeça não é nada mais que um estado da matéria-prima durante o magistério, a *caput mortuum*.

Ao contrário, um outro fato maravilhoso da vida de Alberto o Grande que se toma geralmente por lenda é, este sim, provavelmente autêntico. Trata-se de um festim oferecido ao imperador Guilherme, em 1249, por Alberto em seu mosteiro de Colônia. Existem muitos relatos desse evento, o mais antigo data de 1320 e faz uma resenha de todos os acontecimentos locais importantes da região entre 1248 e 1316. Um outro, escrito por Jean de Beka em 1346, cobre mais ou menos mesmo período e relata igualmente os fatos sobrenaturais sobrevindos durante tal festim.

Eis o relato de Jean de Beka, traduzido do latim por Bernard Husson e citado em seu prefácio da reedição do *Grande e Pequeno Alberto*:

“A festa da epifania do Senhor chegou, o rei Guilherme veio a Colônia cumprir neste lugar uma devoção solene em honra dos três reis magos. Nesta época, mestre Alberto o Grande, da ordem dos pregadores, aí ensinava. Muito versado na nigromancia, mais ainda em filosofia e acima de tudo em teologia, foi convidado pelo rei e comeu à sua mesa. Ao despedir-se, convidou instantemente o rei para almoçar em seu mosteiro no dia da Epifania. O rei, ávido por ver qualquer maravilha, aceitou de boa vontade. No dia citado, após a missa solene, o rei entrou com seu séquito no refeitório dos pregadores onde Alberto o acolheu com fausto e o conduziu para fora, até o jardim do mosteiro, onde viu chegar belíssimos servidores que traziam tudo o

(1) Esta história é por vezes ligada ao alquimista Gerberte, que se tornou Papa com o nome de Silvestre II.

que era necessário à refeição, isto é, mesas e cadeiras. Eram silenciosos e de uma diligência extrema. Ora, por essa época reinava um inverno muito rude, e toda a superfície do solo estava coberta de neve, o que, vendo-o, fez com que as pessoas que seguiam o rei murmurassem logo contra o mestre que, com um frio tão cruel, fazia seus convivas almoçar no jardim, sem fogo.

“Depois que Alberto sentou-se com o rei em uma mesa separada, como convinha à sua dignidade, a assistência esperava com indignação que os pratos fossem colocados. E eis que, subitamente, o tapete de neve desapareceu, um sol canicular suscitou a aparição de uma erva verde, de belas flores de maravilhoso frescor, enquanto frutos apareciam sobre as árvores. Uma multidão de pássaros de diversas espécies apareceu batendo as asas e encantando os convivas por seu gorjeio e por sua plumagem variegada; podia-se acreditar que se estava no mês de junho. Com efeito, o frio do inverno logo desapareceu inteiramente e o calor foi tal que alguns convivas foram obrigados a despojar-se de uma parte de suas vestimentas e de procurarem a sombra. Os servidores eram jovens de uma beleza incrível, dos quais ninguém dos presentes podia por em dúvida sua condição sobre-humana; trouxeram alimentos, frascos variados, em grande abundância, com uma graça, uma decência e uma gravidade incríveis. Todos admiravam com certo temor, mesclado contudo às delícias do espetáculo e dos alimentos dos quais ninguém sabia de onde podiam provir. O festim durou mais de uma hora, após o que os servidores, tendo retirado as mesas segundo o uso, desapareceram subitamente, o canto dos pássaros cessou, o verdor das árvores do gramado voltou a secar, enquanto o deleite dos olhos e a alegria do espírito chegavam ao fim. O tapete de neve reapareceu assim como o frio do ambiente, que forçou todos a tornar a vestir os abrigos que tinham retirado e a procurar salas mais aquecidas. O rei Guilherme reconheceu abertamente que Alberto era o mais sábio dos mortais e lhe deu, por sua ordem, um terreno livre de alienação e de imposto sobre o território da cidade de Utrecht”.

Em 1260, Alberto foi nomeado bispo de Ratisbona, função que exerceu apenas por dois anos, pois detestava cargos oficiais. Permaneceu, então, em diversas missões na Baviera, em Wurz-

burg e em Colônia. A 7 de março de 1274 Tomás de Aquino morreu num convento italiano, no mesmo instante em que Alberto, o Grande, então em Colônia, anunciava essa morte aos outros monges e se desfazia em lágrimas. O fato não é lendário mas perfeitamente atestado.

No mesmo ano assistiu ao concílio de Lyon e em 1276 foi nomeado núncio apostólico na Polônia. Um ano mais tarde, com oitenta anos, não hesitou em ir até Paris para defender a memória de Tomás de Aquino do qual certas obras haviam sido atacadas pela universidade desta cidade.

Em 1279, Alberto perdeu a memória e retirou-se à sua cela monacal que não mais deixou. Ao bispo de Colônia que queria fazer-lhe uma visita, ele respondeu através da sua porta: "Alberto não está mais aqui".

Em 15 de novembro de 1280 morreu e toda a cidade em luto lhe fez funerais solenes. Desde sua morte foi honrado como Bem-aventurado, o que não impediu certos inimigos de acusá-lo de feitiçaria e de zombar de sua decadência intelectual no fim da vida escrevendo que: "Mestre Alberto que foi primeiro metamorfoseado de burro em filósofo, foi em seguida transformado de filósofo em burro". Sua reputação, ao contrário, aumentou cada vez mais junto ao público e milagres realizaram-se sobre seu túmulo. Foi oficialmente proclamado Bem-aventurado por Roma em 1637, e canonizado em 1931 pelo Papa Pio XI. Finalmente, Pio XII, em 1941, instituiu-o patrono das Ciências e dos cientistas cristãos.

Além do testemunho de Tomás de Aquino⁽¹⁾ não existe nenhuma prova evidente que Alberto o Grande tenha chegado à transmutação metálica, assim, devo considerar negativa essa primeira parte de minha pesquisa. Mas, antes de iniciar o es-

(1) Uma outra prova de que Alberto o Grande conseguiu persuadir Santo Tomás de Aquino da realidade da alquimia pode ser encontrada no Tratado *Aurora Consurgens* deste último, que foi publicado recentemente. Uma edição alemã e uma inglesa, coordenadas e comentadas por Marie-Louise von Franz, apareceram efetivamente em 1966. Nesta obra, Tomás de Aquino estuda o problema dos opostos em alquimia e sobretudo faz um julgamento muito pessimista sobre o conjunto de sua obra teológica indicando brevemente que fez nela um falso caminho e que a Arte alquímica era a via verdadeira da glória de Deus.

tudo da vida de Arnaldo de Villeneuve, citarei aqui os famosos conselhos dados aos alquimistas por Mestre Alberto na *De Alchimia* e que, ontem como hoje, permanecem perfeitamente válidos para todos os filósofos herméticos:

“1. O alquimista será discreto e silencioso; não revelará a ninguém o resultado de suas operações.

“2. Habitará, longe dos homens, uma casa particular na qual terá duas ou três peças exclusivamente destinadas às suas operações.

“3. Escolherá cuidadosamente o tempo e as horas de seu trabalho.

“4. Será paciente, assíduo e perseverante.

“5. Executará, segundo as regras da arte, a trituração, a sublimação, a fixação, a calcinação, a solução, a destilação e a coagulação.

“6. Não se servirá senão de vasos de vidro e potes de louça a fim de evitar o ataque dos ácidos.

“7. Será bastante rico para fazer as despesas que exigem tais operações.

“8. Evitará, sobretudo, ter qualquer relação com príncipes e senhores. Efetivamente, primeiro esses apressariam sua obra, em seguida os piores tormentos o esperariam em caso de insucesso e a prisão o compensaria em caso de sucesso”.

ARNALDO DE VILLENEUVE

“Aqui começa *O Caminho do Caminho*, tratado curto, breve, sucinto, útil a quem puder compreendê-lo. Os investigadores hábeis nele encontrarão uma parte da Pedra vegetal que os outros filósofos ocultaram com cuidado.” Assim se exprime Mestre Arnaldo em um pequeno tratado que enviou ao papa Benedito XI no ano da graça de 1303.

Esta é apenas uma das numerosas obras de alquimia que nos deixou, entre as quais o célebre *Grande Rosário* permanece

como o mais belo florão. Arnaldo de Villeneuve nasceu entre 1235 e 1245, a data de 1240 talvez seja a mais provável. Fez primeiro estudos clássicos na faculdade de Aix-en-Provence, depois estudou medicina em Montpellier antes de terminar seus estudos na Sorbonne. Supõe-se que tenha seguido o curso de Alberto o Grande, o que espanta um pouco se compararmos as datas! É provável, no entanto, que tenha conhecido o monge britânico Roger Bacon, autor do *Espelho da Alquimia*, pois seus tratados apresentam alguns pontos em comum. Foi por intermédio de Bacon que travou conhecimento com Alberto o Grande, pois o alquimista inglês tinha contatos com ele. Diz-se aliás que ele o invejava muito pois, contrariamente às de Mestre Alberto, as investigações de Bacon foram sempre entravadas do ponto de vista financeiro por sua ordem monástica.

Terminados os estudos, Arnaldo de Villeneuve se pôs a praticar a medicina através de toda a Europa e logo se tornou o médico da moda e muito procurado. Suas maneiras pouco ortodoxas e seu modo franco de falar lhe valeram seguidas dificuldades com as autoridades religiosas locais. Como nos diz René Marquard: “É certo que a acusação de comerciar habitualmente com o diabo repousava, não sem fundamento, no uso de misturas bizarras, no porte de amuletos, no emprego de práticas hipnóticas e mágicas. O mestre respondia a isto dizendo que a ascendência do médico sobre seu enfermo era uma coisa primordial, que era um dos principais fatores da cura e que não se devia negligenciar nenhum meio de torná-lo irresistível”. É pois de uma figura exótica que falamos aqui, bem diferente da vida regrada inteiramente dividida entre ciência e religião, de um Alberto o Grande, de um Roger Bacon ou de um Tomás de Aquino. Mestre Arnaldo anunciava já Paracelso e o charlatão Cagliostro.

Voltando a Paris para ali ensinar, Arnaldo de Villeneuve distinguiu-se por um brilho de linguagem tal que o tribunal da Santa Inquisição ficou tolhido. Declarou com efeito publicamente que o mérito da caridade era superior ao da oração e que as bulas do papa não eram senão obras humanas, de modo algum infalíveis, ou pelo menos, “que sua infalibilidade era mais

ou menos tão certa quanto os seus diagnósticos”. Sabe-se hoje os remoinhos que agitam a Igreja católica a propósito da infalibilidade do papa, e pode-se imaginar sem esforço a cólera que se apossou das autoridades eclesiásticas do século XIII ao ouvirem tal profissão de fé... O médico alquimista teve, pois, de deixar, o mais depressa possível, a França e retomar suas viagens através da Europa. Parece que devia recuperar as boas graças da autoridade pontifícia — o papa Clemente V que sofria de cálculo nos rins apelava para ele — quando ele morreu subitamente no mar, à vista das costas de Gênova.

Sua morte não acalmou o tribunal da Inquisição que decidiu mover-lhe um processo póstumo e, em 1317, ou seja, quatro anos após sua morte, foi condenado e a maior parte de suas obras confiscadas e destruídas em auto-de-fé. Isto explica que, ao lado de suas obras importantes, existe um certo número de pequenos tratados muito obscuros e assinados por ele, dos quais não temos nenhuma certeza se realmente são de sua pena. Alguns sopradores, provavelmente, tinham aproveitado o fato de haver alguma incerteza quanto ao número de obras subsistentes de Mestre Arnaldo para assinar seus escritos com o seu nome. Bem entendido, os adversários da alquimia concluíram que a totalidade de seus tratados são apócrifos.

Entre esses opúsculos, cuja autenticidade permanece duvidosa, citarei entretanto um que me parece importante. Trata-se de um manuscrito, descoberto no século XVI por M. Poirier, e cuja escrita parece justificar a atribuição a Arnaldo de Villeneuve. Trata dos problemas de rejuvenescimento que dizem respeito às pessoas que vivem muitos séculos! Eis, em particular, uma receita dada pelo filósofo: “Aquele que deseja prolongar sua vida deve-se friccionar duas ou três vezes por semana com o tutano da caça. Cada noite, antes de se deitar, deve colocar sobre sua cabeça um emplastro composto de açafão oriental, folhas de rosas vermelhas, essência de sândalo, áloes e âmbar, tudo liquefeito no óleo de rosa ao qual se acrescentou um pouco de cêra. De manhã, é preciso tirar o emplastro e fechá-lo num recipiente de chumbo até a noite seguinte, quando será novamente aplicado”.

Do ponto de vista estritamente alquímico Arnaldo de Villeneuve passa por um Adepto que esteve de posse da Pedra filosofal. O estudo de seu *Grande Rosário* permite supor isto, mas nenhum fato histórico preciso permite considerá-lo como certo. Ainda não existe senão sua própria afirmação de ter atingido o magistério e de ter transformado o chumbo em ouro, afirmação que não seria suficiente a uma pesquisa imparcial e exigente. Considerarei, igualmente, este segundo ponto negativo(1) e colocarei minhas esperanças em Raimundo Lulle, o célebre *doutor iluminado* da ilha de Majorca.

RAIMUNDO LULLE

A tradição alquímica, não quero falar da tradição escrita mas daquela — muito mais certa — que sempre se transmitiu ao Adepto, a “amorosos da ciência”, tem Raimundo Lulle como um dos maiores alquimistas de todos os tempos, comparável somente a Basile Valentin ou Irineu Philalèthe. Tal tradição não se funda em documentos apócrifos ou em dados históricos discutíveis, mas sobre um saber seguro, legado de era em era. É, pois, particularmente irritante ouvir repetir e ler em todas as obras modernas que o *doutor iluminado* nunca escreveu um único tratado de alquimia e, mais ainda, que ignorava de todo essa ciência. Antes de estudar sua vida, tentemos esclarecer essa questão.

Eis as razões dos historiadores contemporâneos para contestarem a Raimundo Lulle a paternidade de suas obras de al-

(1) Depois da aparição da primeira edição deste livro encontrei, entretanto, a menção de uma transmutação que teria sido efetuada por Arnaldo de Villeneuve diante da Cúria Romana, na obra *Symbola aureae mensae* de Michel Maier, da qual o texto seguinte é extraído: “É assim que o cônego Jean Andréas, falando de Arnaldo, declara: Em nossa vida recebemos Mestre Arnaldo de Villeneuve na Cúria Romana, médico e teólogo supremo, do qual já me ocupei relativamente às observâncias do jejum. Era igualmente um grande alquimista, que havia feito barras de ouro, as quais não opôs dificuldade a que fossem submetidas a todas as provas”. Outros acrescentam, citando o mesmo Andréas, que as lâminas de ouro fundidas por Arnaldo não perdem em qualidade ao ouro extraído das minas de D’Aruzzio, assim como o testemunha Jean-François Mirandole, no primeiro capítulo do livro 3 de seu tratado *De Auro*.”

químia. Primeiramente, em 1311, publicou uma espécie de autobiografia que contém uma lista exaustiva de suas obras editadas. Nenhum título de alquímia aí figura. Tal fato nada prova, como já o indiquei, tendo Lulle, sem dúvida, por razões religiosas, preferido que suas obras herméticas aparecessem após a sua morte. Os manuscritos são todos datados em vida de Lulle e muitos contém alusões históricas ou dedicatórias a príncipes que reinavam durante a vida do Adepto. Tudo isto, aos olhos de nossos historiadores, não faz mais que reforçar sua opinião de que as obras eram apócrifas! Pretendem, com efeito, que tais indicações históricas não estão ali senão para justificar a atribuição dos tratados. Eis, por exemplo, o que diz W. Ganzenmuller em sua obra já citada: "O que distingue os falsos dos outros, é o cuidado empregado em sua composição. Se, em geral, eles são simplesmente assinados com o nome de um autor conhecido, tomou-se desta vez o cuidado de imitar o estilo de Lulle. A *Ars Magna*, a mais importante de suas obras, introduz nas ciências o emprego de letras como símbolo de uma idéia ou de um corpo. . . . Tudo isto se encontra nas numerosas obras que foram, descuidadamente, atribuídas a Lulle, assim como as idéias e locuções que lhe são próprias. Esta impressão de homogeneidade entre os falsos é reforçada pelo fato de que as obras isoladas se citam reciprocamente e de uma maneira contínua, reproduzindo mesmo com precisão as primeiras palavras de capítulos citados".

Para resumir agradavelmente a situação, direi que nossos eruditos consideram que as obras de Lulle são tão manifestamente dele que podem ter sido escritas por qualquer outro! Portanto Ganzenmuller, sem se dar conta, dava a resposta a este falso problema: "É no meio eclesiástico que se afirma esta dúvida; era difícil, com efeito, conciliar a atividade de alquímista de Lulle com a admiração que se devia ter por um mártir da fé". Até informações mais seguras, considerarei pois que o *doutor iluminado* foi realmente o autor das obras que trazem seu nome.

Raimundo Lulle nasceu em 1233 ou 1235 em Palma, na ilha de Majorca, no seio de uma família nobre e rica. Seu pai

destinava-o à carreira militar e sua juventude teve como única ocupação conquistas femininas. Embora casado e pai de família, não deixou de perseguir as lindas jovens com seus galanteios, se bem que, por volta dos trinta anos, se apaixonou, realmente, por uma genovesa que vivia em Palma, a senhora Ambrósia de Castello. Muito paradoxalmente, este novo amor ia determinar uma das mais dramáticas conversões da história humana que se iguála, talvez, à de Santo Agostinho.

Ambrósia era casada, fortemente contrariada ao se ver assiduamente importunada pelo belo Raimundo, através de manifestações extravagantes de sua paixão; assim, um dia, ele entrou a cavalo na catedral para depositar um madrigal aos seus pés e foi lançado fora pelos fiéis indignados. Foi então que ela aceitou ter uma entrevista com ele e marcou um encontro em seu próprio quarto. Lulle, persuadido de tê-la, afinal, seduzido, foi ao encontro no estado de espírito de um rapaz que vai consumir sua vitória. Ambrósia recebeu-o, entretanto, bastante friamente e perguntou-lhe se desejaria ver seus seios que tantas vezes cantara em seus poemas. Lulle ficou surpreendido com a pergunta, mas respondeu que não tinha desejo mais caro. A moça abriu então seu corpete e lhe revelou um seio parcialmente consumido pelo câncer, dizendo: “Olha, Raimundo, olha a deformidade deste corpo que conquistou teu afeto. Não farias melhor dando teu amor a Jesus Cristo do qual podes receber um prêmio eterno?”

O incidente acarretou um verdadeiro choque nervoso em Lulle que se retirou tomado de grande agitação. Ficou mais ou menos enclausurado durante alguns dias, tentando escrever poemas de amor líricos e foi então que teve uma visão de Cristo na cruz. Ele afastou-a primeiro e retomou a redação de seus versos, mas a mesma visão reapareceu quatro vezes. Depois de uma noite de insônia, partilhada entre a vergonha e o remorso, precipitou-se ao confessor e jurou ao padre consagrar doravante sua vida à glória de Deus e à conversão dos infiéis.

Raimundo Lulle conta que peregrinou então a São Tiago de Compostela a fim de pedir a confirmação de sua nova vocação. Tratava-se de uma viagem real ou uma viagem iniciática? Deixaremos por enquanto a questão em suspenso, pois teremos ocasião de examiná-la com maiores detalhes com Nicolas Flamel,

no capítulo seguinte. O fato é que, de retorno a Majorca, o *doutor iluminado* instalou-se numa das mais altas montanhas da ilha, o monte Randa. Lá, após muitos dias de jejum e contemplação, uma iluminação repentina, vinda de Deus, revelou-lhe sua grande arte — a Ars Magna — que lhe permitiria confundir os infiéis e afirmar a verdade da via cristã. Uma lenda pretende que moitas de uma planta da região, o lentisco, cobriram-se de uma multidão de letras de alfabetos diversos; eram as línguas nas quais precisaria ensinar a Ars Magna. Lulle logo se pôs a estudar esses diversos idiomas, em particular o árabe, pois contava evangelizar os povos da África do Norte. Aprendeu também em pouco tempo o francês antes de freqüentar a Sorbonne para seguir ali os cursos.

Foi assim que, nesta venerável faculdade, indis pôs-se publicamente com Duns Scott que dava uma série de conferências, após os triunfos que obtivera em Oxford. Enquanto Duns Scott discorria, Raimundo Lulle fazia a cada frase sinais de negação e de desaprovação, o que acabou por irritar o conferencista britânico. Para zombar de seu contraditor, Scott interrompeu-se então para lhe fazer uma pergunta de mera rotina: “Qual parte do discurso é Deus?” e Lulle respondeu: “Deus não é nenhuma parte, mas é o todo”. E não parou aí; interrompendo definitivamente o infeliz Scott, fez um discurso interminável e virulento, enaltecendo a perfeição de Deus. Finalmente, teve a insigne honra de ensinar na Sorbonne, apesar de não possuir nenhum título universitário, e suas relações com Duns Scott melhoraram a ponto de se despedirem como excelentes amigos.

De lá, Raimundo Lulle partiu para Montpellier onde recebeu ensinamentos de Arnaldo de Villeneuve que, por volta de 1289, o iniciou na alquimia. Mas ele não esquecia seus projetos de evangelização do mundo árabe, e logo embarcou para Tunis a fim de colocá-los em prática, o que lhe valeu uma condenação à morte pronunciada pelo rei. Felizmente, para ele, um muçulmano letrado, amigo do soberano, fez anular esta sentença após ter conversado longamente com o *doutor iluminado* e julgado que se tratava de um homem de excepcional ciência. Foi expulso, perseguido pela multidão em furor que queria lapidá-lo. Voltou então a Nápoles, onde encontrou Arnaldo de Villeneuve e se

pôs, novamente, a praticar a alquimia em companhia dele. Imediatamente seguida, continuou a viajar através da Europa e pode-se acompanhar seus vestígios na Espanha, na Palestina, na Algéria, em Viena e, finalmente, na Inglaterra.

Numerosas crônicas atestam que sua permanência em Londres foi marcada por uma transmutação metálica rumorosa; teria, efetivamente, fabricado na torre de Londres seis milhões em ouro, a pedido do rei Eduardo III. Este último ponto é falso pois este rei só reinou a partir de 1327 e Lulle morreu em 1315. Mas seus dois predecessores foram Eduardo I e Eduardo II, assim não é totalmente impossível que o *doutor iluminado* tenha feito alguma operação alquímica diante de um deles. Este fato é provado por um escrito de Raimundo Lulle que, em seu tratado *De transmutatione animae metallorum* declara expressamente que foi à Inglaterra a pedido do rei. A data mais plausível para esta viagem sendo 1312, tratar-se-ia, portanto, de Eduardo II. Este precisava realmente de dinheiro para suas cruzadas, mas estudos recentes sobre documentos históricos verídicos da época mostram que Raimundo Lulle não forneceu este ouro ao rei por qualquer meio hermético, mas simplesmente sugerindo-lhe estabelecer novo imposto sobre a lã!

Isto não prova aliás de modo algum que Lulle não fosse capaz de transmutar qualquer metal em ouro, mas é preciso ter bem presente ao espírito que um alquimista verdadeiro não aceita jamais vilipendiar sua arte para enriquecer um príncipe. Fico portanto com a versão do imposto, menos gloriosa talvez, porém muito mais provável. Após essa permanência em Londres, Lulle voltou à Africa onde, após ter sido lapidado em Bougie, morreu — com a idade de oitenta anos — num navio genovês cuja tripulação o recolhera.

Para terminar este estudo e permitir ao leitor fazer uma idéia do estilo do *doutor iluminado*, citarei o primeiro parágrafo de seu tratado *Clavícula*: “Chamamos esta obra *Clavícula*, porque sem ela é impossível compreender nossos outros livros, cujo conjunto abarca a arte inteira, pois nossas palavras são obscuras para os ignorantes. Fiz muitos tratados, muito extensos mas divididos e obscuros, como se pode notar pelo *Testamento*, onde

falo dos princípios da natureza e de tudo o que diz respeito à arte, mas o texto foi submetido ao martelo da filosofia”.

É aliás neste *Testamento* de que Lulle fala aqui, que ele certifica ter transmutado em ouro cinqüenta libras de mercúrio e de chumbo. Mas, também aqui, nenhum testemunho sustenta a realidade desta assertiva. A única prova da realidade das transmutações efetuadas por Raimundo Lulle teria sido este ouro fabricado na torre de Londres, e nós vimos que se provou atualmente que os fundos obtidos pelo rei não deviam nada à arte hermética, mas provinham de um método, infelizmente muito mais habitual aos governos de todos os tempos. Ainda aqui, não me é possível contar um ponto positivo em favor da Pedra filosofal, mas eis que chego a Nicolas Flamel que, de notoriedade pública, foi um grande fabricante de ouro. Vamos, nem toda esperança está perdida.

Nicolas Flamel, escrivão público

A França contou, e conta ainda, com numerosos alquimistas. Nenhum entretanto, mesmo o Adepto contemporâneo Fulcanelli, igualou-se em reputação a Nicolas Flamel. O bairro populoso ao redor da igreja Saint-Jacques-la-Boucherie guardava ainda no começo do século XIX viva lembrança deste pequeno artesão; até o nome de sua mulher, Dame Perrenelle, conservado pela tradição. Permanecem em nossos dias, em Paris, gravados na pedra, traços visíveis de sua generosidade e de sua prodigiosa fortuna.

Quem foi Flamel? — Pensa-se que teria nascido por volta de 1330, perto de Pontoise, no seio de uma família muito pobre, mas que pôde, entretanto, receber educação de letrado. Muito jovem, teria ido a Paris a fim de se estabelecer como escrivão público. Instalou-se perto do Cemitério dos Inocentes e alguns anos mais tarde, com todas as pessoas de sua profissão, mudou-se para se fixar sob os pilares da igreja Saint-Jacques-la-Boucherie. Entrementes, casou-se com uma mulher de idade madura, viúva por duas vezes quando a esposou, e que lhe trouxe certa folga financeira: assim Flamel adquiriu duas barracas, uma para si e outra para os copiadouros de livros e aprendizes. Não se pode por isso imaginá-lo rico! O lugar onde exerceu sua profissão, durante toda a vida, era de uma tal exigüidade que só podemos comparar hoje a algumas minúsculas lojas do Quartier Latin,

mais corredores que lojas. Ao fim de alguns anos, graças ao resto do pecúlio que trouxe Dame Perrenelle e à sua economia tornada proverbial, o escrivão público pôde mandar construir para si uma casinha perto de sua barraca. Essa ascensão à propriedade não significa ainda a riqueza, pois existe ainda um ato, feito alguns antes após seu casamento, pelo qual os esposos se fazem doação mútua de todos os bens; e assim fica provado que seus bens eram extremamente frágeis.

Eis então Flamel casado e, após esse casamento por interesse, bem encaminhado para chegar à pequena burguesia. A filosofia hermética não o preocupava de todo, bem ao contrário a extensão de seu comércio de livros é que havia tomado todos os seus desvelos. Essa nova atividade pô-lo em contato com obras de alquimia que teve ocasião de vender ou de recopiar, e pode-se descobrir aí a origem do sonho célebre que foi o ponto de partida de sua carreira de Adepto. Esse sonho, ele o contou bem mais tarde. Um anjo apareceu-lhe tendo na mão um grande livro, com capa de cobre e do qual lhe mostrou distintamente a página de rosto dizendo: "Flamel, olha bem este livro, tu não compreendes nada dele, nem tu nem muitos outros, mas verás aí um dia o que ninguém saberia ver". Depois a visão desapareceu, mas a lembrança desse sonho extraordinário não devia mais deixar o escrivão público durante anos.

Essa lembrança se concretizou de súbito quando, muito mais tarde, ele se encontrou em presença do livro; eis como conta o acontecido em sua obra *Explicação das figuras hieroglíficas*: "Quanto a mim, Nicolas Flamel, escrivão, assim que após o falecimento de meus pais, ganhei a vida na arte da escritura, fazendo inventários, levantando contas, e controlando as despesas dos tutores de menores, caiu-me às mãos, pela soma de dois florins, um livro dourado bem velho e muito grande; não era de papel ou pergaminho como os outros, mas somente era feito de casca e polpa (ao que me pareceu) de tenro arbusto. Sua capa era de cobre bem fino, toda gravada de letras ou figuras estranhas e, quanto a mim, acreditei que pudessem ser caracteres gregos ou de outra semelhante língua antiga. Tanto que não sabia lê-los e sei bem que não eram notas ou letras latinas ou gaulesas pois destas entendemos um pouco. Quanto ao interior,

suas folhas de cortiça estavam gravadas e com grande maestria, escritas com ponta de ferro e belas e claras letras latinas coloridas. Continha três vezes sete folhas, pois estas eram assim marcadas no alto da folha, a sétima das quais era sempre sem escrita, no lugar dela havia pintados uma virgem e serpentes engolindo-se; no segundo sétimo uma cruz onde uma serpente estava crucificada; no último sétimo pinturas de desertos no meio dos quais corriam várias belas fontes, das quais saíam muitas serpentes que corriam de um lado para outro. Na primeira das folhas estava escrito em grandes letras maiúsculas douradas: "ABRAHÃO O JUDEU PRÍNCIPE, PADRE LEVITA, ASTRÓLOGO E FILÓSOFO À NAÇÃO DOS JUDEUS OU PELA IRA DE DEUS DISPERSADA ENTRE OS GAULESES, SAÚDA D. I. Após isso, a folha estava cheia de grandes execrações e maldições (com esta palavra MARANATHA que era seguidamente repetida), contra toda pessoa que aí lançasse os olhos se esta não fosse Sacrificador ou Escriba".

Segundo sua própria confissão, Nicolas Flamel não compreendeu grande coisa daquilo. A primeira folha continha somente o título que acaba de ser citado, a segunda estava ocupada por uma carta aos Israelitas, enfim a terceira tratava da transmutação dos metais sugerida como meio de pagar o tributo ordenado pelos imperadores romanos. O texto referente à fabricação da Pedra filosofal era relativamente claro, mas não fazia nenhuma menção à matéria-prima a ser empregada como era tradição em toda obra hermética. Essa matéria-prima devia decorrer da compreensão das quarta e quinta folhas que eram unicamente ocupadas por belíssimas figuras em iluminuras sem nenhum texto escrito. Flamel esclarece que tais figuras mostravam bem a matéria a empregar mas que era preciso já ser um perito na alquimia para chegar a compreendê-las e reconheceu que, ele mesmo, na época, foi totalmente incapaz de tirar dali qualquer indicação.

Examinei cuidadosamente estes emblemas hieroglíficos e, como no caso do *Mutus liber* e de outras obras puramente alegóricas, confesso não ter jamais compreendido muito bem a intenção dos autores. Mesmo com relação a certas figuras onde sei o que está simbolizado, parece-me evidente que outros sím-

bolos poderiam ter sido utilizados e que diferentes significações poderiam ser atribuídas a esses mesmos símbolos.

Quanto ao texto que figurava no livro fora das planchas, contemos um pouco nossa avidez, pois Flamel é muito discreto⁽¹⁾ e esclarece: “Não representarei nada do que está escrito em belo e muito inteligível latim em todas as outras folhas escritas, pois Deus me puniria; tanto que cometeria mais maldade que aquele (como se diz) que desejasse que todos os homens do mundo tivessem apenas uma cabeça e que se pudesse cortá-la de um só golpe”.

Possuindo, pois a sua obra, e persuadido de sua predestinação por causa do sonho premonitório, Flamel se pôs a estudar textos e figuras de Abraão o Judeu. E isto durante meses, e mesmo anos. Sem progresso. Uma diferença entretanto: Dame Perrenelle, que compreendera que seu marido guardava doravante algum segredo, fora associada por seu esposo à sua investigação e o havia vivamente encorajado, guardando segredo em relação à vizinhança. Assim, auxiliado por sua mulher, e acreditando-se inspirado por Deus, Flamel procurava, mas em vão.

Pode-se perguntar por que o escrivão público, que devia conhecer muitos letrados, não deu a conhecer em seu meio a sua descoberta para pedir ajuda. Há pelo menos, para isso, uma excelente razão já assinalada, é que a alquimia não estava mais doravante em odor de santidade. Com efeito, em 1317, o Papa João XXII havia fulminado a bula *Spondent pariter*, cujo texto é o seguinte: “Os alquimistas nos enganam e prometem o que não podem. Crêem-se sábios e caem no abismo que cavam para os outros. Consideram-se, de maneira risível, como os mestres da alquimia, e provam sua ignorância citando sempre escritores mais antigos; e, apesar de não poderem descobrir aquilo que aqueles não o puderam, também, eles encaram ainda como possível encontrá-lo no futuro. Se chamam um falso metal de ouro e de prata verdadeiros, o fazem com uma quantidade de palavras que nada significam. Sua audácia foi

(1) Deixou provavelmente informações mais precisas num curto tratado, *O Saltério químico*, que legou a seu sobrinho Perrier. Com efeito, este texto que ele escreveu nas margens de seu próprio missal, está em linguagem cifrada. Está hoje conservado numa biblioteca parisiense.

muito longe: pois, por este meio, eles cunham a falsa moeda, e enganam, dessa forma, os povos. Ordenamos que todos esses homens deixem para sempre o país, assim como aqueles que mandam produzir para si o ouro e a prata, ou que estão conluídos com os enganadores para lhes pagar este ouro, e nós que, para os punir, se dê aos pobres seu ouro verdadeiro. Os que produzem o falso ouro e prata são sem honra. Se os meios dos que infringem a lei não lhes permitem pagar esta multa, tal punição poderá ser mudada em outra. Se pessoas do clero estiverem compreendidas entre os alquimistas, estas não encontrarão absolutamente graça e serão privadas da dignidade eclesiástica”.

Esclarecemos, de passagem, que era notoriamente público à época, que o dito Papa João XXII se entregava ele mesmo à alquimia e deixou, após sua morte, uma tal soma de riquezas que toda sua corte lhe deu origem hermética sem a menor hesitação. Atribui-se-lhe igualmente um tratado *Ars transmutatoria*, mas não é certo que seja o autor dele.

Voltemos a Flamel que, por seu assíduo estudo do livro de Abraão o Judeu, compreendera toda a prática do magistério à exceção desse ponto primordial e sempre se esquivando às suas pesquisas: a matéria-prima. Afinal, o anjo não voltou a manifestar-se e Flamel, considerando com muita razão que mais valia dirigir-se a Deus do que a seus santos, fez essa oração que encontramos citada por Manget na sua *Biblioteca Química Curiosa*: “Deus todo-poderoso, Eterno, pai da luz, do qual vêm todos os bens e todos os dons perfeitos, eu imploro vossa misericórdia infinita; deixai-me conhecer vossa eterna sabedoria; é ela que rodeia vosso trono, que criou e fez, quem conduz e tudo conserva. Dignai-nos enviá-la a mim do céu vosso santuário, e do trono de vossa glória, a fim de que ela seja e trabalhe em mim; é ela a senhora de todas as artes celestes e ocultas, que possui a ciência e a inteligência de todas as coisas. Fazei com que ela me acompanhe em todas as minhas obras que, por seu espírito eu tenha verdadeira inteligência, que eu proceda infalivelmente na arte nobre à qual me consagrei, na procura da miraculosa Pedra dos sábios que vós ocultastes ao mundo, mas que costumais ao menos descobrir aos vossos eleitos. Que esta Grande Obra que faço aqui

embaixo, eu a comece, eu a prossiga e a conclua com sucesso; que, contente, eu a desfrute para sempre. Eu lhe peço por Jesus Cristo, a Pedra celeste, angular, miraculosa e instituída por toda a eternidade, que comanda e reina convosco”.

A inspiração divina não veio, ao menos, sob forma direta. Assim, cansado, Nicolas Flamel mostrou algumas das figuras copiadas por ele a um licenciado em medicina, Mestre Anseaulme. Este, apaixonado pela alquimia, quis logo ver o livro de onde haviam sido tiradas estas notáveis figuras, e nosso escrivão público deve ter falado muitas mentiras, das quais precisou em seguida confessar-se, para persuadi-lo de que possuía apenas os desenhos, sem o menor texto. Mestre Anseaulme não compreendeu nada dos símbolos de Abraão o Judeu, mas ao contrário explicou-os! E suas explicações só fizeram com que se embaraçasse mais o infeliz Flamel, que nos diz: “Esta foi a causa pela qual, no longo espaço de vinte e um anos, fiz executar mil destilações, não todavia com sangue pois isto é vil e malévol; pois encontrava em meu livro, que os filósofos chamavam sangue ao espírito mineral que está nos metais, principalmente no sol, lua e mercúrio à reunião dos quais eu tendia sempre”. Esta alusão ao sangue é devida ao fato de que Mestre Anseaulme, como muitos sopradores, confundira alquimia e magia, e por conseguinte sugerira misturar prata viva ao sangue puríssimo de crianças. Felizmente Flamel, que era um homem sábio e bom, não lhe deu crédito e não ligou nenhuma importância à estupidez criminal de suas opiniões.

Finalmente, a inspiração, talvez de origem divina, chegou. Flamel, dando-se conta de que não chegaria jamais a nada por si mesmo, resolveu partir, munido de uma cópia do livro, para um país onde poderia encontrar sábios membros da nação de Abraão, isto é, algum doutor judeu. Na época havia muitas sinagogas célebres na Espanha, particularmente na região de São Tiago de Compostela. Com toda naturalidade, Flamel anunciou pois que ia ali fazer uma peregrinação.

Eis-nos de novo em presença da famosa peregrinação a São Tiago, já feita por Raimundo Lulle e que, mais tarde, Basile Valentin pretenderá igualmente ter efetuado. Escutemos aqui a opinião avisada de um mestre como Fulcanelli que, no tomo I de sua obra *Moradas filosóficas* escreveu: “Estas sugestões au-

xiliam a compreender o erro no qual grande número de ocultistas tombou, tomando no sentido literal os relatos puramente alegóricos, escritos com intenção de ensinar a uns o que era preciso esconder a outros. O próprio Albert Poisson deixou-se prender pelo stratagema. Acreditou que Nicolas Flamel, deixando Dame Perrenelle sua mulher, sua escola e suas iluminuras, realmente cumpriu, a pé e pela estrada ibérica, o voto feito diante do altar de Saint-Jacques-la-Boucherie, sua paróquia. Ora, temos certeza — se se pode ter confiança em nossa sinceridade — que jamais Flamel saiu da caverna onde ardiam seus fornos. Aquele que sabe o que é o bordão, a cabeça e a aba do chapéu de São Tiago, sabe também que dizemos a verdade. Substituindo-se aos materiais e tomando modelo deles sobre o agente interno, o Grande Adepto observava as regras da disciplina filosófica e seguia o exemplo de seus predecessores”.

Fulcanelli quer dizer que é preciso considerar que, em seu próprio relato, Flamel simbolizava a matéria-prima da Obra e que todos os incidentes da viagem são com efeito alegorias das diversas manipulações sofridas por essa matéria durante o magistério. Um ponto é particularmente nítido, segundo a lenda dessa viagem à Galícia: é no retorno de suas devoções a São Tiago de Compostela que Nicolas Flamel, acometido de uma doença, teria parado na cidade de Leon. Lá, aconselhado por um mercador de Bolonha, teria consultado um médico judeu, Mestre Canches. Este, no curso da conversa, teria manifestado conhecimentos da cabala judia tais que Flamel lhe teria mostrado as figuras de seu livro. O médico teria reclamado então que se tratava da obra perdida do rabino Abrahão, o *Asch Mesareph*, que se acreditava destruída definitivamente, e teria logo proposto a Flamel acompanhá-lo até Paris. Mas, no caminho, chegando a Orleans, morrera não sem ter aberto as portas do saber a Flamel. Esta alegoria é o relato, apenas velado, da morte da matéria-prima que é o ponto de partida indispensável do magistério filosófico.

Não serei, entretanto, tão afirmativo quanto Fulcanelli, pretendendo que Flamel jamais deixou seus fornos. Penso que se pode igualmente considerar essa menção à viagem a São Tiago num sentido iniciático: o escritor público, há numerosos anos,

estava bloqueado pelo seu desconhecimento da matéria-prima, e é provável que tenha sido esclarecido por um outro Adepto, cujo nome ignoramos hoje, e que é também simbolizado por Mestre Canches. A “viagem” seria um aviso da necessidade de uma iniciação, e, em seguida, um *modus operandi* alegórico.

Eis pois Nicolas Flamel afinal de posse dos conhecimentos que lhe faltavam, em particular da identidade real da famosa matéria-prima. Retomou, então, sua obra mas levou ainda três anos antes de poder terminá-la. Como veremos na última parte desta obra, três anos é com efeito a duração normal do magistério se se procede pela via úmida, o prazo indicado por Flamel após seu retorno da “peregrinação” me parece um sinal certo de sua boa-fé. Mas, escutemo-lo agora contar como e em que circunstâncias conseguiu a Pedra filosofal: “Finalmente encontrei o que desejava, o que logo reconheci pelo cheiro forte. Tendo isto, cumpri facilmente o magistério; também, sabendo a preparação dos primeiros agentes, seguindo depois meu livro ao pé da letra, não poderia fracassar, ainda que o quisesse.

“Portanto a primeira vez que fiz a projeção, foi sobre Mercúrio, do qual converti cerca de meia-libra em pura prata, melhor que aquela da mina como comprovei e fiz comprovar por muitas vezes. Isto foi em 17 de janeiro, uma segunda-feira, por volta do meio-dia, em minha casa, presente Perrenelle somente, no ano da restituição da humana linhagem 1382. E depois disso, seguindo sempre palavra a palavra meu livro, eu a fiz com a Pedra vermelha, sobre igual quantidade de Mercúrio, em presença ainda de Perrenelle, ainda na mesma casa, no vigésimo quinto dia de abril seguinte do mesmo ano, por volta das cinco horas da tarde, que trasmutei, verdadeiramente, em quase outro tanto de ouro puro, melhor certamente do que o ouro comum, mais suave e mais maleável. Posso dizê-lo com verdade, eu o fiz perfeito três vezes com o auxílio de Perrenelle, que o entendia tão bem quanto eu, para ter-me auxiliado nas operações, e sem dúvida, se ela tivesse querido fazê-lo sozinha, ela o teria conseguido”.

Este mesmo ano de 1382 viu iniciar-se a fortuna material de Flamel. No espaço de alguns meses, tornou-se proprietário, em Paris somente, de mais de trinta casas ou domínios; depois

construiu numerosas capelas e hospitais. Além disso, fez reerguer o portal da igreja de Sainte-Geneviève-des-Ardents e doou considerável soma ao estabelecimento dos Quinze-Vingts que, até 1789, organizou a cada ano uma procissão à igreja Saint-Jacques-la-Boucherie, a fim de orar por Nicolas Flamel. Em sua própria paróquia, Saint-Jacques-la-Boucherie, encontraram-se cerca de quarenta atos devidamente estabelecidos relativos a somas consideráveis que o pequeno escrivão público lhe havia doado. Afinal, ele ergueu numerosas construções no “Charnier des Innocents” que era um cemitério então muito na moda, pois era também um lugar de passeio muito procurado onde os encontros galantes se sucediam; a enorme estátua da morte que dominava o conjunto do cemitério não fazia mais medo a ninguém. Flamel fez pintar no quarto arco do “Charnier des Innocents” as figuras hieroglíficas que ornavam seu livro de Abraão o Judeu. Vários desses edifícios traziam gravados na pedra retratos de Flamel onde ele aparecia tendo na mão uma escrivantina. Alguns desses retratos sobreviveram até o século XIX.

O súbito enriquecimento de Nicolas Flamel não passou despercebido, evidentemente, mesmo que tivesse tomado alguma precaução para escondê-lo aos olhos de seus vizinhos. Ainda que fosse apenas um pequeno artesão sem importância e sem relações na alta sociedade, o conhecimento de sua fortuna súbita chegou aos ouvidos do rei Carlos VI, o que mostra que ela devia parecer fabulosa aos seus contemporâneos. Uma primeira investigação tendo indicado aos serviços reais que aquele era, efetivamente, um caso extraordinário, o rei enviou à casa de Flamel seu referendário senhor de Cramoisy. Citarei aqui um estudo feito por Pierre Borel, conselheiro e médico do rei em 1655, *Tesouro de investigações e antiguidades gaulesas e francesas*: “Assim, a riqueza de Flamel chegou aos ouvidos do rei, que enviou até sua casa o senhor de Cramoisy, referendário, para saber se o que lhe tinham contado era verdade, mas ele encontrou Flamel na sua humildade, servindo-se mesmo de vasilhames de barro. Entretanto, sabe-se por tradição que Flamel declarou-se a ele, achando-o um homem honesto, e lhe deu um matraz cheio de seu pó, que se diz foi conservado muito tempo

nessa família, o que o obrigou a garantir Flamel das investigações do rei”.

O senhor de Cramoisy comprado, é preciso usar essa expressão, pôde Flamel prosseguir em suas ocupações com toda calma. Entretanto sua vida não se modificou. Continuou na sua pequena existência quase burguesa, em companhia de Perrenelle, até a morte desta, ocorrida provavelmente em 1397 ou em 1404, e foi enterrada no cemitério dos Inocentes. O escrivão público prosseguiu calmamente sua existência até a idade de oitenta anos. Cedamos, aqui, a palavra ao excelente historiador do século passado, Vallet de Viriville, bem conhecido por seus notáveis trabalhos sobre Joana D'Arc e sua edição da *Crônica da Virgem*. Vallet de Viriville interessou-se, também, pelo caso de Flamel e nos diz: “Sua casa do *Grand-Pignon* perdeu seu pinhão, a maior parte de suas esculturas e de seus antigos ornamentos. Mas subsiste, ainda, à rua de Montmorency, número 51, e apresenta aos olhos de todos a inscrição primitiva assim conhecida: *Nós homens e mulheres trabalhadores, moradores no átrio desta casa, que foi feita no ano da graça de 1407, nos obrigamos, cada um em seu direito, a dizer todos os dias um padre-nosso e uma ave-maria pedindo a Deus que sua graça perdoe aos pobres pecadores mortos. Amém.*”

“Nicolas Flamel morreu em 1418, sem ter deixado de aumentar seu nome e sua fortuna. Comprou o lugar de sua sepultura no interior mesmo da igreja de Saint-Jacques-la-Boucherie. É o que nos informa uma das numerosas cláusulas de seu notável testamento, pelo qual ele lega a Saint-Jacques-la-Boucherie a generalidade de seus bens (não tendo filhos). Independentemente dessa disposição principal, esse testamento contém um grande número de atos que ressaltam a sua liberalidade.”

Muitos autores que não podem aceitar o fato alquímico tentaram mostrar que a fortuna de Flamel era uma lenda; infelizmente, os atos passados por notário de suas diferentes posses persistem e são a prova absoluta de sua fortuna colossal. Outros pretenderam que seu trabalho, no qual era excelente, foi suficiente para lhe propiciar as riquezas necessárias a todas as suas aquisições; isto é um absurdo para quem conheça um pouco o nível de vida dos pequenos artesãos da Idade Média. Outros,

finalmente, trataram-no como usurário ou pretenderam que ele se tenha apropriado de depósitos hipotéticos de ouro judeu. Louis Figuier responde perfeitamente a tais asserções dizendo: "Não somente estas imputações são desprovidas de provas, mas ainda tudo o que se conhece historicamente do caráter e dos atos de Flamel concorre para limpar sua memória de uma tal acusação".

Temos aqui, portanto, o caso de um homem que, por seu próprio testemunho, dedicou-se à alquimia e retirou dela grandes riquezas. Isto corresponde à imagem que fizemos do alquimista para quem a transmutação metálica não é senão um estágio na ascensão a uma semi-imortalidade? A resposta seria não, se a história de Flamel parasse aí, quero dizer, na sua morte. Mas, justamente, como no caso de São Germano e de alguns outros grandes Adeptos, a história de Flamel continua.

Um viajante do século XVII, Paul Lucas, conta um episódio de uma viagem à Ásia Menor, do qual extraímos a passagem seguinte: "Em Bournous-Bachi, tendo tido uma entrevista com o dervixe dos Usbecs sobre filosofia hermética, este levantino me disse que os verdadeiros filósofos possuíam o segredo de prolongar até mil anos o termo de sua existência e de se preservar de todas as enfermidades. Falei-lhe, por fim, do ilustre Flamel e lhe disse que, malgrado a Pedra filosofal, ele estava bem morto. A este nome ele começou a rir de minha simplicidade. Como eu já começava a crer no que ele falava; fiquei extremamente espantado de vê-lo duvidar daquilo que eu lhe dizia. Percebendo minha surpresa ele me perguntou no mesmo tom se eu era bastante ingênuo para acreditar que Flamel morrera. "Não, não, disse-me, você se engana. Flamel está vivo; nem ele nem sua mulher sabem ainda o que seja a morte. Há menos de três anos deixei-os nas Índias, um e outro, e ele é um dos meus mais fiéis amigos." Mais tarde, o dervixe deu novos esclarecimentos a Paul Lucas: "A fama é com freqüência coisa muito incômoda, mas um sábio sabe por prudência livrar-se de todos embaraços. Flamel viu muito bem que acabaria sendo preso, desde que supeitassem que tinha a Pedra filosofal, e tudo deixava transparecer que não demoraria muito tempo para lhe atribuírem essa ciência, depois do rumor que suas benemerências produziram. Encontrou o meio

de fugir da perseguição fazendo com que publicassem sua morte e a de sua mulher. Por seus conselhos, ela fingiu uma doença que teve seu curso, e quando foi considerada morta, estava já na Suíça onde tinha ordem de esperá-lo. Enterrou-se no seu lugar, um pedaço de madeira e suas roupas, e, para nada faltar ao cerimonial, este se deu numa das capelas que ela fizera construir. Em seguida, ele recorreu ao mesmo estratagema e, como tudo se faz por dinheiro, não teve dificuldades em conquistar os médicos e pessoas da Igreja. Deixou um testamento no qual recomendou que o enterrassem com sua mulher e que se elevasse uma pirâmide em sua sepultura; e enquanto este verdadeiro sábio estava a caminho para encontrar-se com sua mulher, um segundo pedaço de madeira foi enterrado em seu lugar. Desde essa época, um e outro passaram a levar uma vida filosófica, ora num país, ora noutro. Tal é a verdadeira história de Nicolas Flamel e não aquela que você crê, nem a que se imagina tolamente em Paris onde muita pouca gente conhece a verdadeira sabedoria. . . .”

Existem numerosos outros testemunhos ou relatos fazendo menção da sobrevivência de Flamel.

Muito curiosamente todos concordam num ponto, o filósofo e sua mulher retiraram-se para as Índias, depois que ele se juntou a Perrenelle na Suíça — onde ela o precedera após sua “morte” — para preparar sua grande viagem.

Sobre a questão da sobrevida, não poderia, certamente, concluir. Ao contrário, do ponto de vista da simples transmutação, penso ter encontrado aqui o primeiro ponto positivo de minha investigação. No caso de Alberto o Grande, de Arnaldo de Villeneuve ou de Raimundo Lulle, nada vinha apoiar sua pretensão de ter fabricado o ouro. Para Flamel a situação é inteiramente diferente pois suas repentinas riquezas não poderiam ter outra origem senão a arte de Hermes.

Assim, minha resposta será: sim, muito provavelmente Nicolas Flamel encontrou a Pedra filosofal.

Mas esse “muito provavelmente” não é suficiente para minha exigência, o que pretendo — para poder confessar-me convencido — é uma certeza absoluta. Por isso, convido-os a seguir o curso do tempo em minha companhia, e primeiro até Basile Valentin, o monge beneditino alemão.

O monge de Erfurt e o bom Trevisano

O célebre beneditino do mosteiro de Erfurt, na Alemanha, é seguramente um dos alquimistas mais conhecidos hoje. Pelo menos é um daqueles cujos tratados são com mais frequência traduzidos e reeditados. Aliás o nome Basile Valentin frequentemente é citado nas obras científicas e nos dicionários a propósito de numerosas descobertas químicas que fez.

Entretanto, trata-se de um Adepto dos mais misteriosos entre os que tenham deixado marcas na História. Suas obras não apareceram em seu tempo e não eram sequer conhecidas em sua época, isto é, por volta de 1413. Uma lenda afirma que uma coluna da catedral de Erfurt fendeu-se, bruscamente, uma dezena de anos após sua morte. Encontraram-se, então, os tratados de alquimia do beneditino dos quais subsistira somente uma vaga tradição oral. Os escritores difamadores habituais da alquimia fizeram um belo jogo ao pretenderem que Basile Valentin, não somente jamais escrevera os tratados que lhe são atribuídos, como ele mesmo jamais existira; espanto-me somente pelo fato de não terem igualmente pretendido que os próprios tratados não existissem!

Na sua introdução à reedição das *Doze Chaves da Filosofia*, uma das obras principais do Adepto, Eugene Canseliet nos diz:

“Após tantos outros investigadores, infinitamente melhor colocados e documentados, não temos, certamente, a vã intenção de esclarecer esse enigma histórico que não o, foi e nem o será sem dúvida jamais, como acontece com todos os casos similares de Adeptos que permanecem não identificados, isto é, não etiquetados nem referenciados socialmente. Não nos parece indispensável saber exatamente que o autor das *Doze chaves da Filosofia* foi este ou aquele, que, sob o anonimato inelutavelmente imposto pela lei tradicional, ele tenha sido um ou muitos, quando só a obra conta aos nossos olhos, quando consideramos, ademais, profundamente pueril e ilusório esse cuidado primário que agita aqueles, sempre muito numerosos, que querem a toda força impingir um estado civil à personalidade social, voluntariamente abolida, de algum filósofo outrora desligado das vaidades do mundo”.

Até a existência de um mosteiro de beneditinos em Erfurt foi negada, entretanto, pode-se ler da pena do célebre filósofo Leibniz uma carta onde fala justamente de Basile Valentin e onde esclarece: “Sei isto, que Jean Philippe, Eleitor de Mayence, ordenou que ele fosse procurado em Erfurt, dentro de seu domínio, entre os beneditinos desta cidade, mas em vão”. Aliás, Eugène Canseliet consultou a obra de Jean-Marie Guden, Conde Palatino, *História Erfurtense*, onde este professor de direito, que foi burgomestre da cidade e reitor de sua universidade, escrevia em 1675: “Basile Valentin (no ano de 1413) viveu no mosteiro de São Pedro, admirável por sua aplicação à arte da medicina e das coisas naturais. . . Além disso, ele teria tido a esperança falaciosa de fabricar ouro, segundo a importuna loucura, da qual se mostra menos culpado, pois que, há séculos, não somente ela engana os amadores dessa ciência, mas ainda os despoja de suas faculdades intelectuais”.

Pode-se, pois, considerar que existiu realmente um monge beneditino, de nome desconhecido, que tomou o pseudônimo de Basile Valentin e escreveu no século XIV os tratados que conhecemos hoje. Um ou dois detalhes biográficos puderam entretanto ser extraídos da leitura das obras do Adepto, pois que ele faz menção, uma vez, de viagens à Belgica e à Inglaterra ao tempo de sua juventude. Ao contrário, não podemos considerar certamente como real sua “viagem” a São Tiago de Compostela,

da qual fala no *Carro do triunfo do antimônio*: “Pois quando, peregrino, cumpri outrora, por causa de um voto, a difícil viagem até Tiago de Compostela, voltando ao meu mosteiro (é por isso que mais uma vez agradeço a Deus) acreditei que muitos se encheriam de alegria, comigo e pela graça de Deus, diante das santas relíquias que trouxe para o socorro e consolação de nosso mosteiro e de todos os pobres. Mas ao contrário, pouco corrigiram sua vida; pouco se mostraram agradecidos por tanto benefício divino, todos isto sim, aumentaram sua zombaria, seus ultrajes e suas blasfêmias; mas o juiz da equidade, no último julgamento, saberá puni-los de maneira terrível”.

Uma lenda tenaz liga-se à descoberta, por Basile Valentin, do antimônio, que é real, mas do qual ele teria reconhecido as propriedades nocivas fazendo absorver esta substância por seus colegas beneditinos, os quais teriam morrido por isso, daí o nome antimônio (anti-monge). Além do evidente absurdo do comportamento assim atribuído ao Adepto, convém observar que todos os seus tratados foram redigidos em alemão e que o jogo grosseiro das palavras invocadas para justificar essa história é intraduzível nessa língua.

O grande mérito de Basile Valentin do ponto de vista da filosofia alquimista é o de ter nomeadamente descoberto o terceiro princípio, a saber, o sal. Eugene Canseliet cita a este propósito um extrato de *A aurora da Medicina*, de Jean-Baptiste van Helmont, o médico do Príncipe d'Orange, que escreveu, em 1652: “Basile Valentin, monge beneditino, descreveu depois mais claramente a alma do metal; que nomeou enxofre ou tinctura; o corpo, que era o sal; e finalmente o espírito que chamou mercúrio. Tais princípios tomados de empréstimo à Basile, Teofrasto Paracelso, mais de um século depois dele, por uma aplicação admirável, transportou depois ao conjunto dos corpos”.

Resta-nos terminar esta decepcionante pesquisa através da vida bem escondida do Adepto desconhecido, citando sua máxima célebre: “Visitai as entranhas da terra, retificando-a, encontrareis a pedra escondida, verdadeira medicina”. Que é assim dita em latim,

VISITETIS INTERIORA TERRAE RECTIFICANDO
INVENIETIS OCCULTUM LAPIDEM VERAM
MEDICINAM

Fórmula cujas primeiras letras de cada palavra formam o vocábulo V. I. T. R. I. O. L. U. M., o vitríolo, nome que o Adepto dava ao sal secreto e dissolvente do magistério.

BERNARDO, O TREVISANO

Bernardo, conde da Marca Trevisana, pequeno condado dos Estados venezianos, é ainda chamado o Bom Trevisano e merece seguramente uma menção especial entre todos os Adeptos; um prêmio de assiduidade. Bernardo começa seus trabalhos com a idade de catorze anos e parece ter encontrado a Pedra filosofal com a idade de oitenta e dois anos passados, depois de uma vida inteira feita de insucessos repetidos. Poder-se-ia quase aplicar-lhe a máxima que Júlio Verne pôs na boca do engenheiro Cyrus Smith no começo de sua obra *A Ilha misteriosa*: “Não é necessário esperar para empreender nem alcançar para perseverar”, e que ele atribui a Guilherme d’Orange, apesar de ser ele aparentemente o autor.

O conde Bernardo nasceu em 1406, na cidade de Pádua. Seu pai, desde seus catorze anos, iniciou-o nos estudos dos mestres da Alquimia do passado, em particular Geber e Rhasès. Durante seus quatro primeiros anos de investigações, seguiu escrupulosamente o método indicado por Rhasès, mas em vão; tudo o que esse labor ardente lhe trouxe foi a perda de três mil escudos. Passou então a Geber, tendo perdido a confiança no primeiro filósofo, e se pôs a estudá-lo. Dois novos anos se passaram sem outro resultado que a perda de seis mil novos escudos. É preciso dizer que tudo o que a cidade continha de sopradores e falsos alquimistas apareceu para “ajudar” o Bom Trevisano a gastar seu dinheiro.

Um monge seu amigo mostrou-lhe então pequenos tratados de obscuros sopradores denominados Arquelaus e Rubicesca, nos quais começou a trabalhar sem maior sucesso. Um outro pretendeu que era preciso trabalhar a partir do álcool retificado, um número incalculável de vezes, o que fez o Trevisano. Todos esses primeiros trabalhos lhe tomaram quinze anos de vida e uma

grande parte de suas riqueza sem contudo fazê-lo avançar um passo na direção da Grande Obra.

Um juiz da região veio então dizer-lhe que a matéria-prima da obra era o sal marinho: este processo tendo também malogrado, o mesmo juiz lhe indicou uma outra receita que consistia em dissolver prata e mercúrio na água fria. Em seguida, abandonavam-se a si mesmas, durante um ano, estas dissoluções feitas separadamente, depois misturavam-se e concentravam-se em brasas. O resíduo, colocado num recipiente, ficaria exposto aos raios solares que os faria cristalizar, esses cristais não seriam outra coisa senão a Pedra filosofal. O Trevisano esperou pacientemente cinco anos a formação dos cristais, mas nada se produziu.

Bernardo continuou com outros processos, outros sopradores, com outros falsos tratados sem nenhum resultado senão chegar à idade de quarenta e seis anos, virtualmente arruinado. Os oito anos seguintes passaram-se em companhia de um monge, Geofroi de Leuvrier, que lhe sugeriu um novo método a partir de ovos de galinha. Cozinhavam-se os ovos. Em seguida, separavam-se as claras e as gemas, que se deixavam a apodrecer, rodeados de estrume, em dois montes distintos. Destilava-se o produto um grande número de vezes, a fim de se tirar dele uma água branca de um lado e uma água vermelha de outro, depois, repetir a operação de maneira contínua a fim de chegar à matéria-prima da Obra. Foi assim que o bom Tevisano perdeu novamente oito anos. Em seguida, em companhia de um teólogo, procurou retirar a Pedra do sulfato de ferro. Esse sulfato era colocado no vinagre oito vezes destilado, depois a mistura era introduzida num alambique onde se procedia a quinze novas destilações diárias, isto durante um ano. Bernardo não retirou daí a Pedra, ao contrário, este trabalho cansativo fez com que contraísse uma febre quartã que durou mais de um ano e da qual quase morreu.

Sem perder nunca o ânimo, o bom Trevisano partiu para a Alemanha onde o confessor do imperador era tido como possuidor do segredo. Este se gabava de conhecer um processo à base de mercúrio, prata, enxofre e óleo de oliva, que dizia ser infalível. Era preciso fazer a fusão de todos esses ingredientes em banho-maria, mexendo-os sem cessar, depois deixá-los secar num vidro e a retorta era finalmente posta sobre cinzas quentes du-

rante, mais ou menos, um mês. Juntava-se chumbo à mistura e fundia-se o todo num cadinho. Segundo Mestre Henrique, o confessor do imperador, a prata colocada inicialmente na mistura — dez marcos fornecidos pelo bom Trevisano — deveria consideravelmente aumentar: de fato, ele encontrou-se reduzido a quatro marcos!

O conde Bernardo ficou então um pouco desanimado, não era para menos! Parou então, por dois meses, suas investigações alquímicas para grande satisfação da sua família, mas logo essa miserável sede da Pedra filosofal, que o tomara desde sua mais tenra infância, voltou, e ele se pôs a percorrer vários países da Europa a fim de buscar um verdadeiro Adepto que pudesse iniciá-lo. Inglaterra e Escócia, Holanda e Alemanha, afinal França, depois Espanha. Daí, passou ao Oriente e viajou muitos anos através da Pérsia, Palestina e Egito. Na volta, ficou bastante tempo na Grécia onde trabalhou na procura do segredo hermético em muitos mosteiros. Todos os seus esforços foram vãos e, com a idade de sessenta e dois anos, encontrou-se em Rhodes sem dinheiro, todos seus bens dissipados nessa procura louca, sem amigos, mas sempre persuadido de que descobriria o fabuloso segredo.

Soube logo que residia justamente em Rhodes um religioso que, de notoriedade pública, possuía a Pedra. Mas para se por em relação com um homem tão eminente, não podia ir de mãos vazias; o conde Bernardo teve, então, a chance de encontrar um rico comerciante amigo de sua família que lhe emprestou 8000 florins. Munido desse viático, foi introduzido junto ao sábio religioso que lhe indicou seu próprio método e fez com que trabalhasse sob sua direção durante três anos. Seu processo era à base de ouro e prata misturados em mercúrio e revelou-se, certamente, totalmente improdutivo. Bernardo retornou então à sua Marca Trevisana completamente arruinado e ignorado por todos os membros de sua família que o tinham por demente e recusaram-se a recebê-lo. Afinal, com a idade de oitenta anos resolveu voltar ao início e reestudar Geber que supunha ter compreendido mal. Retornou então, uma última vez a Rhodes que não devia mais deixar, até sua morte, em 1490. Segundo a tradição alquímica, foi lá, com oitenta e dois anos, que o bom Trevisano conseguiu

enfim a Pedra filosofal. Viveu assim os três últimos anos de sua vida de posse do maravilhoso segredo. Havia adquirido, aliás, uma serena filosofia a qual nos dá a conhecer em seus escritos: sua conclusão era de que o homem deve saber contentar-se com o que tem.

Das obras alquímicas que redigiu, as mais conhecidas são o *Tratado da filosofia natural dos metais* e *A palavra abandonada*. Esta última é de acesso particularmente fácil para nós, e Claude d'Ygé teve a excelente idéia de reproduzi-la em seu livro *Nova assembléia dos Filósofos alquímicos*. No primeiro tratado citado, a *Filosofia natural dos metais*, encontra-se um texto conhecido sob o nome de *Alegoria da Fonte*, onde Bernardo, o Trevisano expõe de maneira simbólica as operações relativas a uma das três partes do magistério. Vale a pena citá-lo:

“Eu ia, pensativo, pelos campos.

“Uma noite aconteceu que eu devia estudar para o amanhã disputar; encontrei uma pequena fonte, bela e clara, toda rodeada de bela pedra, e esta pedra estava acima de um velho carvalho ôco, e toda à volta bordejada de muralhas, para evitar que vacas nem outros animais brutos nem voláteis nela se banhassem. Ora, eu tinha muita vontade de dormir, e sentei-me acima da dita fonte, e vi que ela era coberta por cima e estava fechada.

“E passou por lá um velho padre, de muita idade; eu perguntei-lhe por que estava assim fechada essa fonte, acima, em baixo e de todos os lados; e ele me foi gracioso e bom e foi dizendo: “Senhor, é verdade que essa fonte tem terrível virtude, mais que nenhuma outra que exista no mundo. Ela é somente para o rei do país, que ela conhece bem e ele a ela, pois jamais esse rei passou por aqui sem que ela o atraísse a si; e ele se banha nela duzentos e oitenta e dois dias; e ela rejuvenesce tanto o rei, que não há homem que possa vencê-lo”.

“Ora, eu perguntei-lhe se ele vira o rei, e ele me respondeu que o vira entrar; mas depois que ele entrou e que sua guarda o fechou, jamais o vira há cento e trinta dias; então, ele começou a aparecer e a resplandecer. O guarda aquece seu banho continuamente para que preserve o calor natural.

“Ora, eu perguntei de que cor o rei era. E ele me respondeu que vestia uma roupa de ouro primeiro, e depois tinha um

gibão em veludo negro, a camisa branca como a neve e a carne vermelha como sangue.

“Depois, eu lhe perguntei, quando o rei vinha à fonte, se trazia grande companhia de gentes estrangeiras e povo miudo com ele. Ele me respondeu amigavelmente e sorrindo: Este rei não vem com ninguém e deixa todas essas gentes e os estrangeiros; ninguém se aproxima dessa fonte senão ele e o guarda, que é um simples homem. . . Mas, às vezes, quando o rei aí entra, primeiramente ele se despe de sua roupa de fino ouro, feita de folhas muito leves, e a entrega ao seu primeiro homem que se chama Saturno. Então Saturno a toma e a guarda por quarenta ou quarenta e dois dias ou mais. Depois, o rei despe seu gibão de fino veludo negro e o entrega ao segundo homem, que é Júpiter, que o guarda durante vinte dias úteis. Depois, Júpiter, por ordem do rei entrega à Lua, que é a terceira pessoa, bela e esplendorosa, e a guarda por vinte dias. E assim o rei fica em pura camisa, branca como neve, de finas flores de sal florido. Então, ele se despe da camisa branca e fina e a entrega a Marte, o qual igualmente a guarda por quarenta e às vezes por quarenta e dois dias. E depois disto, Marte, por vontade de Deus, a entrega ao Sol amarelo e não claro, que a guarda por quarenta dias, e depois, vem o Sol muito belo e muito claro, que logo a toma; então, ele a guarda. . .

“E eu lhe disse: Nunca vem a esta fonte nem médico nem ninguém? Não, disse ele, ninguém vem senão o guarda que em baixo mantém o calor contínuo, em toda a volta e vaporoso.

“Esse guarda tem muito trabalho? Ele tem mais trabalho no fim, mais que no começo, pois a fonte se inflama.

“E eu lhe disse: Muita gente o vê? Todo mundo o tem diante dos olhos mas eles não conhecem.

“E eu lhe disse: Que fazem então depois? Se querem, podem purgar o rei na fonte, circundando e contendo o lugar no conteúdo da continência contida, entregando-lhe no primeiro dia seu gibão, no dia seguinte a camisa e no dia seguinte a carne sangüínea.

“E eu lhe disse: De que é isto? E ele me respondeu: Deus cita um, dez, cem, mil e cem mil, e depois onze vezes o multiplica.

“Eu lhe disse: Não o entendo. E ele me disse: Não direi mais, pois estou cansado. E eu vi que ele estava cansado, e eu também estava cansado, com vontade de dormir, pois o dia precedente eu havia estudado”.

Leste, leitor, este texto sem ter tomado conhecimento das páginas que precedem e o terás achado certamente desprovido de sentido comum. Entretanto, para o filósofo ele é claro, e para o estudante que me esforço de ser apresenta algumas possibilidades de compreensão. A primeira vista, percebe-se que se trata de uma descrição alegórica das operações de uma parte do magistério. Trata-se, com efeito, da última parte, aquela em que a matéria é encontrada no estágio do “rebis” e é submetida à cocção no ovo filosófico. A água contida na fonte simboliza o mercúrio filosófico e a água dos sábios, ou o *leite da virgem*, que servirá para embeber a matéria durante toda a terceira Obra. As muralhas que rodeiam a fonte representam as proibições que impedem a divulgação dos segredos alquímicos. As diversas vestimentas que cobrem o rei — isto é, o rebis — correspondem aos sete estágios de cozimento, que são geralmente conhecidos sob o nome de *regimes de Philalèthe*. Assim, quando o bom Trevisano diz que o rei dá sua roupa de ouro fino ao seu primeiro homem que se chama Saturno, isto não quer dizer que o chumbo tem um papel qualquer, mas que, no curso do regime de Saturno, o rebis perde suas cores iniciais para adquirir o mais sombrio negrume da Obra. As indicações de duração significam, claramente, a extensão de cada regime; por exemplo, Trevisano esclarece que o regime de Júpiter dura vinte dias.

O diálogo final é ao mesmo tempo particularmente importante e revelador pois esclarece primeiro que nenhuma matéria estranha à Obra deve ser-lhe acrescentada, além do guardião, que dá o calor contínuo, isto é, o fogo secreto. Segue uma indicação segura sobre a natureza comum dessa substância. Afinal, a penúltima resposta faz alusão à multiplicação, isto é, à propriedade que possui a Pedra filosofal de ver seus poderes aumentar quase ao infinito se ela é submetida a uma nova cocção. Com efeito, recomeça-se todo o magistério, mas tomando desta vez a Pedra terminada como matéria-prima que sofre assim nova-

mente o ciclo das operações alquímicas. Não insisto mais por agora, pois teremos ocasião, na última parte desta obra, de estudar detalhadamente os regimes de Philalèthe, do qual a *Alegoria da fonte* não é senão um breve resumo.

Compreendemos agora por que os cientistas que estudaram a alquimia de maneira livresca, dela ignorando tudo de sua prática, tomam textos tais como este de Bernardo, o Trevisano como puro delírio. Com efeito, para quem sabe interpretá-la, esta alegoria é um *modus operandi* perfeitamente válido destinado a servir de fio de Ariadne aos estudantes “amorosos de ciência”, ou a eventuais leitores iniciáveis, que utilizarão as indicações do alquimista como base de trabalho para suas futuras pesquisas.

Bernardo, o Trevisano cita aliás uma outra alegoria chamada *O sonho-verde*, da qual talvez ele próprio seja o autor, e que descreve uma outra fase do magistério da mesma maneira sob metáforas. Não a reproduzirei aqui na íntegra pois é muito longa, mas darei dela curtos extratos que permitem melhor compreender o simbolismo de certos escritos alquímicos.

O bom Trevisano estava profundamente adormecido quando viu uma estátua com lábios de ouro aparecer diante dele. Declarou-lhe a estátua que ela era o gênio dos sábios e pediu que a seguisse; um precedendo o outro, atravessaram jardins fantásticos dos quais o alquimista descreve prazerosamente a fauna extraordinária. De súbito, Bernardo, o Trevisano queixou-se de ter-se tornado cego e esfregaram em seus olhos uma erva mágica que lhe permitiu recobrar a visão; símbolo transparente do Adepto que desperta à compreensão real das coisas. Percebeu então diante dele uma extraordinária casa que descreveu nos seguintes termos: “No primeiro apartamento apareceu uma sala, ornada de damasco todo enfeitado com galões de ouro, bordado de uma franja também de ouro. A cor do fundo desse estofado era combinante do vermelho e verde, adornada com prata muito fina, tudo coberto de gase branca; a seguir havia alguns gabinetes guarnecidos de jóias de diferentes cores; depois, descobrira-se um quarto todo mobiliado de um belo veludo negro, ornado de várias fitas de oetím muito negro e

muito reluzente, o todo realçado por um trabalho azeviche, cujo negrume brilhava, esplendorosamente”. Passo o segundo apartamento para chegar ao terceiro: “No terceiro apartamento havia um quarto adornado com estofos muito brilhantes, de púrpura com fundo em ouro, mais belo e mais rico, sem comparação, com tudo o que eu acabara de ver”.

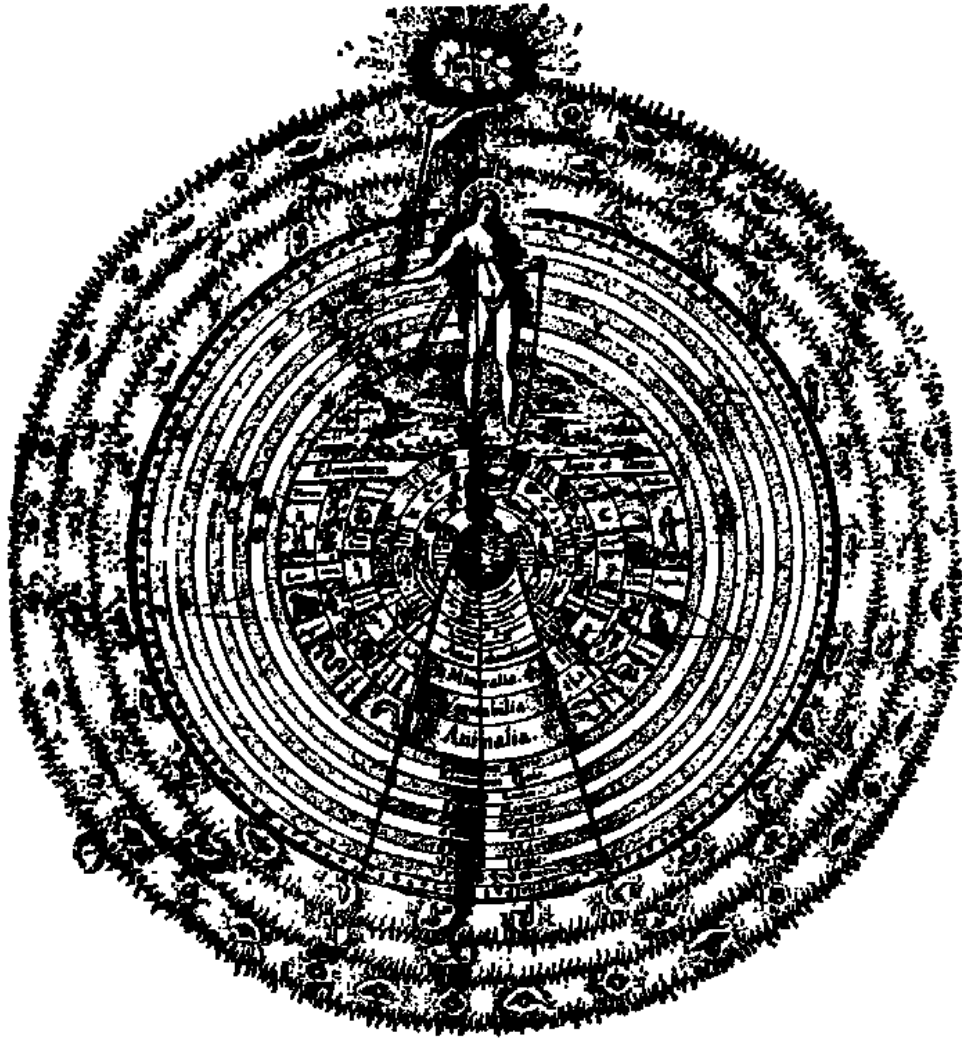
Mais além, o filósofo fala dos costumes em vigor para os casamentos nessa estranha terra; é preciso entender, certamente, o casamento do enxofre e do mercúrio dos filósofos. “O Hagacestauro põe uma jovem pura e limpa com um bom ancião, são e vigoroso; depois ele purga e purifica a jovem, lava e limpa o velho, que apresenta sua mão à jovem, e a jovem toma a mão do velho; depois são conduzidos a um desses quartos, cuja porta é selada com o mesmo material de que é feito o quarto; é preciso que eles fiquem assim fechados juntos nove meses inteiros, durante os quais eles fazem todos esses belos móveis que me foi dado ver. Ao cabo desse tempo, eles saem unidos num mesmo corpo; e, não tendo senão uma alma, não são senão um, cujo poder é grande sobre a terra. O Hagacestauro serve-se então dele para converter todos os maus que estão nos seus sete reinos.”

Compreende-se facilmente que se trata ainda aqui de uma alegoria da Pedra. Notar-se-á, de passagem, a menção do fechamento hermético, e a indicação de que nenhum corpo estranho à Obra deve ser a ela acrescentado.

Quanto à última frase, trata-se de transmutar os metais e não de converter os maus.

Bem entendido, estes textos não podem ser considerados como prova que o Bom Trevisano tenha descoberto o segredo da Pedra Filosofal, mas somente que adquiriu um perfeito conhecimento do magistério do ponto de vista teórico. Espero, entretanto, e quero crer, que seu labor por mais de sessenta anos tenha realmente sido recompensado pela descoberta do segredo hermético.

Se não posso considerar Bernardo, o Trevisano como um ponto positivo na minha pesquisa da realidade da transmutação, devo, no entanto, notar que este obstinado pesquisador merece um lugar à parte em nossa estima.



O Microcosmo e o Macrocosmo

O médico e o cavalheiro

PARACELSO

O abade Lenglet du Fresnoy começa assim o artigo consagrado a Paracelso em sua *História da Filosofia Hermética*:

“Este homem célebre nasceu em 1413 em Einsiedeln, perto de Zurique, na Suíça, e se chamava Auréole-Philippe Théophraste Bombast ab Hoheneim Paracelso. Fez-se muito bem em designá-lo somente por Paracelso. Quem teria coragem de guardar esta longa litania de nomes! Jamais um homem teve tantos adversários e nunca foi tão vivamente censurado; jamais um homem teve tantos seguidores e foi tão admirado”.

O pai do jovem Paracelso era médico e praticava o ocultismo. Iniciou muito cedo seu filho no estudo das plantas e ervas da montanha suíça, ensinando-lhe ao mesmo tempo a filosofia de Aristóteles. Um pouco mais tarde, o doutor estabeleceu-se em Villach na Caríntia, onde lecionou na escola de química. Foi lá que o jovem teve seus primeiros contatos com minerais metalíferos. Completou sua educação na universidade de Bâle mas suportou com dificuldade o ensinamento escolástico que ali lhe foi dado. Logo seguiu os cursos do abade Trithème,

cabalista renomado tanto quanto o monge Roger Bacon que já citamos. Trithème estudava entre outras a hipnose e a telepatia, ciências que ainda hoje permanecem misteriosas.

Paracelso partiu em seguida para um giro por outras universidades européias, Pádua, Montpellier, Bolonha, e chegou, provavelmente, aos Países Baixos e Inglaterra. A tradição diz que esteve igualmente no Oriente e na Turquia, mas nada prova tal asserção. Tendo terminado essa viagem, provavelmente iniciática, o jovem médico voltou e estabeleceu-se na Suíça. Vamos ceder, de novo, a palavra ao abade Lenglet du Fresnoy:

“Paracelso, após suas viagens, começou a praticar a medicina em Zurique, e sua reputação logo fez com que fosse chamado a Bâle; mas uma aventura singular fê-lo sair dali com desagrado. Um cônego da catedral estava morrendo; toda medicina o havia abandonado; Paracelso foi vê-lo e prometeu-lhe que lhe daria novamente a saúde. Não houve promessa que não lhe fizesse o doente; é o uso costumeiro quando se está nas últimas: combinaram o preço. Paracelso não usou mais que duas pílulas para curar o cônego; tão logo este se restabeleceu, começou a contestar o honorário do médico; a disputa degenerou em processo entre médico e convalescente, este dizendo que tinha sido curado em muito pouco tempo. O processo foi levado aos magistrados da cidade, que, vendo que o médico não tivera a precaução de deixar definhar, o cônego, mas o curara num instante, lhe adjudicaram um honorário muito módico. Paracelso protestou publicamente, mas ignorava duas coisas igualmente importantes: uma, que para satisfazer os doentes é preciso dar-lhes saúde por etapas: elas não ficam contentes com melhora súbita; a outra, que os juízes, por mais subalternos que sejam, querem às vezes se dar o prazer de cometer injustiças sem que ninguém tenha o direito de protestar”.

Paracelso foi obrigado, então, a deixar precipitadamente a cidade a fim de não incorrer na fúria dos magistrados que suas violentas palavras haviam irritado contra ele. Retirou-se para Estrasburgo depois fixou-se em Salzburgo. Aí morreu prematuramente, a 24 de setembro de 1541, com a idade de quarenta e oito anos.

Ignoram-se as causas reais desta morte. Seus louvadores pretendem que ele foi envenenado. Quanto aos seus detratores, asseguram que sua vida desregrada e a bebida apressaram seu fim.

É inegável que além de seus trabalhos de medicina, de magia e de ocultismo, Paracelso ocupa-se da alquimia, mas é pouco provável que tenha sido um Adepto. Os diversos aspectos frequentemente contraditórios da personalidade desse fogoso personagem explicam os julgamentos tão diferentes feitos sobre ele na época e o fato de que, hoje, adversários e partidários da alquimia façam apologia dele. Sua contribuição do ponto de vista médico é certa. Assim, René Marquart nos diz: "Não resta dúvida de que Paracelso contribuiu poderosamente para impor o uso exclusivo da experimentação argumentada e logo racional na medicina e também nas ciências, para isto bastando ter afirmado firmemente que "o doente deve ser o único livro do médico", e introduziu métodos precisos na corporação dos boticários, habituados até então a preparar com muita frequência medicamentos ignorando inteiramente o seu ofício".

Com efeito, Paracelso foi o inventor da espagiria da qual já falamos e não deve ser considerado como um puro alquimista. Sem dúvida, começou a realização da Pedra filosofal mas abandonou a meio caminho a finalidade hermética para consagrar-se às aplicações médicas práticas de certos processos particulares da obra alquímica.

Foi somente o iniciador da medicina moderna? Isto não é certo. A propósito de suas viagens eu disse a palavra iniciação. É esta também a conclusão a que meu amigo Serge Hutin chegou em seu estudo sobre Paracelso, pois conclui: "Iniciado rosacruz, Paracelso foi realmente, e sem dúvida até deveríamos ver nele um dos mais altos missionários que, para espalhar a luz divina entre os homens (dos quais muitos são, infelizmente, tão pouco receptivos a compreendê-la) aceita — dolorosa e suprema provação — assumir aqui em baixo as tribulações e incompreensões de toda espécie, o tolo ciúme, ódio, a inveja mesquinha, a miséria. Paracelso afrontou tudo isto e talvez até ao martírio (pensemos na morte misteriosa e solitária do grande médico, aparentemente abandonado por todos)".

Pode-se portanto concluir que Théophraste Paracelso foi provavelmente um iniciado da Rosa-Cruz, seguramente um médico de gênio, sem dúvida um bêbado, um falador um pouco charlatão quando falava do ocultismo, mas também um excelente químico pois foi o primeiro a reconhecer a existência do zinco como metal separado e a definir a toxicidade do arsênico, depois a indicar a eficácia terapêutica do precipitado vermelho do mercúrio contra a sífilis. Mas, do ponto de vista alquímico, se é bem evidente que Paracelso não foi um soprador, não é menos verdade que *ele jamais foi um Adepto*.

DENIS ZACHAIRE

Assim como no caso de Basile Valentin, depois mais tarde de Philalèthe ou de Fulcanelli, o verdadeiro nome do Adepto conhecido sob o pseudônimo de Denis Zachaire continua ignorado. Tudo o que se sabe é que nasceu em 1510 no seio de nobre família da Guyenne. Após receber suas primeiras instruções no Castelo paterno, partiu para Bordeaux para estudar ali filosofia no colégio das Artes. Lá, foi confiado a um preceptor que se dedicava justamente ao estudo da ciência hermética. Foi assim que o jovem Denis foi imediatamente iniciado nas investigações alquímicas. Ao invés de estudar as matérias inscritas no programa, passou todo o ano em Bordeaux em busca de receitas de transmutações. Encheu delas um enorme caderno que levou ao deixar a cidade universitária. Essas receitas eram atribuídas a personagens célebres, assim, ele dispunha da *Obra da Rainha de Navarra*, da *Obra do cardeal de Tournon* e da *Obra do cardeal de Lorraine*, títulos que o incitavam a pensar que os processos deviam ser com efeito verídicos.

A seguir, o jovem Zachaire veio a Toulouse, sempre acompanhado de seu preceptor de Bordeaux, e desta vez para estudar o direito.⁽¹⁾ Mas na realidade, o jovem, e também seu preceptor, só tinham o desejo de por em prática as receitas que

(1) Este fato deixa pensar que Zachaire devia ser da região de Agen, pois é sempre costume dos estudantes dessa cidade freqüentar, alternativamente, as faculdades de Bordeaux e Toulouse.

havia colhido na capital bordeleza. Assim, desde sua chegada, compraram fornos, vasos de vidro, retortas e tudo o que fosse necessário para destilações, calcinações e outras operações alquímicas. Bem entendido, todos os processos empregados se revelaram enganosos e os duzentos escudos que a família de Zachaire lhe havia dado para viver um ano escolar em Toulouse na companhia do preceptor, se esvairam depressa na fumaça que saía das retortas.

Excelentes relatos sobre as peregrinações que esperavam o futuro Adepto foram feitos por vários historiadores; parece-me mais interessante citar aqui o próprio texto de Denis Zachaire que escreveu sua autobiografia no seu tratado intitulado *Opúsculo da filosofia natural dos metais*.

“Antes do fim do ano meus duzentos escudos se foram como fumaça e meu mestre morreu de uma febre intermitente, que o tomou no verão, à força de soprar e de beber calor pois que raramente saía de seu quarto onde não fazia menos calor que no arsenal de Veneza. Sua morte me desgostou, tanto mais que meus pais não queriam enviar-me senão o dinheiro necessário para minha manutenção, enquanto que eu desejaria tê-lo o suficiente para continuar meu trabalho.

“Para remediar essas dificuldades, voltei para casa em 1535, a fim de me isentar da tutela e arrendei tudo o que possuía por três anos, à razão de quatrocentos escudos. Este fundo me era necessário para executar uma operação que me fora dada em Toulouse por um italiano que vira, ao que dizia, a experiência. Eu o retive comigo para ver o fim de seu processo; então, eu fiz calcinações de ouro e prata por águas fortes, mas foi em vão, pois de todo o ouro e a prata que eu ali colocara, não retirei nem a metade e meus quatrocentos escudos logo se acabaram reduzidos a duzentos e trinta. Dei vinte ao Italiano para que fosse pedir esclarecimentos com o autor desta receita que estava, ao que dizia, em Milão. Fiquei pois todo o inverno em Toulouse na esperança de seu retorno; mas eu ainda estaria lá se o ficasse esperando, pois nunca mais o vi.

“O verão seguinte, que veio acompanhado da peste, me fez abandonar a cidade; mas não perdi de vista meu trabalho: fui a Cahors, onde fiquei seis meses. Travei conhecimento com um ancião que comumente chamavam O Filósofo, nome que se

dá com facilidade nas províncias aos que são menos ignorantes que os outros; comuniquei-lhe a coletânea dos meus processos pedindo-lhe sua opinião. Indicou-me somente dez ou doze deles que achava os melhores. A peste terminou, regresssei a Toulouse, reiniciei meu trabalho, e com tanto empenho que meus quatrocentos escudos ficaram reduzidos a cento e setenta.

“Para continuar com mais segurança minhas operações, travei conhecimento, em 1537, com um abade que morava nas vizinhanças dessa cidade. Estava tomado pela mesma paixão e contou-me que um de seus amigos, que havia seguido o cardeal d’Armagnac, lhe enviara de Roma um processo que ele acreditava garantido, mas que devia custar duzentos escudos. Furneci a metade, e ele o resto e começamos a trabalhar com despesas comuns. Como precisássemos do espírito de vinho comprei uma garrafa de excelente vinho Gaillac; tirei-lhe o espírito que retifiquei muitas vezes; destilamos dele quatro marcos⁽¹⁾, nos quais introduzimos um marco de ouro, que havíamos calcinado durante um mês. Tudo isto foi artisticamente acomodado num recipiente juntamente com um outro que lhe servira de suporte, e colocado num forno para fazer a congelação. Este trabalho durou um ano, mas para não ficarmos sem fazer nada para nos divertir experimentamos outras operações menos importantes das quais retiramos tanto proveito quanto de nossa Grande Obra.

“Todo o ano de 1537 se passou pois sem nenhuma modificação em nosso trabalho, e esperaríamos toda a vida a tal congelação de nosso espírito do vinho, pois este não era senão a água que dissolve o ouro: mas encontramos tudo como antes, com esta diferença que o pó estava um pouco mais desligado do que quando o colocamos. Fizemos projeção dele sobre prata viva aquecida, mas foi em vão. Imaginem como ficamos desgostosos, sobretudo o abade que já havia comunicado a todos seus monges que lhe bastara apenas fazer fundir um belo chafariz de chumbo que estava em seu claustro, para convertê-lo em ouro quando nossa operação terminasse. O mau sucesso não nos impediu de continuar. Arrendei de novo minha propriedade e consegui com isso quatrocentos escudos; o abade deu-me outro tanto e eu fui a Paris, cidade a mais fértil do mundo em artistas

(1) Peso antigo que equivalia a oito onças (N. do Supervisor)

desta ciência. Com estes oitocentos escudos, aí cheguei resolvido a não sair enquanto não gastasse todo o dinheiro ou enquanto não encontrasse algo de bom. Essa viagem não se fez sem atrair para mim a indignação de meus pais e as censuras de meus amigos, que queriam que eu comprasse um cargo de conselheiro, imaginando que eu fosse um grande legista. Fiz com que acreditassem que eu não fazia essa viagem senão para comprar um cargo desses.

“Após quinze dias de viagem cheguei a Paris a 9 de janeiro de 1539. Durante um mês permaneci desconhecido, mas tão logo comecei a freqüentar os amadores e mesmo os fazedores de fornos, conheci mais de cem artistas operadores tendo cada um maneiras diferentes de trabalhar, uns pela cimentação, outros pela dissolução, alguns pela essência do esmeril. Havia os que trabalhavam por extrair o mercúrio dos metais para o fixar depois, de maneira que, para comunicar-nos a evolução de nossas operações, não passava um dia sem que nos reuníssemos em casa de alguns dentre nós, e mesmo nos domingos e feriados em Notre-Dame, que é a igreja mais freqüentada de Paris. Lá uns diziam: se tivéssemos meio para recomeçar encontraríamos algo de bom; e outros: se nosso vaso tivesse resistido chegaríamos a algo; alguns: se eu tivesse um vaso de cobre bem redondo e bem fechado, teria fixado o mercúrio com a prata. Não havia um que não tivesse uma justificativa razoável; mas eu estava surdo a todos esses discursos sabendo já, por minha própria experiência, quanto eu tinha sido vítima dessas espécies de promessas.

“Um Grego apresentou-se e eu trabalhei inutilmente com ele, usando pregos feitos com sulfureto de mercúrio. Conheci quase ao mesmo tempo um gentil-homem estrangeiro, recém-chegado, que vendia com freqüência aos ourives, aos quais eu o acompanhava, o fruto de suas operações. Fiquei muito tempo com ele, sem que quisesse revelar-me seu segredo; acabou fazendo-o, contudo, mas não era senão um embuste mais engenhoso do que os dos outros. Não cessei de dar notícias de tudo ao abade de Toulouse, enviando-lhe mesmo uma cópia do processo desse gentil-homem, e supondo que eu tivesse chegado enfim a algum útil conhecimento, ele exortou-me a continuar

em Paris por mais um ano pois eu havia encontrado um tão bom começo. Apesar de todos os meus esforços eu não prosperei mais naqueles três anos que lá fiquei do que havia feito antes.

“Havia gasto quase todo o meu dinheiro quando o abade me ordenou que abandonasse tudo para ir juntar-se a ele sem demora. Assim que voltei, encontrei cartas do rei de Navarra (era Henrique, pai de Jeanne d’Albret, e avô de Henrique IV). Esse príncipe, que era um curioso e grande amador da filosofia, havia escrito ao abade determinando que ele me enviasse a encontrá-lo em Pau-en-Béarn, para lhe dar a conhecer o segredo que eu conseguira do gentil-homem estrangeiro e que ele me recompensaria com três ou quatro mil escudos. Esta palavra quatro mil escudos eclodiu nas orelhas do abade que, crendo já tê-los em sua bolsa, não me deu nenhum repouso enquanto não parti para junto desse príncipe. Cheguei pois a Pau no mês de maio de 1542. Trabalhei e tive êxito, conforme o processo que eu sabia. Quando atendi ao desejo do rei, obtive recompensa que esperava ter. Apesar da boa vontade do rei em me fazer o bem, ele foi contudo desviado disso pelos senhores da corte e mesmo por aqueles que o tinham levado a me fazer vir. Mandou-me de volta com agradecimentos, dizendo-me que eu procurasse algo nos seus Estados com que me pudesse gratificar, como confiscos ou outras coisas semelhantes, e que ele me daria de boa vontade. Essa resposta, que não continha senão vãs esperanças, deu-me a oportunidade de voltar ao abade de Toulouse.

“Entretanto, eu soubera que no caminho se encontrava um religioso muito hábil na filosofia natural; fui visitá-lo, ele não pôde deixar de me lastimar, e disse-me com zelo e bondade que me aconselhava a não mais me divertir com todas essas operações particulares, pois todas eram falsas e sofisticas, e que eu devia ler af bons livros dos antigos filósofos, tanto para conhecer a verdadeira matéria como para saber exatamente a ordem que se deve ter na prática dessa ciência.

“Gostei muito desse sábio conselho, mas antes de colocá-lo em prática fui encontrar-me com o abade de Toulouse para lhe dar conta dos oitocentos escudos que juntamos em comum e lhe dar, ao mesmo tempo, a metade da recompensa que recebi do rei de Navarra. Se ele não ficou totalmente contente com tudo

o que eu lhe contei, menos ainda lhe agradou a minha resolução de não mais continuar o trabalho pois ele me acreditava um bom Artista. Dos nossos oitocentos escudos não nos restavam mais do que noventa. Deixei-o e retirei-me para minha casa pensando em ir a Paris o mais cedo possível e ali ficar até que eu me cansasse com a leitura dos Filósofos. Cheguei ali portanto no dia seguinte a todos-os-santos do ano de 1546 com fundo suficiente. Lá estudei assiduamente por um ano os grandes autores; a saber, *A Assembléia dos Filósofos*, *O bom Trevisano*, *Exortação da Natureza* e algumas outras das melhores obras. Como eu não tinha princípios não sabia a qual me apegar.

“Finalmente, saí de minha solidão, não para ver meus operadores, que a todos deixara, mas para freqüentar os verdadeiros Filósofos. Entretanto, caí ainda em maiores incertezas pela variedade de seu trabalho e de suas diferentes operações. Excitado, contudo, por uma espécie de inspiração, lancei-me à leitura de Raimundo Lulle, e do *Grande Rosário* de Arnaldo de Ville-neuve; minhas reflexões e leituras duraram ainda um ano e eu tomei um partido; mas eu esperava, para poder executá-lo em minha casa, o final dos arrendamentos que fizera de minha propriedade. Cheguei ali pois no começo da Quaresma de 1549, determinado a por em prática tudo o que resolvera. Então, após alguns preparativos, fiz provisão de tudo o que me era necessário e me pus a trabalhar no dia seguinte, a Páscoa. Isto não se deu sem inquietude e obstáculos. Ora me diziam: Mas que vai fazer? Não gastou então bastante dinheiro em todas estas loucuras? Um outro me assegurava que se eu continuasse a comprar tanto carvão traria sobre mim a suspeita de moedeiro falso, como já tinha ouvido murmurar. Quêriam, já que eu era licenciado em Direito, que eu comprasse um cargo de Judicatura: mas eu fui ainda mais atormentado por meus parentes que me recriminavam acremente a conduta, até o ponto de ameaçarem de fazer a justiça vir até minha casa para destruir todos os meus fornos.

“Deixo a vocês pensar se eu me encontrava esfalfado e aborrecido por estes tipos de conversas e contratempos; não encontrava consolação senão no meu trabalho e na minha operação que eu via prosperar dia a dia e à qual estava totalmente atento. A interrupção de todo comércio que foi ocasionada pela peste

lançou-me na maior solidão e me deu oportunidade de notar, com satisfação, o progresso e a sucessão das três cores, que os Filósofos exigem antes de se chegar à perfeição da Obra. Eu as vi, uma após outra, e fiz o experimento um ano depois, no próprio dia da Páscoa de 1550. A prata-viva comum, que pus numa retorta sobre o fogo, foi em menos de uma hora convertida em muito bom ouro. Podem imaginar qual foi minha alegria, mas me pus em guarda de me envaidecer. Agradei a Deus a graça que me havia feito e pedi-lhe que não permitisse que dela me servisse a não ser para sua glória.

“No dia seguinte eu parti para encontrar o abade, segundo a promessa mútua que nos fizemos, de nos comunicar reciprocamente nossas descobertas; passei também na casa do religioso que me ajudara com seus conselhos; mas tive o desprazer de saber que estavam mortos, tanto um quanto o outro, há já seis meses. Entretanto, não voltei à minha casa, retirei-me primeiro para um outro local para esperar um de meus parentes, que eu havia deixado cuidando de meus bens; enviei-lhe uma procuração para vender tudo o que eu possuía, tanto móveis quanto imóveis; ele pagaria com isso minhas dívidas e distribuiria o resto àqueles que necessitavam, sobretudo a pessoas da minha família, a fim de que pelo menos eles tivessem alguma parte nos grandes bens que Deus me havia feito. Todos comentaram minha retirada precipitada; os mais sábios imaginaram que, desesperado por minhas loucas despesas, eu vendia meus bens para esconder minha vergonha em algum lugar. Meu parente juntou-se a mim a 1º de julho e partimos para procurar um país de liberdade: primeiro retiramo-nos para Lausanne, na Suíça, resolvidos a passar tranqüilamente o resto de nossos dias em alguma das mais célebres cidades da Alemanha para aí viver sem fausto e sem barulho.”

Assim termina o relato por Denis Zacheiré de sua procura da Grande Obra. Em Lausanne, nosso novo Adepto apaixonou-se por uma jovem da cidade⁽¹⁾ e esposou-a antes de partir

(1) Falamos do efeito da Pedra sobre o corpo e sobre o espírito daquele que a ingere; é certo que no início as possibilidades sexuais do indivíduo devem ser exaltadas, o que explica o brusco casamento do novo Adepto. Assim também, o Cosmopolita, no século seguinte, raptará e desposará uma jovem de Munique, o que causará a sua perda.

com ela para a Alemanha, sempre acompanhado de seu parente. Foi em Colônia, em 1556, que encontrou um fim miserável, assassinado por este primo no qual depositara confiança. Este o estrangulou durante o sono e fugiu com a jovem mulher, talvez cúmplice. O acontecimento causou muito comentário na época, na Alemanha, mas foi impossível encontrar os culpados.

Nada, na vida desse filósofo da Guyenne, nos permite concluir pela realidade da transmutação metálica; certamente, a afirmação de Denis Zacheire, vindo depois do relato de seus diversos fracassos, assume um acento de verdade e um certo peso aos meus olhos. Todavia, a venda de seus bens poderia muito bem propiciar-lhe suficientes riquezas, para que pudesse levar “uma boa vida”, como se diz, em Lausanne. Quanto ao seu assassinato, não foi forçosamente provocado pelo desejo de seu primo de apropriar-se da sua provisão de Pedra filosofal; um crime passional é muito mais verossímil pois Zacheire devia ter o dobro da idade de sua jovem esposa.

Com exceção do caso pouco duvidoso de Nicolas Flamel, minha investigação permaneceria pois negativa se não aparecesse no horizonte, não um alquimista, mas um soprador, personagem extraordinária de mochila e corda que vai nos abrir horizontes insuspeitáveis.

O romance de um soprador

Edward Kelly, seu verdadeiro nome era Talbot, nasceu em 1555 em Worcester, na Inglaterra. Seus pais, que queriam fazer dele um notário, fizeram-no estudar o direito e o inglês antigo; assim logo se tornou um perito no deciframento das velhas escrituras e dos atos dos notários de outrora. A esses dons naturais juntaram-se em seguida os de copista, depois de falsário: Kelly forjava inteiramente velhos atos de propriedade que vendia bastante caro a pessoas sem escrúpulos. Foi rapidamente descoberto e passou em julgamento por falsidade e uso de falsidade: além do banimento, os magistrados da cidade o condenaram a ter as orelhas cortadas! O jovem portanto exilou-se, após ter trocado o nome de Talbot para Kelly, não desta vez por razões herméticas mas pela triste notoriedade que se ligava ao seu verdadeiro patronímico; e escondeu a amputação das orelhas trazendo, noite e dia, uma espécie de boné amarrado ao queixo, que lhe dava, asseguram seus contemporâneos, um aspecto solene, talvez hierático.

De Worcester, Edward Kelly chegou ao País de Gales onde, sem que o soubesse, a sorte o esperava num albergue isolado. Deteve-se ali por acaso e, no curso da conversação, declarou ao dono que era perito na leitura de línguas antigas, em particular do gaélico; este foi, então, buscar logo um velho manuscrito que

ninguém no país pudera decifrar. Kelly viu que se tratava de ouro e transmutação metálica. Seu interesse aceso, perguntou discretamente sobre a origem da obra. O dono do albergue contou-lhe então que, anos antes, existira bem perto dali um bispo católico que passava por muito rico; havia sido enterrado perto de sua igreja, nas proximidades. O alberguista, que era protestante, não viu nenhum pecado em violar o túmulo do prelado na esperança de encontrar ali ouro ou outras riquezas. Sua esperança desfez-se, ele não descobriu senão o manuscrito em questão acompanhado de duas pequenas bolas, sendo que uma logo se quebrou desastrosamente, deixando escapar um pó vermelho muito pesado, a outra contendo um pó branco. O alberguista trouxe a bola branca, o manuscrito e um pouco do que pôde recolher da bola vermelha, na intenção de os mostrar à sua clientela, para interessá-la. Não havia pensado um só instante que seu achado pudesse ter qualquer interesse.

Edward Kelly, supondo tratar-se dos pó de projeção, apressou-se a oferecer uma libra esterlina, soma irrisória, aliás, pelo manuscrito, a bola branca e o resto do pó vermelho que, apressou-se em dizer, o interessavam por simples curiosidade. O alberguista, muito feliz por desembaraçar-se por algum dinheiro desses objetos que nada lhe tinham custado, aceitou o negócio. Kelly se pôs então a estudar o manuscrito do bispo e percebeu logo, seus conhecimentos em química e em arte hermética sendo quase nulos, que era incapaz de compreender os termos empregados. Precisava de um conselheiro. Voltou então a Londres em segredo e escreveu a seu antigo vizinho, que Lenglet du Fresnoy depois Louis Figuier chamam o *doutor Jean Dee* sem perceber que se tratava realmente do famoso necromante, John Dee, que divertiu a crônica britânica e que ainda é célebre em nossos dias nos círculos devotados às ciências ocultas. Nessa carta, ele pediu a John Dee que viesse ao seu encontro, discretamente, para um trabalho da mais alta importância.

* * *

Abramos aqui um parêntese para precisar um pouco quem era John Dee. Este personagem nasceu em Londres em 1527 e dedicou-se aos estudos seriamente desde a mais tenra infância.

Aos quinze anos, na universidade de Cambridge, trabalhava regularmente dezoito horas por dia consagrando somente quatro horas ao sono, sendo que as duas restantes eram reservadas ao seu lazer. Uma saúde de ferro lhe permitia resistir a tal horário, e teria se tornado, seguramente, um dos primeiros sábios de seu tempo nas disciplinas tradicionais se não tivesse preferido voltar-se para o estudo da astrologia, da alquimia e da magia. Sua notoriedade, apesar de jovem, nas ciências ocultas chegou aos ouvidos das autoridades de Cambridge que o fizeram saber que sua presença não era mais desejada em seu estabelecimento. Foi, então, obrigado a retirar-se para a universidade de Louvain. Ali encontrou um certo número de pessoas que havia conhecido o famoso ocultista Henri Cornelius Agrippa, cujo *Ritual de Alta Magia* está sempre em venda nas livrarias especializadas de hoje; Cornelius Agrippa, além da magia, havia trabalhado igualmente com a Grande Obra alquímica e se não falo disso nessas páginas é porque, por sua própria confissão, ele fracassou e não pôde nunca chegar a elaborar a Pedra filosofal. Expôs isto claramente em uma de suas obras; ao contrário, pretendeu ter conseguido evocar demônios e ter colocado em prática muitas receitas mágicas. O jovem John Dee ficou absolutamente entusiasmado com tais revelações e se pôs a estudar ainda mais arduamente a ciência hermética e os rituais de magia.

Em 1551, com a idade de vinte e quatro anos, voltou à Inglaterra onde foi recebido na corte do rei Eduardo VI, a quem fez importante serviço, o que lhe valeu uma pensão de cem coroas. Numerosas lendas correm sobre a natureza do serviço oculto que ele prestou ao rei, mas nenhuma repousa em base segura. Pode-se, entretanto, pensar que se tratava de um ato de magia, pois as razões da atribuição da pensão não foram tornadas públicas. Sua boa sorte chegou ao fim no reinado da Rainha Mary. Foi acusado de ter atentado contra a vida da rainha ao ler-lhe a sorte, e na impossibilidade de provar suas asserções, foi aprisionado como herege. Escapou da fogueira conseguindo persuadir o sinistro beatão que era o arcebispo Bonneur de sua perfeita ortodoxia religiosa, e foi libertado em 1555. Seus contemporâneos conceberam disso um novo respeito por seus conhecimentos mágicos, pois nenhum outro poder po-

leria persuadir um personagem de inteligência tão curta como o arcebispo. Essa má sorte teve fim com a ascensão ao trono da rainha Elizabeth; ele voltou então aos favores da corte e foi muitas vezes consultado pela soberana. Elizabeth condescendia mesmo em ir visitá-lo na sua casa de Mortlake para admirar seu museu de curiosidades e de objetos estranhos.

Foi nesse museu que John Dee, numa noite de novembro de 1582, foi testemunha da aparição de um anjo que declarou chamar-se Uriel. Como o doutor permanecesse mudo e petrificado diante da aparição, o anjo sorriu-lhe amavelmente e lhe fez presente de uma pedra negra em forma convexa, notavelmente bem polida; declarou-lhe que essa pedra lhe permitiria conversar com seres que se encontravam em outro plano da existência, com a condição de que a fixasse intensamente; então, esses seres apareceriam na superfície da rocha e desvendariam todos os segredos do futuro. Dee reconheceu mais tarde ter feito a experiência com sucesso; a existência dessa pedra negra não tem aliás nada de lendário, pois, após a morte do necromante, ela foi recolhida pelo conde de Peterborough e acabou por chegar às mãos de Horace Walpole.

* * *

Tal era pois o homem a quem Edward Kelly deu o manuscrito alquímico encontrado no túmulo do bispo. Após um breve exame do texto, John Dee pensou que seria preciso, antes de tudo, assegurar-se da qualidade do pó transmutatório e, por isso, conduziu Kelly à casa de um ourives seu amigo. Lá, fizeram sobre o chumbo uma experiência de projeção cujo êxito superou toda a expectativa: sob os olhos fora das órbitas do ourives uma libra de metal vil transmutou-se em peso igual do ouro mais fino!

O Dr. Dee decidiu, então, associar-se a Edward Kelly e convidou-o a vir morar em sua casa. Revelou-lhe a aparição do anjo Uriel e prometeu-lhe participação numa sessão quando evocaria, graças à sua pedra negra, seres de outro plano. Essa sessão se deu no dia 2 de dezembro seguinte e mostrou que Kelly era um "medium" melhor ainda que John Dee, porque

os espíritos conversaram unicamente com ele, enquanto o doutor tomava nota de tudo o que o novo amigo lhe repetia. O relato desta estranha conversação existe ainda num manuscrito do Museu Britânico; infelizmente o sentido do texto é totalmente ininteligível. No entanto, estreitaram-se os liames que uniam doravante os dois homens pois Edward Kelly logo se tornou indispensável ao Dr. Dee como traço-de-união entre ele e as potências do outro lado.

Nesse meio tempo, um nobre polonês, Albert Laski, conde palatino de Siradz, fez uma visita à corte da rainha Elizabeth. Esta ordenou ao seu favorito, o conde de Leicester, que levasse o rico estrangeiro a passear por toda Londres. O conde Laski havia ouvido falar da reputação de alquimista do Dr. Dee e acreditava que ele possuísse o segredo da transmutação. Com efeito, após seu encontro com Kelly, John Dee se dizia de posse do elixir da longa vida, que pretendia ter descoberto no túmulo de um bispo. Ora, a vida faustosa do conde Laski era tal que sua fortuna — apesar de prodigiosa — não bastava para suas extravagâncias. Ele pediu pois a Leicester que lhe arranjasse um encontro com o célebre ocultista: isso ocorreu mais cedo do que o previsto, os três homens se encontraram logo na antecâmara da rainha, no palácio real. Dee convidou logo o nobre estrangeiro a fazer-lhe uma visita em sua residência em Mortlake. Com efeito, ele não tinha recursos para receber dignamente seu convidado, e precisou apelar para a generosidade de Elizabeth que lhe enviou vinte libras por intermédio de Leicester.

Parece certo aqui que John Dee, homem habitualmente honesto, se deixou levar por seu acólito Edward Kelly a enganar Albert Laski a fim de que este lhes servisse de mecenas para suas pesquisas alquímicas, que não estavam muito adiantadas. Iniciaram contando suas entrevistas com o anjo Uriel ao Polonês, recusando-se sempre a fazê-lo assistir a uma evocação, sob o pretexto de que um estranho impediria a manifestação angelical. Fizeram-no, assim, esperar por várias semanas, excitando seu desejo de penetrar no mundo oculto, ao mesmo tempo em que o faziam dependente cada vez mais. Afinal, a 25 de maio de 1583, uma sessão foi feita cujo relato chegou até nós sem que seja possível distinguir se uma aparição mágica se deu

realmente, ou se Dee e Kelly utilizaram algum artifício óptico ou hipnótico. O certo é que Laski se declarou estupefato e encantado com a visão e depositou doravante uma fé indefectível nos poderes mágicos de John Dee. Entre outras profecias obtidas com esse método, o polonês soube que se tornaria o feliz possuidor da Pedra filosofal, que cingiria a coroa polonesa e que, finalmente, chegaria à imortalidade! Um detalhe, entretanto, era necessário para que tais profecias se realizassem: que levasse os dois ingleses com ele para que pudessem trabalhar em suas investigações herméticas. Claro que Laski, entusiasmado, aceitou essa mínima condição, e o trio partiu logo para a Polônia.

Assim, após quatro meses de viagem, chegaram ao castelo de Albert Laski nos arredores de Cracóvia. Dee e Kelly haviam levado suas esposas e suas crianças decididos a não voltar à Grã-Bretanha tão cedo. Uma vez instalados, Laski montou-lhes um laboratório perfeitamente equipado e eles se puseram a trabalhar. Evidentemente, nenhum resultado tangível foi obtido, senão precipitar a ruína do nobre polonês que teve de endividarse cada vez mais para satisfazer as necessidades de seus dois sopradores. Finalmente, Laski percebeu seu erro e, não querendo brigar com seus hóspedes e assim reconhecer sua loucura, aconselhou-os a continuar seus trabalhos em Praga junto ao imperador Rodolfo, para quem ele lhes forneceu cartas de apresentação.

Vendo que nada mais podiam tirar do Polonês, os dois amigos aceitaram imediatamente a sugestão e se encontraram em 1585 em Praga, capital da Boêmia. Até então o Dr. Dee não havia querido utilizar o resto do pó de projeção encontrado no túmulo do bispo pois se sabia incapaz de renovar a provisão. Mas em Praga não podia contar com a liberalidade de um príncipe, como contara em Londres ou em Cracóvia, e era preciso que justificasse sua reputação; além disso, Dee estava pouco a pouco caindo nas malhas de Kelly. Este era doravante o único honrado com as visitas de Uriel; a “pedido do anjo” — via Kelly — o doutor teve mesmo que aceitar trocar sua mulher com a do sócio, que era, é preciso dizer, muito menos bela. . .

Foi então que Edward Kelly começou a fazer uma série de transmutações que espantaram a cidade inteira. Logo tornou-se a coqueluche da alta sociedade que o convidava para recepções organizadas em sua honra onde fazia projeções às claras diante de toda gente, distribuindo, a seguir, às pessoas presentes o ouro ou a prata assim obtidos. Chegou mesmo a efetuar uma transmutação na casa do médico imperial Thadeu de Hayek. Lá, com uma só grama de seu transmutatório, mudou uma libra de mercúrio em ouro puro. Citarei aqui Louis Figuier que diz: "Não se pode absolutamente por em dúvida essa história, contada por escritores sérios e corroborada por importantes testemunhas, como a do médico Nicolas Barnaud que vivia então na casa de Hayek e que fez ele mesmo ouro com o auxílio de Kelly. Um pedaço do metal proveniente dessa experiência foi conservado pelos herdeiros do médico Hayek que o mostravam a quem quisesse vê-lo".

Edward Kelly foi então convidado para a corte do imperador Maximiliano II da Alemanha que gostava muito das proezas herméticas, principalmente daquelas que podiam trazer-lhe ouro. Kelly fez uma projeção pública que se revelou um grande sucesso a ponto de o imperador conferir-lhe o título de Marechal da Boêmia. Essa sorte súbita virou a cabeça do soprador e ele esqueceu os sábios conselhos de John Dee, que sempre lhe recomendava jamais pretender ser um Adepto, pois era incapaz de refazer o pó transmutatório. Kelly agiu ao contrário, como se sua reserva do pó fosse interminável, sendo pródigo em transmutações públicas e afirmando a quem quisesse ouvi-lo que ele era perfeitamente capaz de renovar sua provisão do pó pois era um dos grandes mestres da Arte hermética.

Essa fanfarronice precipitou sua perdição. Ciumentos da fortuna tão rápida desse plebeu, os cortesãos não cessavam de dizer ao rei que devia obrigar Kelly a revelar seu segredo para reencher o tesouro público. Logo ele mandou prender o soprador e intimou-o a fabricar muitas libras de pó. O infeliz Kelly não pôde, evidentemente, senão recusar-se e foi, logo, encerrado no castelo de Zobeslau.

Um recurso restava a Kelly; o Dr. Dee prometeu ao imperador trabalhar com Kelly na fabricação do pó que ele pedira.

Os dois amigos foram levados à Praga e aprisionados num laboratório. Infelizmente, revelaram-se incapazes de elaborar a menor Pedra filosofal. Conta-se que evocaram primeiro o anjo Uriel, depois demônios, dos quais solicitaram ajuda. Mas nem o anjo nem as criaturas infernais pareciam saber da arte de Hermes. Assim, a situação agravava-se dia a dia. Kelly, que estava transtornado de ódio, acabou por matar um dos guardas destacados para vigiá-lo, o que provocou seu internamento no castelo de Zerner.

Nos primeiros tempos, Kelly ocupou os seus lazeres forçados em escrever um tratado de alquimia, *A Pedra dos sábios*, que enviou ao imperador prometendo-lhe, afinal, desvendar seu segredo se ele lhe desse a liberdade. Essa promessa não fez nenhum efeito em Maximiliano II, já instruído pelos precedentes. Kelly sugeriu então ao Dr. Dee retornar à Inglaterra para tentar interessar a rainha Elizabeth, em seu destino, o que seu amigo fez. Parece que a rainha intercedeu em favor de seu súdito, mas lhe teria sido respondido que ele estava preso por crime de direito comum e não podia pois ser-lhe restituído. Ainda isto não é certo.

Não restava pois outra solução a Kelly, senão a fuga. Tentou-a, rasgando as cobertas de sua cama, tentando fazer-se deslizar ao longo das paredes do castelo. Era um homem bastante corpulento e os panos se romperam, de maneira que se precipitou ao solo, quebrando duas costelas e as duas pernas. Morreu em consequência de seus ferimentos no ano de 1597. O Dr. Dee foi bem recebido pela rainha Elizabeth mas uma surpresa menos agradável o esperava em sua casa. A multidão que o tinha por feiticeiro e necromante havia posto fogo em sua livraria, queimando quatro mil volumes raros e destruindo todo seu laboratório. Obteve uma pequena pensão e passou miseravelmente o fim de sua vida em sua casa de Mortlake, onde morreu com a idade de oitenta e um anos, em 1608.

* * *

Eis-nos pois em presença de um caso particularmente interessante: o de um homem que, não sendo Adepto, foi capaz

de realizar transmutações metálicas numerosas e em público a partir do que parece ser uma provisão do pó de projeção. Que podia ser, com efeito, essa substância descoberta no túmulo de um bispo católico? Seguramente, aplicando estritamente os preceitos do racionalismo do século XIX, Louis Figuier não admite que se trate da Pedra dos Sábios. Ele nos diz: “Era, inteiramente, uma rica provisão da Pedra filosofal ou, para falar de maneira mais conforme aos fatos, um composto aurífero no qual o ouro, dissimulado por uma combinação química, permitia reproduzir todos os prodígios atribuídos a esse arcano famoso”. Isto é, certamente, um absurdo. Um composto aurífero poderia, por certo, estar oculto no seio desse pó, mas nesse caso não poderia dar mais ouro além do que nele se continha inicialmente. Melhor dizendo, não poderia ser utilizado para transmutar uma quantidade maior de outro metal em ouro. Essa observação é essencial, pois todas as objeções de Louis Figuier tendendo a mostrar que as experiências de transmutação não foram possíveis senão graças à presença de uma certa quantidade de ouro nos pós de projeção, são impossibilidades do ponto de vista químico. Se acrescentarmos a uma libra de mercúrio um grão de Pedra filosofal contendo, por exemplo, uma grama de ouro, encontraremos, ao final da experiência, nada mais nada menos que uma grama de ouro na libra de mercúrio e em nenhum caso uma quantidade superior. Ora, no caso de Kelly, como de muitos outros que iremos lembrar, é a totalidade da substância que se transmutava em ouro, conseqüentemente a explicação “científica” do século passado é inaceitável.

Além disso, os relatos das transmutações efetuadas por Kelly são realmente numerosos, e se encontra no livro de Figuier toda uma lista das obras em latim, das quais não julguei indispensável engrossar este texto, que relatam estas mesmas experiências públicas. Muito particularmente, aquela que se realizou na casa do médico imperial me parece bastante convincente. Entretanto, não devemos esquecer que Edward Kelly era um falsário e, para dizer tudo, um velhaco. Por conseguinte, não é absolutamente impossível que, por algum meio, ele pôde fazer com que acreditassem que ele havia, realmente, feito transmutação de metais, o que realmente não fez. Vejo duas pos-

sibilidades: o soprador pode ter produzido bronzes dourados que poderiam ter passado, na época, por ouro, pois os métodos de análise eram bem menos precisos que os de hoje; ou poderia tratar-se, simplesmente, de jogos de escamoteações, como o fazem os prestidigitadores, esse último processo tornando-se, evidentemente, muito caro⁽¹⁾. Não me considero pois totalmente convencido pelas atividades desse soprador, porém, após o estudo das riquezas de Nicolas Flamel, é este o segundo ponto positivo de minha investigação, apesar de não determinante.

(1) É preciso, no momento da introdução do chumbo na retorta, substituí-lo pelo ouro verdadeiro. Um tal processo é concebível mas ruinoso, desde que se reproduz com frequência a experiência, pois o ouro "obtido" era distribuído entre os assistentes.



Todas as coisas nascem de três elementos — uma das lições de Alquimia que a Ciência Moderna está descobrindo.

O Cosmopolita

Acreditava-se ainda, no começo deste século, que o Adepto conhecido sob o nome de Cosmopolita e autor do notável tratado *A Nova Luz Química* fosse Michel Sendivogius. Entretanto, após o estudo que o abade Lenglet du Fresnoy lhe consagrou em 1742 deveríamos saber que se tratava de um escocês, provavelmente chamado Alexandre Sethon que, à sua morte, legou um pouco de seu pó de projeção a esse mesmo Sendivogius. Este adotou o nome célebre de Cosmopolita, e passou por Adepto apesar de não ser mais que um feliz soprador. Mas, estudaremos tudo o que diz respeito a esse segundo personagem na segunda parte desse capítulo. Vejamos agora quem foi Sethon.

Com efeito, não se sabe muita coisa, ignorando-se mesmo a data e lugar de seu nascimento. Somente a nacionalidade é conhecida. Eis o que diz Lenglet du Fresnoy: "Jacques Hauffen, piloto holandês, tendo naufragado no mar da Alemanha, foi lançado até as costas da Escócia. Foi recolhido com humanidade por Alexandre Sethon que tinha uma casa e algumas terras naquele local; fez tudo o que pôde a Hauffen e colocou-o em estado de regressar à sua pátria. Pouco tempo depois, isto em 1602, Sethon teve desejo de viajar e passou à Holanda; chegou a Enkhuisen onde Jacques Hauffen o recebeu com amizade e reconhecimento. Os verdadeiros holandeses são muito suscep-

tíveis dessas duas virtudes. O filósofo escocês tinha vontade, para sua infelicidade, de passar à Alemanha. Antes de ir até lá quis demonstrar a Jacques Hauffen seus conhecimentos em ciência hermética; fez pois diante dele a transmutação de um metal imperfeito em ouro. Esse prodígio afetou Hauffen que não se pôde impedir de contá-lo ao médico desta cidade; este era Van der Linden, avô de Jean-Antoine Van der Linden, do qual temos a *Biblioteca dos escritores de medicina*. George Morhoff confessa que ele mesmo viu uma porção de ouro nas mãos de Jean-Antoine Van der Linden, neto do médico de Enkhuisen, que tivera o cuidado de gravar nesse ouro que a transmutação se dera a 13 de março de 1602, às quatro horas da tarde”.

Precisemos que Georges Morhoff foi um médico extremamente célebre e que fez um estudo sobre as transmutações metálicas, estudo utilizado por todos os historiadores da alquimia desde então: *Epístola ad Lenzelottum de metaliorum transmutatione*.

As próprias pesquisas de Figuier não lhe permitiram levar mais adiante o conhecimento histórico desse personagem. Eis o que nos diz: “Quem quer que seja, esse homem, cuja vida anterior permaneceu desconhecida, e cuja história começa com o século XVII, é um alquimista que nos parece bem formado e, como logo veremos, um mestre de sua arte, qualquer que seja a forma como ele a aprendeu. Uma outra qualidade que podemos observar nele, é a do desinteresse. Se, em todos os lugares onde o chamam as necessidades de sua propaganda hermética, ele justifica sua missão por sucessos que poderiam, com todo o direito, passar por milagres; se ele faz ouro e prata a um simples pedido, não é para reunir riquezas, mas para oferecê-los àqueles que duvidam e convencer assim aos incrédulos. Tal é aliás o caráter singular que nos apresenta a maioria dos Adeptos nessa época. A alquimia parece doravante aos seus olhos uma ciência constituída, que não se trata mais de recomendar, à cupidez do vulgo, mas à admiração esclarecida de homens de elite e de sábios. Eles vão de cidade em cidade, pregando essa ciência como se prega uma religião, isto é, nada negligenciando para demonstrar a sua verdade, eles abstém-se de profa-

nar-lhe os mistérios. Em uma palavra, é uma espécie de apostolado que esses adeptos cumprem em meio a um século de críticas e luzes, apostolado sempre difícil, com frequência perigoso, e no qual Alexandre Sethon deveria encontrar o martírio”.

Citei este bem longo extrato pois ele contém algumas idéias importantes sobre a alquimia do século XVII. Ela se apresenta, efetivamente, sob um aspecto totalmente novo com relação ao que já pudemos ver nos períodos precedentes. O Adepto, agora, quer se tratasse do Cosmopolita, de Philalèthe ou de Lascaris, deixa de ser um pesquisador isolado e aplicado tão-somente à realização da Obra por si mesma, ele transforma-se numa espécie de representante da Arte hermética em benefício dos sábios da época. Por que os Adeptos do século XVII e começo do XVIII agiriam assim, não o sei. Em todo caso, eles se entregaram a uma espécie de proselitismo constante que, em geral, se voltou contra eles mesmos e causou sua perda.

Mas voltemos a Sethon que, após ter deixado seu amigo Hauffen, chegou a Amsterdam e dali à Alemanha através da Suíça onde travou conhecimento com um professor de Friburgo, Wolfgang Dienheim, adversário acirrado da alquimia. Este último nos deixou um espantoso relato de uma projeção que o Cosmopolita fez em Bâle diante dele e de numerosos sábios da cidade: “Em 1602, na metade do verão, eu voltava de Roma para a Alemanha, encontrei-me com um homem singularmente espiritual, de pequeno talhe, mas bastante gordo, com um rosto colorido, de temperamento sanguíneo, portando uma barba escura aparada ao modo francês. Estava vestido com um hábito de cetim negro e era acompanhado de um único criado que se podia distinguir entre todos pelos cabelos ruivos e barba da mesma cor. Esse homem chamava-se Alexandre Sethonius. Era nativo de Molia, numa ilha do oceano. Em Zurique, onde o padre Tghlin lhe dera uma carta para o Dr. Zwinger, alugamos um barco e fomos até a ilha de Bâle. Quando chegamos a essa cidade, meu companheiro me disse: “Lembre-se que, em toda a viagem e no barco, você atacou a alquimia e os alquimistas. Lembre-se, também, que eu lhe prometi responder, não por demonstrações, mas por uma ação filosófica. Espero ainda alguém que eu quero convencer ao mesmo tempo que a você,

a fim de que os adversários da alquímia cessem suas dúvidas sobre esta Arte”.

“Fomos, então, procurar o personagem em questão, que eu conhecia só de vista, e que não morava longe de nosso hotel. Soube mais tarde tratar-se do dr. Jacob Zwinger, cuja família deu tantos naturalistas célebres. Encontramo-nos, os três, em casa de um trabalhador em minas de ouro, com muitas placas de chumbo que Zwinger havia trazido de sua casa, um recipiente de vidro que emprestamos de um ourives, e enxofre ordinário que compramos no caminho. Sethon não tocou em nada. Fez um fogo, ordenou que se colocasse o chumbo e o enxofre no recipiente, que fosse fechado e agitada a massa com varetas. Durante esse tempo conversava conosco. Ao cabo de um quarto de hora ele nos disse: “Lança este pequeno papel no chumbo fundido, mas bem no centro, e cuida que nada caia no fogo...” Nesse papel havia um pó bastante pesado, de uma cor que parecia amarelo limão; no entanto, era preciso bons olhos para distingui-lo. Tão incrédulos como o próprio São Tomé fizemos tudo o que ele mandou. Após a massa ter sido aquecida por um quarto de hora ainda e continuamente agitada com varas de ferro, o ourives recebeu ordem de apagar o fogo do cadinho espalhando água por baixo dele; mas não havia ali o mínimo vestígio de chumbo; encontramos o ouro mais puro e que, segundo a opinião do ourives, suplantava mesmo em qualidade ao belo ouro da Hungria ou da Arábia. Pesava tanto quanto o chumbo do qual havia tomado o lugar. Ficamos estupefatos; era difícil crer no que víamos. Mas Sethonius, zombando de nós: “Agora, disse, onde ficam com seus pedantismos? Viram a verdade do fato e ela é mais poderosa do que tudo, mesmo do que seus sofismas”. Então fez com que fosse cortado um pedaço do ouro e deu de lembrança a Zwinger. Eu guardei também um pedaço que pesava mais ou menos quatro ducados e que conservei em memória desse dia.

“Quanto a vós, incrédulos, zombam talvez do que escrevo. Mas eu vivo ainda e sou testemunha sempre pronta a dizer o que vi. E Zwinger vive igualmente, não se calará e será testemunha do que afirmo. Shetonius e seu empregado vivem ainda,

este último na Inglaterra e o primeiro na Alemanha⁽¹⁾, como se sabe. Poderia mesmo dizer o lugar preciso onde moram, se não houvesse muita indiscrição nas pesquisas às quais seria preciso entregar-se para saber o que aconteceu a esse grande homem, a esse santo, esse semideus". (*De Minerali medicina*, 1610, citado por Figuier à página 258.)

Precisemos agora quem era este Jacob Zwinger, segunda testemunha dessa espantosa demonstração. Tratava-se de um médico e professor de Bâle que deixou um nome muito célebre na história da medicina alemã. Era, verdadeiramente, o tipo mesmo de uma testemunha irrepreensível e, portanto, digna de confiança. Notemos, além disso, que ele confirmou totalmente e sem a menor reticência, o relato de Wolfgang Dienheim numa carta que um professor de Bâle, Emmanuel König, publicou nas *Efemérides*. Essa carta precisa igualmente que o Cosmopolita, antes de deixar a cidade, fez outra projeção na casa do ourives André Bletz onde transmutou, diante de testemunhas, algumas onças de chumbo em ouro. Aqui, por outro lado, nenhum embuste era de temer-se, como no caso de Edward Kelly. Com efeito, o chumbo foi levado por um dos participantes, o cadinho fornecido pelo ourives e Sethon não tocou em nada pessoalmente. É evidente que nessas condições de experiência nenhuma trapaça é possível. O que me força a admitir que estamos em presença do primeiro caso de transmutação metálica, historicamente provada. Bem entendido, um único caso não é suficiente para demonstrar a realidade geral do fenômeno de transmutação.

O erudito alemão Karl Christoph Schmiëder, em seu capítulo consagrado ao Cosmopolita em sua obra *Geschichte der Alchemie* permitirá seguir o adepto até Estrasburgo, na loja do ourives alemão Gustenhover. O Cosmopolita apresentou-se em casa desse último durante o verão de 1603. Desejava utilizar os fornos e os recipientes do artesão para um certo trabalho. Gustenhover consentiu e recebeu, à partida do Adepto, um pouco do pó vermelho em agradecimento.

(1) Este texto foi escrito em 1610, ou seja, após a morte de Sethon, mas sabe-se que Sendivogius tomou então seu sobrenome de Cosmopolita, o que explica o desprezo do padre Dienheim.

O ourives reuniu imediatamente alguns vizinhos e amigos para fazer uma experiência com o pó de projeção que lhe tinha sido presenteado. O efeito do processo foi concluído e uma libra de chumbo se transmutou em ouro. Foi aí que o infeliz Gustenhover teve a vaidade de se fazer passar por Adepto e pretendeu ter, ele mesmo, elaborado a Pedra filosofal: afinal, não estava entre amigos? Mas, como diz Schmieder, cada amigo tinha um vizinho e cada vizinho um amigo. Logo toda a cidade ficou ao corrente do fato: “O ourives Gustenhover fazia ouro!”

O Conselho de Estrasburgo, sabendo disso, enviou três deputados para pedir explicações ao ourives sobre os fatos notáveis que lhe eram atribuídos. Este deu a cada um, um pouco do pó vermelho e fez com que fizessem uma projeção imediatamente. Um deles, Glaser, Conselheiro de Estrasburgo foi, em seguida, a Paris e mostrou o pedaço desse ouro hermético ao dr. Jacob Heilman que deixou um relato do acontecimento.

O renome de Gustenhover aumentou incomparavelmente após essa tripla projeção coroada de êxito e isto chegou mesmo até Praga, aos ouvidos do imperador Rodolfo II que — como sabemos — se interessava pela arte hermética. Esse príncipe enviou logo alguns comissários ao pretense Adepto ordenando que se apossassem de sua pessoa. Diante do imperador, o infeliz Gustenhover amedrontou-se e teve de confessar que não havia, ele mesmo, preparado o pó miraculoso, e que ignorava qual o processo para fazê-lo. Mas Rodolfo II não viu nisso senão uma recusa e ordenou sua prisão até que se mostrasse mais compreensivo. Na esperança de salvar-se, Gustenhover ofereceu o resto de seu pó ao imperador que fez uma projeção com sucesso mas, longe de satisfazê-lo, essa feliz experiência apenas avivou sua cupidez e exigiu que o ourives renovasse essa provisão, imediatamente. Completamente fora de si, Gustenhover fugiu mas logo foi interceptado pela polícia imperial e fechado na Torre Branca, em Praga, onde ficou prisioneiro até o fim de seus dias.

Entretanto, o Cosmopolita estava na Alemanha onde teve o cuidado de conservar o anonimato utilizando diversos nomes. Ficou alguns dias em Francfort-sur-le-Main, onde se ligou a um

comerciante chamado Coch, que escreveu, a seguir, ao historiador Théobald de Hogeland contando como teve ocasião de assistir a uma projeção do Cosmopolita e guardar dela uma prova efetiva.

“Em Offenbach (bairro de Frankfurt) mora há algum tempo um Adepto que, sob o nome de um conde francês, comprou em minha casa muitas coisas. Antes de sua partida de Frankfurt, quis ensinar-me a Arte da transmutação dos metais; não pôs a mão na Obra e deixou-me fazer tudo. Deu-me um pó de um cinza-avermelhado, que pesava pouco mais de três grãos. Lancei-o no meio de duas meias onças de prata-viva colocadas numa retorta. Enchi, a seguir, o recipiente de potássio até quase a metade e o esquentamos lentamente. Depois disso, enchi o forno com carvão até a altura do recipiente de maneira que ele era envolvido inteiro num fogo muito forte, que durou mais ou menos meia hora. Quando o recipiente estava todo vermelho ele ordenou que eu lançasse ali um pouco de cera amarela. Após alguns instantes eu peguei o recipiente e quebrei-o. Encontrei no fundo um pequeno pedaço de ouro que pesava cinqüenta e quatro onças e três grãos. Foi fundido em minha presença e submetido à copelação retirando-se dele vinte e três quilates, quinze grãos de ouro, e seis de prata, todos os dois de cor muito brilhante. Com uma parte do ouro fiz um botão para camisa. Parec-me que o mercúrio não é necessário nessa operação.” (Th. de Hogeland, *Historiae aliquot transmutationis metallicae*).

Após Frankfurt, o Cosmopolita partiu para Colônia onde se estabeleceu por algum tempo. Essa cidade era bastante célebre do ponto de vista alquímico, pelas lembranças de Alberto o Grande, depois de Denis Zachaire que ali haviam vivido. Indagou, discretamente, sobre as pessoas qualificadas que se interessavam pela alquimia a fim de encontrar um teto onde se abrigar e também para obter informações sobre os espíritos dignos de serem beneficiados com uma demonstração da Arte hermética. Finalmente, instalou-se em casa de um destilador, Anton Bordemann, que se interessava pela alquimia. Mas Alexandre Sethon logo iria perceber que sua arte preferida era pouco considerada na velha cidade de Colônia. Tanto os sábios

como os médicos e mesmo o povo tinham a ciência hermética como desprovida de valor e digna do riso geral. O Cosmopolita soube que a mais alta autoridade científica da cidade era o cirurgião Meister George, adversário declarado da alquimia. Tentar abordá-lo não produziria nenhum efeito pois a reputação de Sethon ainda não chegara até ele, e tentar uma projeção com o pó do Cosmopolita, isto ele não aceitaria. Sethon decidiu utilizar um meio indireto a fim de, de qualquer maneira, adquirir alguma publicidade. Em 5 de agosto de 1603 apresentou-se em casa de um boticário querendo comprar lápis-lazúli. Acabou por não encontrar nenhuma pedra de seu gosto e o vendedor prometeu-lhe as mais belas para o dia seguinte. Enquanto estivera olhando as pedras iniciara uma conversa sobre a arte hermética com um eclesiástico e um outro boticário que se encontravam na loja. Todos se riam da alquimia e da loucura dos seus Adeptos. Quando o Cosmopolita, sem revelar sua própria qualidade, afirmou que tinha conhecimento de verdadeiras transmutações que realmente haviam sido feitas, e que não se podia pô-las em dúvida, precisou partir sob risos gerais.

Voltando à botica no dia seguinte, comprou alguns lápis-lazúli entre os que o boticário lhe apresentou e pediu-lhe, após, um vidro de antimônio. Fingiu, então, ter alguma dúvida sobre a qualidade daquele que lhe era apresentado e exigiu que se submetesse o antimônio à prova de um fogo violento. O boticário consentiu nisso de boa-vontade e fez conduzir o Cosmopolita, por seu filho, para a casa de um ourives vizinho, Jean Lohndorf. O ourives colocou então o vidro de antimônio num crisol sob o qual acendeu o fogo. Entretanto, o Cosmopolita havia tirado de um de seus bolsos um pequeno vidro contendo um pó avermelhado do qual retirou uma pitada e deu ao ourives para que ele a lançasse no antimônio fundido, após ter embrulhado essa pequena pitada de pó num papel. O ourives pareceu surpreendido com essa extravagância, mas, erguendo os ombros, fez o que fora pedido. Qual não foi seu espanto quando retirou do fundo do crisol uma pequena massa de ouro em lugar do antimônio. Além do ourives, o filho do boticário, dois operários da oficina, e um vizinho, que estava por acaso ali, assistiram à

operação: todos ficaram estarecidos, muito mais porque o visitante não tocara em nada. Entretanto, a reputação da alquimia era tão má nessa cidade que o ourives Jean Lohndorf recusou admitir o testemunho de seus sentidos e, para se declarar convencido, exigiu que seu hóspede fizesse nova transmutação imediatamente. O Cosmopolita consentiu nisso de boa-vontade nas condições que lhe foram impostas pelo ourives. Este escolheu, dessa vez, o chumbo ao invés do antimônio. Além disso, sem ser visto pelo Adepto, introduziu um pedaço de zinco no crisol, sob o chumbo, pois acreditava que os alquimistas não podiam transmutar senão o mercúrio, o chumbo e o antimônio, e que o zinco faria fracassar essa operação. A mistura chumbo-zinco foi contudo fundida, depois o Cosmopolita deu ao ourives uma nova pitada de pó vermelho que foi novamente embrulhada num papel antes de ser lançada no metal em fusão. Uma vez o crisol frio, Jean Lohndorf foi obrigado a constatar que a massa metálica estava perfeitamente transmudada em ouro.

Esse feito maravilhoso foi logo conhecido por toda a cidade, e Anton Bordemann, em casa de quem se alojava o Adepto, tornou-se célebre de um dia para outro. Mas isto não foi suficiente para que o cirurgião Meister George aceitasse assistir a uma demonstração de Alexandre Sethon. Este então pediu para encontrarem-se para falarem sobre cirurgia e anatomia. No curso da conversa, onde aliás ele exibiu muito conhecimento de ciência médica, o Cosmopolita vangloriou-se de conhecer um meio de mortificar a carne selvagem sem arrancar os nervos. O cirurgião, surpreso, quis assistir a uma tal operação. “Nada mais simples, respondeu-lhe o Adepto. Dê-me somente chumbo, enxofre e um crisol”. Pediu, igualmente, um forno munido de fole. Os servidores do cirurgião trouxeram rapidamente os objetos pedidos, salvo o forno. Decidiu-se, dessa forma, fazer a experiência num ourives vizinho, Mestre Hans de Kempen.

Na ausência do ourives, seu filho recebeu no laboratório do pai o pequeno grupo composto de Meister George e seus servidores trazendo os ingredientes e que acompanhavam o estrangeiro. Enquanto que um dos serviçais do cirurgião colocava o enxofre e o chumbo no crisol, o Cosmopolita conversava com

quatro ourives que trabalhavam com ferro. Propôs a eles trocar esse ferro por aço. Os ourives, espantados, deram-lhe um outro crisol, mas o Adepto recusou-se a operar ele mesmo e indicou como proceder. Nesse momento duas operações se efetivavam: uma iniciada pelos servidores de Meister George sob sua direção; a outra pelos operários do ourives, sob a vigilância do filho deste. O Cosmopolita, ele mesmo, ficou de lado, sem tocar em nada. Quando as substâncias contidas nos dois recipientes chegaram ao ponto de fusão, o Cosmopolita tomou um pouco de seu pó vermelho em sua caixa e, após envolvê-lo em cera fez duas bolinhas, uma deu ao cirurgião e a outra ao filho do ourives, pedindo-lhes que as lançassem nos recipientes. Logo um dos servidores de Meister George pôs-se a gritar: "O chumbo transformou-se em ouro!" e ao mesmo tempo um operário: "Não é aço, é ouro!" As duas massas de ouro foram logo cortadas para ver se os metais vis empregados no início tinham realmente se transmutado: era o caso. A mulher do ourives, chamada por seu filho, e que auxiliava o marido em suas experiências com metais preciosos, submeteu os dois lingotes de ouro às provas habituais. Constatou que eram de alto quilate e ofereceu-se para comprá-los. O Cosmopolita, vendo que uma confusão estava-se formando, fez sinal a Meister George que era melhor retirar-se. Este, desconcertado, seguiu o Adepto à rua e lhe disse:

— Então, era isto o que queria me mostrar?

— Sem dúvida, disse o Cosmopolita. Soube pelo meu hospedeiro que o senhor era um inimigo declarado da alquimia, e quis convencê-lo por uma prova sem réplica. Foi assim que procedi em Roterdã, Amsterdam, Francfurt, Estrasburgo e Bâle.

— Mas, care senhor, acho-o muito imprudente em agir de maneira assim tão às claras. Se alguns príncipes ouvirem falar de suas operações, mandarão procurá-lo para prendê-lo até que saibam seu segredo.

— Não ignoro isso, disse Sethon. Mas Colônia, onde estamos, é uma cidade livre onde não tenho nada a temer dos soberanos. Aliás, se acontecesse que algum príncipe se apossasse de mim, sofreria mil mortes mas nada lhe revelaria.

O Cosmopolita ficou um instante silencioso antes de continuar:

— Que me peçam provas de minha Arte, eu as darei a quem as desejar. E se querem que eu fabrique massas de ouro, ainda aí consentirei; farei à vontade cinquenta ou sessenta mil ducados.

A partir desse dia, Meister George ficou convencido da realidade das transmutações metálicas. E alguns de seus amigos, tendo-lhe dito que devera ter sido enganado por um charlatão hábil, ele fez essa declaração: “O que eu vi, eu o vi muito bem. O que os operários de Mestre de Kempen fizeram eles mesmos em presença de testemunhas não é nenhum sonho. O Ouro, do qual podem ainda mostrar uma parte, não é quimera. Acreditarei em tudo o que meus olhos virem antes do que em suas zombarias”.

Antes de deixar Colônia, o Cosmopolita fez ainda uma projeção pública em presença de seu amigo Anton Bordemann. Este, constatando que ele ora utilizava enxofre ora mercúrio, perguntou-lhe por que. O filósofo respondeu: “Uso isto para mostrar aos profanos que todos os metais, quaisquer que sejam, podem tornar-se nobres. Mas nunca se esqueça, meu amigo, que me é interdito revelar as coisas importantes do trabalho”. (Th. de Hogelande, *Historiae aliquot transmutationis metallicae*, traduzido por L. Figuier).

Alexandre Sethon foi em seguida a Hamburgo onde fez, igualmente, algumas projeções felizes como no-las conta o erudito George Morhoff que já citamos. De lá, ganhou Munique onde, feito inabitual, não se entregou a nenhuma atividade alquímica. Com efeito, encontrou nessa cidade uma jovem da qual se apaixonou⁽¹⁾. Seu pai, gordo burguês do país, tendo-lhe recusado sua mão, ele decidiu raptá-la, o que fez. Uma vez fora do alcance das perseguições da família da moça, que era, a bem dizer, muito bonita, ele esposou-a e retomou suas peregrinações em sua companhia. No outono de 1603 encontrava-se em Crossen, onde vivia então o duque de Saxe. Este, tendo ouvido falar das proezas do Cosmopolita, convidou-o a fazer

(1) Ver a nota da página 108.

uma projeção em sua corte. Sethon — aparentemente preocupado unicamente com sua esposa — enviou seu doméstico para fazer a projeção em casa do duque. A transmutação teve lugar diante de toda a corte e foi coroada de êxito; o historiador Guldenfalk relata que o ouro obtido resistiu a todas as provas e mostrou-se do mais alto quilate. O servidor do Cosmopolita, Hamilton, que o havia acompanhado em todas as suas andanças pela Europa, decidiu, então, separar-se dele e voltar à Inglaterra. Talvez não se entendesse com a jovem esposa de Alexandre Sethon ou, ainda, sentisse que a posição de seu mestre começava a ficar perigosa pois, todo absorvido por seu amor, esquecia de proteger-se eficazmente contra a cupidez dos príncipes.

Foi exatamente o que aconteceu ao infeliz Adepto. O eleitor de Saxe, Christian II, era um jovem cruel e ávido. Havia considerado, até então, que as investigações dos alquimistas eram pura loucura e que não convinha desperdiçar sua atenção com isso. Mas, a projeção efetuada sob seus olhos pelo servidor do Cosmopolita mudara, completamente, seu sentimento. Convidou Sethon à corte e fingiu ser-lhe favorável; o filósofo lhe deu uma pequena quantidade de Pedra filosofal, pensando assim satisfazer o príncipe. Mas não era um pouco de pó filosofal que queria Christian II mas o segredo de sua preparação, e estava decidido a obtê-lo por todos os meios.

Interrompo aqui o relato das aventuras do Cosmopolita, pois vamos descobrir-lhe o triste fim no documento que citarei a propósito de Michel Sendivogius e que, na sua frieza, é mais impressionante do que qualquer narrativa.

MICHEL SENDIVOGIUS

Com esse personagem nós nos encontramos diante do caso incomum de um soprador que passou, não somente aos olhos de seus contemporâneos mas também aos da posteridade, por um dos maiores Adeptos da arte hermética. Hoje ainda não é possível distinguir com certeza o que realmente é seu nos tratados atribuídos ao Cosmopolita, do qual usurpou o nome.

Um documento datando de cinco anos somente após sua morte, que teve lugar em 1646, vai permitir-nos compreender como tal situação paradoxal pôde acontecer.

Eis um extrato do *Tesouro das investigações e antiguidades gaulesas e francesas* de Pierre Borel (1655), uma carta enviada por Desnoyers, secretário da princesa Maria de Gonzaga, rainha da Polônia, esposa do rei Vladislav.

“Varsóvia, 12 de junho de 1651

Senhor,

Tendo-vos prometido, à minha partida de Paris fazer todas as diligências possíveis a fim de recuperar as obras completas do Cosmopolita, fiz uma tal investigação sobre isso, que fiquei sabendo que ele só fez o *Livro dos Doze Tratados*, intitulado *Cosmopolita*. Vereis, na seqüência deste discurso, que fiquei sabendo de muitas coisas novas das quais vos dou conhecimento.

“O autor do livro intitulado *O Cosmopolita* era inglês, o qual, estando nos Estados do duque de Saxe, fez projeção de um pó que tinha, sobre metais que converteu em puro ouro. Um daqueles diante dos quais ele fizera esta projeção contou ao duque de Saxe que, temendo que um tal homem lhe escapasse, enviou logo guardas à casa onde estava alojado com sua mulher, para prendê-lo e levá-lo. Estando em sua presença, perguntou-lhe se fora ele quem transformara metais em ouro, ele confessou que sim, não podendo negá-lo por causa das testemunhas que o haviam visto transmutar. Tratou de escusar-se e de encontrar desculpas que o eleitor não quis de modo algum aceitar; e depois das promessas, ele fez-lhe ameaças, e das ameaças chegou às vias de fato. O Cosmopolita (que chamarei assim por desconhecer seu verdadeiro nome), o qual era católico, vendo-se muito miseravelmente enrascado por sua própria culpa, resolveu sofrer toda sorte de torturas, antes do que dar a um herético um tão grande meio de fazer guerra à Igreja, e por isso rogou a Deus que lhe desse muitas forças para conservar tal resolução. O príncipe, vendo que nada podia tirar dele por bem, fez-lhe aplicar a tortura, à qual ele resistiu, sem jamais querer dar

ao menos esperança de descobrir algo. Assim que ficava curado a tortura recomeçava e, isto tantas vezes que seu corpo estando quebrado em vários lugares, o fogo mesmo tendo-lhe sido aplicado e seus membros deslocados, ele jamais disse nada a respeito daquilo que o duque queria saber.

“Michel Sendivogius, que um autor polonês pôs no catálogo da nobreza polonesa por erro, sendo da Morávia, nascido na Morávia mas vivendo na Cracóvia, encontrava-se nesse tempo onde esse inglês estava prisioneiro; e como era muito curioso e sábio em química, tinha grande desejo de ver esse homem; por isso tornou-se habitual em casa do eleitor e fêz amizade com muitos da corte, depois por seus meios entrou na prisão e viu o Cosmopolita; falou-lhe sobre a química, a que o outro respondeu docemente; e como Sendivogius estava muito desejoso do principal segredo, agiu tão bem, que, entre as várias visitas que lhe fez, pôde sem ser descoberto, perguntar-lhe o que o prisioneiro lhe daria se ele encontrasse o meio de tirá-lo dali. Este pobre homem, que definhava em suas lamúrias, respondeu-lhe que lhe daria do que viver contente toda sua vida com sua família. Sendivogius, tendo essa promessa, logo despediu-se de seus amigos, desculpando-se com alguns negócios, os quais, concluídos, ele prometia revê-los. Voltou à Cracóvia onde vendeu sua casa, e voltou a Saxe onde começou a fazer favores aos seus amigos e, através deles, aos guardas do Cosmopolita. E um dia em que os viu a todos bem ébrios, tendo bem perto uma pequena carruagem à moda do país, pegou o Inglês, que colocou nessa carruagem, pois estava meio morto, com os nervos retirados, e quase não podia agüentar-se; pediu que passassem, necessariamente, pela casa onde estava sua mulher, que ele queria levar; tendo-a feito sair disse-lhe onde ela devia ir apanhar o pó que escondera, e ela ali o encontrou. Tendo-o apanhado a mulher entrou rapidamente na carruagem. Sairam e viajaram toda a noite tomando o caminho mais curto para sair dos Estados do eleitor. Chegaram sem sobressalto à Polônia e, em Cracóvia, Sendivogius lembrou ao Cosmopolita a promessa que fizera, o qual, para cumpri-la, lhe deu uma onça de seu pó. Sendivogius perguntou-lhe o segredo e o inglês respondeu, mostrando a miséria de seu corpo, que já que passara por to-

dos os males para não o declarar de modo algum, que ele não deveria achar estranho se não lhe dissesse, e que acreditava estar fazendo um grande pecado ao mostrar um segredo que estudou e pediu a Deus. Foi tudo o que Sendivogius pôde tirar dele. O Cosmopolita morreu logo depois, dizendo que se seu mal fosse natural e interno, seu pó o curaria; mas que seu corpo, já meio morto pela tortura, com os nervos retirados e cortados, não podia mais, por nenhum meio, restabelecer-se.

“Após sua morte, Sendivogius pensou que talvez a mulher do Cosmopolita soubesse algo sobre o segredo de seu marido, e para tirá-lo dela, esposou-a; mas logo percebeu que ela nada sabia e só pôde conseguir dela o livro intitulado “Os Doze Tratados ou o Cosmopolita” com o diálogo do mercúrio e do alquimista. Sendivogius o interpretou à sua moda, e começou a trabalhar para multiplicar seu pó, e para isto sua matéria principal foi o mercúrio comum; mas como não trabalhasse com a matéria própria, nada conseguiu. Tentou ainda outras vias para esta multiplicação, mas todas foram inúteis; em seguida, viajou a Praga, cujo imperador era Rodolfo, diante do qual fez transmutação, ou antes, fez com que o próprio imperador a fizesse com o pó que lhe foi dado, em memória do que o imperador fez afixar uma plaqueta de mármore na parede de seu quarto onde fez gravar estas palavras: “Faciat hoc quispiam alius quod fecit Sendivogius Polonus”, e essa plaqueta de mármore pode ainda ser vista hoje. Tendo feito essa demonstração diante do imperador ao qual, aparentemente, disse a verdade da coisa, e retornando à Morávia, um conde do país, que o havia visto, deteve-o e o fez prisioneiro para obter dele o segredo crendo que ele o tivesse. O rumor do que se passara diante do imperador tinha-lhe dado uma alta reputação, além do que era um grande sábio. Sendivogius, estando assim preso, temendo com razão ser tratado como o fora o Inglês em Saxe, encontrou um meio de adquirir uma lima com a qual limou uma barra de sua janela, e, fazendo uma corda com suas vestes, conseguiu fugir, inteiramente nu, após o que fez citar este conde diante do imperador. O conde foi obrigado a grandes despesas e a dar uma vila a Sendivogius, que uma de suas filhas recebeu depois em casamento.

“Ele, voltando à Polônia, assegurou ao grande marechal do reino de nome Wolski que, se tivesse meios para trabalhar, poderia fazer semelhante pó. Wolski, que era um grande soprador, acreditou nele; mas, para dar uma idéia do quanto Sendivogius se tornara pobre é preciso retornar a sua história um pouco antes para vos fazer saber que, enquanto durou seu pó, ele foi bem recebido, sendo um tanto debochado de seu natural. Perdeu uma parte dele querendo multiplicá-lo e usou uma outra para fazer transmutações. Um judeu que vendia o que ele fazia vive ainda na Cracóvia. Afinal, vendo que não tinha absolutamente mais nada desse pó, ele achou de tirar o espírito do vinho, que retificou, e pôs o resto de seu pó dentro e fez-se de médico, fazendo inveja a todos por suas curas maravilhosas; e foi nesse mesmo licor que, tendo colorido a medalha que eu tinha, transmutou-a, que é uma effigie de Rodolfo, e isto o fez diante de Sigismundo III, ao qual ainda o dito Sendivogius curou de um lastimável acidente com o mesmo elixir. Assim, Sendivogius usou todo seu pó e seu licor, e por isso disse ao marechal Wolski que não tinha meio de trabalhar apesar de ter o segredo. Wolski, diante dessa segurança, deu-lhe seis mil francos para trabalhar, ele os gastou e nada fez.

“O grande marechal, que se viu roubado em seis mil francos, disse a Sendivogius que ele era um trapaceiro, e que poderia, se quisesse, mandar prendê-lo; mas que o perdoaria, com a condição de que ele procurasse devolver-lhe seu dinheiro; mas como esse homem tinha reputação, sendo sábio, apellou a Mniszok, palatino de Sandomire, que lhe deu também seis mil francos para que recomeçasse seu trabalho; desses seis mil francos, deu três mil ao marechal e trabalhou com os três restantes, mas sempre inutilmente. Afinal, nada mais tendo, tornou-se um charlatão; fazia soldar muito bem uma peça de ouro com uma de prata, que fazia cunhar em moeda, depois banhava-se com mercúrio; e fingindo ter, ainda, seu elixir, fazia avermelhar essa peça no fogo, onde o mercúrio se evaporava e temperando toda vermelha a parte que era de outro, ele fazia crer que a havia transmutado; por isso, conservava sempre uma espécie de crédito entre os ignorantes, aos quais vendia a peça

por muito mais do que lhe custara. Os clarividentes logo percebiam que ele não tinha o segredo que queria fazer crer.

“Após ter trabalhado, portanto, inutilmente, nas memórias do Inglês, quis tornar o livro público, para ver se alguém descobriria mais do que ele, que pudesse comunicar-lhe; e para isto fez uma trapaça, para que nele acreditassem, de acrescentar e misturar palavras de tal forma que acreditassem ser ele o autor, para que, se alguém mais feliz conseguisse, pela leitura, entender o segredo, não deixasse de comentar com ele. Mas não teve bastante audácia para colocar seu nome abertamente; colocou-o apenas em forma de anagrama, onde diz: “Autore me qui, DIVI LESCHI GENUS AMO...”

Interrompo aqui essa carta pois Desnoyers se entrega, a seguir, a um estudo cerrado dos textos que ele atribuiu, uns ao Cosmopolita, outros a Sendivogius, o que nos importa pouco aqui. Eis o fim da carta que nos indica, bem rapidamente, a data do falecimento do falso Cosmopolita: “Sendivogius morreu no ano que chegamos à Polônia, isto é, em 1646, muito pobre, cheio de achaques e numa grande velhice”.

A aventura pessoal de Michel Sendivogius é interessante a nossos olhos, pois, assim como no caso de Edward Kelly, ela mostra que a Pedra Filosofal guarda todo seu poder transmutatório independentemente de seu feliz possuidor, mas que somente o verdadeiro Adepto é capaz de elaborá-la. Tanto mais que se, no caso Kelly, alguma dúvida ficou, aqui sabemos muito bem qual era o valor do pó do Cosmopolita.

Uma questão fica ainda em aberto no caso presente: Sendivogius tornou-se, por si mesmo, Adepto mais tarde? Pessoalmente não o creio e o considero um feliz soprador, mas o alquimista contemporâneo Eugênio Cansiliet, que estudou longamente sua vida, pensa ao contrário que Michel Sendivogius conseguiu interpretar os textos do Cosmopolita e tornou-se, realmente, um Adepto. Este personagem, morrendo com oitenta anos, e os últimos anos de sua existência não sendo muito conhecidos, o fato não é absolutamente impossível. De qualquer forma, isto nada acrescenta às transmutações que ele realmente fez em público e que me dão, portanto, um novo ponto positivo em minha investigação histórica.

7

Transmutações efetuadas por sábios

Acabamos de ver casos de transmutações feitas tanto por Adeptos quanto por sopradores. Mas, do ponto de vista científico, seria muito mais interessante e probante apresentar exemplos de projeções operadas pelos melhores sábios da época. Casos assim existem e reuni-os neste capítulo, mesmo que alguns estejam distanciados no tempo, uns dos outros.

Apresentam muitos caracteres em comum: em cada caso, os sábios escolhidos eram violentamente hostis à alquimia; os Adeptos que se relacionaram com eles permaneceram estritamente anônimos e declararam agir somente “no interesse da ciência”. As transmutações assim efetuadas foram feitas pelos próprios sábios, fora da presença do Adepto, e quase sempre em presença de testemunhas: os testes aos quais eram submetidos pedaços de ouro obtidos foram feitos pelos melhores especialistas da época e com cuidado todo especial. Compreende-se pois o interesse dos relatos que vão aparecer em nossa pesquisa: considero-os pessoalmente como inteiramente determinantes.

Nossa primeira testemunha será João Batista Van Helmont. Este médico e químico belga (nasceu em Bruxelas no ano de 1577) é autor de uma das mais importantes descobertas da

ciência, a do gás. Reconheceu primeiro a presença do ácido carbônico e por dedução percebeu tratar-se de um corpo químico novo. Ele nos diz, com efeito: "Este espírito que não pode estar contido em vasos nem estar reduzido a um corpo visível, chamo de um novo nome: gás". Reconheceu também a existência do hidrogênio sulfurado no intestino grosso do homem; constatou a presença de um suco ácido emitido pelo estômago; preparou o ácido clorídrico, o óleo de enxofre, o acetato de amoníaco, etc. Dificilmente se imagina melhor testemunha para um caso de transmutação.

Aliás, Louis Figuier, apesar de seu desejo constante em demonstrar a não-realidade das transmutações, é obrigado a escrever: "Os filósofos herméticos sempre citaram com grande confiança, em apoio à verdade do fato geral das transmutações, o testemunho de Van Helmont. Era difícil, com efeito, encontrar uma autoridade mais importante, mais digna de fé que a do ilustre médico-químico cuja justa reputação de sábio é igual à sua reputação de homem honesto. As circunstâncias mesmas nas quais a transmutação foi operada tinham de que espantar os espíritos, e compreende-se que Van Helmont, ele mesmo, tenha sido levado a proclamar a verdade dos princípios alquímicos, após uma operação singular que lhe foi dado acompanhar".

Em 1618, trabalhando em seu laboratório em Vilvorde, Van Helmont recebeu a visita de um desconhecido que queria, disse ele, conversar sobre uma matéria que interessaria aos dois. O sábio pensou inicialmente tratar-se de um colega que desejasse falar-lhe sobre temas médicos, mas o desconhecido logo se pôs a abordar a arte hermética. Van Helmont deteve-o imediatamente dizendo-lhe que considerava a alquimia uma superstição desprovida de toda realidade científica e que não queria ouvir falar dela. O estranho lhe disse então:

— Compreendo que não deseja discutir sobre isso, Mestre Van Helmont, mas ousaria verdadeiramente pretender que nem desejaria ver nada?

Surpreso, o sábio perguntou-lhe o que ele entendia exatamente por ver. O outro respondeu:

— Não é de modo algum uma fábula quando lhe afirmo que a Pedra filosofal existe e que ela tem um poder transmuta-

tório. Admito que não me creia, absolutamente mas recusaria se eu lhe desse um pedaço dessa Pedra e que o deixasse operar por si mesmo?

Van Helmont, pensando tratar-se de um louco ou um charlatão, respondeu-lhe que queria, ele mesmo, experimentar esse pedaço da Pedra, sendo entendido que seu interlocutor o deixaria operar sozinho e nas condições por ele escolhidas. Pensou que, dessa forma, desencorajaria o personagem, mas não aconteceu nada disso. O visitante aceitou logo e depositou sobre uma folha de papel que se encontrava sobre a mesa do químico alguns grãos de um pó que Van Helmont descreveu assim: "Vi e manipulei a Pedra filosofal. Tinha a cor de açafão em pó e era pesada e brilhante como vidro em pedaços".

Feito isso, o desconhecido pediu licença para retirar-se. Como Van Helmont desejasse saber se ele voltaria para constatar os resultados da experiência, seu visitante respondeu-lhe que não seria necessário pois estava seguro do sucesso do empreendimento. Acompanhando-o, Van Helmont perguntou-lhe por que o tinha escolhido, especialmente para fazer essa experiência, e o outro respondeu que desejava "convencer o ilustre sábio cujos trabalhos honravam seu país".

Um pouco abalado pela segurança de seu interlocutor, o químico decidiu tentar a experiência. Fez preparar pelos seus auxiliares de laboratório um crisol onde colocou oito onças de mercúrio. Uma vez o metal fundido, precipitou aí uma pequena quantidade da matéria que lhe fora dada pelo desconhecido, após embrulhá-la num pedaço de papel, como seu visitante lhe havia recomendado. Depois colocou uma tampa sobre o crisol e esperou um quarto de hora; ao fim desse tempo fez mundar de água o crisol a fim de esfriá-lo rapidamente e o quebrou: No centro encontrava-se um pedaço de ouro de peso igual ao do mercúrio que havia inicialmente ali colocado.

O relato que acabo de fazer não é de modo algum imaginário, foi o próprio Van Helmont quem o escreveu e publicou assinando seu nome e arcando com as responsabilidades do relato desses eventos. Teve coragem e, melhor dizendo, o espírito científico, de reconhecer publicamente seu erro e proclamar que estava doravante convencido da realidade do fato alquímico

(1): Em memória dessa extraordinária experiência, deu a um de seus filhos o nome de Mercurius e este, por sua vez, se tornou fervoroso defensor da alquimia pois converteu depois o ilustre filósofo Leibniz. Leiamos, agora, a conclusão de Louis Figuier: "Van Helmont, o químico mais hábil de seu tempo, era difícil de enganar; era, ele mesmo, incapaz de impostura e não tinha nenhum interesse em mentir, pois não tirou nunca proveito dessa observação. Enfim a experiência, tendo tido lugar fora da presença do alquimista, era difícil suspeitar de uma fraude. Van Helmont foi tão bem enganado a esse respeito, que se tornou, a partir desse dia, partidário confesso da alquimia". É preciso confessar que o emprego da palavra "enganado", por Figuier, não tem sentido, pois ele não oferece nenhuma explicação razoável de um eventual engano. Com efeito, não há pior surdo do que aquele que não quer ouvir; Van Helmont, ao contrário, me parece um exemplo notável de um espírito científico aberto, como realmente deveria ser sempre.

Transportemo-nos agora a 1.666, ao domicílio de Helvetius, médico do príncipe de Orange. Helvetius, cujo verdadeiro nome era Johann Friedrich Schweitzer, nasceu em 1625, no ducado de Anhalt; logo tornou-se um médico muitíssimo célebre, "double" de sábio autêntico, a ponto de o príncipe de Orange ligá-lo à sua pessoa.

Helvetius era um adversário declarado da arte hermética e ele se indispôs violentamente com o cavaleiro Digby e seu pó de simpatia, quando este último veio à corte de Orange. Chegou mesmo a publicar um panfleto contra esse soprador, que se espalhou logo por toda Haia.

Ora, a 27 de dezembro de 1.666, um desconhecido pediu para ser recebido pelo médico, exatamente como no caso de Van Helmont. Helvetius o descreverá como um homem de pequena estatura, de atitude digna e de quarenta anos mais ou menos. O estrangeiro começa por cumprimentar o médico a respeito de sua última obra, a *Arte Pirotécnica*; depois aflora rapidamente o libelo de Helvetius contra o cavaleiro Digby. Após haver aprovado o médico em sua condenação do pretenso

(1) Sua obra tem por título: *A aurora da medicina (Ortus Medicinae)*.

pó de simpatia do soprador, o estrangeiro lhe perguntou, entretanto, se ele achava impossível que existisse na natureza medicação universal capaz de curar todos os males.

Helvetius respondeu-lhe então que conhecia a pretensão dos alquimistas de possuírem um tal medicamento, chamado ouro potável, acreditava ele, mas que considerava um engodo; entretanto, admitia que a obtenção duma tal medicação seria o sonho de todo médico. Ele perguntou então ao estrangeiro se era um dos seus confrades. O outro desconversou, pretendeu não ser senão um pobre fundidor de cobre que teria sabido — por um amigo — que não era impossível tirar medicamentos notáveis dos metais. A conversação continua assim, cada um procurando fazer falar ao outro, sem nada dizer de si mesmo. Finalmente, o estrangeiro tomou uma decisão e perguntou a Helvetius se seria capaz de reconhecer a pedra filosofal, se ela lhe fosse apresentada.

— Li, respondeu Helvetius, vários tratados de Adeptos célebres, Paracelso, Basile Valentin, o Cosmopolita, e igualmente o relato de Van Helmont. Mas eu não poderia pretender ser capaz de reconhecer a matéria filosófica se me fosse mostrada.

O estrangeiro tirou então do bolso de seu casaco uma pequena caixa de marfim. Ele abriu-a e mostrou ao médico que continha um pó cor de enxofre pálido.

— Veja este pó, — disse ele, — pois bem, Mestre Helvetius, há aí dentro bastante Pedra filosofal para transmutar quarenta mil libras de chumbo em ouro.

Ele consentiu em deixar o médico tocar com a ponta do dedo o pó, enquanto elogiava seus maravilhosos efeitos medicinais. Depois, retomou sua caixa e a recolocou no bolso. Helvetius pediu-lhe que o presenteasse com algumas parcelas do pó, a fim de testá-lo. O estrangeiro recusou assegurando que isto não lhe era permitido. Mas, como ele pedisse para passar a uma sala onde estariam ao abrigo dos olhares, o médico confiou que fosse obter um fragmento da Pedra. Esta esperança malogrou, porque o estrangeiro desejava somente mostrar-lhe medalhas de ouro que estavam costuradas sobre seu vestuário. Helvetius pôde manipulá-las e examiná-las atentamente, e constatou que o ouro de que elas eram Feitas era

incomparavelmente superior em maleabilidade a tudo que pudera ver até então. Pressionado por perguntas o estrangeiro recusou admitir que ele fosse o autor deste ouro hermético e pretendeu que aquilo fosse tão-somente presente de um amigo estrangeiro. Ele contou depois ao médico uma transmutação efetuada sob seus olhos por esse hipotético amigo e lhe indicou, igualmente, como esse Adepto utilizava uma diluição de seu pó para se manter em boa saúde.

Helvetius aparentou estar convencido, mas reclamou que uma demonstração brilhante acabaria por convertê-lo. O estrangeiro recusou, entrincheirando-se sempre atrás de uma autoridade superior. Finalmente, afirmou que ele ia pedir autorização ao Adepto que conhecia, e, se este lhe desse, prometia voltar em três semanas e efetuar uma transmutação sob os olhos do médico. Helvetius acompanhou-o, persuadido de que não mais veria aquele personagem que não devia ser senão um fanfarrão.

Todavia, três semanas mais tarde, o estrangeiro vem novamente bater à porta do médico do príncipe de Orange. Uma vez ainda, o estranho personagem não parecia apressado em fazer uma demonstração de transmutação, mas somente desejava de conversar com Helvetius sobre assuntos filosóficos. O médico, entretanto, o conduziu sempre ao assunto inicial e, para o persuadir mais, chegou até a convidá-lo para jantar em sua casa. O estrangeiro persistiu em sua recusa.

Citarei aqui o relato mesmo dos acontecimentos que se seguiram, feito por Helvetius na sua obra *Vitulus aureus*. Este extrato, diretamente traduzido do latim por Bernard Husson apareceu no nº 59 da revista *Iniciação e Ciência*.

“Eu lhe pedi que me fizesse presente de um pouco de sua tintura, nem que fosse uma porção suficiente apenas para transmutar em ouro quatro grãos de chumbo. Ele quis afinal deixar-se tocar por meus pedidos e me dar dela um fragmento da grossura de uma semente de rábano, dizendo-me:

“— Receba então este supremo tesouro do mundo, que os reis e príncipes não têm podido senão entrever e ainda em pequeníssimo número.

“Eu objetei: ‘Mas, Mestre, este minúsculo fragmento talvez não seja suficiente para tingir quatro grãos de chumbo?’

“Ele me respondeu então: ‘Devolva-mo’.

“E, enquanto eu esperava que me fosse dar mais, ele o cortou em dois com a unha, jogou uma das porções no fogo e, tendo embrulhado a outra em um papel vermelho, estendeu-a, dizendo: “Esta será ainda muito suficiente”.

“Interdito e embaraçado, perguntei:

“— Ah, Mestre, que dizer? Eu duvidava, já mas agora me é inteiramente impossível crer que tão pouco deste medicamento seja suficiente para transmutar quatro grãos de chumbo.

“Mas ele replicou:

“— O que eu digo é verdadeiro.

“Então eu lhe agradei muito vivamente e encerrei meu tesouro diminuído e concentrado ao mais alto grau, em uma pequena caixa, acrescentando que faria o teste no dia seguinte e não revelaria a ninguém o resultado da prova.

“— Absolutamente, absolutamente, disse ele, devemos fazer conhecer tudo o que manifesta a glória de Deus todo poderoso aos iniciantes da Arte, a fim de que eles vivam como teósofos e não morram como sofistas”.

Foi então que Helvetius fez uma confissão a seu visitante. Quando de seu primeiro encontro, quando teve nas mãos, por instantes, a caixa contendo o pó de projeção, havia feito escorregar algumas partículas dele sob sua unha, e as havia recolhido após a partida do estrangeiro. Em seguida, havia derretido o chumbo em um cadinho e precipitado alguns grãos do pó assim furtados. Nenhuma transmutação se produzira, o chumbo ficara no cadinho, misturado a um pouco de terra vitrificada. O estrangeiro se pôs a rir, e longe de se indignar com o furto, informou que uma preocupação indispensável devia ser tomada para realizar uma transmutação: era preciso revestir o pó em uma bola pequena de cera, ou envolvê-lo em um pouco de papel, a fim de protegê-lo dos vapores do chumbo ou do mercúrio que, sem isso, o atacavam e lhe tiravam todo o poder transmutatório. Ele acrescentou que estava comprometido para um outro encontro e que não podia assistir à projeção que Helvetius ia fazer, mas que podia voltar no dia seguinte se o médico quisesse esperá-lo até lá.

Este concordou de bom grado, e acompanhou seu hóspede, apresentando-lhe diversas questões sobre a duração da fa-

bricação da Pedra, sobre o custo do ensino e sobre a identidade da matéria-prima e do mercúrio filosófico. O estrangeiro riu ainda de uma tal curiosidade e respondeu que ele não poderia ensinar em alguns instantes toda a Arte hermética ao médico. Contudo, consentiu em revelar que a Obra era pouco custosa e não exigia uma demora extremamente importante. Quanto à matéria-prima ele declarou que era retirada dos minerais; quanto ao mercúrio filosófico, tratava-se de um certo sal de celeste virtude que dissolvia os corpos metálicos. Concluiu que nenhuma das matérias necessárias à Obra era muito cara e que, se se utilizasse o caminho mais curto, todo o ensino podia ser realizado em quatro dias. Como Helvetius protestasse, ele acrescentou que existiam dois caminhos e que todos os filósofos não seguiam o mesmo, mas que, de qualquer maneira, não era preciso, sobretudo, que Helvetius tentasse por si mesmo a Grande Obra, porque seus conhecimentos estavam longe de ser suficientes e que ele conseguiria apenas perder seu tempo e seu dinheiro. Com estas palavras pouco encorajadoras, ele deixou o médico prometendo ainda voltar no dia seguinte, promessa que não devia cumprir.

Helvetius foi tentado a esperar ainda a volta do Artista desconhecido, mas sua mulher, que ele havia posto ao corrente, estava muito impaciente para tentar uma projeção. Ela aborrecia sem cessar seu marido para que ele se decidisse, enfim, a fazer sozinho a operação, porque agora sabia como proceder. Cedendo pelo cansaço, Helvetius concordou e ordenou a seus servidores que fizessem fogo sob um cadinho. Ele não estava de modo algum persuadido do sucesso da operação, ao contrário, suspeitava de seu visitador — malgrado seus discursos e seu ar sério — de não ter sido senão um bom falador que, no momento da prova decisiva, tinha preferido procurar refúgio na fuga. Sem a insistência de sua mulher, ele não teria talvez realizado a experiência, porque as razões do fracasso de sua primeira experiência, dadas pelo estrangeiro, não o tinham de modo algum convencido. Ele não compreendia como um pouco de cera ou de papel podia conservar o valor transmutatório dessa pequena quantidade de pó. Também foi verdadeiramente sem convicção que ele aceitou fazer esse ensaio.

Foi procurar um cano de chumbo velho e o pôs no cadinho; quando o mesmo se fundiu, sua mulher jogou sobre ele o pó de projeção que ela havia primeiramente rodeado de cera; a matéria se pôs então a ferver e eles ouviram fortes assobios; ao fim de um quarto de hora, a totalidade do chumbo estava transmutada em ouro.

Helvetius coou então esse ouro a fim de formar dele um lingote que logo levou ao ourives vizinho; este o experimentou na pedra de toque e lhe ofereceu cinquenta florins a onça. Naturalmente, o médico recusou vendê-lo e se pôs a mostrá-lo a seus numerosos conhecidos. O fato ficou logo conhecido de toda Haia e mesmo nos arredores, a ponto de o mestre dos ensaios, controlador das moedas da Holanda, Mestre Povélius, vir vê-lo, pedindo-lhe que fizesse controlar sob sua direção, esse ouro hermético, nos seus laboratórios oficiais. Ele tratou-o sete vezes pelo antimônio sem que diminuísse de peso, depois fê-lo sofrer todas as provas habituais com um cuidado todo particular, mas foi obrigado a admitir que aquilo era, na verdade, ouro e do mais alto quilate que jamais tinha visto.

Helvetius, querendo ainda uma prova suplementar, procurou um ourives célebre, Mestre Brechtel, que procedeu ao ensaio seguinte. Misturou o ouro depois de o haver laminado e em seguida dissolvido na água forte, com prata. Fundiu então o todo em uma massa que foi depois separado de novo em seus dois componentes iniciais. Longe de haver uma perda de peso, verificou-se, ao contrário, que uma pequena parte da prata estava, por sua vez, transmutada em ouro ao contacto do metal hermético. Depois de novos ensaios com o antimônio, a prata assim transmutada ficou perfeitamente incorporada ao ouro e não foi mais discernível.

Além da autoridade incontestável de Helvetius temos ainda um outro testemunho excelente na pessoa do muito cético filósofo Spinoza, que vivia em Haia na época e que verificou pessoalmente os fatos. No ano seguinte, em março de 1667, ele escrevia, com efeito, a seu amigo Jarrig Jellis: “Tendo falado a Voss a respeito do caso de Helvetius, ele se riu de mim, espantou-se de ver-me ocupado com tais bagatelas. Para ter a consciência limpa, fui à casa do moedeiro Brechtel, que

havia experimentado o ouro. Este me assegurou que, durante sua fusão, o ouro ainda havia aumentado de peso, quando se lhe jogou a prata. Era preciso então que este ouro, que tinha mudado a prata em novo ouro, fosse de uma natureza bem particular. Não somente Brechtel, mas também outras pessoas que haviam assistido ao ensaio, me asseguraram que a coisa se passara assim. Fui em seguida à casa do próprio Helvetius, que me mostrou o ouro e o cadinho contendo ainda um pouco de ouro ligado a suas paredes. Ele me disse que havia apenas jogado sobre o chumbo fundido o quarto de um grão da Pedra filosofal. Acrescentou que daria a conhecer esta história a todo o mundo. Parece que este Adepto tinha já feito a mesma experiência em Amsterdam, onde se poderia ainda encontrá-lo. Eis todas as informações que pude obter a este respeito". (*Bened. Spinosae opera posthuma.*)

Um caso tão límpido, e tão cuidadosamente verificado, causou numerosos aborrecimentos aos adversários da Arte hermética. É sempre tomada em consideração nos estudos contemporâneos sobre a alquimia, tal como, por exemplo, o do padre Holmyard, *Alchemy*, onde ele diz: "Pode-se dificilmente suspeitar deste homem culto (Helvetius), instruído e cheio de discernimento, de haver mentido ou relatado inexatamente, de propósito, os acontecimentos notáveis que foram objeto de sua narração. Na maioria dos relatórios deste gênero, não é difícil descobrir a falha por onde a velhacaria pôde escapar, mas não é o caso de Helvetius. Mesmo Hermann Kopp, químico alemão do século XIX e autor de uma história da Química, preferiu reservar seu julgamento". Quanto a Figuiet, ele tenta uma explicação "racional" que, infelizmente, é inverossímil. "Os termos e os pormenores minuciosos do relato de Helvetius excluem, por sua vez, toda suposição de impostura. Mas, se não se pode suspeitar da veracidade e da lealdade do sábio médico do Príncipe de Orange, não se pode conceber a mesma confiança ao herói desconhecido desta aventura. Deve-se admitir que o cadinho ou o lingote de chumbo do qual o operador fez uso tinha recebido, anteriormente, e com o desconhecimento de Helvetius, ouro ou um composto aurífero decomponível pelo fogo."

A expressão “deve-se admitir” prova que o cronista científico do século passado estava pronto a aceitar não importa qual absurdo, antes do que reconhecer que se encontrava em presença de um caso absolutamente certo de transmutação metálica. Precisamos ainda uma vez, se isto é necessário, que um composto aurífero teria talvez podido colorir a massa metálica e lhe dar o aspecto de ouro mas que os diversos testes aos quais foi submetido o metal o teriam imediatamente decomposto em seus primitivos elementos.

O espírito pseudo-científico dos adversários atuais da alquimia foi muito mais longe na desonestidade intelectual do que o haviam feito seus antepassados dos séculos antecedentes. Já que era impossível provar que tinha havido fraude nas experiências feitas por sábios tão eminentes como Van Helmont ou Helvetius, eles proclamaram muito simplesmente que estes dois personagens eram alquimistas! O raciocínio é o seguinte: um alquimista é um homem que pretende transmutar os metais em ouro, e não se pode ter confiança em seu testemunho; ora, Van Helmont e Helvetius pretenderam ter transmutado os metais em ouro, então são alquimistas em quem não se pode ter confiança! Uma tal posição é não somente desonesta, mas insustentável, porque ela é imediatamente desmentida pelo estudo que Spinoza fez do caso de Helvetius e também pela transmutação análoga, em seguida descrita, que efetuou Berigard de Pisa. Eu esclareço pois muito bem para que nenhuma confusão seja possível no espírito do leitor, que estas experiências permaneceram as únicas na vida de Van Helmont como na de Helvetius, os quais — embora convencidos doravante do valor da Arte hermética — não procuraram, jamais, ir além nos seus conhecimentos alquimistas.

* * *

Como acabei de dizer, o filósofo italiano Berigard de Pisa viu-se igualmente presenteado por um adepto desconhecido com um pedaço de Pedra filosofal. Ele deixou-nos uma narração circunstanciada da transmutação que pôde assim efetuar: “Contarei o que me aconteceu outrora quando duvidava violenta-

mente que fosse possível converter mercúrio em ouro. Um homem hábil, querendo tirar minha dúvida a este respeito, deu-me uma porção de um pó cuja cor era bastante semelhante à da papoula selvagem e cujo cheiro lembrava o do sal marinho calcinado. Para destruir toda suspeita de fraude, comprei eu mesmo o crisol, o carvão e o mercúrio em casa de diversos mercadores, a fim de não ter absolutamente a temer que houvesse ouro, em algumas dessas mercadorias, o que fazem muitas vezes os charlatões alquimistas. Sobre dez porções de mercúrio, ajuntei um pouco do pó, expus o todo sobre um fogo bastante forte e em pouco tempo a massa se encontrou toda convertida em perto de dez porções de ouro, que foram reconhecidas como muito puras pelos exames de diversos ourives. Se o fato não me tivesse acontecido absolutamente sem testemunhas, independente da presença de árbitros estrangeiros, eu teria podido suspeitar de alguma fraude; mas posso assegurar, com confiança, que a coisa se passou como a relato". (*Circulus Pisanus*).

Eis tudo o que Figuiet acha de dizer para contestar este caso: "O filósofo italiano Berigard de Pisa foi convertido à alquimia por acontecimento análogo ao precedente. Todos estes fatos se explicam facilmente hoje, admitindo-se que o mercúrio ou os outros ingredientes de que se fazia uso, ou o cadinho que se empregava encerravam uma certa quantidade de ouro dissimulada com uma habilidade maravilhosa". Isto se chama pura e simplesmente zombar do leitor, porque Berigard de Pisa tomou muito cuidado em precisar que ele havia comprado, em casa de mercadores diferentes, e com o desconhecimento do Adepto, todos os produtos necessários à transmutação, depois que havia operado sozinho e na ausência do alquimista. Se, neste caso, alguém havia conseguido deslizar o ouro para dentro do cadinho, não seria preciso mais crer, de hoje em diante, na alquimia, mas tão-somente na magia!

É de se notar que Figuiet, que se estende tão longamente sobre Denis Zacheire, ou o bom Trevisano, Adeptos dos quais se pode duvidar que tenham realizado a transmutação, despenda, ao contrário, para o caso de Van Helmont uma página e meia,

e para Helvetius três páginas apenas. É fácil compreender que experiências tão luminosas devam embarçá-lo consideravelmente.

Tem-se também falado de uma transmutação efetuada pelo célebre físico e químico irlandês Robert Boyle, que deixou nome importante na história da ciência ao enunciar a lei da compressibilidade dos gases e ao descobrir o papel do oxigênio nas combustões.

Foi Jean-Jacques Manget, em sua *Biblioteca Química Curiosa*, quem nos narrou o fato: “Um estrangeiro mal vestido foi encontrar M. Boyle e, após haver conversado algum tempo com ele de maneira indiferente sobre diversos assuntos de química, pediu ao sábio que lhe desse antimônio e outras substâncias metálicas que se encontram comumente nos laboratórios. O desconhecido jogou estas substâncias num crisol que colocou sobre um fogão aceso. Uma vez fundido o metal, o estrangeiro mostrou aos assistentes um certo pó que jogou também no crisol; ele saiu quase ao mesmo tempo, dando ordem ao pessoal do laboratório que deixasse o cadinho sobre o fogão até que o fogo se apagasse; e prometeu voltar algumas horas após. Mas o desconhecido não retornando Boyle mandou tirar a tampa do cadinho e encontrou um metal amarelo com todas as propriedades do ouro. A massa estava somente um pouco mais leve que a dos metais empregados”.

É certo que Robert Boyle não ficou convencido com essa transmutação, o que permite um triunfo fácil a Louis Figuier, que disto deduziu: “Vê-se por estas obras que a experiência deste estrangeiro não abalou a credulidade inicial de Boyle e que ele soube resistir melhor que Van Helmont à sedução desta demonstração empírica. Boyle, com efeito, escreveu, em 1661, seu tratado mais importante *The sceptical chymist*, que numerosos adversários da alquimia pretendem hoje ter sido dirigido contra a Arte hermética. Isto não é certo e basta aliás consultar qualquer grande enciclopédia contemporânea para persuadir-se disto. O tratado de Boyle é uma crítica à teoria dos quatro elementos de Aristóteles, que ele julga superada e substitui pela noção, toda moderna, dos elementos químicos. Uma só notação concernente à alquimia pode aí ser encontrada, e ela é muito

mais dubitativa que negativa: “Eu gostaria muito de saber como se conseguiria decompor o ouro em enxofre, em mercúrio e em sal; eu empenharia em pagar todas as despesas desta operação. Confesso que, por minha conta, jamais pude consegui-lo”.

Com efeito, se Figuiet tivesse levado suas pesquisas um pouco mais longe teria podido dar-se conta de que Robert Boyle não havia jamais assistido a uma transmutação e de que o relato de Jean-Jacques Manget era inexato. Com efeito, um químico alemão — ou antes um alquimista consumado chamado Ettner — narrou, ele mesmo, essa visita que fez a Boyle e esclareceu as experiências que lhe submeteu. Tratava-se de processos “particulares” que se supunham permitir a transmutação de certos metais em ouro.

Respondo, pois agora sim, sem hesitação, à minha pesquisa histórica, porque os últimos casos de transmutação que acabamos de examinar são verdadeiras demonstrações científicas. Obtida esta certeza acredito entretanto ser necessário completar minha informação estudando a vida dos mais importantes Adeptos restantes, em particular daquele que é talvez o primeiro dentre todos, o autor de *Entrada aberta ao palácio fechado do Rei*, Irineu Philalèthe.

O verdadeiro Philalèthe

“A Inglaterra, diz-nos Lenglet du Fresnoy, não produziu ainda neste gênero homem mais extraordinário do que o célebre anônimo que se fazia chamar Irineu Philalèthe; seu nome, sua pessoa, sua vida, suas obras, tudo é nele um paradoxo indecifrável. Sabe-se que nasceu na Inglaterra, no ano de 1612, pois que em 1.645, quando escreveu seu livro principal, não tinha mais de trinta e três anos; mas ignora-se em que cidade ou em que província. Ele foi, contudo, transportado, realmente bastante jovem, para a América inglesa. É o que assinala a edição que Daniel Elzevir, livreiro de Amsterdam, fez aparecer em 1668, de seu pequeno tratado das *Experiências sobre a preparação do mercúrio filosófico*, e crê-se que ele se chamava Thomas de Vaughan.”

É preciso reconhecer que o abade Lenglet du Fresnoy resumiu aí tudo o que se sabia, na sua época, dos antecedentes do Adepto conhecido sob o nome de Irineu Philalèthe. Um século mais tarde, o historiador alemão Schmieder se contentará em dizer: “Houve então uma aparição miraculosa a oeste da Europa!” Este alquimista oferece a mesma particularidade que o Cosmopolita, isto é, de aparecer bruscamente sob os fogos da História em plena posse de sua arte, depois, brutalmente, de desaparecer sem que se pudesse dizer onde — nem mesmo se

— morreu. Sucederá o mesmo, veremos, com Lascaris e podemos perguntar-nos se a captura e, empreguemos a palavra, o assassinio de Alexandre Sethon não o impediram de desaparecer, por sua vez, da mesma maneira, uma vez cumprida sua missão de informação.

Para fixar um pouco nossas idéias sobre este misterioso personagem e aprender a conhecê-lo através de seus próprios escritos, leiamos juntos o primeiro capítulo de sua *Entrada aberta ao palácio fechado do Rei*.

“Eu sou um filósofo Adepto, e não me chamarei senão Philalèthe, nome anônimo que significa *amante da verdade*; no ano da redenção do mundo 1.645, tendo, à idade de trinta e três anos, adquirido o conhecimento dos segredos da medicina, da alquimia e da física, resolvi fazer este pequeno tratado, para dar aos principiantes da ciência o que lhes devo e para estender a mão aos que estão presos no labirinto do erro. Desejando pelo mesmo meio fazer conhecer aos filósofos Adeptos que sou seu igual e seu confrade, e dar uma luz aos que estão enganados pelas imposturas dos sofistas, que possa trazer ao bom caminho, estabelecido que eles o queiram seguir. Porque eu prevejo que haverá vários que serão esclarecidos por meu livro.

“Não são absolutamente fábulas, são experiências reais e efetivas, que vi e que sei, certamente, como todo homem que seja filósofo poderá facilmente conhecer por este escrito. E por que eu não o sei senão para o bem do próximo, posso dizer temerariamente, e devem contentar-se com a confissão que faço disso, que de todos os que têm escrito sobre este assunto, não há ninguém que fale tão claramente como eu, e que tenho sido tentado várias vezes a abandonar o plano, crendo que eu faria bem melhor em disfarçar a verdade sob a máscara do desejo; mas Deus, a quem eu não tenho podido resistir e que é o único a conhecer os corações, tem-me forçado a isso. É o que me faz crer, que, nesta última idade do mundo, haverá vários que terão a felicidade de possuir este precioso tesouro, por que escrevi sinceramente e não deixo nenhuma dúvida, para aqueles que começarão a aplicar-se ao estudo desta ciência, que eu não tenha perfeitamente esclarecido.

“Conheço mesmo pessoas que sabem este segredo tão bem como eu e não duvido absolutamente que haja vários outros filósofos, dos quais espero adquirir o conhecimento de um dia para outro e em pouco tempo. Deus faz por Sua Santa Vontade o que lhe agrada. Confesso que sou indigno de que Ele se sirva de mim para fazer estas coisas. Não deixo, nessas mesmas coisas, de adorar sua Santa Vontade, à qual todas as criaturas devem ser submissas, pois que é por Ela somente que Ele as criou e que é por Ela somente que Ele as conserva, como seu centro e o ponto de emanção e de retorno de todas as ordens do universo.”

É deste primeiro capítulo que se infere a data de nascimento do Adepto; com efeito, ele disse ter a idade de trinta e três anos em 1.645, o que o faz pois nascer em 1.612, mas, como já vimos, é sempre preciso desconfiar da “sinceridade” de Philalèthe, também não estou absolutamente certo de que ele tivesse trinta e três anos no ano em questão. Com efeito, esta precisão não traz nada ao tratado e não era habitual indicar sua idade no início de uma obra de alquimia. Considerando, por outro lado, que Philalèthe era um místico muito cristão e que trinta e três anos é a idade da morte de Cristo, ou, antes, a idade de sua subida ao Céu, portanto, de sua iluminação completa, não me parece de nenhum modo impossível que seja preciso compreender os trinta e três anos indicados pelo Adepto num sentido iniciático: eles teriam então simbolizado sua ascensão ao conhecimento e de nenhum modo a sua idade real.

Ademais, a primeira edição da *Entrada aberta ao palácio fechado do Rei*, em latim, indicava a idade de vinte e três anos e não de trinta e três! Quanto ao texto original inglês, publicado dois anos mais tarde, ele traz igualmente vinte e três anos. Foi somente nas reedições seguintes que Philalèthe envelheceu dez anos. Certamente, podia tratar-se de um erro tipográfico que o autor fez corrigir em seguida, mas parece mais provável⁽¹⁾ que a modificação se deva aos editores que achavam inverossímil que um homem tão jovem tenha podido conseguir a realização da Pedra filosofal.

Nesse caso, parece-me razoável aplicar os “vinte e três anos”, não a Philalèthe, mas à indicação da duração da obra filosófica. É, com efeito, muito verossímil que ele tenha gasto esse tempo a perfazer o magistério, o que foi o caso de Flamel, de Zachaire e de tantos outros.

Uma coisa, em todo o caso, é agora certa, é que nós ignoramos totalmente a idade do Adepto em 1.645, salvo que ele era provavelmente muito mais velho do que se diz. Era preciso que nos detivéssemos nesse ponto, porque ele assumirá importância, quando procurarmos determinar quem remeteu uma amostra de pó de projeção a Van Helmont e a Helvetius.

* * *

Mas voltemos ao caráter místico de Irineu Philalèthe, que está particularmente presente no capítulo XII deste mesmo tratado, do qual mostraremos alguns trechos significativos:

“Ninguém me deve acusar de inveja, porque escrevo temerariamente e sem temor; que escrevo coisas extraordinárias e que jamais foram escritas da maneira como as escrevo; e isto eu o fiz para honrar a Deus, para benefício de meu próximo, pelo desprezo do mundo e das riquezas. Porque já Elia, o Artista havia nascido e se começa a dizer coisas gloriosas da cidade de Deus. Para que eu possa assegurar com verdade que possuo mais riqueza do que vale toda a Terra conhecida, mas não posso me servir dela por causa das armadilhas dos maus.

“Concebi com razão um desdém e um horror pelo ouro e pela prata, que todo o mundo idolatra tão apaixonadamente, mediante os quais ele coloca o preço em todas as coisas e que são os instrumentos de seu luxo e de suas vaidades. Ah, crime infame! Ah, futilidade, mais que futilidade! Crê-se que seja por inveja e por ciúme que escondo esta ciência? Não, não! Porque eu confesso, altamente, que sinto do fundo do meu coração por ver-me errante e vagabundo sobre a Terra, como se estivesse expulso de diante da face do Senhor. . .

(1) Philalèthe havia, com efeito, “desaparecido” quando destas reedições.

“Espero (e esperou viver bastante para ver) que em poucos anos o bestial servirá de dinheiro e de moeda como outrora e que este apoio e este sustentáculo desta besta do anticristo (porque ela é oposta e contrária ao espírito do cristianismo) cairá em ruína. O povo é insensato, as nações estão enlouquecidas e não reconhecem outro deus senão essa massa de metal pesada e inútil. É possível que essas coisas possam acompanhar nossa redenção, que esperamos há muito tempo, e que deve chegar logo, quando a Nova Jerusalém terá suas praças pavimentadas de ouro, suas portas serão inteiramente de pedra preciosa de uma só peça e que a árvore da vida no meio do Paraíso dará folhas para a saúde das nações?

“Eu sei, sim, eu sei que este escrito que publico servirá a vários de ouro mais fino, e que por este mesmo escrito o ouro e a prata se tornarão tão desprezíveis como o estrume. Sim, creiam no que lhes digo, vocês, jovens estudantes e aprendizes desta ciência: creiam-no, vocês, velhos e filósofos, que o tempo está próximo e que ele não precisa quase que senão chegar, (eu não creio nisso por uma vã imaginação, mas eu o previ no espírito e por revelação) que nós que sabemos e que possuímos esta ciência voltaremos dos quatro cantos da Terra e renderemos ações de graça e de louvor ao Senhor, Nosso Deus. Meu coração concebe e diz a si mesmo coisas que absolutamente ainda não foram ouvidas, meu espírito se eleva e bate com alegria e contentamento no peito, em honra do Deus de todo o Israel.

“Eu anuncio e publico estas coisas no mundo como um precursor e um clarim, a fim de que eu não morra sem haver prestado qualquer serviço ao mundo. Meu livro servirá de precursor a Elia, que preparará o caminho real ao Senhor. E queira Deus que todos os que são pessoas de espírito sustentem esta Arte. Então o ouro, a prata, as pérolas, sendo tão comuns e em tão grande abundância por toda a parte, ninguém faria caso delas senão enquanto contivessem a ciência. Aconteceria então que, enfim, a virtude toda nua, sendo amável por si mesma, seria honrada”.

São tais passagens que fizeram conceder a Philalèthe um diploma de bom cristão pelo abade Lenglet du Fresnoy. Este declara, efetivamente: “Mas como me proponho tornar conhecido este Artista tanto quanto possa, não posso deixar de convir que não tivesse costumes; parece mesmo um excelente cristão, mas não sei de que comunhão. Pelo seu livro, vê-se, era uma espécie de iluminado ou de entusiasta”.

Várias hipóteses, quanto à identidade real do Adepto, foram propostas. A mais freqüentemente citada é aquela do sábio britânico Thomas de Vaughan, do qual já vimos a fama deformada em Lenglet du Fresnoy. Os outros nomes avançados foram provavelmente pseudônimos que Philalèthe usou, alternativamente, a fim de escapar às perseguições sempre temíveis; é assim que ele se chama sucessivamente Childe, Dr. Zeil, M. Carnobe. Voltando a Thomas de Vaughan, era o nome do representante de uma velha e nobre família do País de Gales, cujo chefe era lorde e par do reino. Thomas de Vaughan foi também um reputado cientista, grande amigo do físico e químico Robert Boyle, que já encontramos, e que fez parte do pequeno grupo de sábios que devia tornar-se o cerne da futura Real Sociedade da Inglaterra. Como ele viajava muito e declarava publicamente estar persuadido da realidade da arte alquímica, supôs-se que as lacunas de sua biografia podiam corresponder às aparições do Adepto, conhecido sob o nome de Philalèthe; por outro lado, já assinaei a amizade de Boyle e de Thomas de Vaughan e, além disso, sabe-se que Robert Boyle e Philalèthe mantiveram uma correspondência seguida. Por fim, a estas razões se ajunta uma última, — aparentemente determinante, — possui-se ainda o manuscrito de uma obra de alquimia da própria mão de Thomas de Vaughan e assinada com o pseudônimo de Philalèthe. O negócio parece então entendido e, além disso, o *Dicionário Universal Larousse* não hesita em escrever no artigo consagrado a Thomas de Vaughan: alquimista conhecido sob o nome de Irineu Philalèthe e autor de vários tratados entre os quais o célebre *Entrada aberta ao palácio fechado do Rei*.

Infelizmente, pesquisas mais prolongadas me mostraram que a célebre enciclopédia se apoiava no rumor público. É exato que Thomas de Vaughan se interessou pela alquimia e foi

o autor pelo menos de um tratado desta arte, mas ele assinou-o com o pseudônimo Eugénius Philalèthe e não Irineu Philalèthe. Ademais, o conteúdo da obra alquímica de Thomas de Vaughan é completamente diferente dos ensinamentos do tratado de Philalèthe.⁽¹⁾ Uma só conclusão é possível: a identidade do Adepto, como precedentemente sua idade, continua sendo um mistério.

Possuímos muito poucas informações a respeito da juventude do alquimista. O escritor britânico Urbiger⁽²⁾ relata uma confidência oral do rei Carlos I que declarou que Philalèthe teria feito um dia uma projeção, em seu laboratório, em sua presença. Urbiger não dá outros dados, mas acrescenta que o pó de Philalèthe era notavelmente poderoso. Citemos a este propósito Louis Figuier que nos diz: "Todos os historiadores concordam em dizer que a tintura de Philalèthe superava em poder todas as que se tinham visto até então, ou que podiam encontrar-se entre as mãos de outros Adeptos do século XVII. Um só grão jogado sobre uma onça de mercúrio mudava-a em ouro, e se se jogasse esta onça de metal transformado sobre uma quantidade dez vezes maior de mercúrio, produzir-se-ia uma tintura que poderia ainda enobrecer dezenove mil partes de metal. Afastando-se pouco este algarismo do resultado que Van Helmont obteve na famosa projeção pela qual ele foi convertido à alquimia, inferiu-se daí que o Adepto desconhecido — de quem o sábio holandês tinha recebido a pequena quantidade de pó de que ele se serviu, era o próprio Philalèthe. Esta conjectura é fortalecida por uma afirmação positiva de Starkey, amigo e discípulo de Philalèthe".

Fica-se um pouco admirado de ver esta hipótese aceita por Louis Figuier, pois que ele admitia a data de 1.612 para o nascimento de Philalèthe. Ora, a transmutação efetuada por Van Helmont se verificou em 1.618 e duvida-se que Philalèthe ti-

(1) Informo que Vaughan nasceu em 1622 e morreu em 1666, ou seja, bem antes do "desaparecimento" de Philalèthe.

(2) Especialmente conhecido por sua obra alquímica: *Os aforismos de Urbiger*.

vesse alcançado o magistério desde a idade de seis anos! Pelo contrário se, como eu o creio, esta data de 1612 é errônea e se Philalèthe era já conhecido no reinado de Carlos I, é muito possível — infinitamente provável — que foi ele quem visitou a Van Helmont em 1.618, depois, muito mais tarde, ele ainda, ou antes, um dos seus servidores, quem foi ver Helvetius para convertê-lo.

Vamos voltar a isso e tentar trazer algumas provas a nossas afirmações, mas, para tanto é preciso primeiro seguir as peregrinações do Adepto fora da Europa. Com efeito, sabe-se de fonte certa que ele viveu, durante certo tempo, na América do Norte. Esta viagem, que ele realizou muito jovem, é uma das partes mais corretas, do ponto de vista histórico de sua vida. De fato, o Adepto se ligou, após sua chegada ao outro lado do Atlântico, com um boticário chamado Starkey, que deixou nome em Farmacopéia graças à sua descoberta do sabão de terebintina, ainda utilizado em nossos dias. Philalèthe morou em sua casa e tomou emprestado freqüentemente seu laboratório, onde fez quantidades bastante consideráveis de ouro e de prata, em presença do boticário e de seu filho George. Várias vezes ele lhes deu de presente uma boa parte do metal obtido. Quando o filho de Starkey veio instalar-se na Inglaterra, publicou um livro⁽¹⁾ onde fez o relato de seu encontro com Philalèthe e das mais extraordinárias transmutações que havia feito sob seus olhos. Não esclarece por que o Adepto havia deixado o domicílio familiar de Starkey, talvez temesse ser identificado como um fazedor de ouro, se ele ficasse muito tempo no mesmo lugar.

Além deste testemunho, o médico Michel Faustius, que fez uma edição da *Entrada aberta* entrou em relação com vários ingleses que lhe asseguraram ter conhecido Irineu Philalèthe na América ou haver mantido correspondência com ele. Entre eles se encontrava Robert Boyle. Este não foi o único sábio a considerar Philalèthe muito seriamente durante perto de quarenta anos. Isaac Newton teve como livro de cabeceira a *Entrada aberta ao palácio fechado do Rei*, seu exemplar (vendido muito caro em leilão em 1.936) era anotado em cada página.

(1) *The oil of Sulphur*, Londres, 1665.

Boyle e ele mesmo estavam tão persuadidos da realidade alquímica que pediram ao Parlamento que votasse uma lei interditando a divulgação dos processos de transmutações por temerem o desmoranamento do padrão ouro!

Depois de sua estada na América inglesa, perde-se o traço de Philalèthe durante alguns anos; conforme George Morhoff, ele teria ido à Índia oriental, onde teria feito várias projeções públicas, mas não pude verificar esta asserção. Em compensação, a data de sua reaparição na Europa é conhecida com certeza, pois que foi em 1.666, em Amsterdam, que ele deu o original inglês de seu tratado, a *Entrada aberta* a Jean Lange, para traduzi-lo para o latim. A obra foi então publicada sob o título de "*Introitus apertus ad oclusum regis palatium*. Ora, 1.666 é precisamente o ano da visita de um Adepto desconhecido a Helvetius, em Haia, cidade pouco afastada de Amsterdam; e nós nos lembramos que, durante a conversação com o médico do príncipe de Orange, o Adepto declarou que tinha bastante Pedra filosofal em sua caixa de marfim para transmutar quarenta mil libras de ouro. Aliás, uma declaração idêntica havia sido feita pelo visitador desconhecido de Van Helmont, e era igualmente o prodigioso poder transmutatório do pó possuído por Philalèthe. Como, no correr dos primeiros capítulos deste estudo da vida dos alquimistas, nós nos demos conta de que era extremamente difícil chegar à fabricação da Pedra, e que por isso muito poucos alquimistas o haviam conseguido, parece-me infinitamente pouco provável que tenha havido, naquele momento, na Europa, três ou quatro filósofos herméticos de posse de um pó tão perfeito. Parece-me muito mais verossímil supor que havia um só e único Adepto, de excepcional saber — Philalèthe — que visitou, quando jovem, a Van Helmont; depois, ao voltar de sua viagem à América, a Helvetius, antes de ter ocasião de converter o filósofo Berigard de Pisa.

Pode causar admiração que ele não seja jamais nomeado, pois de todo o modo seu nome verdadeiro ficou escondido à sombra do pseudônimo hermético imposto pela prudência. Mas o perigo atraído pelo Adepto tornava-se mais pressionador à medida que seu renome aumentava, e isto explica por que Philalèthe insiste, várias vezes, em seus escritos, sobre a necessi-

dade absoluta do segredo. Ele informa mesmo que se tornou muito difícil vender o ouro ou a prata herméticos a um mercador sem ser imediatamente denunciado e perseguido. Escutemo-lo: “Os mercadores não são tolos, embora digam: “Como os meninos que brincam, nós temos os olhos fechados, venha, nós não vemos nada”; se você é bastante ingênuo para ir lá, num abrir e fechar de olhos, eles descobrirão mais do que é preciso, para lhe causar muito mal e muito sofrimento”. Mais adiante, ele acrescenta: “Eu posso falar disso com segurança, porque, estando em um país estrangeiro, disfarçado em mercador e tendo querido vender um lingote de prata muito pura de cerca de seiscentas libras esterlinas (pois eu não tinha ousado por a liga de metais, porque cada país tem seu título particular para a prata e seu quilate para o ouro, que os ourives e os moedeiros conhecem logo; de maneira que, se você pensa dizer que esta prata ou este ouro vem daqui ou de lá, conhecendo-os pelo toque, eles o prenderiam) aqueles a quem eu quis vender, disseram-me logo que era prata feita por artifício e, quando eu lhes perguntei como eles a conheciam, não me responderam coisa senão que não eram aprendizes e que conheciam muito bem a prata que vinha da Inglaterra, da Espanha ou de outros lugares, e que essa não era do título de nenhum daqueles países. O que, tendo ouvido, eu me evadi sem dizer palavra e deixei a mercadoria e o dinheiro que devia receber por ela sem que eu jamais tivesse pedido sua devolução depois”.

Em outro lugar, ele explica: “Mas praza a Deus que o ouro e a prata, estes dois grandes ídolos que têm até o presente sido adorados por todo o mundo, se tornem tão desprezíveis como a lama e o estrume! Porque eu, que sei a arte de fazê-los, não sofreria tanto em me esconder, quanto agora. De sorte que parece que a maldição de Caim caiu sobre mim (o que eu não poderia pensar sem verter lágrimas e sem suspirar) e que eu sou, como ele, expulso de diante da face do Senhor, vendo-me privado da agradável companhia de meus amigos, com quem conversava outrora com toda a liberdade. Mas, atualmente, parece que sou perseguido pelas fúrias, e não me posso permanecer muito tempo em algum lugar com segurança; o que me obriga muitas vezes a exprimir, gemendo, a mesma queixa de

Caim a Deus: eis que todo aquele que me encontrar, me matará.

“Não ouse mesmo preocupar-me com minha família, sendo vagabundo e errante, ora num país, ora noutra, sem nenhuma residência certa ou parada. E embora eu possua todas as riquezas, delas não posso, entretanto, servir-me senão de bem pouco”.

Tudo isto explica nossa dificuldade em seguir o traço histórico do Adepto que se deslocava sem parar de um país a outro sob diversas identidades. Entretanto, há talvez em seu caso uma outra razão para estes deslocamentos incessantes. Como Paracelso, parece que Philalèthe tenha sido um alto missionário dos irmãos da Rosa-Cruz. Se compararmos os ensinamentos que ele dá nos seus diversos tratados, àqueles professados pelos Rosa-Cruzes, encontra-se uma identidade completa de vistas, mesmo o anúncio da chegada deste Elias artista, do qual o próprio Paracelso havia precedentemente falado.

O fim da vida de Philalèthe é, se se pode dizer, ainda menos conhecido que seu começo. Simplesmente, um dia, ele desapareceu e não se ouviu nunca mais falar dele. Uma vaga tradição supõe que ele se tenha retirado para a França, mas nenhuma prova disso foi jamais feita e, de todo o modo, retirado ou não, ele teria totalmente desaparecido em nosso país ou em outros. Jamais ocultou que utilizava a Pedra filosofal, não exatamente para obter o ouro difícil para a troca, mas bem mais para a medicina; por isso, numerosos hermetistas convictos afirmam sempre que havia atingido o estado de imortalidade reservado aos Adeptos superiores. O cartomante Etteila afirmava mesmo que Irineu Philalèthe e o conde de Saint-Germain não eram senão um só e mesmo personagem. Ele declara com efeito: “O senhor de Saint-Germain reuniu em si o conhecimento perfeito do espírito das três ciências humanas e é o verdadeiro e único autor do Philalèthe: *“A Entrada aberta ao palácio fechado do Rei”* (Os sete matizes da Obra filosófica hermética, 1.786).

Eu não seguirei o cartomante nesta identificação tardia — o conde de Saint-Germain se manifestou na segunda metade do século XVIII, ou seja, cem anos depois do Adepto. É, entre-

tanto, possível que Philalèthe, como Nicolas Flamel, tenha atingido a sabedoria e, após uma vida errante, conhecido em qualquer lugar secreto uma longa velhice plena de serenidade.

Eu não poderia terminar melhor este capítulo consagrado a este filósofo hermético excepcional, do que citando as últimas linhas de seu tratado *A Entrada aberta ao palácio fechado do Rei*: “Esta obra foi começada e terminada no ano de 1.645, por mim, que nela tenho professado e nela professo a arte secreta, sem procurar aplausos de quem quer que seja; mas o objeto de meu trabalho é ajudar aos que procuram sinceramente o conhecimento desta ciência escondida e lhes ensinar que eu sou seu amigo e seu irmão, sob o nome abaixo assinado de Irineu Philalèthe, inglês de nascimento, habitante do universo.

GLÓRIA A DEUS SOMENTE”.

9

O apostolado de Lascaris

Lascaris: um nome que não lhes é certamente familiar. Os nomes de Nicolas Flamel ou de Paracelso têm atingido o grande público, os de Alberto o Grande ou de Basile Valentin se encontram, hoje ainda, em todos os tratados de química mineral, enfim, os pseudônimos do Cosmopolita ou de Philalèthe continuam a ser venerados pelos “amorosos da ciência”. Mas ninguém fala nunca de Lascaris, cujas demonstrações alquímicas foram, contudo, excepcionais, e cuja personalidade continua tão misteriosa, entretanto, com qualquer coisa de tão familiar que nos levará a propor estranhas questões.

Quem era ele, de onde vinha, em que se tornou? Outros tantos pontos que deverão ficar na sombra. O nome mesmo de Lascaris, que emprego para designá-lo, não é senão um de seus inumeráveis pseudônimos; ele se fazia passar por grego e tinha então escolhido este patronímico muito corrente e usado por numerosos emigrados gregos na Alemanha. Este personagem fantástico, é preciso empregar corretamente a palavra, apareceu no fim do século XVII e prosseguiu, durante o primeiro terço do século seguinte, o apostolado empreendido pelo Cosmopolita, depois por Irineu Philalèthe.

Lascaris parece não ter tido senão um fim: propagar e fazer admitir a verdade da ciência hermética. Por isso, ele não

aparece quase nunca, mas um estudo atento da maior parte das transmutações operadas até perto de 1.735 mostra que o pó ou a tintura que utilizava tal e tal pseudo-alquimista lhe havia sido, na realidade, fornecido por um só e mesmo personagem, cuja descrição correspondia sempre à de Lascaris. Cada vez, por trás do operador, que se revelará não ser senão um comparsa, chegava-se a discernir a silhueta furtiva deste alquimista fora do comum que doutrinou tal ou tal, a fim de fazer executar uma demonstração brilhante provando a verdade da Arte hermética.

Possuímos algumas descrições de Lascaris, mas elas não são de grande ajuda. Pois, seja ao fim do século XVII ou quarenta anos mais tarde, ele é sempre descrito como um homem entre duas idades, nem jovem, quando de suas primeiras aparições, nem velho, quando das últimas. Quanto à sua fisionomia, ela é talvez ainda mais misteriosa, pois nenhuma das descrições feitas dela, concordam entre si: aparentemente, Lascaris mudava de rosto a cada nova ocasião. Somente uma certa eloquência meridional, uma jovialidade, um prazer de falar e de deslumbrar a assistência, permitiam concluir que se tratava do mesmo homem. Ele se dizia grego — o que prova que não o era — e passava por arquimandrita de um convento da ilha de Mitilene. Falava correntemente várias línguas com um ligeiro acento indefinível que logo era esquecido diante de sua volubilidade. É assim, em todo caso, que o descreverá, bem no início do século XVIII, o conselheiro Dippel, um dos melhores químicos do seu tempo, esclarecendo que se tratava de um homem de quarenta a cinquenta anos. Esta descrição concorda perfeitamente com aquelas, mais tardias, que marcarão as últimas aparições do mestre desconhecido.

Essa natureza expansiva e meridional deve tê-lo incitado a operar mais raramente possível, por si mesmo, porque ele estava seguramente certo de que se arricava a falar demais e a atrair sobre si a atenção dos príncipes sempre ávidos de ouro. Os exemplos infelizes de Sethon, de Edward Kelly e mais recentemente do ourives Gustenhover, sendo-lhe provavelmente conhecidos, recomendavam-lhe uma vigilância em todos os instantes. Eis a razão, penso eu, que fez com que esse Adepto

adotasse o princípio das operações efetuadas por pessoas intermediárias, o que era inteiramente inabitual. A sorte reservada a seu primeiro enviado teve o dom de convencê-lo mais, se tivesse necessidade disso, a ficar na sombra.

Com efeito, na alvorada do século XVIII, um gentil-homem prussiano apresentou-se ao rei Frederico I, afirmando que possuía o segredo da transmutação dos metais e que desejava vencer o seu Príncipe. Este o aceitou sem dificuldade e ordenou que a projeção fosse imediatamente efetuada. O gentil-homem operou com o pó que lhe havia sido enviado por Lascaris e transmudou em ouro uma libra de chumbo sob os olhos admirados do rei. Infelizmente, este sucesso fácil lhe subiu à cabeça e, repetindo o erro de seus predecessores, deu a entender a seu suserano que ele mesmo era um Adepto e perfeitamente capaz de realizar a Pedra filosofal. Ele esperava assim assegurar sua fortuna junto à corte, embora não efetuando senão um mínimo de projeções com o restante do pó que possuía. Mas Frederico I não o entendeu assim, e lhe ordenou, “no interesse do Estado”, que preparasse uma grande quantidade de pó de projeção, a fim de desencalhar as finanças do Estado. O gentil-homem se pôs à obra, mas não sendo um Adepto, não chegou a nada. Como, para impressionar o rei, ele tinha declarado “dar sua cabeça a cortar” como estava na posse do segredo fabuloso, o rei tomou ao pé da letra a expressão desastrosa de seu vassalo e mandou cortar-lhe a cabeça. A fim de dar uma aparência legal a esta execução um pouco sumária, exumou-se um velho processo de duelo em que o gentil-homem havia matado seu adversário, mas ninguém se deixou enganar quanto ao motivo real da execução. Ninguém ignorava que a cupidez sempre tem sido um dos sinais distintivos da realeza.

Foi em 1.701 que Lascaris teve ocasião de encontrar, em Berlim, aquele que iria tornar-se seu principal discípulo. O Adepto estava, com efeito, doente ou ao menos o pretendia, e mandou procurar um boticário, a fim de lhe fazer um pedido de remédios. Este, Mestre Zorn, recusou desincumbir-se ele mesmo e enviou um de seus auxiliares, Jean Frédéric Böttger⁽¹⁾, de dezenove anos de idade. O jovem, atento e zeloso, agradou

(1) Este nome é muitas vezes escrito Bötticher, o que é inexato.

bastante a Lascaris, cuja pretensa doença desapareceu logo. Ele se pôs a conversar com o jovem Jean-Frédéric de coisas referentes à Arte hermética, as quais lhe eram muito caras; teve então a surpresa de verificar que este rapaz boticário era também um apaixonado pela alquimia e que conhecia de cor todas as obras de Basile Valentin e havia tentado pô-las em prática. Böttger ajuntou que não havia revelado isso a nenhuma pessoa porque, nesse tempo como em outros, era tida por louca toda pessoa que se dedicava a esses tipos de experiências. Lascaris lhe fez saber então que ele mesmo era um Adepto e lhe prodigalizou alguns conselhos. Depois antes de deixar a cidade, ele lhe entregou — em testemunho de amizade — duas onças do pó de projeção. Exigiu três condições para a utilização deste pó: primeira, não revelar nunca como ele havia sido obtido; segunda, utilizá-lo somente para fins demonstrativos e não com o fito de lucro; enfim, esperar bastante tempo, após a partida do Adepto, para efetuar uma primeira transmutação. Lascaris acrescentou:

— Então, saiba-o bem, o resultado será tal que ninguém em Berlim ousará mais taxar os alquimistas de insensatos.

O jovem esperou com grande impaciência a expiração do prazo fixado, depois procedeu, enfim, ao ensaio de sua Pedra diante de um grupo de jovens alunos boticários como ele, que, antes, se riam de suas leituras. Sob seus olhares estupefatos, duas onças de mercúrio se transformaram em ouro muito verdadeiro. Böttger, louco de alegria, despediu-se de seu patrão e decidiu partir para Halle a fim de estudar medicina.

* * *

Vamos momentaneamente abandonar a história de Lascaris para seguir a deste novo discípulo, que, por muitos pontos, apresenta um interesse certo. O jovem Jean-Frédéric Böttger, pois, ia despedir-se do Mestre Zorn, quando este, que estava satisfeito com seu aluno, decidiu fazer uma tentativa para retê-lo. Convidou-o para jantar, antes de sua partida, convidando ao mesmo tempo dois padres, contando com a assistência destes para persuadir o jovem a desistir das suas idéias quiméricas. Os pastores Winkler e Borst se entregaram, durante o repasto,

a uma crítica severa da Arte hermética e concluíram pela frase: "Jamais você tornará possível o impossível".

O jovem ergueu-se:

— Venham ao laboratório. Esta coisa impossível, eu vou realizar sob os seus olhos.

Todo o mundo acompanhou Böttger e se pôs a seguir atentamente os seus movimentos. Ele tomou, primeiro, um cadinho no qual quis colocar chumbo, mas Mestre Zorn, temendo que esta matéria tivesse sofrido alguma preparação especial, lhe disse que preferia ver operar a transmutação sobre a prata que ele iria buscar em um reservado. O jovem não viu nenhum inconveniente e pôs as três onças de prata que lhe foram entregues no cadinho que ele havia previamente posto a esquentar. Quando o metal atingiu o ponto de fusão, Böttger tirou de seu bolso uma pequena caixa de prata da qual tirou um grão de Pedra filosofal. Envolveu-o em um pouco de cera, antes de atirá-lo ao cadinho. Os convidados tiveram tempo de perceber o pó que, disseram eles, tinha o aspecto de pequenos fragmentos de vidro de cor vermelha carregada. Uma vez resfriado o cadinho, o operador escoou o metal fundido e Mestre Zorn e os dois padres ficaram estupefatos ao verificar que se tratava inteiramente de ouro. Como sempre, levando este à casa do ourives mais próximo, resistiu perfeitamente a todas as experiências a que foi submetido.

Um velho amigo de Böttger, Siebert, que dirigia o que, em nossos dias, chamaríamos um laboratório de farmácia, ouviu falar da transmutação efetuada por seu antigo discípulo. Veio vê-lo e perguntou se poderia ser, por sua vez, testemunha deste feito prodigioso. O jovem aceitou de bom grado. O próprio Siebert comprou o cadinho e o mercúrio destinados à operação, depois conduziu toda a manipulação, cabendo a Böttger unicamente jogar a bolota de cera contendo o pó de projeção. Siebert tinha, ademais, preparado oito onças de chumbo que se encontravam em outro cadinho e tinham sido igualmente levadas ao ponto de fusão. Uma vez submetido o mercúrio à ação da Pedra filosofal, ele começou a transformar-se em uma massa escura que foi imediatamente derramada sobre o chum-

bo no outro cadinho; ao fim de um quarto de hora, os dois metais estavam unidos em uma só e única massa de ouro.

A reputação de Böttger cresceu imediatamente na cidade de Berlim. Os habitantes se dividiram em duas categorias: os que tinham visto e obrigados a crer, e os que tinham unicamente ouvido falar e que acreditavam tratar-se de fábulas ou mentiras. Estes tinham apelidado o pobre Jean-Frédéric: *Adeptus ineptus*. Ainda desta vez, era fatal que o ruído destas operações maravilhosas não tardasse a chegar à corte do rei Frederico-Guilherme I. Este, como seus predecessores em semelhante caso, ordenou que se prendesse o jovem Böttger. Felizmente para ele, Mestre Zorn conhecia um membro da comitiva do rei que o preveniu e o jovem teve tempo de deixar a cidade em direção a Wittemberg, onde morava seu tio. Sua partida se transformou rapidamente em fuga, quando, depois de haver atravessado o Elba, percebeu um grupo de soldados prussianos lançados à sua perseguição, e ele teve de escapar através dos bosques para os distanciar. Uma vez chegado à casa de seu tio, Böttger acreditou estar em segurança, mas o rei da Prússia não queria deixar sua presa e pediu a extradição de seu vassalo à cidade de Wittemberg. Felizmente para ele, Böttger não nascera em Magdeburgo, como acreditava Frederico Guilherme I, e sim no Saxe, por isso, quando o eleitor do Saxe, Augusto II, rei da Polônia, o reclamou, por sua vez⁽¹⁾, como um dos seus súditos, foi para ele que dirigiu os seus passos, muito feliz de por uma grande distância entre ele e a corte de Berlim.

Uma vez chegado a Dresde, Böttger foi conduzido à presença do eleitor do Saxe, que lhe pediu efetuar uma projeção sob o seu controle. O jovem consentiu de bom grado, e a transmutação se realizou perfeitamente. Augusto II, encantado, nomeou-o barão imediatamente. Esta fortuna virou um pouco a cabeça do pobre Jean-Frédéric. Esqueceu completamente os estudos de medicina com que havia sonhado um momento, e não pensou mais senão em beber e divertir-se, utilizando o ouro que podia obter graças à reserva do pó de Lascaris. Ele mandou construir uma casa esplêndida, onde tinha mesa farta, e

(1) Quase houve uma guerra entre os dois países!

conta-se que, a cada refeição, os convidados encontravam uma peça de ouro sob o guardanapo. Tornou-se logo a coqueluche das damas da boa sociedade que não hesitavam em se oferecer a ele em troca de qualquer jóia obtida graças ao ouro hermético.

Isto durou dois anos. Certamente, o apostolado do qual o havia encarregado Lascaris, dera resultado em um certo sentido, pois que as extravagâncias de Böttger faziam acreditar por toda a parte na verdade, a saber, que o pó de projeção permitia obter-se todo o ouro que se desejasse. Mas, por outro lado, a provisão da Pedra filosofal deixada pelo verdadeiro Adepto acabava rapidamente. Lembrando-se dos estudos de Basile Valentin e das explicações orais que Lascaris lhe havia dado, Böttger, como o tinham já tentado, na mesma situação, outros missionários desvairados pela febre do ouro, se viu na obrigação de renovar esta provisão, persuadido de que por si mesmo o conseguiria. Como sempre, em tais casos, foi um fracasso total. Um dia, não lhe restou um só grão do pó. Era a ruína.

Foi então obrigado a interromper suas recepções faustosas, a reduzir suas despesas, e experimentar, por sua vez, ser convidado por todas as pessoas que ele havia tão liberalmente recebido durante vinte e quatro meses. Era conhecer mal a nobreza da corte, essencialmente venal, que lhe virou as costas desde que compreendiera não ter mais nada a ganhar com sua assiduidade. Todas suas belas amantes o abandonaram, seus próprios criados se uniram contra ele porque não lhes pagava mais, e propagaram mesmo a notícia de que ele se preparava para a fuga. Segundo o processo habitual, o elcitor deu ordens no sentido de que ele fosse mantido preso em sua própria casa.

Isto nos reconduz a Lascaris que, na época, viajava ainda pela Alemanha. De longe ele havia seguido as aventuras de seu jovem protegido, sabido de sua fuga precipitada de Berlim, sua chegada a Dresde, seu enobrecimento, e agora sua situação difícil. Lascaris sentiu-se moralmente responsável pela loucura do jovem e suas conseqüências. Julgou então seu dever tudo fazer para tirá-lo desse mau passo, e com este objetivo, retornou a Berlim, em 1.703. Böttger, tendo-lhe revelado que entre seus amigos e camaradas um só lhe parecia ser homem direito e inteiramente digno de confiança, o médico Pasch,

Lascaris foi ver este último e lhe contou minuciosamente as aventuras de seu antigo camarada Jean-Frédéric:

— Compreende, acrescentou ele, o perigo que ele corre? É preciso que você vá a Dresde explicar a Augusto II que Böttger não esteve jamais de posse do segredo hermético, mas que ele recebeu sua provisão de pó de um adepto intinerante. Em troca de sua liberdade, você lhe oferecerá um resgate de oitocentos mil ducados.

— Oitocentos mil ducados! exclamou Pasch. Mas onde encontrarei tal soma? Nenhum homem, exceto um príncipe, possui tanta riqueza.

— Venha até minha casa, respondeu Lascaris, vou mostrar-lhe alguma coisa que o convencerá.

Uma vez no pequeno alojamento miserável que o Adepto ocupava, este mostrou a Pasch um saco pesando bem seis libras e que continha um pó da cor do rubi. Ele voltou a dizer:

— Eis minha provisão de pó de projeção e, graças à minha arte, posso renová-la à vontade. Basta-me fazê-la fermentar com ouro vulgar para multiplicá-la e, assim, cada uma de suas partes poderá transmutar-se em ouro até quatro mil vezes seu peso de metal vulgar.

Para acabar de convencer o médico, Lascaris efetuou imediatamente uma transmutação perfeitamente feliz sobre uma libra de mercúrio. Pasch, deslumbrado pelo “argumento irresistível”, prometeu partir, no dia seguinte, para Dresde.

— Na sua volta, disse o Adepto, se você chegar a livrar Böttger, eu o farei rico pelo resto de seus dias.

Alguns dias mais tarde, o Dr. Pasch chegava a Dresde, onde tinha sobrinhos afastados que, por felicidade, eram de família nobre e bem introduzidos na corte. Graças a eles pensava obter uma entrevista com o Eleitor, e lhe transmitir a proposta de Lascaris, mas seus sobrinhos o dissuadiram de fazer tal tentativa: “Pense, disseram-lhe, um tal resgate persuadirá somente o rei de que Böttger tem o segredo do ouro e que você fabricou os oitocentos mil ducados sob as indicações dele. Longe de o abrandar, arrisca-se ele a ser levado à tortura para confessar o seu segredo.

— Que fazer então? exclamou o médico.

— É melhor utilizar este dinheiro para comprar a guarda que retém prisioneiro o seu amigo e fazer assim com que ele se evada.

O projeto era sábio e viável. Pasch alugou um apartamento em frente à casa de Jean-Frédéric e, graças aos criados, fê-lo saber de seus projetos. A evasão ia realizar-se quando a traição de um dos guardas comprados fez com que tudo fracassasse e o Eleitor mandou prender Pasch que foi internado na fortaleza de Sonneinstein. Quanto ao próprio Jean-Frédéric Böttger, foi encarcerado no castelo de Koenigstein, onde ele pôde, entretanto, dispor de apartamentos privados e de um laboratório que lhe permitia prosseguir nas pesquisas. O pobre Dr. Pasch ficou preso dois anos e meio antes de conseguir fugir, mas ele quebrou desastrosamente o esterno durante a fuga e morreu seis meses depois de sua volta a Berlim. Narrou sua triste aventura ao conselheiro Dippel, que nos deixou a respeito um relatório circunstanciado.

Quanto a Jean-Frédéric Böttger, conheceu uma volta da fortuna, imprevista. Sabendo-se incapaz de preparar a Pedra filosofal, ele esperava a tortura e a morte, quando sua sorte se modificou sob a influência do conde de Tschirnhaus, que comandava a fortaleza onde ele se achava preso. O conde se interessava pela fabricação de porcelana, arte chinesa então quase totalmente desconhecida na Europa. A reputação de alquimista de Böttger, malgrado seus fracassos repetidos, era tão grande, que o conde resolveu associá-lo a seus próprios trabalhos.

Em 1.704, o falso Adepto descobriu um método para obter a porcelana vermelha, depois, em 1.709, o meio de fabricar, enfim, a porcelana branca, o segredo mais procurado na época. O Eleitor ficou contente, porque a posse desse segredo valia para ele quase tanto quanto o da Pedra filosofal, pois que ia poder criar manufaturas de porcelana em todo o território do seu Estado. Böttger aproveitou suas boas disposições para confessar-lhe que ele nunca havia possuído o segredo da Pedra, e contou-lhe sua entrevista com Lascaris. O Eleitor não o tratou mais com rigor e o liberou, restituindo-lhe seu título de barão, depois o nomeou diretor da primeira manufatura de porcelana de Saxe, em Dresde. Ele retomou, então

seus hábitos de luxo e levou uma vida desregrada até a idade de trinta e sete anos, quando morreu minado pela bebida.

* * *

Esta narração não satisfaria o leitor exigente, se eu não fizesse menção a um estudo aparentemente muito sério e com todo o peso da erudição alemã sobre a vida de Böttger, e que apareceu em Leipzig em 1.837: *JF Böttger, Erfinder des Sächsischen Porzellans*, por Charles Auguste Engelhardt, arquivista do Ministério da Guerra.

Como se deveria esperar da parte de um autor do século XIX, contemporâneo de Louis Figuier, Engelhardt defende a tese de que o jovem Jean-Frédéric não transmutou jamais uma onça de qualquer metal em ouro. Eis como ele conta a história: segundo ele um mendigo muito conhecido no bairro onde estava situada a farmácia de Mestre Zorn, chamado Lascaris, deu um dia um certo pó ao jovem Böttger. Este fez crer a seu patrão que se tratava da Pedra filosofal e fingiu efetuar uma projeção sob seus olhos, depois abandonou-o. Engelhardt reconhecia que o caso provocou tanto barulho que a Prússia esteve a ponto de declarar guerra ao Saxe, onde o jovem aprendiz de boticário se havia refugiado. Aí, ele teria imediatamente sido admitido à corte de Augusto II, rei da Polônia, e lhe teria feito crer que possuía a Pedra filosofal e que sabia transmutar os metais. O Eleitor do Saxe teria então lhe dado um título de nobreza e lhe teria confiado um laboratório de pesquisas alquímicas. Foi aí que, mais tarde, quando a paciência de Augusto começava a cansar-se e que sua estada transformara-se em prisão, o jovem Böttger descobriu o segredo da porcelana. Quanto ao mendigo Lascaris teria morrido em um asilo para indigentes de Dantzig, pouco depois da fuga precipitada de Böttger.

Para que a tese de Engelhardt seja sustentável, seria preciso admitir que um Estado pudesse declarar guerra para reaver um simples ajudante de boticário de dezenove anos, que ninguém conhece, e depois lhe dá um título de nobreza sem motivo. Quanto a Lascaris, não duvido que nosso nobre erudito tenha encontrado referências de um mendigo com esse nome,

pois, como eu disse, este patronímico era muito usual entre os emigrados gregos na Alemanha. Mas este mendigo não pode ter nenhuma relação com nosso Adepto cuja história está longe de terminar. Se se examina atentamente a vida de Böttger e se submete à crítica da razão, uma conclusão se impõe: somente o pó de Lascaris torna sua aventura não só verossímil mas até mesmo possível.

* * *

Retomemos agora a história do verdadeiro Lascaris que, por seu lado, prosseguia sua campanha de propaganda em favor da filosofia hermética. Ele escolheu como novos emissários dois jovens preparadores de farmácia. Com efeito, na Alemanha, nessa época, considerava-se que os boticários eram todos mais ou menos alquimistas em suas horas vagas e que, se eles não sabiam fabricar o ouro, podia-se julgá-los mais aptos do que outros para descobrir o segredo. Assim se explica, sem dúvida, a escolha do Adepto, porque os dois jovens que se beneficiaram de seus conhecimentos da Pedra filosofal não tinham aliás nada de especialmente notável ou interessante.

O primeiro foi Hermann Braun que ocupava o lugar de auxiliar de boticário na maior farmácia de Francfort-sur-le-Main. Após seu encontro com Lascaris, ele contou a todo mundo que um de seus parentes, no momento de morrer, lhe havia feito presente de uma pequena provisão de tintura transmutatória. A fim de lhe dar um caráter particular sem alterar suas propriedades, ele havia misturado o produto dado pelo Adepto com um bálsamo de Copahu, o que lhe dava um colorido muito especial. O dono da farmácia, o Dr. Eberhard, pediu-lhe que procedesse a um ensaio de sua pretensa tintura diante de alguns amigos e dele mesmo. Braun consentiu de boa vontade e transmutou alternativamente o mercúrio, depois o chumbo, em ouro. Fez-se então apelo à mais alta autoridade científica local, o Dr. Horlacher, de Munster, o qual aceitou assistir a uma experiência sob a condição, por ele imposta, de dirigi-la inteiramente ele mesmo. Tendo Braun consentido, Horlacher tomou todas as precauções, a fim de que nenhuma velhacaria fosse possível. Comprou um cadinho novo, encheu-o

de mercúrio em casa do boticário, seu amigo, e escolheu, enfim, como chumbo, um velho tubo, cuja existência ele conhecia há muito anos. A experiência realizou-se em seu próprio laboratório, primeiro sobre o mercúrio, e a única ação de Braun consistiu em jogar no metal uma bolota de cera embebida de quatro gotas de tintura. Horlacher recobriu então, ele mesmo, o cadinho com uma tampa e, após ter esquentado ainda uma dezena de minutos, pôde verificar que todo o mercúrio estava transformado em ouro. A mesma experiência foi repetida com o velho tubo de chumbo que se tornou, também, ouro de alta qualidade.

Esta dupla transmutação fez muito barulho na região. Braun, que nada conhecia daquilo, declarou que esta tintura era obtida a partir do fósforo. Era, com efeito, um corpo cujo estudo era recente e que lhe parecia misterioso! Uma vez terminada a provisão de pó dado por Lascaris, Braun caiu no esquecimento, tendo, portanto, servido à sua maneira à propaganda hermética do Adepto.

O segundo boticário, chamado Martin, apresenta ainda menos interesse, porque ele perdeu uma parte de seu pó ao misturá-la, estupidamente, com outros corpos, por simples curiosidade, depois gastou o resto em fazer projeções para deslumbrar algumas moças das quais desejava obter os favores e negligenciou fazer demonstrações diante de notabilidades científicas de sua cidade, malgrado a ordem que lhe havia certamente dado Lascaris.

Voltemos de preferência ao próprio Adepto, agora na Boêmia, onde o vemos travar conhecimento com o conselheiro Liebkech que voltava de Viena. Este descreveu seu companheiro de viagem como um homem de meia idade, muito culto, e falando ao mesmo tempo de modo corrente o grego, o latim, o francês, o alemão e o italiano. Lascaris, verificando que estava em contato com uma pessoa de qualidade, conduziu diretamente a conversação para o assunto da Arte hermética. O conselheiro revelou-se um adversário cruel e recusou-se mesmo a escutar os argumentos do Adepto, acrescentando que acreditaria somente quando visse, com seus próprios olhos, um metal qualquer

transmutar-se em ouro. Lascaris não insistiu e mudou de conversa.

A parada seguinte situava-se em Hasch-sur-Legeir. Após uma noite de repouso, e antes de subir novamente na diligência, Lascaris propôs ao conselheiro levá-lo à casa do ferreiro vizinho para mostrar-lhe uma experiência interessante. Liebknech, que havia completamente esquecido sua discussão da véspera, consentiu de boa vontade. Lascaris colocou então mercúrio em um cadinho e o transmutou rapidamente em ouro com um pouco de seu pó. O conselheiro ficou mudo, o Adepto anunciou que ia recomençar a experiência para acabar de convencê-lo. O ferreiro tomou então um outro cadinho, pôs nele mercúrio, e o levou ao ponto de fusão. Lascaris operou a transmutação, mas, considerando o ouro, disse:

— Desta vez o ouro é menos belo do que antes. Vou purificá-lo.

Este ouro foi posto num terceiro cadinho e de novo fundido; o Adepto aí jogou então um outro pó e logo o ouro se tornou branco. Quando foi escoado, percebeu-se tratar-se de agora em diante de prata duma grande pureza. Lascaris ofereceu o ouro e a prata assim obtidos ao conselheiro Liebknech, absolutamente aniquilado, e decidiu não prosseguir viagem com ele, sem dúvida a fim de escapar a perguntas muito incômodas. Partiu então para a França. Hoje ainda os três cadinhos que serviram a esta tríplice transmutação estão conservados na universidade de Iena.

Perdemos na França o vestígio de Lascaris e é somente em 1.707 que temos novas dele, graças ao químico Dippel, já citado.

Em Amsterdam, Dippel travou conhecimento com um homem que se dizia possuidor de tinturas necessárias às transmutações de metais em ouro ou em prata, e pretendia tê-las obtido de um mestre que desejava conservar o anonimato. Acossado por perguntas do conselheiro Dippel, o homem acabou por descrever o personagem que lhe havia trazido esta pequena provisão de pó de projeção. Dippel, que já havia encontrado Lascaris, não teve nenhuma dificuldade em reconhecê-lo pelo retrato que dele traçou o desconhecido. Este homem,

quando viu que o químico conhecia seu benfeitor, aceitou efetuar uma transmutação diante dele, dizendo que operaria como havia visto seu mestre fazer recentemente. Ele conduziu Dippel e algumas outras pessoas a um ateliê próximo e aí lhes mostrou uma placa de cobre de quase trinta centímetros de diâmetro, que colocou sobre um forno de maneira que somente o centro se tornou quente, ou seja, somente um círculo de dez centímetros de diâmetro. Uma vez levado o metal a uma temperatura muito alta ele ali projetou alguns grãos de sua tintura branca, e o centro da placa de cobre se transmutou imediatamente em prata. O operador retirou então esta lâmina e a colocou sobre um forno menor, a fim de esquentar agora apenas o centro da placa, ou seja, um círculo de quase quatro centímetros. No momento em que a prata ficou sob um alto grau de temperatura, o homem atirou um grão de pó vermelho que transmutou este círculo interior em ouro. Ele apresentou em seguida a placa em que os três metais, ouro, prata e cobre estavam assim intercalados concentricamente, ao químico Dippel, que o havia visto operar atentamente. Este último, para mostrar que não havia nenhuma possibilidade de velhacaria, esclareceu: "O Artista não se limitou a mostrar o exterior da placa mas cortou-a em pedaços para fazer ver aos amantes da alquimia que a tintura tinha reagido igualmente no interior; ele lhes vendeu estes pedaços a um preço muito moderado".

Sem dúvida, esse operador anônimo não tinha a elegância dos verdadeiros Adeptos, Sethon, Philalèthe ou Lascaris, que faziam sempre presente do produto de suas transmutações à assistência. Entretanto, deve-se admitir que se tratava de um operador hábil, digno da confiança que Lascaris havia posto nele.

Durante alguns anos ainda, até 1.715, nosso misterioso Adepto vai permanecer inencontrável. Nós o reencontramos em Hamburgo, na residência do barão de Creuz, um homem que havia consagrado trinta anos de sua vida à procura da Pedra filosofal, sem jamais conseguir outra coisa que provocar a zombaria. Ele teve uma longa conversação com Lascaris a quem expôs que não tinha mais, a partir de então, senão um único desejo: ser capaz de efetuar uma só e única transmutação sob

os olhos de sua sociedade, a fim de fazer cessar as zombarias continuadas e de poder prosseguir seu trabalho com nova calma de espírito e nova coragem. Lascaris limitou-se a encorajá-lo, mas, após sua partida, o barão teve a surpresa de descobrir sobre a poltrona que havia ocupado seu visitante uma pequena caixa que continha um pouco do pó vermelho e uma jóia. Uma nota explicava que se tratava do pó de projeção, e esclarecia a maneira de servir-se dele. Quanto à jóia, era um broche de prata do qual um dos braços havia sido transmutado em ouro. Parece que o Adepto tinha querido mostrar que seu saber era tal, que podia efetuar transmutações a frio, sem ter de levar o metal ao ponto de fusão, o que teria deformado o desenho do broche. O barão não duvidou um só instante que ele tinha consigo a famosa tintura dos filósofos: reuniu todos os seus parentes e amigos e, malgrado os sarcasmos, achou que devia operar a transmutação. Foi feliz além de suas esperanças, imergindo todos os assistentes na estupefação mais profunda. Ele teve a sabedoria de reconhecer que não era o autor deste pó miraculoso, satisfazendo-se com o triunfo que acabava de conseguir. O broche, meio-ouro, meio-prata, é conservado ainda hoje por seus descendentes.

Lascaris chegou a Viena em julho de 1.716 e chegou a reunir uma assembléia de pessoas de qualidade compreendendo os principais doutores da região, a fim de provar a todos a realidade da Arte hermética, por uma prova solene e cercada de todas as garantias possíveis. Um processo verbal extremamente minucioso da ata foi preparado pelo conselheiro Pantzer de Hesse, texto que é interessante citar aqui, embora ele seja um pouco longo, pois que se trata de um dos raros documentos oficiais irrefutáveis provando a realidade da transmutação metálica.

“Foi em Viena, a 2 de julho de 1.716, no sétimo domingo após a Trindade, no apartamento do conselheiro do Príncipe de Schwartburgo o senhor Wolf Phillippe Pantzer, na casa que pertence ao general imperial, comandante da residência do imperador e da fortaleza de Viena, o senhor conde Charles-Ernest de Rappach, na presença do vice-chanceler imperial e boêmio, comandante da expedição alemã, sua excelência o conde

Joseph de Wurben e de Freudenthal, na presença do senhor Ernest, conselheiro secreto do rei da Prússia e do senhor Wolf, conselheiro secreto do príncipe de Brandebourg-Cumlbach e Anspach, na presença dos irmãos conde e barão de Metternich, assim como do conselheiro de Schwartzburgo, acima nomeado, e de seu filho Jean-Christophe Phillippe Pantzer.

1º Pelas dez horas da manhã, as pessoas acima citadas reuniram-se no lugar designado. Uma delas trouxe o pó filosofal em um papel; era uma quantidade infinitamente pequena e tinha o aspecto do sal marinho; pesou-se e encontrou-se meia onça.

2º As personagens presentes pesaram dois pfennigs de cobre, um dos quais havia sido tomado ao asilo dos pobres de Viena, o peso do primeiro fora de cem dracmas oito e meio grãos, e o do segundo, feito em 1.607, na Hungria, de sessenta e seis dracmas seis grãos.

3º Aqueceu-se o primeiro, que o conselheiro de Schwartzburgo retirou com uma pinça de ferro; depois, o senhor Wolf, barão de Metternich, envolveu-o em um pouco de cera e recobriu com ela um lado do pfennig em superfície.

4º O vice-chanceler boêmio, que temia que o pfennig não fundisse, fê-lo avermelhar; em seguida jogou-o numa certa água e o retirou tão prontamente que queimou os próprios dedos.

5º Todos viram que o pfennig, vermelho quando foi mergulhado na água, estava branco quando foi retirado, com certas marcas que provavam haver começado a fundir-se.

6º Começou-se a mesma operação com o segundo pfennig e o resultado foi o mesmo que o já obtido pelo senhor Wolf, barão de Metternich.

7º Mas não se ficou nisto; fez-se também aquecer outros pfennigs menores, que foram submetidos à mesma operação e, depois de retirados, notou-se que a cor havia mudado, mas que não estavam inteiramente brancos. Os dois irmãos Metternich prestaram a isso grande atenção.

8º Tomou-se um pedaço de cobre em forma de prisma, jogou-se este pedaço na mesma água após havê-lo aquecido, e

viu-se que, em certas partes, tinha mudado a cor, mas menos do que os dois primeiros pfennigs.

9º Cortou-se um pedaço deste cobre, fez-se a mesma operação e ele tornou-se inteiramente branco.

10º Experimentou-se com um outro pedaço de cobre, mas notou-se que ele saiu da água sem haver mudado a cor.

11º Cortou-se em dois o maior dos pfennigs do artigo n. 2 e notou-se que ele ficou branco no interior e no exterior; o conde Ernest de Metternich tomou uma metade e o barão Wolf de Metternich a outra.

12º Desta última metade cortou-se um pequeno pedaço pesando duas dracmas, colocou-se numa forma e encontrou-se pelo cálculo que o pfennig inteiro mudara em prata pesando quarenta grãos.

13º Colocou-se o pequeno pedaço do artigo n. 9 na forma e encontraram-se doze grãos de prata.

14º Operou-se da mesma maneira com um pedaço do artigo n.8 e achou-se que era de prata; mas, como ele não havia sido pesado previamente, não se pôde saber exatamente em que proporção dele se formara.

15º Desde que não havia mais dúvida de que o cobre mudara em prata, procurou-se o peso da prata; pesaram-se os pfennigs do artigo n. 2: o primeiro pesava cento e vinte cinco dracmas e oito grãos, isto é, vinte e cinco dracmas mais do que antes; o segundo pesava setenta e nove dracmas dezesseis grãos, isto é, onze dracmas mais do que antes, o que não admirou menos os presentes, que a própria transmutação.

16º Não se pôde calcular precisamente quanto uma parte de tintura enobrecia o cobre, porque não se tinha pesado o cobre do artigo n. 7 e do artigo n. 8. Entretanto, se ela não tinha mudado senão os dois pfennigs, resultaria disto que uma parte da tintura teria mudado cinco mil quatrocentas partes de cobre em seis mil e quinhentas e cinqüenta e duas partes de prata e, por consequência, não se erra muito dizendo-se que uma parte de tintura havia transmutado dez mil partes de metal.

Actum loco in die at supra, in memoriam fidem rei sic gestas factae qua verae transmutationis.

L.S. Joseph, conde de Würben e de Sodenthal

L.S. Wolf, barão de Metternich

L.S. Ernest, conde de Metternich

L.S. Wolf-Phillippe Pantzer.”

* * *

Não foi senão bem mais tarde que reencontramos Lascaris, através do testemunho do tenente-coronel Schmolz de Diebrach, que se encontrava então a serviço do rei da Polônia. Seu pai tinha sido um grande defensor da Arte hermética e estava arruinado, e foi por isso que seu filho abraçara a carreira das armas. Um dia em que evocava os trabalhos de seu pai em presença de seus camaradas oficiais, estes se riram dele e puseram essa quimera em ridículo. Dierbach defendeu a memória de seu pai do melhor modo que pôde e pareceu muito mortificado com a atitude de seus camaradas. Entre os assistentes um estranho havia escutado com muito interesse a discussão, mas sem tomar parte neia. Tratava-se, com efeito, de Lascaris que, uma vez retirada a maior parte dos assistentes, aproximou-se de Dierbach e pediu-lhe uma entrevista. Tendo o oficial aceitado, o Adepto revelou-lhe sua indignação diante do procedimento dos outros militares e lhe afirmou que ele possuía o meio de confundi-los e, assim, exaltar a memória do pai do oficial. Deu então uma pequena provisão da Pedra filosofal a Schmolz de Dierbach, pedindo-lhe, entretanto, com insistência, que não experimentasse fabricar mais riquezas que equivalessem a três ducados por semana, e isso durante sete anos. Além disso, pediu-lhe que tentasse converter o maior número possível de pessoas à alquimia. O oficial consentiu nisso de boa vontade, agradeceu seu benfeitor e regressou à sua caserna com a intenção bem firme de pedir sua demissão.

Efetivamente, Schmolz de Dierbach deixou o exército e não tardou a assombrar todos seus amigos pelas transmutações felizes e repetidas. Chegou a notícia disso até aos ouvidos do velho conselheiro Dippel, o químico que nós encontramos neste capítulo e que já havia tido ocasião de se interessar por Lascaris. Dippel foi então a Francfort-sur-le-Main, onde residia dessa época

em diante Dierbach e lhe pediu para examinar seu pó. Eles permutaram também sua descrição do personagem misterioso que dele era o distribuidor. Dippel ficou surpreso ao verificar que a imagem que dele dava Dierbach era idêntica àquela que subsistia em sua lembrança. Dippel pôde examinar completamente o pó do Adepto. Ele olhou-o ao microscópio e constatou que era composto de um número considerável de pequenos cristais da cor vermelho-laranja, mas tentou em vão analisá-lo; depois efetuou com ele diversas transmutações para conhecer-lhe o exato poder; concluiu que uma parte do pó transmutava em ouro seiscentas partes de um outro metal.

Schmolz Dierbach foi um perfeito missionário hermético. Com uma grande generosidade, ele multiplicou as projeções para todas as pessoas que lhe pediam para serem convencidas, dando-lhes, a cada vez, o produto da transmutação e não guardando nada para si mesmo do ouro assim obtido. Uma vez decorrido o prazo de sete anos imposto por Lascaris, ele teve a surpresa de verificar que sua provisão de pó estava esgotada embora ele não tivesse experimentado respeitar esta condição. Tornou-se então deputado e caiu no esquecimento, com seu papel terminado.

Malgrado sua grande prudência, Lascaris acabou por atrair a atenção do Eleitor palatino que enviou homens armados para prendê-lo. Ele não deveu sua salvação senão à fuga, mas foi obrigado, uma noite, a apresentar-se ao castelo da condessa Anne-Sophie d'Erbach, para pedir-lhe asilo. Primeiro a nobre dama recusou, pensando tratar-se de qualquer malfetor em infração. Depois, acabou por comover-se e permitiu-lhe passar a noite, em sua residência, recomendando aos criados que fizessem boa guarda. Lascaris passou alguns dias no castelo, o tempo de fazer crer a seus perseguidores que ele havia deixado definitivamente o país. Antes de ir-se, a fim de agradecer à sua benfeitora, ofereceu-lhe mudar toda a sua baixela de prata em ouro. Esta oferta inquietou a princípio a condessa que temia por sua prataria e retornou a todos os seus primeiros receios. Diante da insistência do estranho, ela se contentou em mandar-lhe uma velha bacia de prata muito admirada, aumentando sua vigilância. Para seu vivo alívio e ainda mais para sua estupefação, a bacia, fundida, foi transmutada no ouro mais puro. A pedido de Lascaris,

o lingote obtido foi examinado pelo ourives da cidade vizinha que procedeu a todos os exames habituais; o criado voltou mesmo com um certificado do ourives em boa e devida forma. Plena-mente convencida desta vez, a condessa d'Erbach consentiu em ceder a totalidade de sua baixela de prata ao Adepto que, além disso, se comprometeu a reembolsá-la integralmente, em caso de insucesso. Mas a operação foi feliz, e logo a condessa se encontrou com um número respeitável de lingotes de ouro, de peso exatamente igual ao da baixela desaparecida. Depois de haver esperado ainda alguns dias no castelo, afastado de todo o perigo, Lascaris então despediu-se da condessa que teve a estupidez, — é preciso empregar a palavra exata, — de lhe oferecer uma bolsa contendo duzentos táleres em agradecimento pela sua operação alquímica! O Adepto recusou com um sorriso, sem se rir da pobre mulher.

A autenticidade desta aventura é inteiramente certa, porque ela teve conseqüências judiciárias. Com efeito, o marido da condessa, o conde Frédéric Charles, vivia separado dela desde alguns anos. Quando a notícia da extraordinária transformação da baixela chegou a seu conhecimento, o conde se lembrou logo que ele, diante da lei, era sempre o esposo da condessa, e reclamou a metade do ouro hermético, pois tratava-se de um aumento do capital familiar caindo na comunhão de bens. Recusando sua mulher toda conciliação, o conde levou o caso aos tribunais e a corte de Leipzig recusou atender a seu requerimento, “considerando que a baixela de prata pertencendo à mulher, o ouro devia também pertencer-lhe”. (Putonei, *Enunciata et consilia juris Lipsiae*, 1.733).

Deixaremos aqui Lascaris que desapareceu, como por encanto, entre 1.730 e 1.740.

Eu disse, no início deste capítulo, que a silhueta de Lascaris sua “verve” e sua facúndia nos lembravam as de um outro personagem histórico mais familiar. É este personagem que, pouco depois de 1.740, vai justamente aparecer em nossa cena, como se Lascaris continuasse nele. Não digo mais por enquanto; vamos chegar a este personagem muito célebre em um próximo capítulo. Fiquemos pois à espera na incerteza sobre a identidade e a sorte de Lascaris.



O "Alquimista", gravura segundo o quadro de Téniers

História de Sehfeld

Este alquimista da metade do século XVIII é quase totalmente desconhecido em nosso país. Com efeito, se Karl Schmie-der lhe concede lugar importante à sua obra, inédita em francês, Figuiet o ignora totalmente. Foi preciso esperar o ano de 1963 para que Bernard Husson o tirasse do esquecimento em suas *Recherches alchimiques* (revista *Initiation et science* n.º 56 e 57). Eis como Husson apresenta seu personagem:

“Pode-se perguntar se o silêncio de Figuiet não se prende ao hábito que o fecundo vulgarizador era obrigado a adotar a respeito de seus contemporâneos. À época do cientismo mais positivista, um escritor desejoso de conseguir sucesso de livraria devia compensar por explicações químicas consolidadas todas estas relações de fenômenos radicalmente incompatíveis com as idéias e as teorias em vigor então.

“O caso de Sehfeld exclui toda tentativa de explicação deste gênero e é a razão mais provável pela qual, malgrado todo o interesse romanesco que ela oferece ao narrador, Figuiet se abstém de relatá-la em sua obra.

“A *História de Sehfeld* oferece por outro lado a garantia suplementar de ter sido descrita por autores cuja veracidade não poderia ser posta em causa e que puderam obter informações de

primeira mão, interrogando as testemunhas dos fatos que descreveram.”

Estas duas testemunhas foram Johann von Justi, um mineralogista alemão que foi conselheiro das minas na Áustria e membro da academia de Göttingen, e Karl Christoph Schmieder, diretor do liceu de Kassel, cuja *História da Alquimia* é sempre reputada. Eis, primeiro, um resumo do relato de von Justi; os trechos citados são devidos à excelente tradução de Bernard Husson.

Nascido na Alta-Áustria, na primeira metade do século XVIII, o jovem Sehfeld foi muito cedo atraído pelos estudos químicos e pela procura da Pedra filosofal. Sua primeira tentativa conclui-se por um fracasso completo e ele precisou deixar o país sob as zombarias e mesmo o descontentamento de certos ricos habitantes que haviam financiado seus primeiros trabalhos. Ele não voltou à sua terra natal senão depois de uma dezena de anos, e fixou-se na pequena estação termal de Rodaum, perto de Viena, a fim de conhecer a paz e a tranqüilidade. É em casa do vigilante de banhos, Friedrich, que o alquimista vem morar no interior dum agradável vale. Fez amizade com seu hospedeiro, sua mulher e suas três filhas moças, e resolveu manifestar-lhes sua gratidão transmutando diante deles uma libra de estanho em ouro. Com efeito, ele tinha sobretudo necessidade de que Friedrich lhe servisse de intermediário para comprar diversos instrumentos e produtos necessários à prática de sua arte e para vender, em tempos, alguns lingotes à casa da moeda. Este fato, que é real, permite supor que Sehfeld tivesse conseguido atingir o magistério no curso dos últimos anos, ou, pelo menos, que ele tinha entrado na posse do pó de projeção.

Friedrich, ao qual foi prometida honesta comissão, apressou-se em aceitar a proposição de seu locatário e efetuou para ele várias transações, seja com os ourives judeus de Viena, seja com a casa de moedas da capital. Infelizmente, as quatro mulheres não souberam segurar sua língua, e logo toda a cidade ficou sabendo das atividades alquímicas de Sehfeld. Rumores de encarceramento correram, que acabaram por inquietar o alquimista. Ele resolveu pedir por intermédio de um amigo um salvo-con-

duto ao imperador, pretextando que trabalhava no preparo de colorantes artificiais, que lhe trariam grandes rendimentos, e explicando assim que estes trabalhos é que deram origem aos rumores estúpidos que corriam a seu respeito. Para obter a proteção das autoridades, ele ofereceu mesmo uma renda anual bastante considerável. Parece que esta oferta foi aceita, pois Sehfeld esteve em condições de mostrar o salvo-conduto à família Friedrich. Citemos, nesta altura, o texto de von Justi:

“Seja quem for, Sehfeld viveu alguns meses em completa quietude nesse agradável lugar, e ali fez muito ouro. Ele operava suas transmutações ao menos duas vezes por semana, e a mulher de Friedrich, agora viúva, que foi quem me contou, estava sempre presente com suas filhas. Ele utilizava sempre o estanho como metal a transmutar. Essas mulheres me relataram que, quando o estanho se encontrava fundido, Sehfeld projetava um pó vermelho sobre ele. Uma espuma de cor irisada se formava então na superfície do banho e alcançava a altura da mão. Esta efervescência durava perto de um quarto de hora e durante todo este tempo o metal era a sede de uma agitação intensa. Depois, a espuma se depositava, tudo voltava à tranqüilidade, e havia então o ouro mais puro.

“Aquelas pessoas faziam toda a espécie de idéia a respeito de Sehfeld. Supunham que Sehfeld tinha conhecimento do que se passava durante sua ausência, e também que a transmutação não se operava senão sob a influência de sua própria vontade. Ele lhes tinha, com efeito, dado um pouco de seu pó tingidor, como um poderoso remédio em caso de doença grave. Mas eles estavam muito curiosos para experimentar o poder transmutatório. Um dia em que Sehfeld havia ido a Viena, eles resolveram fazer ouro em sua ausência. Puseram o estanho a fundir, e projetaram o pó sobre ele, mas este ficou à superfície do banho, sem nele penetrar e sem provocar nem espuma nem transmutação. Malgrado todos os cuidados que tomaram para apagar os traços de sua tentativa, Sehfeld percebeu contudo desde o momento de sua chegada, que, na sua ausência, se havia trabalhado no local onde ele tinha seus instrumentos. Confessaram-lhe, e ele pareceu ceder diante dos insistentes rogos que lhe endereçavam para obter o meio de realizar a transmutação em sua ausência. Fez-se

então fundir o estanho e ele ficou em uma peça vizinha. No início o pó não queria penetrar e foram informá-lo disso. Ele sorriu e lhes disse para retornarem que, então, a transmutação se efetuariá. Apenas tinham atravessado a soleira do local, o cogumelo se manifestou e a transmutação ao mesmo tempo. Era essa circunstância que estava na origem das idéias a respeito de seus poderes. Eles estavam, entretanto, bem distantes de tomá-lo como feiticeiro. Sem dúvida tinha, antes de sua partida para Viena, feito certas marcas em seus utensílios com o fim de reconhecer se seriam usados durante a sua ausência. Quanto ao fato de que o pó não havia absolutamente penetrado enquanto ele estava ausente ou na peça vizinha, isto se explica facilmente pela razão de que não lhes havia dado aquele com o qual ele efetuava suas transmutações, e que, na sua volta, ele tinha discretamente misturado com o outro, o que explica também a demora de sua ação, calculada para coincidir com a de sua reparaçã na sala”.

Essa existência tranqüila não ia durar. Com efeito, uma noite, o estabelecimento de banhos foi cercado por um destacamento da polícia vindo de Viena. Sehfeld foi então preso e levado à capital, onde atraira a atençã sobre si pelas quantidades de ouro que vendia à casa de moedas ou aos negociantes judeus. A época do poder absoluto dos príncipes passara, mas foram procurar as velhas queixas — de mais de dez anos — dos arrendadores de fundos do jovem Sehfeld, dos quais ele havia despendido a prata em pura perda quando de suas primeiras pesquisas. Foi então acusado de escroqueria e de abuso de confiança, e Sehfeld foi condenado à detençã perpétua na fortaleza de Temésvar, por esses motivos. Os atendentes da corte informavam que suas atividades presentes e suas pretensas transmutações não eram se não charlatanices com o fim de fazer novos ingênuos.

A situaçã de Sehfeld foi, entretanto, menos má do que se podia reccar. Com efeito, o general barão Von Engelshofen, comandante da fortaleza, manteve algumas entrevistas aprofundadas com seu novo prisioneiro e tornou-se seu amigo. Mandou realizar um contra-inquérito em Viena, e verificou que o infeliz Sehfeld tinha sido vítima de uma cabala. O general von Engel-

shofen resolveu, então, tornar a permanência de Sehfeld em Temesvar o menos penosa possível, isentando-o de corvéias, e concedendo-lhe todas as liberdades possíveis nos limites do regulamento. Ele fez mesmo mais, quando, ao fim de um ano, ao retornar a Viena, encontrou o imperador, e lhe expôs minuciosamente o caso do prisioneiro. Citemos aqui, de novo, o relato de von Justi:

“Embora Sua Alteza Imperial não ficasse ainda inteiramente convencida, sua atenção se voltou, entretanto, de novo para a pessoa de Sehfeld, e, quando na mesma época, as circunstâncias de uma caçada ao javali trouxeram o imperador às florestas de Rodaun, o caso lhe voltou ao espírito e ele fez notificar mestre Friedrich. Quando este último se apresentou, ordenou-lhe que narrasse todas as circunstâncias da permanência de Sehfeld e quanto se pudesse saber a seu respeito. Foi o que fez ele com a isenção e a espontaneidade que são a marca da veracidade. Descreveu as menores circunstâncias das múltiplas ocasiões em que havia assistido, assim como sua família, às transmutações operadas por seu hóspede. Quando ele terminou seu relato, Sua Majestade Imperial não escondeu o seu ceticismo sobre o fato de Sehfeld ser capaz de fazer ouro e que sem dúvida Friedrich se enganara. Então, o mestre Friedrich fez esta observação: “Vossa Majestade, mesmo que o bom Deus em pessoa descesse do céu para me dizer tu te enganas, Sehfeld não pode absolutamente fazer ouro, eu lhe responderia: Senhor Deus, é contudo a verdade, e eu estou tão convencido do fato quanto de que vós me haveis criado”. Tomei essa anedota de um cavaleiro que, desde o começo até o fim, assistiu à entrevista. A convicção de Friedrich, cuja fisionomia aberta e franca respirava sinceridade e que, por outro lado, era reputado como um homem de bem, inclinou, sem dúvida, Sua Majestade a conceber melhor opinião de Sehfeld”.

Decidindo mandar libertar Sehfeld, o imperador da Áustria, Francisco I, mandou então que retomasse suas pesquisas alquímicas por sua própria conta. A liberdade de ação do alquimista seria total, mas ele seria constantemente acompanhado por dois oficiais escolhidos por sua honestidade a toda a pro-

va. Sehfeld aceitou essas condições com reconhecimento e efetuou, em companhia de seus guardas, várias viagens antes de vir a encontrar de novo o imperador e de efetuar diante dele certas experiências químicas, das quais não se sabe nada, mas que, conforme as próprias palavras de Francisco I, o satisfizeram inteiramente.

O que, ao contrário, o satisfez menos, foi que um dia Sehfeld e seus dois oficiais desapareceram. Para retomar a expressão, muito justa, de von Justi: “Muitas pessoas sensatas olharam esta falta de seus dois oficiais como a maior presunção do fato de que Sehfeld tinha verdadeiramente sabido fazer ouro, que ele comunicara isso aos dois oficiais e contou-lhes seu segredo”. É certo que o alquimista não reapareceu jamais na Áustria, e se esforçou para, em seguida, conservar o anonimato mais completo. Foi somente por dedução que Karl Schmieder chegou a encontrar sinal de Sehfeld, sob os traços de um Adepto itinerante que se manifestou, uma primeira vez, em Amsterdam e, em seguida, em Halle, onde fez presente de um pouco de pó de projeção a um jovem boticário. Husson, que estudou o caso Sehfeld a fundo, admite que a hipótese de Schmieder é, segundo na expressão, engenhosa e tentadora; sente-se nitidamente que Bernard Husson, sem querer mostrar-se afirmativo, partilha a opinião do erudito alemão.

Vejamos agora o que se passou em Halle: encontramos uma reação no n. 6 dos *Comptes rendus pour l'avancement des sciences naturelles* (Relatório para o progresso das ciências naturais), aparecido em 1.774. (Estudo de Bernard Husson no n. 59 da *Initiation et Science* (Iniciação e Ciência).

O autor anônimo desses relatórios nos diz que um homem, do qual ele não pôde saber o nome e que era um cliente assíduo de uma farmácia da cidade, se dirigia sempre ao mesmo preparador e vinha vê-lo freqüentemente, embora não tivesse, certamente, a necessidade dos produtos que comprava, pois que era visto, a seguir, jogá-los na rua. Um domingo, nosso desconhecido encontrou o preparador mergulhado em um tratado de alquimia, a ponto de não perceber o cliente entrar. Para desculpar-se, declarou: “É espantoso que, ao ler-se os tratados de alquimia, perde-se a consciência de tudo o que se

passa ao redor de si: seus autores escrevem, com efeito, de tal maneira obscura e confusa, que a concentração de espírito e a reflexão mais aguda não bastam para tirar deles esclarecimentos satisfatórios”.

O desconhecido tomou então a defesa dos tratados herméticos que ele qualificou de muito verdadeiros e inteiramente dignos de respeito. Ele sugeriu que poderia eventualmente mostrar ao preparador de farmácia algumas experiências interessantes, se este consentisse ir vê-las em sua casa, o que o outro aceitou de boa vontade. Na mesma tarde, ele chegou à casa de seu cliente, que encontrou em um quarto praticamente desprovido de todo o conforto. Sobre uma cama miserável havia uma pequena caixa que seu hóspede lhe estendeu; ele a tomou com uma lentidão estupefata visto suas dimensões; um pedaço de chumbo do mesmo tamanho teria sido muito mais leve. O alquimista, — é preciso chamá-lo por este nome — deu-lhe então uma pequena fração de pó contido na caixa. Como o preparador protestasse contra tão pequena quantidade de matéria, o alquimista diminuiu uma parte; sem dúvida, havia lido o relato de Helvetius e queria imitar o mandado de Philalêthe. Ele não tinha, entretanto, notado que se tratava da Pedra filosofal, por isso, o preparador perguntou o que devia exatamente fazer com esse pó.

— Ponha a prata a fundir, respondeu o alquimista, e quando ela estiver em fusão, você jogará o papel, como está, sobre sua superfície. Continue então a manter a fusão por algum tempo, escoe em uma lingoteira e, quando você voltar, falaremos disso mais tempo.

Retomemos aqui a narração anônima: “De volta à sua loja, o farmacêutico espera que todos os seus colegas tenham ido dormir, e vai ao laboratório, onde acende o forno para a fundição. Como não tivesse outra coisa sob a mão, tomou uma colher de prata (de 750 milímetros), pesando quase uma onça e um quarto. Ele a fundiu em um cadinho de Hesse, e, quando a prata estava em franca fusão, jogou dentro o papel. Logo o metal contido no cadinho se pôs a borbulhar e apareceu uma espuma inchada de bolhas vermelhas, numa efervescência tão violenta e tão espessa, que o farmacêutico, receando que o

todo transbordasse, tomou depressa as pinças à mão para tirar o cadinho do fogo no momento em que o nível do metal se elevava até as suas bordas; mas, quando as bolhas as atingiram, rebentaram-se e voltaram ao estado normal. As chamas que envolveram o cadinho revestiam as cores do arco-íris. Esse magnífico espetáculo se ofereceu durante um bom quarto de hora, aos olhos do farmacêutico, antes que tudo se acalmasse e que a superfície do líquido se tornasse tranqüila e espelhante. Ele procedeu então ao escoamento em uma lingoteira rasa e notou muito bem, mesmo à luz de sua vela, que o que era há pouco um metal branco tornara-se um metal amarelo; entretanto, visto a hora tardia, deixou para o dia seguinte as provas necessárias. Desde o seu despertar, foi ver o resultado de sua operação da véspera, e encontrou um metal muito denso, de alta cor e muito maleável. Esfregando-o sobre uma pedra de toque verificou que o traço não é atacado pela água forte, mas que se dissolve na água-régia. Outras experiências o convenceram que o metal era de ouro muito puro e resistente a todas as provas. Seu peso era de uma onça e meia ao passo que o da prata não era senão de uma onça e um quarto. Adivinha-se com que precipitação o farmacêutico correu à casa do alquimista, a fim de lhe dar parte da espantosa força de seu pó. Bateu diversas vezes à porta do quarto onde estivera na véspera, mas ninguém respondeu”.

Poder-se-ia ter alguma dúvida a respeito da autenticidade desta narração “anônima” apresentando um Adepto tanto como um farmacêutico igualmente *anônimos* em um tempo e em um lugar incertos; e o que é mais, o relato em que se vê o alquimista repartir a metade do pó que ele deu, e a parte (que eu suprimi) em que o preparador de farmácia vende o ouro herético a um ourives, podem parecer imitados de textos de Helvetius e de Philalèthe. Ora, não é isto, porque o próprio Schmeider conheceu pessoalmente o autor do *Relatório para o avanço das ciências naturais* e pôde trazer os esclarecimentos seguintes: O autor anônimo dos Relatórios era o Dr. von Leysen, conselheiro do ministério dos Domínios e da Guerra, diretor de minas e de salinas do distrito de Saal, fundador da Sociedade para o progresso das ciências naturais de Halle, um homem

possuidor de eminentes conhecimentos em todos os ramos das ciências naturais, e que até o grande Linneu honrava com sua estima, como o atesta a correspondência que manteve com ele. Sua *Flora halensis* coloca-o entre os botânicos de valor. Era igualmente um zoólogo e um mineralogista estimado. Mas era à química e à metalurgia que dedicava suas preferências, e ele fazia, na universidade, leituras muito apreciadas sobre estas matérias.

“Leysen tinha, absolutamente em primeira mão, as informações que relata sobre a transmutação efetuada pelo preparador de farmácia, que se chamava Reussing. Alguns anos depois deste acontecimento, este último instalara-se como farmacêutico em Lobgune, no distrito de Saal, a quatro horas de Halle, e sua filha casou-se com Leysen. Reussing era homem muito reservado e sem pretensão que evitou cuidadosamente chamar a atenção sobre si em virtude de sua aventura. Mas ele a confiou em seus menores detalhes a seu genro e, quando estavam reunidos, a conversação voltava infalivelmente para esse acontecimento. Eu fui favorecido com a amizade paternal de Leysen.” Mais adiante, ele acrescenta: “Reussing foi ver o ourives Lemrich em Lurichstrasse, porque o domínio deste último em sua profissão o distinguia entre todos os seus confrades. Lemrich declarou que aquele ouro era o melhor que ele havia visto. Ele apreciava particularmente, sem dúvida, as pequenas marcas estreladas da cor de rubis, as quais prometiam a um conhecedor a possibilidade de prolongar ulteriormente seu poder transmutatório. Jamais se reviu o Adepto em Halle, e seu nome permanece ignorado. Mas sua marca distintiva ficou no cadinho, nas bolhas escarlates, as quais permitem reconhecer a tintura de Sehfeld”.

É este o último vestígio material que teremos deste alquimista que, como numerosos de seus confrades, desapareceu depois definitivamente. O leitor atento terá talvez notado que, ao longo deste capítulo, eu designei Sehfeld como “alquimista” e não como Adepto. É que, com efeito, os antecedentes do personagem, depois a utilização que fez de sua provisão da Pedra filosofal, fazem-me seriamente duvidar que ele mesmo a tenha realizado e que por consequência tenha sido um ver-

dadeiro Adepto. Sehfeld não foi certamente um mau homem, mas também não deixou de ser um pouco charlatão na sua juventude, um tanto empenhado em fabricar quantidades de ouro para ele mesmo, uma vez em poder do segredo. Por isso não me parece absolutamente impossível que Sehfeld, ao correr dos dez anos passados fora da Áustria, tenha reencontrado Lascaris, que viajava pela Alemanha na mesma época, e que tenha obtido dele uma provisão de tintura, o que explicaria seu comportamento ulterior. Notar-se-á, em particular, que após sua libertação da fortaleza ele retomou seus trabalhos alquímicos e (eu cito von Justi), “efetuou diversas experiências que satisfizeram plenamente Sua Majestade Imperial”. Visto que a reputação de fazedor de ouro de Sehfeld estava estabelecida, parece-me provável que, se ele tivesse realizado uma transmutação diante do imperador, este a teria logo comunicado pelo menos aos altos dignitários da sua corte. Mais provavelmente, Sehfeld lhe mostrou uma das fases do magistério, para convencê-lo de que ele progredia; mas, a meu ver, ele era incapaz de renovar por si mesmo sua provisão de pó. Sem dúvida subornou os dois oficiais com uma provisão de ouro que havia escondido prevendo uma tal eventualidade, ou os fez desaparecer de uma maneira ou de outra (pois que o imperador havia escolhido os homens mais incorruptíveis de sua guarda) e viajou pela Europa à procura de Lascaris. Conhece-se o bom coração deste último, quando um dos seus missionários, como Böttger, se encontrava em dificuldades em razão de sua missão, embora ele se tivesse mostrado imprudente. Pode-se, então, supor que Sehfeld conseguiu reencontrar o Mestre e obter dele uma nova provisão de pó depois de lhe fazer a narração de suas infelicidades.

Bernard Husson pensa que Sehfeld pôde chegar ao estado de filósofo Adepto no fim de sua vida, seguindo nisso um caminho similar ao de Michel Sendivogius, que possuía a Pedra filosofal, sem tê-la encontrado.

O conde de Saint-Germain

Não é meu propósito retrair aqui a história deste personagem enigmático, pois que muitos autores já lhe consagraram livros inteiros (1). Examinarei somente se os qualificativos de alquimista, e mesmo de Adepto, geralmente unido ao nome do conde de Saint-Germain são justificados e se, por isso, ele merece figurar nesta galeria.

A existência histórica do conde começa em 1.743, em Londres. Em 1.745, com efeito, ele teve contas a ajustar com a justiça, que suspeitava ser ele um espião estrangeiro, e a esse propósito Horace Walpole informa: “Ele lá está, há dois anos e se recusa a dizer quem ele é, donde vem, mas admite que não adota o seu nome”. O conde era então descrito como um homem de estatura média, de quarenta e cinco anos mais ou menos, muito amável e grande conversador. É certo que Saint-Germain não era seu nome, mas um pseudônimo, pois que declarou um dia a seu benfeitor, o landgrave de Hesse: “Eu me chamo Sanctus Germanus, o santo irmão”.

Sabe-se, em seguida, que após ter passado alguns anos na Alemanha, ele veio à corte de Luís XV em 1.758. Mada-

(1) Chacornac: *O conde de Saint-Germain*, Chacornac, 1947. Moura e Louvret: *Saint-Germain, o Rosa-Cruz imortal*, J'ai Lu, 1969.

me de Pompadour nos deixou uma descrição de Saint-Germain: "O conde parecia ter cinquenta anos; ele tinha uma fisionomia fina, espiritual, vestia-se muito simplesmente, mas com gosto. Tinha nos dedos belos diamantes, assim como em sua tabaqueira e em seu relógio. Este estrangeiro, este desconhecido, cujo título de nobreza era mais que duvidoso e o nome pelo menos incerto, soube fazer-se admitir na intimidade de Luís XV que lhe concedia entrevistas privadas. Era, aliás, essa ascendência que ele tinha sobre o rei, que irritou sobremodo o ministro Choiseul e foi a causa da desgraça de Saint-Germain e de seu exílio. Sabe-se, enfim, que o conde passou os últimos tempos de sua vida no castelo do landgrave de Hesse, onde morreu, diz-se, em 27 de fevereiro de 1.784. É preciso, entretanto, notar que essa "morte" ocorreu durante uma das raras ausências do landgrave, não deixando ao redor do conde senão algumas mulheres fáceis de subornar.

* * *

Após este resumo da vida do conde de Saint-Germain, estudemos como este estranho personagem pretendia ter atividades alquímicas e vejamos se se pode considerá-lo um Adepto.

Que o conde fosse elogiado na corte, e em presença de numerosas testemunhas, de saber aumentar o tamanho dos diamantes, que ele tenha, por duas vezes, transmutado peças de prata em ouro e que, enfim, tenha muito claramente deixado entender que tinha a posse do elixir da longa vida, que ele o usava e que era muito mais idoso do que o parecia, tais são os fatos averiguados, mas é preciso também fazer justiça a certas fábulas. Conta-se que o conde pretendia haver conhecido Pôncio Pilatos ou Júlio César: com efeito, ele contava fatos históricos dos séculos passados como somente uma testemunha ocular teria podido fazer, isto é, ligando-os aos pequenos detalhes, e não como um historiador, mesmo muito cuidadoso. As vezes ele se interrompia, ou fingia que se interrompia, e em lugar de dizer: "Tal personagem disse então a Henrique IV", ele começava: "Eu disse então a Henrique IV", depois se reprimia. Parece que se tratava de uma espécie de brincadeira e, em todo o caso,

ele não pretendeu jamais ter a idade de um milhar de anos, como se contou depois.

Examinemos agora, separadamente, os diferentes pontos. Primeiro, sua arte de fazer crescerem seus diamantes: repousa em um testemunho sério? Temos um relato de Madame du Hausset, criada de quarto de Madame Pompadour, que é inteiramente digno de confiança, contrariamente às famosas memórias da condessa de Adhémar, que são apócrifas, pois que ela nasceu em 1760 e o conde deixou Paris no ano anterior. Então, um dia, em presença de Madame de Hausset, o conde de Saint-Germain falava diante do rei a respeito de sua habilidade de fazer crescerem os diamantes ou de lhes tirar as manchas. Luís XV mandou logo buscar uma pedra de média espessura, mas estragada por uma mancha. Mostrando-a ao conde, disse-lhe:

— O diamante está estimado em seis mil libras, mas ele valeria dez mil sem a mancha. Quer encarregar-se de fazer-me ganhar quatro mil libras?

O Senhor de Saint-Germain, após ter cuidadosamente examinado a pedra com o auxílio de uma forte lupa, respondeu que era perfeitamente possível, mas que isto levava quase um mês. O rei consentiu de boa vontade com o prazo.

“Um mês após, diz-nos Madame de Hausset, ele trouxe o diamante envolvido em uma toalha de amianto. A mancha havia desaparecido. Pesou-se o diamante. A diferença era apenas sensível. O senhor de Gontaut, enviado imediatamente à casa do joalheiro da coroa, recebeu nove mil e seiscentas libras. O rei pediu de volta o diamante e o guardou por curiosidade. Mas era ele o mesmo? Em um mês Saint-Germain poderia enviar a Amsterdam, escolher e, se preciso, mandar talhar uma outra pedra quase semelhante mas sem mancha; graças aos seus recursos ocultos, a diferença de preço era para ele de pouca monta. O rei não ficou menos espantado e exclamou que Saint-Germain, com este segredo, devia ser milionário, sobretudo se soubesse, como se afirmava, fundir vários pequenos diamantes em um só. A uma pergunta que Luís XV lhe fez nesse sentido, ele não respondeu nem sim nem não, mas afirmou saber fazer crescer as pérolas e lhes dar o mais belo

brilho. Sendo a pérola criada por uma doença da ostra, ele pretendia também conhecer a maneira de provocar esta doença”.

É evidente que as dúvidas de Madame de Hausset, e as que devia ter o próprio rei, eram perfeitamente justificadas. Toda-via duas palavras no relato da criada de quarto de Madame Pompadour devem ser lembradas: “recursos ocultos”. Está, com efeito, perfeitamente estabelecido que o conde de Saint-Germain não desfrutava de nenhum rendimento fixo, que ele não recebia absolutamente nada dessas letras de câmbio que permitiam aos nobres viverem na corte às custas dos produtos de suas terras. E não é menos certo que o Senhor de Saint-Germain foi de uma prodigalidade inaudita, tanto com o ouro como com as jóias de toda a natureza. Além disso, parece que o conde, eterno errante, não possuía nem bens nem terras; a hipótese de uma origem hermética de suas riquezas sempre renovadas não é então de modo algum absurda.

Examinemos agora as narrações das transmutações efetuadas pelo conde. Existem duas, das quais uma é autêntica, pois que ela foi feita pelo cavaleiro Casanova, violentamente hostil a Saint-Germain; a outra se baseia ao menos no ouvir-dizer, pois que figura nas memórias da condessa de Adhémar, em que esta dama pretende ter conhecido o Senhor de Saint-Germain na corte de Luís XV, quando ela ainda não era nascida! Ao contrário, a veracidade de Casanova, personagem pouco simpático e muito mal disposto em relação ao conde, não poderia ser posta em dúvida. Saint-Germain residia então em Tournai, onde se encontrava precisamente o cavaleiro de Casanova, sem dúvida com o intuito de seduzir alguma jovem beleza da região. Casanova tinha já encontrado o conde na corte de França, e logo se fez anunciar a ele. O Senhor de Saint-Germain, tendo tido ocasião de lhe mostrar uma pequena garrafa contendo uma certa tintura, o cavalheiro interrogou-o a respeito dos poderes desta substância. Escutemo-lo:

“Era um licor branco contido numa garafinha bem fechada. Tendo-me dito que este licor era o espírito universal da natureza e que a prova disto era que este espírito sairia, num instante, da garrafinha, se se picasse o mais ligeiramente possível a cera com uma agulha, eu lhe pedi que me fizesse ver a experiência.

“Ele me deu uma garrafinha e uma agulha. Furei docemente a cera e, com efeito, a garrafinha ficou inteiramente vazia.

— É soberbo, disse-lhe eu, mas para que serve tudo isto?

— É o que não lhe posso dizer. É meu segredo.

“Ambicioso como de costume de não me deixar partir se não maravilhado, ele me perguntou se eu tinha uma moeda. Tirei algumas peças que pus sobre a mesa.

“Levantando-se então sem me dizer o que iria fazer, pegou um carvão e colocou sobre uma placa de metal. Depois pediu-me uma peça de doze souls que se encontrava entre várias outras moedas. Ele pôs sobre um pequeno grão negro, colocou a peça sobre o carvão que soprou por um canudo de vidro e, em menos de dois minutos, eu a vi incandescente: “Espere, disse-me então o alquimista, que se esfrie”. Isto se verificou em um minuto. “Tome-a, acrescentou ele, e leve-a, porque lhe pertence”. Eu a tomei. Ela era de ouro. Não duvidei por um momento que ele me estivesse enganado, escamoteando a minha, substituindo-a por aquela que eu tinha e que sem dúvida fora previamente preparada. Entretanto, não lhe quis fazer nenhuma crítica, mas, a fim de que ele fosse persuadido de que eu não era ingênuo, disse-lhe: “É admirável, conde, mas de outra vez, para estar mais certo de enganar o mais clarividente, é preciso preveni-lo a respeito da transmutação que você vai fazer, porque então poderá olhar atentamente a operação e notar a peça de prata antes que você a coloque sobre o carvão ardente.”

— Os que ousam duvidar de minha ciência, replicou o vigarista, não são dignos de me falar.

“Esta maneira arrogante o caracterizava e não me era nova. (Mais adiante, ele acrescenta): “Sua peça era de ouro puro, e dois meses após, o marechal Keith, tendo-se mostrado curioso, durante minha permanência em Berlim, eu me desfiz dela em seu favor”.

As dúvidas expressas aqui por Casanova me parecem muito menos convincentes que as de Madame de Hausset, o incrível orgulho do cavalheiro não podendo suportar que um outro pudesse ser mais brilhante e mais sábio do que ele. Ademais, ele

conhecia bem Saint-Germain e suas práticas, também estou certo de que Casanova observou atentamente a manipulação do conde.

Parece-me, pois, que o conde tenha estado de posse de uma tintura filosofal. Se este era o caso, Saint-Germain possuía sem dúvida também o elixir da longa vida, o que poderia justificar as lendas de longevidade que correram a seu respeito. Examinemos rapidamente os fatos positivos e assegurados em relação a este último ponto. Sendo sua história bem estabelecida entre 1.743 e 1.784, convém procurar os testemunhos de pessoas dignas de fé que o teriam conhecido antes ou depois dessas duas datas limites. Com efeito, percebe-se que tais testemunhos existem. A primeira relação nos é fornecida pela condessa de Gergy, que foi embaixatriz da França junto ao Estado veneziano. Ela encontrou Saint-Germain em casa de madame Pompadour e pareceu estupefata. Declarou lembrar-se de haver conhecido em Veneza, em 1.700, um nobre estrangeiro que se parecia espantosamente com o conde, embora com outro nome. Ela perguntou-lhe se não se tratava de seu pai ou de um de seus parentes.

— Não, madame, respondeu o conde sem se emocionar. Há muito tempo que perdi meu pai. Mas eu mesmo morei em Veneza, no fim do último século e, no começo deste, eu tinha a honra de fazer-lhe a corte a Senhora teve a bondade de achar belas algumas barcarolas de minha composição, que cantamos juntos.

— Perdão para minha franqueza, mas isto não é possível, o conde de Saint-Germain tinha então quarenta e cinco anos e o senhor não tem senão certamente esta idade no momento em que falamos.

— Madame, respondeu o conde, sorrindo, eu sou muito velho.

— Mas seria preciso, feitas as contas, que o senhor tivesse quase cem anos.

— Isto não é impossível!

“E o conde se pôs a narrar a Madame de Gergy um grande número de detalhes que se relacionavam à permanência de ambos no Estado veneziano. Ele ofereceu a esta dama, se ela ainda duvidasse, de lembrar-lhe circunstâncias, observações...

— “Não, não, interrompeu a velha embaixatriz, estou bem convencida, mas o senhor é um homem... um diabo bem extraordinário...” (Citado por Touchard Lafosse em *As Crônicas de Clarabóia*.)

Além de 1784, agora, encontramos ao menos uma intervenção do conde que não parece muito duvidosa. No ano que se seguiu à sua morte, ele assistiu à convenção maçônica de Paris, que se realizou em 15 de fevereiro de 1785. Ela reunia os Rosas-Cruzes, com a seita dos Iluminados, a dos Cabalistas e a dos Humanitários. Os arquivos da franco-maçonaria provam, de maneira exata, que o conde de Saint-Germain assistiu a ela, em companhia de Mesmer, Lavater, Saint-Martin, etc., e que ele tomou a palavra. Enfim, antes de concluir sobre esta matéria, é preciso lembrar um outro fato inteiramente assegurado. O conde não comia jamais. Em todas as refeições a que estave presente recusou obstinadamente tomar qualquer alimento, contentando-se em falar e deslumbrar os assistentes pelas suas narrações históricas e seus ditos de espírito. Pode-se reconhecer também a influência do elixir filosofal que permite ao Adepto superior de viver desembaraçado das contingências materiais. Como eu já o disse, o alquimista chegado a este estado não come, de então para diante, mais que para seu prazer. Ora, é perfeitamente possível que o senhor de Saint-Germain não tivesse mais sentido nenhum prazer pelos alimentos terrestres. A notar também que neste século licencioso, o conde não se interessava absolutamente pelas mulheres (nem pelas delicadas da época) e levava uma vida notável de castidade.

Que concluir? Parece provável que o conde de Saint-Germain tenha possuído uma reserva de pedra filosofal, que ele usou, ao mesmo tempo para suas necessidades financeiras materiais, para se manter em boa saúde e para prolongar a sua vida além do termo normal (1). Descobriu-se, com efeito, em Viena, em 1.687, um certo senhor Geraldí, que apresentava uma semelhança flagrante com o conde e que, durante três anos, des-

(1) Mesmo que recusemos a hipótese da longevidade, é certo que o conde que tinha mais ou menos quarenta e cinco anos em 1743, faleceu com 86 anos pelo menos, em 1784, o que já é uma idade muito superior à média da vida do século.

lumbrou os habitantes da capital da Austria, depois um dia desapareceu. Encontrou-se, em seguida, Lascaris, eh! muito bem! o Adepto Lascaris, que acabamos de estudar e que se assinala à atenção dos seus contemporâneos pouco depois do desaparecimento de Geraldí. Que relação, dirão vocês, terá com o conde de Saint-Germain? Não sei, confesso-o francamente, mas fiz a mim mesmo certas perguntas. As descrições físicas dos três homens são extremamente semelhantes, todos os três eram de estatura média, meia idade, conheciam numerosas línguas, amavam sobretudo conversar, todos os três pareciam possuir a Pedra filosofal. Certamente, Geraldí, Lascaris e Saint-Germain não se desenvolveram absolutamente no mesmo ambiente, mas o eclipse de um corresponde ao aparecimento de outro.

Perde-se o sinal de Geraldí em 1.691, e Lascaris aparece dois ou três anos mais tarde; desaparece, por sua vez, entre 1.730 e 1.740, precisamente antes do aparecimento do conde na Inglaterra...

Ademais, as relações de Saint-Germain com a sociedade dos Rosa-Cruzes, não deixam absolutamente dúvida. Alguns pretendem mesmo que Saint-Germain não era senão Christian Rosencreutz, o fundador da confraria da Rosa-Cruz que, depois de haver descoberto o segredo hermético, teria adquirido a imortalidade e, a seguir, reaparecido na História sob diversas identidades, entre outras a de Philalèthe. Não irei tão longe, mas me parece muito provável que Saint-Germain tenha sido um alto missionário da Rosa-Cruz e que foram os mestres desta sociedade secreta e sempre misteriosa que lhe deram a iniciação hermética. Sucedeu a Lascaris, que teria sucedido a Geraldí, para trazer o apostolado alquímico às camadas diferentes da sociedade e em diferentes países, — é possível. Foi um mesmo personagem que trouxe alternativamente nomes diferentes antes de morrer, ou de desaparecer, mais que centenário. Em todo caso, não foi o Adepto, ele mesmo; o conde de Saint-Germain foi ao menos um missionário hermético, porque sua história não pode ser explicada senão à luz da Pedra filosofal.

Os adeptos do século XX

Malgrado as brilhantes demonstrações às quais assistimos, a alquimia permanece no descrédito ao fim do século XVIII e começo do XIX e isto, principalmente, sob a influência do químico francês Lavoisier, cujas novas teorias, logo admitidas em toda a parte, tornavam absolutamente impossível a idéia de transmutação metálica. A ciência oficial, de então para diante bem estabelecida, classificou de velhacarias todas as narrações de transmutações dos séculos precedentes, depois decidiu ignorá-las. Compreendendo então que o seu apostolado era vão, os Adeptos decidiram abandonar todo o espírito de proselitismo e trabalhar, daí por diante, para eles próprios.

Eis por que não conhecemos mais, no século XIX e depois no século XX, senão alguns raros representantes da Arte hermética, e o que é mais, estes autores de certo se cercaram de grandes preocupações para ficarem anônimos e totalmente desconhecidos do público. Seja Cyliani em 1832, o Fulcanelli em nossos dias, é sempre impossível saber quem se ocultava ultimamente sob estes pseudônimos herméticos.

Cyliani informa somente que havia descoberto a transmutação na quinta-feira Santa de 1831, às dez horas e sete minutos. Eis o princípio do prefácio de seu *Hermés dévoilé* (Hermes revelado):

“O céu, não me tendo permitido obter a Pedra filosofal, depois de haver passado trinta e sete anos à sua procura, velando mil e quinhentas noites pelo menos sem dormir, provando contratempos sem número e perdas irreparáveis, acreditei oferecer à juventude, esperança de seu país, o quadro dilacerante de minha vida, a fim de servir-lhe de lição e, ao mesmo tempo, desviá-la de uma Arte que oferece, à primeira vista, as rosas brancas e vermelhas mais agradáveis, eriçadas de espinhos, e cujo caminho que conduz ao lugar onde se pode colhê-las é cheio de escolhos.

“Como a medicina universal é um bem mais precioso do que o dom das riquezas, seu conhecimento deve naturalmente arrastar à sua procura os homens estudiosos, que crêem ser mais felizes do que uma multidão de pessoas. Eis a razão que me levou a transmitir à posteridade as operações a fazer, nos maiores detalhes, sem nada omitir, a fim de dá-las a conhecer, de prevenir também a ruína das pessoas honestas e prestar serviço à humanidade sofredora.

“O leitor que tiver penetrado em minhas operações, não terá senão que procurar a matéria, o fogo e os trabalhos de Hércules. Todos os filósofos fizeram disso, por dever, um mistério. Jurei a Deus levar à tumba este segredo e não seria absolutamente perjuro, ainda que me lapidassem — e prefiro desagradar aos homens do que ao Eterno”.

Não é evidentemente certo que Cyliani tenha sido sincero em sua afirmação de haver conseguido a crisopéia; seu tratado parece bastante verídico, à exceção do que se refere à matéria-prima designada metaforicamente por ouro. Jamais se pôde saber onde ela estava, mas hoje *Hermes revelado* é regularmente reeditado e tão considerado quanto uma obra clássica.

Os outros alquimistas do século preferiram ficar na sombra, exceção feita de J. F. Cambriel que, conforme sua própria confissão, não encontrou jamais o segredo, e do alquimista Tiffereau. Nosso século XX, ao contrário, brilha com um vivo clarão hermético.

* * *

FULCANELLI

Em 1926, apareceu em casa do editor parisiense Schemit, um livro assinado com o pseudônimo Fulcanelli e chamado *O Mistério das Catedrais e a interpretação esotérica dos símbolos herméticos da Grande Obra*. Este trabalho, que passou despercebido, aliás, quando de seu aparecimento, foi seguido quatro anos mais tarde de uma segunda obra de dupla extensão, *As moradas filosóficas e o simbolismo hermético nas suas relações com a Arte sagrada e o esoterismo da Grande Obra*. Estes dois volumes são hoje reverenciados pelos estudantes da Arte hermética tanto quanto *A Nova luz Química*, do Cosmopolita, ou *A Entrada aberta ao palácio fechado do rei* de Philalèthe. Trata-se, com efeito, de dois dos melhores, dos mais fundados, dos mais claros tratados de Arte hermética.

Quem era então este Adepto contemporâneo que chegou a isolar-se do mundo mecânico moderno para consagrar numerosos anos à elaboração da Pedra filosofal? Bem, apesar da proximidade do tempo, apesar da existência atual de testemunhas que conheceram Fulcanelli, apesar dos métodos de investigação modernos, tudo se reduz a duas hipóteses, das quais uma não parece fundada.

Os dois livros do Adepto desconhecido foram prefaciados por Eugênio Canseliet, então jovem. Mas o senhor Canseliet é avaro de detalhes biográficos e não se pode contar com ele para esclarecer o enigma de Fulcanelli. Escutemo-lo, no seu prefácio à primeira edição do *Mistério das Catedrais*: “É, para o discípulo, tarefa ingrata e penosa a apresentação de uma obra escrita por seu próprio mestre.

“...O autor deste livro não está mais, há muito tempo já, entre nós. O homem se foi. Somente sua lembrança sobrevive. Sofro alguma dor ao evocar a imagem deste mestre laborioso e sábio, a quem tudo devo, deplorando, ai de mim, que ele tenha morrido tão cedo. Seus numerosos amigos, irmãos desconhecidos que esperam dele a resolução do misterioso “verbum di missum”, o lamentarão comigo.

“Poderia ele, tendo atingido o conhecimento, recusar obedecer às ordens do destino?

“...Meu mestre o sabia. Ele desapareceu quando soou a hora fatídica, quando o sinal foi completado. Quem então ousaria subtrair-se à lei? Eu mesmo, malgrado o despedaçamento de uma separação dolorosa, mas inevitável, se chegasse hoje o feliz evento que constrangeu o Adepto a fugir das homenagens do mundo, não agiria de outro modo”.

No prefácio da segunda edição, Eugênio Canseliet declara: “Quando *O Mistério das Catedrais* foi redigido, em 1922, Fulcanelli não havia recebido o dom de Deus, mas ele estava tão perto da iluminação suprema, que julgou necessário esperar e guardar o anonimato, aliás, por ele constantemente observado, mas ainda, talvez, por inclinação do caráter do que por obediência rigorosa à regra do segredo”. Destes dois textos retiramos mais ou menos dois ou três fatos positivos. Fulcanelli descobriu a Pedra filosofal entre 1922, data da redação, e 1926, data do aparecimento da sua primeira obra, e retirou-se deste mundo como todo verdadeiro Adepto deve fazê-lo; o que não significa que morreu, como o acreditam alguns. Essas explicações herméticas, no sentido tradicional e vulgar do termo, não satisfizeram os leitores do mestre anônimo. Numerosos escritores e jornalistas propuseram soluções a este enigma irritante, das quais as quatro hipóteses principais eram que Fulcanelli seria o escritor mais velho J. H. Rosny, ou o livreiro erudito Pedro Dujols, ou o pintor Jean-Julien Champagne, ilustrador das obras do Adepto, ou, enfim, o próprio senhor Canseliet.

Duas somente destas hipóteses valem que se considerem. Com efeito, nenhum princípio de prova pôde ser indicado de que o enigmático alquimista foi o mais velho Rosny, que tinha uma vida pública açambarcadora, ou o livreiro Dujols que escrevia estudos alquimistas sob o nome de Magophon e não tinha então nenhuma necessidade de esconder-se sob o pseudônimo de Fulcanelli.

As razões que têm conduzido à identificação Fulcanelli-Canseliet são as seguintes: é o senhor Canseliet quem possuía os manuscritos das *Moradas filosofais* e do *Mistério das Catedrais*; é ele quem manda editar e recebe os direitos de autor; é, enfim, ele mesmo alquimista e professa opiniões idênticas

às de Fulcanelli. Eugênio Canseliet descreve-o somente como o discípulo e executor do testamento espiritual de seu mestre. Com efeito, parece-me existir uma excelente razão de uma parte, e uma prova manifesta de outra parte, para recusar tal identificação. Canseliet não teria tido interesse em dissimular seu nome sob um pseudônimo se não quisesse esconder sua qualidade de alquimista. Ora, não somente não a escondeu, mas, sob seu próprio nome, escreveu muitas obras sobre a Arte hermética. Fingir não ser o autor das obras de Fulcanelli seria, então, para ele, um absurdo e um ato gratuito desprovido de significação.

Quanto à prova, ela reside justamente na comparação dos estilos do mestre e do aluno. Vou citar duas passagens particularmente sintomáticas da maneira de redigir de Fulcanelli e de Eugênio Canseliet; não se pode ter nenhuma dúvida, não foi a mesma mão que escreveu essas linhas.

Eis um extrato das *Moradas Filosófais* (Tomo 1, página 182) de Fulcanelli: “Deixemos pois de lado estes processos e estas tinturas. O que importa, sobretudo, é reter que a Pedra filosofal se oferece a nós sob a forma de um corpo cristalino, diáfano, vermelho, visto como massa, amarelo após a pulverização, o qual é densa e muito fusível, embora fixo à toda temperatura, e cujas qualidades próprias o tornam incisivo, ardente, penetrante, irreduzível e incalcinável. Acrescentemos que é solúvel no vidro em fusão, mas se volatiliza instantaneamente quando é projetado sobre um metal fundido. Eis, reunidas em uma só matéria, as propriedades físico-químicas que a afastam singularmente da natureza metálica e tornam sua origem muito nebulosa. Um pouco de reflexão nos tirará desse embaraço”.

Eis agora um extrato de um dos três prefácios que o senhor Canseliet escreveu para essas mesmas *Moradas Filosófais* (Tomo 1, página 50): “Se se devem procurar as razões da audiência, completamente favorável e sem cessar crescente, que a alquimia encontra hoje, seria preciso reter além do efeito inegável de irresistíveis universais, o mais importante, sem dúvida, que é a falência de um ensinamento destituído de preocupações espirituais e muito próximo de abandonar, totalmente, as letras e as humanidades que teme tanto quanto os despreza. Todo

esforço se encontra banido, — o esforço que procuraria converter em noções intelectuais a intuição fecundada, a visão emocional do absoluto sem limite de espaço e de duração. Assim, a menor veleidade de uma qualquer resolução é encorajada de antemão; a mais modesta tentativa duma aproximação, inevitavelmente indefinida, é reprimida, porque desabrocharia gradualmente a alma do homem no seio da alma universal”.

O estilo precioso, empregado do classicismo dos séculos passados, do Senhor Canseliet, não tem nenhuma relação com a língua muito mais simples e direta de Fulcanelli. Eis por que eu considero esta identificação como podendo ser definitivamente rejeitada. No que concerne à segunda hipótese, Jean-Julien Champagne, muitos autores a consideram. Reproduzirei aqui as duas páginas que Pierre Geyraud, na sua obra *O ocultismo em Paris*, consagrou ao assunto, pois elas resumem, perfeitamente, toda a argumentação:

“Esse Champagne era um homem de pequena estatura, longos bigodes gauleses, eivado de gíria, da qual ele sustentava que era um estilo secreto, e que esse segredo não era outro senão a velha gíria ou calão. Ele professava, desde antes do aparecimento das duas obras, idéias que aí se encontram. Vindo morar em companhia de Canseliet no início de 1925, na rua Rochechouart, n. 59, eles ocuparam no sexto andar as respectivas águas-furtadas. Champagne devia viver aí, até sua morte, uma existência na aparência miserável, que desmentia peremptoriamente a periodicidade regular de uma gorda mensalidade. Quem lhe pagava uma pensão quase principesca? Que razões ditavam essa constante e generosa solicitude? A esta pergunta, Canseliet respondera, sem nenhuma dúvida: Fulcanelli! não se embaraçando absolutamente em explicar por que ele mesmo não desfrutava de semelhante medida. Seja como for, os dois estreitaram, na nova moradia, sua relações de amizade sem que nada pudesse jamais indicar que juntassem os seus esforços na obra física, nem qual fosse o papel real e recíproco na elaboração das duas obras dadas por eles à publicação.

“É inegável, todavia, que durante os sete anos que eles passaram assim um ao pé do outro, e no intervalo dos quais se põe normalmente esta dupla e misteriosa edição, foi sempre

Canseliet somente quem freqüentou a Biblioteca nacional; Champagne não deixava o seu quarto, onde o retinham, sem dúvida, as mais importantes preocupações. Instalado, disse eu, numa peça vizinha, Canseliet professava por seu velho amigo o maior respeito. Este, que tinha dons de curandeiro, desenvolvia também com um ardor concentrado pesquisas alquímicas em um laboratório, diante de um forno a fogo lento e de retortas. Ele devia ali obter um brilhante sucesso: tinha acabado por realizar a matéria-prima. Além disso, estava predestinado a este triunfo: seu céu natal, recentemente estudado por um astrólogo é “aquele que um alquimista que encontrou a Pedra”. Ele se ocupou também das sociedades secretas. Fundou a Fraternidade de Heliópolis, esta fraternidade que muitos ocultistas crêem ser uma sociedade secreta muito espalhada e poderosa e que nunca contou senão, na realidade, com alguns membros, entre eles, o senhor Canseliet. (Ora, os livros de Fulcanelli são dedicados à fraternidade de Heliópolis; e este nome de Hélios, o sol, se encontra foneticamente com o de Vulcão, o fogo, no pseudônimo de Fulcanelli).

“Ele contribuiu para constituir, nas paragens da igreja de Saint-Merry, uma sociedade luciferiana muito fechada, da qual ele mesmo desempenhou para o “occultum”, onde se realizavam as sessões rituais, o “baphomet”, demônio macho e fêmea, cabeça e pés de bode; a este simulacro templário, do qual o braço direito se apresenta abaixado e o esquerdo elevado, no gesto alquímico e tradicional do “coagula, solve”, ele acrescentou sob a mão direita um posterior mitrado e, brandido pela mão esquerda, um emblema impossível de descrever. Todavia, este assustador desenho foi mais tarde modificado, tirando ao símbolo satânico seu caráter de irreligião e grosseira sexualidade.

“Algum tempo depois, em 1.932, Champagne devia morrer de morte medonha e lenta, na rua Rochechouart, por haver traído a seita. Após uma luta desigual e atroz, seu corpo supliciado, do qual uma ferida horrível fez crer em alguma lesão leprosa, foi inumado no cemitério de Villers-le-Bel, onde o senhor Canseliet conserva com piedade sua humilde sepultura. Uma inscrição latina, reclamada pelo anonimato, para ter todo o seu valor, e excluir todo o sentimento de vaidade póstuma,

nos diz que repousa nesse lugar um apóstolo da ciência hermética: *Apostolus hermeticae scientiae*. Os cuidados com os quais Canseliet envolve esse túmulo não são significativos? Além disso, o editor das duas obras, M. Jean Schemit, nunca conheceu a terceira pessoa, de amizade dos senhores Canseliet e Champagne; e a porteira da rua Rochechouart não viu jamais, entre os familiares do senhor Champagne senão o senhor Canseliet, M.D. (um livreiro muito curioso pelas ciências alquímicas) e um jovem (M.S., que devia desempenhar um papel importante na sociedade luciferiana). Nenhuma dúvida, portanto, sobre a identidade de Fulcanelli”.

A este estudo, convém acrescentar revelações que foram feitas por diversas pessoas à quais o pintor Jean-Julien Champagne teria declarado, verbalmente ou mesmo por escrito, que era Fulcanelli. Infelizmente, essa identificação é tão pouco assegurada quanto a precedente. As misteriosas ocupações de Champagne, e sua horrível morte, têm uma explicação simples: o absinto. Sua mensalidade, sabe-se hoje, lhe era efetivamente fornecida por Fulcanelli que sabia que seu infeliz amigo estava condenado à morte em tempo mais ou menos breve. Eugênio Canseliet havia recebido na partilha os manuscritos do mestre, que lhe havia entregue por antecipação os direitos de autor, porque Canseliet fora destinado, no espírito do Adepto, a uma longa carreira dedicada à ciência hermética. Por outro lado, Jean-Julien Champagne teria sido incapaz de escrever as obras de Fulcanelli que reclamam uma erudição que não se adquire senão após numerosos anos de estudos passados nas maiores bibliotecas. Ele não teria tido nem tempo nem força física para realizar o enorme trabalho de pesquisas que se distingue pela leitura do *Mistério das Catedrais* ou das *Moradas Filosóficas*. Quanto às suas “confidências”, não tenho dúvida da sua realidade, bem ao contrário. Champagne, quando estudante, tinha-se especializado em farsas e encenações, isto acrescentado ao seu temperamento de alcoólatra explica, mais do que o necessário, sua afirmação de haver sido Fulcanelli. Enfim, para ele, como para Dujols ou o mais velho Rosny, há uma excelente razão, uma razão absolutamente definida, para que

não tenham podido ser o célebre Adepto: é que todos os três estão realmente muito mortos.

* * *

Uma pergunta apresenta-se agora. Fulcanelli realizou, em nosso século, uma transmutação metálica? Na sua obra *Alquimia*, notei a seguinte frase do senhor Canseliet: “Pouco tempo depois da experiência feliz da usina a gás, exatamente a magistral demonstração efetuada diante de três testemunhas, das quais uma somente faleceu, Fulcanelli, etc.” Escrevi, então a Eugênio Canseliet perguntando-lhe se podia me fornecer alguns dados sobre o que foi esta experiência “feliz”. Eis a resposta: “Foi na ‘Alquimia’ que evoquei a experiência da usina a gás que eu lhe afirmo haver sido a de Sarcelles e que agora desapareceu. Na verdade, a experiência consistiu em uma transmutação do chumbo em ouro, que executei no meu pequeno laboratório da usina, com o pó de Fulcanelli e segundo as suas instruções. Isto diante de Julien Champagne, morto em 1.932 e Gastão Sauvage, químico, que penso estar ainda vivo”.

Para ter novos esclarecimentos a respeito das atividades alquímicas de Fulcanelli, vamos agora tratar de Jacques Bergier, que recebeu, em junho de 1.937, a visita de um desconhecido que não lhe deu nenhum nome, mas que deixou entender que era o autor de duas obras, então desconhecidas de Bergier, o *Mistério das Catedrais* e *As Moradas Filosofais*. Louis Pauwels, no *Despertar dos Mágicos*, escreveu um relato dessa entrevista.

“Em 1.937, numa tarde de junho, Jacques Bergier acreditou ter excelentes razões para pensar que se encontrava na presença de Fulcanelli.

“Foi a pedido de André Hellbronner que meu amigo encontrou o misterioso personagem, no quadro prosaico de um laboratório de ensaios da sociedade do Gás de Paris. Eis exatamente a conversação:

— O senhor André Hellbronner, do qual você é, creio, o assistente, está à procura da energia nuclear. E o senhor Hellbronner quis por-me ao corrente de alguns dos resultados obtidos e, notadamente, do aparecimento da radioatividade correspondente à do polônio, quando um fio de bismuto é volatilizado por uma descarga elétrica no de deutério a alta pressão. Você

está muito perto do sucesso, como, aliás, alguns outros sábios contemporâneos. Posso permitir-me de preveni-lo? Os trabalhos aos quais você se entregou, você e seus iguais, são terrivelmente perigosos. São temíveis para toda a humanidade. A libertação nuclear é mais fácil do que você pensa, e a radiatividade artificial produzida pode envenenar a atmosfera do planeta em alguns anos. Por outro lado, explosivos atômicos podem ser fabricados a partir de algumas gramas de metal e arrasarem as cidades. Digo-lhe muito claramente. Os alquimistas o sabem há muito tempo”.

“Bergier, insurgindo-se, esteve para interromper. Os alquimistas e a física moderna! Ele ia lançar-se aos sarcasmos, quando seu hóspede o interrompeu:

“Eu sei o que você ia dizer-me, mas é sem interesse. Os alquimistas não conheciam a estrutura do núcleo, não conheciam a eletricidade, não possuíam nenhum meio de detecção. Não puderam pois operar nenhuma transmutação, não puderam jamais libertar a energia nuclear. Não tentarei provar-lhe o que lhe vou dizer agora, mas peço que o repita ao senhor Helbronner. As disposições geométricas de materiais extremamente puros bastam para desencadear forças atômicas, sem que haja necessidade de utilizar a eletricidade, ou a técnica do vácuo. Eu me limitarei, em seguida, a fazer-lhe uma outra leitura:

“O homem tomou de sobre sua escrivaninha a obra de Frédéric Soddy: *A interpretação do rádio*, abriu-a e leu: “Eu penso que existiram no passado civilizações que conheceram a energia do átomo e que um mau uso desta energia as destruiu totalmente”.

“Depois, ele retomou:

“— Eu lhe peço que admita que algumas técnicas parciais sobreviveram. Eu lhe peço também que reflita sobre o fato de que os alquimistas misturavam às suas pesquisas preocupações morais e religiosas, enquanto que a física moderna nasceu, no XVIII século, do divertimento de alguns senhores e de alguns ricos libertinos. Ciência sem consciência. . . Creio que faço bem, advertindo alguns pesquisadores, daqui, de lá, mas não tenho nenhuma esperança de ver esta advertência produzir seus frutos. De resto, não tenho necessidade de esperar.

“Bergier devia guardar no ouvido o som dessa voz precisa, metálica, digna.

“Ele permitiu-se fazer uma pergunta:

— Se você é alquimista, senhor, não posso crer que passe o seu tempo a tentar a fabricação do ouro, como Dunikovski ou o Dr. Miethe. Há um ano eu experimento documentar-me a respeito da alquimia e nado entre os charlatões ou as interpretações que me parecem fantasistas. Você, senhor, pode dizer-me em que consistem as suas pesquisas?

“— Você me pede para resumir em quatro minutos quatro mil anos de filosofia e os esforços de toda a minha vida. Você me pede, além disso, para traduzir, em linguagem clara, conceitos para os quais a linguagem clara não foi feita. Eu posso, apesar disso, dizer-lhe o seguinte: você não ignora que, na ciência oficial em progresso, o papel do observador torna-se cada vez mais importante. A relatividade, o princípio da incerteza, lhe mostram a que ponto o observador intervém hoje nos fenômenos. Eis o segredo da alquimia: existe um meio de manipular a matéria e a energia de maneira a produzir o que os cientistas contemporâneos chamariam um campo de forças. Esse campo de força age sobre o observador e o põe numa situação privilegiada em face do universo. Desse ponto privilegiado, ele tem acesso a realidades que o espaço e o tempo, a matéria e a energia, de hábito, nos mascaram. É o que chamamos a Grande Obra.

“— Mas a Pedra Filosofal? A fabricação do ouro?

“— Não são senão aplicações, casos particulares. O essencial não é a transmutação dos metais, mas a do próprio experimentador. É um segredo antigo, que vários homens encontraram, a cada século.

“— E em que se tornam eles então?

“— Talvez um dia eu o saberei.

“Meu amigo não deveria jamais rever este homem que deixou um traço indelével sob o nome de Fulcanelli. Tudo o que sabemos dele é que sobreviveu à guerra e desapareceu completamente após a libertação. Todas as investigações para encontrá-lo fracassaram. Essas investigações foram muito reais porque foram feitas pela Comissão “Alsos”, patrocinada pela C.I.A. norte-americana, que havia recebido ordens muito seve-

ras para encontrar todos os que se relacionavam com a ciência atômica na Europa, após 1.945. Bergier foi chamado a testemunhar, mas não pôde trazer nenhum esclarecimento ao major que o inquiria. Este lhe permitiu examinar o primeiro documento sobre a utilização militar do átomo. Jacques Bergier ali descobriu então que a pilha atômica era, perfeitamente descrita como “uma disposição geométrica de substâncias extremamente puras”, e que, além disso, esse engenho — como o havia predito Fulcanelli — não utilizava nem a técnica do vácuo nem eletricidade. A narração terminava falando de um risco de envenenamento da atmosfera que poderia estender-se a todo o planeta. Compreende-se que Bergier, de uma parte, e os oficiais norte-americanos, de outra, tenham ficado desejosos de encontrar esse homem que era a prova viva de que a ciência alquímica tinha um avanço de muitas décadas sobre a ciência oficial. E se Fulcanelli estava adiantado nos conhecimentos atômicos, devia estar igualmente em todas as outras questões, e foi por isso que resultaram vãs as investigações para encontrá-lo.”

Eis tudo o que sabemos sobre este mestre anônimo que, de então para diante, toma lugar ao lado dos maiores Adeptos de todos os tempos e permanece — neste século em que o dogma do “tudo saber” da ciência estala em todas as partes — como um farol para todos os pesquisadores não conformistas.

* * *

ARMAND BARBAULT

O caso deste alquimista contemporâneo é interessante por mais de uma razão. Primeiro, porque é notável que, em plena segunda metade do século XX, um homem, ao aplicar estritamente os ensinamentos das obras herméticas da Idade Média, em particular o *Mutus Liber* e a *Tábua de Esmeralda* conseguisse descobrir corpos irreduzíveis às análises científicas mais modernas. Em seguida, porque Armand Barbault não hesitou em explicar totalmente seus processos e revelar qual foi sua matéria-prima e por meio de qual água a queimou.

O objetivo confessado de Armand Barbault era descobrir, por processos puramente alquímicos e apoiando-se na astrologia, medicina nova comparável ao ouro potável de Paracelso. Eis por que, conforme sua própria confissão, ele escolheu matéria-prima diferente da matéria-prima mineral dos filósofos herméticos tradicionais: ele se serviu da "terra". Quanto ao fogo secreto, por meio do qual ele queimou e alimentou sempre essa matéria-prima, escolheu o suco das plantas e o orvalho da manhã. Inspirando-se para isso numa gravura do *Mutus Liber*, em que se vê um casal de alquimistas torcerem toalhas que haviam deixado fora durante a noite para lhes retirar o orvalho, Armand Barbault e seu filho — todas as manhãs, desde a aurora — iam arrastar roupas sobre a erva, a fim de as embeber do orvalho. Seu trabalho, que se efetuou somente sobre mil e oitocentos gramos de terra, durou perto de vinte e dois anos: reconhecem-se aí as dilações impostas pela tradição ao estudante hermético. O elixir que obteve, enfim, foi experimentado por laboratórios farmacêuticos alemães, que concluíram pela sua eficácia certa para várias moléstias, entre outras as afecções cardíacas e renais muito graves. Foi então que o incrível — incrível para o espírito científico, previsível, ao contrário, para o familiarizado com a Arte hermética — se produziu; cedo aqui a palavra de Raymond Abellio, que escreveu um extraordinário prefácio para a narração que Armand Barbault publicou de suas experiências, *O ouro da milésima manhã*: "Quando Armand Barbault, no início dos anos 60, obteve suas primeiras tinturas, ele submeteu-as para experimentação, aos laboratórios farmacêuticos bem aparelhados que, depois de testes conclusivos, perguntaram como se poderia fabricar o mesmo produto por meios industriais, isto é, em grande quantidade e a bom preço. Doze longos anos de maturação para a "matéria-prima", manipulações sem fim, a necessidade para o pesquisador de levantar-se todas as manhãs antes da aurora, durante meses, para recolher o orvalho ou plantas jovens cheias de seivas, todos esses tateamentos, essa enorme massa de trabalho, tudo isso, parecia ao laboratório não somente pouco rentável mas inútil. Dever-se-ia simplificar, ir mais depressa, encontrar sínteses. Pretensões vãs. Não somente o licor não permitia a análise, mas não permitia também a comparação com nada

acessível. Contudo, Armand Barbault não escondia nada. Ademais, Raymond Abellio esclarece: “Diante desse licor que captou toda a cor do ouro e que escapa às análises usuais, foram eles (os industriais dos laboratórios farmacêuticos) e não o alquimista que vieram a falar de um novo estado da matéria dotado de propriedades misteriosas e, talvez, capitais”.

É isto que é essencial, essa prova de que, por meios alquímicos, é perfeitamente possível obter produtos irreduzíveis às análises dos laboratórios mais modernos e impossíveis de reproduzir pelas sínteses da química atual. Esse fato recente e irrefutável faz justiça, uma vez ainda, à asserção fantasista da ciência oficial que pretende que a Arte hermética não pôde, jamais, descobrir o segredo da transmutação metálica, pois que ela mesma é ainda hoje incapaz. Alquimia e química não são absolutamente dois ramos de uma mesma disciplina, mas, bem ao contrário, ciências totalmente distintas e mesmo irreduzíveis.

O outro ponto particularmente notável no caso de Armand Barbault é que ele revela tudo de seus métodos e das matérias-primas empregadas. Ele explica-o quando pergunta: “Isto é então tão importante, tão misterioso, tão perigoso de revelar ao profano? Contudo, dizem ainda os autores, a matéria-prima se encontra por toda a parte na natureza, o ignorante calca-a aos pés, não precisa senão abaixar-se para tomá-la. Na realidade, se a matéria-prima se esconde tão ciosamente aos olhos do profano, é que ela é bem mais difícil de ser apropriada do que se quer dizer, que, talvez também, os elementos que a constituem diferem de um Adepto a outro, de maneira que a que serve a um, não convém necessariamente a outro. Vou, quanto a mim, tentar ligar-me aqui a este problema, porque tenho a intenção de dizer tudo o que sei sobre a matéria-prima”.

Enfim, esse alquimista contemporâneo começou agora o magistério filosofal propriamente dito com o fim de chegar, não mais a um licor de ouro, mas à Pedra. A terra que lhe serviu de matéria-prima, depois de vinte e dois anos de manipulações, foi pouco a pouco transformada e atingiu, segundo a expressão de seu autor, o primeiro degrau de perfeição. Agora Barbault trabalha, há dois anos, para atingir o segundo grau de perfeição que lhe trará a Pedra filosofal num prazo que não é eviden-

temente possível apreciar. Ele mesmo nos diz, no fim de sua obra: "Este ano, em 1969, a seiva não é muito boa, e suficientemente rica por causa de dois eclipses de Áries e da conjunção da lua nova a Saturno, que coincidiu com a geada das plantas com as quais contávamos. Todavia é com surpresa que verifiquei que a parte recuperada de minha pedra se apresentava como massa negra porém constelada de pequenos cristais que formavam, na superfície e em sua massa, múltiplos pontos estrelados. A tradição faz-me pensar que se trata aí do mercúrio pronto a sair de seu leito.

* * *

Não há melhor conclusão para este estudo da vida dos principais Adeptos, que esta imagem do alquimista inclinado sobre a matéria-prima, como um pai sobre o berço do recém-nascido que espreita o aparecimento do primeiro sorriso. O filósofo hermético não procura romper os núcleos ou dissociar os seus átomos como o físico moderno; não procura provocar reações para estudar as propriedades químicas de tal e tal corpo, não, ele experimenta entrar em comunicação espiritual com a natureza, da qual ele empresta a sua única matéria-prima, que soube reconhecer e que vai levar, com ternura e humildade, para seu mais alto grau de perfeição. O alquimista, um sábio? Não, um camponês, que sabe conduzir até a cor ouro ou à maturação seus trigos (1).

Quanto à Pedra filosofal, cuja existência me parece abundantemente demonstrada pela investigação que temos feito através da vida dos Filósofos químicos mais conhecidos, resta experimentar penetrar juntos no segredo de sua elaboração, e é o que vamos tentar na última parte deste livro.

(1) Por isso a expressão "agricultura celeste" é muitas vezes empregada para designar a arte hermética.



O sol, o dragão vermelho, a flor — fases da preparação da Pedra Filosofal e do Elixir da Longa Vida.

Livro III

A PEDRA FILOSOFAL

Invejoso ou caridoso?

Chama-se “invejoso” um alquimista que dá, conscientemente, falsos esclarecimentos sobre a sua arte, e, por oposição, “caridoso” o que revela qualquer coisa de exato sobre o magistério. Um dos problemas do estudante é então, primeiro, reconhecer se tal ou tal obra de alquimia vem de um “invejoso” ou de um “caridoso”, e, é claro, que nada o indica de uma só vez. De modo geral, há duas espécies de obras sobre a alquimia. Aquelas em que o escritor se declara convencido da vaidade das pretensões dos filósofos herméticos e considera, por conseguinte, que a realização da Pedra filosofal é um engodo sem interesse; e aquelas em que o autor, estando presente como “amoroso da ciência” ou “iniciado”, afirma estar ligado pelo segredo tradicional, e conclui que toda divulgação concernente às matérias ou às práticas da Obra é tão inútil quanto perigosa. Nesta última categoria, alguns, querendo sem dúvida mostrar-se “caridosos”, retomam o processo de Dom Pernety, no seu *Dicionário mito-hermético*: reproduzem toda uma série de citações extraídas dos melhores tratados e agrupados por rubrica, matéria-prima, fogo secreto, mercúrio filosófico, água dos sábios, etc. É evidente que estas citações, privadas de seu contexto e provindas de obras de autores muito diferentes, chegam a desconcertar o infeliz estudante; de mais, o processo é

perigoso, porque a escolha dos textos permite orientar as deduções do leitor numa direção bem determinada: conheço, assim, duas obras que sugerem, de maneira bastante nítida, qual é a matéria-prima, e a contrariedade é que esta não é a mesma nos dois livros.

Tenho a intenção de ir mais longe, porque chegamos ao tempo da “revelação”, palavra que vem do latim “re-velare”, o que significa tirar o véu (e não recobrir de um véu como o pretendem alguns). Penso, então, que a pretensa necessidade do segredo é uma coisa que pertence doravante ao passado, e me incluo totalmente na opinião de Raymond Abellio que, no seu prefácio à obra *Ouro da milésima manhã*, definiu perfeitamente a questão: “Esconder as coisas, é a glória de Deus, diz o *Livro dos Provérbios*, descobri-las, é a glória dos reis. Que é então do famoso segredo imposto aos pesquisadores e dos quais falam todos os livros, cheios de ameaças para o profanador? Nada mais enganoso que estas obras de ensinamentos sobre o esoterismo, cujo autor nos deixa entender que ele sabe bem mais coisas do que diz, mas que as cala porque não somos dignos delas. Tem-se vontade de responder-lhe: “Por que então você escreveu livros? Cultive sua ciência secreta em segredo, e não fale dela”. E mesmo tem vontade de acrescentar a frase irreverente, bem conhecida: “O que se sabe fazer, faz-se; o que não se sabe fazer, ensina-se”. Na verdade, este segredo do qual se pretende fazer uma obrigação por um decreto, por si mesmo, muito obscuro, este segredo nos parece repousar em um mal-entendido. Pertencemos a uma época faustiana, que não sofre mais as interdições dogmáticas e que assume os seus riscos em todos os domínios. Que é, então, a “sabedoria” para a qual a noção inteiramente profana de perigo não seria um excitante superior? Em última análise, as melhores defesas são aquelas inerentes à dificuldade do próprio assunto”.

Vejamos agora quais as razões podem apresentar-nos os defensores da manutenção dos conhecimentos alquímicos no domínio “reservado”. Cedo aqui a palavra a Bernard Husson, “o amoroso da Ciência”, que já encontramos, e cuja palavra não é absolutamente destituída de peso, pois que ele mesmo trabalhou no laboratório durante mais de dois anos. “Assim

como vimos, grandes Adeptos dos séculos XV e XVI descreveram, numa linguagem despojada, coerente e precisa, a preparação e purificação de um pequeno número de substâncias que serviam de suporte, mas não, propriamente falando, de objeto às suas operações ulteriores. Equivocando ao tratar desta distinção, a partir do século XVII, os autores, dispensados pelas exposições de seus predecessores como pelo químicos de seu tempo de repetir estas indicações (que, de resto, não eram expressamente tratadas na Obra alquímica e são em geral fornecidas a título de exemplo), empenham-se, ao contrário, em dissimulá-las sob um véu ora alegórico (por transposição), ora simbólico (por passagem a um outro plano de existência), o que fez crer, à maioria das pessoas, que o “segredo alquímico” consistia no conhecimento das substâncias minerais que eles manipulavam e no destas manipulações. É bem evidente, contudo, que um “segredo” dessa ordem é sempre, cedo ou tarde, consagrado à divulgação. Por que, então, afetar o silêncio e, por todos os meios, observar uma discrição até a hora atual? Isto não é absolutamente uma infantilidade, mas, da parte dos alquimistas tradicionais, um ponto de honra bastante semelhante ao dos Antigos, que não traíram jamais o “segredo” dos mistérios de Elêusis, “segredo” que não era um, propriamente falando, pois que a maior parte das pessoas notáveis nele se iniciavam. Um outro exemplo de segredo análogo é aquele do “Dever” dos companheiros, cuja eventual traição por alguns não afetava, absolutamente, sua integridade e sua virtude aos olhos daqueles que o têm “conservado”. (*Dois tratados alquímicos do XIX século*).

Pode uma tal resposta bastar-nos? Não, bem entendido, pois que Bernard Husson reconhece que o famoso segredo não reside no conhecimento de corpos que servem à Obra alquímica. E Raymond Abellio tem razão, ao notar que a alquimia era capaz de impedir, ela mesma, sua divulgação, pelo fato da dificuldade interna do magistério. Como vamos ver, com efeito, o conhecimento dos produtos utilizados na Obra é uma condição necessária, certamente, mas de modo algum suficiente para a elaboração da Pedra filosofal. É nisto que a alquimia se distingue completamente da química ou de outra ciência em

que a repetição das experiências, nas condições dadas, é sempre possível. Nada disso na alquimia, dizemos nós claramente; esta arte se aparenta à agricultura, pois que se trata de elevar uma certa matéria a um mais alto grau de perfeição, a uma certa maturação, se se quer, e, por outra parte, — não hesitamos em empregar a palavra — à cozinha: as manipulações alquímicas não são comparáveis em nada às “experiências” do químico mais adiantado, ao trabalho do padeiro-pasteleiro que sabe que quantidade de fermento é preciso colocar para fazer crescer sua massa, mas pode também, um dia, por descuido, fracassar perfeitamente o seu pão ou ainda deixar queimar a sua fornada. Não vejo, então, nenhuma razão evidente para continuar a interditar ao público e ao mundo científico o conhecimento das matérias secretas da Obra. Bernard Husson, a quem eu tenho dirigido esta linguagem, respondeu-me substancialmente o seguinte: “Recebi informações orais, cuja divulgação é inoportuna. É para mim mais importante saber viver do que me calar”. Esta resposta é evidentemente válida para ele, mas não poderia sê-lo para mim: Assim, tenho a intenção, agora, de estudar em sua companhia as diversas substâncias que entram no magistério alquímico, depois, passar ao estudo da realização prática da Pedra. Guardarei, bem entendido, a mesma reserva que Jacques Bergier, que, abordando esta matéria, informava: “Não posso senão dar minha opinião a esse respeito. Não sou um iniciado, não faço parte de nenhuma sociedade secreta, mas tenho, entretanto, estudado a alquimia durante perto de quarenta anos. Fiz alguns contactos. Procedi a algumas experiências”. E ainda a duração de meu próprio estudo da Arte hermética se reduziu a uma dúzia de anos, tempo relativamente breve, visto a dificuldade do assunto mas que, todavia, me permitiu chegar a algumas conclusões.

Primeiro, li o que os autores de estudos sobre alquimia, que não eram “amorosos da ciência”, disseram a respeito das matérias que entravam na composição da Obra. Relato aqui, brevemente, suas opiniões. Louis Figuier: “Quais são as duas substâncias que podem desempenhar o papel de semente: o *ouro ordinário*, que constitui a semente macho, e o *mercúrio dos*

Filósofos, que se chama também o primeiro agente, e que representa a semente fêmea... A única dificuldade, na preparação da Pedra filosofal, consiste em obter o mercúrio dos Filósofos. Uma vez encontrado este agente, a operação é, como se viu, a coisa mais simples do mundo... Mas a preparação deste mercúrio filosófico não é uma fácil empresa. Todos os alquimistas reconhecem que esta descoberta está além do alcance humano, e que não se pode atingi-la senão graças à revelação divina ou à amizade de um Adepto que a tenha, ele mesmo, recebido de Deus". Figuiet passa, em seguida, em revista, toda uma série de corpos nos quais, diz ele, os alquimistas teriam procurado seu mercúrio. Ao ler este texto, verifica-se que o autor confunde mercúrio dos Filósofos com mercúrio filosófico; ele crê que o ouro é a matéria-prima da Obra; supõe o magistério de uma realização cômoda desde o instante em que se conhecem os corpos a empregar; enfim, ele confunde sopradores e Adeptos, pois que somente os primeiros ignoravam o que convinha empregar. Pode-se, então, concluir que Louis Figuiet não levou muito longe suas pesquisas no sentido da prática operatória. Por isso, considerava que toda empresa era vã e votada ao fracasso desde o início.

Vejamos, agora, a opinião de Albert Poisson: "A matéria da Grande Obra consistia em ouro e em prata unidos ao mercúrio e preparados de uma maneira especial. O ouro era tomado como rico em enxofre, a prata como contendo um mercúrio muito puro; quanto à prata viva, ela representava o sal, meio termo de união. Estes três corpos preparados segundo certos processos eram encerrados em um matraz de vidro, o ovo filosófico, fechado com cuidado. O todo era aquecido em um forno chamado "athanor". Poisson, que trabalhou em laboratório ao ponto de ali perder a saúde e de morrer muito jovem, tuberculoso, era sincero quando escreveu as linhas que acabamos de ler? Põe-se em dúvida. Prefiro supor que ele se mostrou voluntariamente "invejoso", porque não vejo como poderia, sinceramente, enganar-se a tal ponto. Vejamos, agora o que diz um escritor contemporâneo, Serge Hutin, em sua Obra *Alquimia*, destinada à coleção: *Que sais-je?* (Que sei eu?: "O ouro e a prata (aos quais se juntava, às vezes,

a prata viva ou mercúrio vulgar, que era considerado como particularmente rico em sal, a influência oculta que tende a unir “os dois irmãos inimigos”, o enxofre e o mercúrio), constituíam assim a matéria afastada da Pedra. Mas não se podia empregá-los tais quais são: deviam ser purificados de maneira a constituírem a matéria próxima do magistério, a mistura do enxofre extraído do ouro e do mercúrio extraído da prata (entretanto, segundo certos autores, o ouro nativo podia ser empregado diretamente)... Vinha, em seguida, uma série de operações tendo por fim obter, a partir do ouro e da prata, os dois princípios opostos extraídos dos dois metais perfeitos. “O ouro é o mais perfeito de todos os metais: é o pai de nossa Pedra, e, entretanto, isso não é a matéria; a matéria da Pedra, é a semente contida no ouro”. (Philalèthe, *Fonte da filosofia química*). Compreende-se que Serge Huttin, que não é senão um homem de laboratório, se tenha deixado enganar pela autoridade de Poisson e pelas palavras tendenciosas de Philalèthe. Este tem, com efeito, perfeitamente razão em dizer que a semente do ouro é a matéria da Pedra, mas isto não quer absolutamente dizer que se precise extrair esta semente do próprio ouro.

Guillaume Salmon, o erudito autor da *Biblioteca dos Filósofos Químicos*, foi também alquimista. Não foi, entretanto, a título pessoal que ele esposou as grandes linhas do magistério, mas como historiador da ciência hermética. Escutemo-lo então: “Eis de que maneira os filósofos asseguram que a coisa se faz. O mercúrio dos filósofos (que chamam de fêmea), estando unido e amalgamado com o ouro (que é o macho), bem puro e em folhas ou em limalha, é posto no ovo filosófico (que é um pequeno matraz feito em forma oval, que se deve fechar hermeticamente, de maneira que nada da matéria se exale); põe-se este ovo em uma escudela cheia de cinzas, a qual se coloca no forno, e então este mercúrio, pelo calor de seu sopro interior, excitado pelo fogo que o artista alumia fora e que mantém continuamente em um grau e em uma proporção necessários, este mercúrio, digo eu, dissolve o ouro sem violência e o reduz a átomos”.

Estas poucas linhas são o tipo mesmo do texto verídico e “invejoso”. Com efeito, o que diz Salmon não é verdade senão *em um certo momento* do magistério, na sua última parte, ao passo que ele a apresenta como dizendo respeito ao início da Obra. Além do mais, não esclarece o que é preciso entender por “mercúrio dos filósofos” e “ouro”, assim — sem mentir

— Vejamos agora a opinião de Jacques Bergier que, temo-lo — ele chega a perturbar o leitor.

visto, entre os não-iniciados é certamente o que possui os mais sólidos conhecimentos alquímicos. E, efetivamente, o *modus operandi* que ele descreveu encerra a verdade de muito perto, em todo o caso, mais que tudo o que pude descobrir nas outras obras modernas. Não quero dizer que ele deu realmente a “receita”, mas as operações que explica — claramente — se aproximam consideravelmente do magistério real e podem, por conseqüência, ser tomadas como base de partida para um exame crítico dos textos tradicionais. “Vamos agora, escreve ele, tentar descrever, com precisão, o que fez um alquimista. Não pretendemos revelar a totalidade do método alquímico, mas cremos ter, sobre este método, alguma percepção de certo interesse. Não esqueçamos que o fim da última alquimia é a transmutação do próprio alquimista, e que as manipulações não são senão um lento encaminhamento para a *libertação do espírito*. É sobre esta manipulação que tentamos trazer novos ensinamentos.

“O alquimista tem, primeiro, durante anos, decifrado velhos textos, nos quais “o leitor deve entrar privado do fio de Ariadne, mergulhado em um labirinto, onde tudo foi preparado consciente e sistematicamente, a fim de jogar o profano em uma inextricável confusão mental.” Paciência, humildade e fé têm-no trazido a um certo nível de compreensão destes textos. Neste nível, vai poder começar realmente a experiência alquímica. Esta experiência, nós vamos descrevê-la, mas nos falta um elemento. Sabemos o que se passa no laboratório do alquimista. Ignoramos o que se passa no próprio alquimista. Admite-se que tudo seja ligado.

“Nosso alquimista começa por preparar, em um almofariz de ágata, uma mistura íntima de três constituintes. O pri-

meiro, que entra com noventa e cinco por cento, é um mineral: uma pirita arseniosa, por exemplo um mineral de ferro contendo notadamente como impurezas o arsênico e o antimônio. O segundo é um metal: ferro, chumbo, prata ou mercúrio. O terceiro é um ácido de ordem orgânica: ácido tartárico ou cítrico. Ele vai moer à mão e misturar estes constituintes durante cinco ou seis meses. Em seguida, aquece o todo em um cadinho. Aumenta progressivamente a temperatura e faz durar a operação uma dezena de dias. Deve tomar precauções. Gases tóxicos se libertam: o vapor de mercúrio e, muitas vezes, o hidrogênio arsenioso, que matou mais de um alquimista, desde o início dos trabalhos.

“Ele dissolve, enfim, o conteúdo do cadinho graças a um ácido. Foi procurado um dissolvente que os alquimistas do passado descobriram o ácido acético, o ácido nítrico e o ácido sulfúrico. Esta dissolução deve efetuar-se sob uma luz polarizada: seja uma fraca luz solar refletida sobre um espelho, seja a luz da lua. Sabe-se hoje que a luz polarizada vibra em uma única direção, enquanto que a luz normal vibra em todas as direções ao redor de um eixo.

“Ele evapora, em seguida, o líquido e recalcula o sólido. Vai recommençar esta operação milhares de vezes durante vários anos. Por que? Não o sabemos. Talvez à espera do momento em que serão reunidas as melhores condições: raios cósmicos, magnetismo terrestre, etc. Talvez, a fim de obter uma “fare-diga” da matéria nas estruturas profundas que ignoramos ainda. O alquimista fala de “paciência sagrada”, de lenta condensação do “espírito universal”. Há seguramente outra coisa por trás desta linguagem para-religiosa...

“Prossigamos nossa descrição: no fim de vários anos de um trabalho sempre igual, de dia e de noite, nosso alquimista acaba por considerar que a primeira fase está terminada. Ele acrescenta, então, à sua mistura um oxidante: o nitrato de potássio (1), por exemplo. Há no seu cadinho enxofre proveniente da pirita e carvão proveniente do ácido orgânico. En-

(1) Note-se que certos isótopos do potássio são normalmente um pouco radioativos.

xofre, carvão e nitrato: foi durante esta manipulação que os antigos alquimistas descobriram a pólvora.

“Ele vai recomeçar a dissolver, depois a calcinar, sem descanso, durante meses e anos, à espera de um sinal. Sobre a natureza deste sinal as obras alquímicas diferem, mas é talvez porque haja vários fenômenos possíveis. Este sinal se produz no momento de uma dissolução. Para certos alquimistas, trata-se da formação de cristais em forma de estrelas na superfície do banho. Para outros, uma camada de óxido aparece na superfície deste banho, depois se desfaz, descobrindo o metal luminoso no qual parece refletir-se, em imagem reduzida, ora a Via Lactéa, ora as constelações.

Recebido este sinal, o alquimista retira sua mistura do cadinho e a “deixa amadurecer” ao abrigo do ar e da umidade, até os primeiros dias da próxima primavera. Quando retoma as operações, estas visarão ao que se chama, nos velhos textos, “a preparação das trevas”.

“A mistura é colocada em um recipiente transparente, em cristal de rocha, fechado de maneira especial. Têm-se poucas indicações a respeito deste fechamento, dito fechamento de Hermes, ou hermético. O trabalho consiste, daí por diante, em esquentar o recipiente, dosando, com uma infinita delicadeza, as temperaturas. A mistura, no recipiente fechado, contém sempre enxofre, carvão e nitrato. Trata-se de levar esta mistura a um certo grau de incandescência, evitando a explosão. Os casos de alquimistas gravemente queimados, ou mortos, são numerosos. As explosões que assim se produzem são de uma violência particular, e libertam temperaturas, as quais, logicamente, não seriam previstas.

“O fim perseguido é a obtenção no recipiente de uma “essência”, de um “fluido”, que os alquimistas chamam, por vezes, de “asa de corvo”...

“O alquimista aquece, deixa esfriar, aquece de novo, e isto durante meses e anos, observando através do cristal de rocha a formação do que é também chamado “o ouro alquímico”: a mistura mudada em um fluido azul-negro. Ele abre finalmente o seu recipiente na obscuridade, à luz somente desta espécie de líquido fluorescente. Ao contacto do ar, este líquido fluorescente se solidifica e se separa.

“Obter-se-ão assim substâncias inteiramente novas, desconhecidas na natureza e tendo todas as propriedades de elementos químicos puros, isto é, inseparáveis pelos meios da química. . .

“Então, nosso alquimista abriu o seu recipiente de cristal de rocha e obteve, pelo resfriamento do líquido fluorescente ao contacto do ar, um ou vários elementos novos. Restam escórias. Estas escórias, ele vai levá-las, durante meses, na água tri-distilada. Depois, ele conservará esta água ao abrigo da luz e das variações da temperatura. Esta água teria propriedades químicas e medicamentais extraordinárias. É o dissolvente universal e o elixir da longa vida da tradição, o elixir de Fausto. . .

“Nosso alquimista se encontra pois agora na posse de um certo número de corpos simples, desconhecidos na natureza, de alguns frascos de uma alquímica suscetível de prolongar a sua vida consideravelmente pelo rejuvenescimento dos tecidos.

“Ele vai agora experimentar recombinar os elementos simples que obteve. Ele mistura-os em seu almofariz e os faz fundir a baixas temperaturas, em presença de catalizadores sobre os quais os textos são muito vagos. Este trabalho vai-lhe tomar ainda vários anos.

“Ele obteria assim, assegura-se, substâncias semelhantes absolutamente aos metais comuns, e em particular aos metais bons condutores do calor e da eletricidade. Este seria o cobre alquímico, a prata alquímica, o ouro alquímico. . . Outras substâncias, nascidas da manipulação alquímica, seriam mais surpreendentes ainda. Uma delas seria solúvel no vidro, à baixa temperatura e tendo o momento de fusão deste. Esta substância, tocando o vidro ligeiramente amolecido, se dispersaria no interior, dando-lhe uma coloração vermelha, de rubi, com fluorescência da cor malva na obscuridade. É o pó obtido ao esmagar este vidro modificado no almofariz de ágata, que os textos alquímicos chamam “pó de projeção” ou “Pedra filosofal”. (Louis Pauwels e Jacques Bergier, *O despertar dos Mágicos*).

O homem que escreveu estas linhas visivelmente trabalhou em laboratório e atingiu um certo estágio do magistério.

Algumas inexatidões, concernentes ao momento da introdução do nitrato de potássio, ou o estágio de obtenção da medicina universal, mostram que o experimentador não foi até o fim da Obra, o que Bergier, aliás, jamais pretendeu. Feitas estas reservas, considero este texto como essencial para o estudante que, depois de o haver lido, pode abordar os tratados tradicionais, munido de um “fio de Ariadne”, que lhe permitirá não se perder.

Agora que temos um ponto de partida sólido, se não totalmente assegurado, convém revelar, enfim, a identidade química real da matéria-prima, do fogo secreto e do mercúrio filosófico.

2

A matéria dos sábios

A MATÉRIA-PRIMA

“Há um mineral conhecido dos verdadeiros sábios que o escondem em seus escritos sob diversos nomes, o qual contém abundantemente o inalterável e o volátil.”

Assim se exprime o alquimista Le Breton, em *As Chaves da Filosofia Espagírica*, e ele não faz outra coisa senão reproduzir a opinião unânime de todos os filósofos, a saber, que existe efetivamente na natureza um certo corpo, único, que é o objeto dos sábios, isto é, a matéria-prima do magistério. Eis aí o ponto de partida de onde é preciso desembaraçar nossa investigação: um tal corpo existe, é único, não há que fingir destas duas qualidades. Peçamos, então, algumas informações aos Adeptos dos quais sabemos com certeza que realizaram a Pedra filosofal. Assim o Cosmopolita, na sua *Nova Luz Química*, nos indica: “É pedra e não pedra; é chamada pedra por sua semelhança; primeiramente, porque seu minério é verdadeiramente pedra no princípio, quando é tirada das cavernas da terra: é matéria dura e seca que pode reduzir-se a pequenas partes e que se pode esmagar à maneira de uma pedra. Segundo que, depois da destruição de sua forma, que não é senão enxofre fétido, que é preciso antes tirar-lhe e, depois da destruição

destas partes, que haviam sido compostas e unidas pela natureza, é necessário reduzi-la a uma essência única, cozendo-a docemente segundo a natureza em uma pedra incombustível, resistente ao fogo e fusível como cera: o que ela não pode fazer senão retornando à sua universalidade". Como, aliás, todos os filósofos afirmam que é preciso procurar esta substância no domínio metálico, porque todo outro domínio estaria muito afastado da perfeição dos metais para dar, em seguida, à Pedra filosofal suas qualidades transmutatórias, é fácil inferir deste texto que o objetivo dos Sábios é um minério metálico.

Nas *Conversações do rei Calid e do filósofo Morien*, encontramos, agora, esta informação: "É uma pedra vil, negra e fétida; que não custa quase nada: ela é um pouco pesada... esta é a revelação e introdução daquele que a procura". Na *Luz saindo das Trevas*, lemos: "A matéria é única, e por toda a parte os pobres a possuem tanto quanto os ricos. Conhecida de todos, ela é de todos desconhecida. No seu erro, o vulgo a rejeita como à lama, ou vende-a constantemente por preço vil, enquanto que ela é preciosa para os filósofos advertidos". Eugênio Canseliet, no seu prefácio às *Moradas filosóficas*, revela: "Nós não pensamos mais em cometer uma imprudência, publicando que Fulcanelli nos confiou ter estado mais de vinte e cinco anos a procurar este ouro dos sábios, que ele tinha sem cessar perto dele, sobre a mão e diante dos olhos. Esta confissão, banhada de franqueza, de humildade, em que se percebe quase um arrependimento, nos deixou, no momento, todo confuso. Na verdade, seu exemplo não constituía uma exceção".

Trata-se, então, de um minério, e de minério corrente. Não nos deixemos, entretanto, enganar pela menção de seu pouco preço comercial, porque os preços têm consideravelmente variado desde a época em que se escreveram certos textos. Isto nos permite, aliás, rejeitar toda identificação da matéria com um metal propriamente dito, seja ouro, prata ou mercúrio.

Mas que minério escolher? Estudando bem os textos mais "caridosos", percebe-se que numerosos Adeptos têm dado à sua matéria-prima o nome de diversos minérios bem determinados, ou então têm indicado que o seu objeto era da mesma natureza que tal ou tal deles. Pouparei o leitor de toda uma

série de citações para chegar a esta conclusão que é uma revelação importante — talvez uma revelação — porque eu creio que isto jamais foi expresso de maneira tão clara e precisa: a matéria-prima é um *cinabre*.

Atenção, eu não disse “o” cinabre, isto é, o minério de sulfureto de mercúrio, mas *um* cinabre, o que significa que o objetivo dos Sábios é o minério do sulfureto de um metal. É, aliás, daí que vem a menção feita pelo Cosmopolita deste enxofre fétido que é preciso tirar (1).

Eis já o problema circunscrito, e o é tanto mais que é preciso lembrar-se de que, na Idade Média e mesmo na Antiguidade, conheciam-se somente sete metais, aos quais é preciso juntar, entretanto, o zinco, o arsênico e o antimônio. Então, dez possibilidades de sulfuretos somente. Nós vamos passá-los, sucessivamente, em revista, tentando determinar se tal e tal filósofo não teria mais particularmente sugerido um dentre eles. Nós vamos ver que este é efetivamente o caso; infelizmente, vários minérios têm sido assim encarados, e tornou-se então preciso, no final de contas, fazer uma escolha.

* * *

O *cinabre*, ou sulfureto de mercúrio, de fórmula Hgs.

O nome deste minério vem de uma palavra indiana que significa sangue do dragão; ora, este apelativo é também um daqueles que se dá correntemente à matéria dos Sábios. Vários autores têm deixado entender, ou mesmo dito, que o sulfureto de mercúrio era a matéria-prima sobre a qual era preciso trabalhar. E isto parecia evidente, pois que se tratava de um minério contendo em seu seio os famosos enxofre e mercúrio caros aos Filósofos. Era infelizmente muito evidente, assim como o diz bem Don Pernety, no seu *Dicionário mito-hermético*: “Vários químicos têm, erroneamente, tomado o cinabre vulgar e natural pela matéria da Obra dos Filósofos: não se poderia tirá-la senão do mercúrio vulgar, o cinabre dos Sábios é seu mercúrio sublimado, purificado, fixado em vermelho, que eles chamam enxofre”. E o alquimista contemporâneo Kamala-Jnana,

(1) E que não deve confundir-se com o “enxofre dos Filósofos”, igualmente contido no minério.

no seu *Dicionário de filosofia alquímica*, indica: "Cinabre: minério de sulfureto de mercúrio, do qual se extrai o enxofre e o mercúrio vendidos no comércio. Este enxofre e este mercúrio são corpos mortos, destruídos pelo fogo que serviu para separá-los de sua ganga. Certos filósofos (como Hermes) têm-no citado como matéria-prima, mas é preciso entendê-lo apenas como "o objeto de comparação", a mina dos Sábios não se tratando da mesma maneira; análogo, mas não igual, semelhante, mas não idêntico".

É o que dizíamos no início, a matéria dos Sábios é *um* cinabre, mas não *o* cinabre.

A *argentita*, ou sulfureto de prata, de fórmula Ag_2S .

Este minério, sendo raro e caro, pode ser eliminado por isso mesmo (1).

A *galena*, sulfureto de chumbo, de fórmula PbS .

Encontramos nas *Moradas Filosóficas* uma frase de Fulcanelli que poderia indicar este minério: "Este símbolo oferece a mesma significação que a letra G, a sétima do alfabeto, inicial do nome vulgar da matéria dos Sábios, figurada no meio de uma estrela radiante (página 185). Na sua própria obra, *Alquimia*, Eugênio Canseliet dela fala igualmente, dizendo: "Compreender a letra G, é exatamente mostrar-se capaz de juntar-lhe caracteres que faltam para formar o nome da matéria bruta, ao mesmo tempo conhecida e procurada. Evidentemente, galena vem logo à idéia, que designa também o sulfureto natural de chumbo, única mina válida para o vil metal tendo a seu favor a opinião do antiquíssimo filósofo Artéphius, que vamos ler na irrepreensível tradução de P. Arnaud, o senhor da Cavalaria Poitevin: "O Antimônio é das partes de Saturno, tendo de todas as maneiras sua natureza; também este Antimônio Saturnino convém ao Sol, tendo em si a prata viva na qual nenhum metal se submerge senão o ouro".

Aí estão duas indicações únicas e que têm, para mim, o ar de bem "invejosas", isto é, destinadas a desviar o estudante a uma falsa pista, por que todas as obras de outros filósofos afirmam que o chumbo é, na sua natureza, muito mais distante

(1) É mesmo puro ouro.

da perfeição do ouro para poder ser elevado a esse grau perfeito que atinge a Pedra Filosofal (1).

A *cogelita*, ou sulfureto de cobre, de fórmula CuS .

Existem, com efeito, vários sulfuretos deste metal, alguns em composição com o ferro. Nenhum era de uso corrente entre os alquimistas dos séculos passados e não pude descobrir nenhuma alusão prendendo-se a ele.

O *estanho*.

Este metal não tem sulfureto natural corrente, assim deveria eu eliminá-lo, se não parecesse ter sido designado principalmente por Roger Bacon no seu *Espelho da Alquimia*. Com efeito, este Adepto nos esclarece qual é a natureza do estanho. “É um corpo puro, imperfeito, composto de um mercúrio puro, fixo e volátil, brilhante, branco no exterior, vermelho no interior. Seu enxofre tem as mesmas qualidades. Falta somente ao estanho ser um pouco mais cozido e digerido”. E mais longe ele esclarece: “É preciso, então, escolher a matéria que contenha um mercúrio puro, claro, branco e vermelho, não completamente perfeito misturado igualmente nas proporções desejadas, segundo as regras, com um enxofre semelhante a ele”. O monge britânico teria então sido mais “caridoso” que os seus colegas? Tenho temor, ao contrário, que ele mesmo tenha sido “invejoso”, porque nenhum outro como ele falou em favor do estanho.

O *ouro-pigmento*, ou sulfureto de arsênico, de fórmula As_4S_6 :

Sua cor enganou muitos sopradores porque este sulfureto é de um belo amarelo ouro. Além disso, alguns dentre eles sabiam que o arsênico desempenhava um certo papel no magistério, ignorando, totalmente, que era somente como sinônimo filosófico do *sal*. Por isso se tem, muitas vezes, confundido este minério com a matéria dos sábios.

A *blenda*, ou sulfureto de zinco, de fórmula ZnS .

Somente Fulcanelli sugeriu que... talvez... Mas, como para a Galena, o Mestre procurava confundir as pistas.

A *pirita*, ou sulfureto de ferro, de fórmula FeS_2 .

(1) O G em questão designa Géia, a Terra, que contém, entre outras coisas, a matéria dos Sábios.

É o minério nomeadamente designado por Jacques Bergier no texto que lemos no capítulo precedente, e que os filósofos ignoram ou designam como impróprio à Obra. Não seria por “inveja”? Bergier identificou a pirita de ferro com a matéria dos Sábios segundo o conjunto de suas leituras e experiências de laboratórios às quais ele se entregou. Eu mesmo dediquei-me a uma pesquisa análoga e encontrei algumas anotações, aqui e ali, que mostravam que o ferro não era totalmente impróprio à Obra. Assim, nas *Moradas Filosóficas*, Fulcanelli escreveu: “A afinidade estabelecendo a identidade química profunda destes corpos, é lógico pensar que o mesmo espírito, empregado nas mesmas condições, ali determinará os mesmos efeitos. É o que se verifica com o ferro e o ouro, os quais são unidos por uma estreita afinidade; quando os projectadores mexicanos descobrem uma terra arenosa, muito vermelha, composta em sua maioria de ferro oxidado, eles concluem disso que o ouro não está longe. Assim, consideram esta terra vermelha como a *mina e a mãe do ouro* (1), e o melhor índice de um filão próximo. O fato parece, portanto, muito singular, considerando-se as diferenças físicas destes metais. Na categoria dos corpos metálicos usuais, o ouro é o mais raro dentre eles; o ferro, pelo contrário, é certamente o mais comum, o que se encontra por toda a parte, não somente nas minas, onde ocupa jazigos consideráveis e numerosos, mas também disseminado à superfície do solo. . . De todos os minérios classificados, é a pirita de ferro o mais vulgar e o mais conhecido”.

Esta passagem é importante, porque se acrescenta a diversas alusões mais ou menos alegóricas ou veladas dos antigos filósofos; penso particularmente nesta frase de Sendivogius: “E para falar mais claramente, é nosso ímã, de outro modo dito nosso aço. . . Chama-se magnésio, porque por uma virtude magnética e oculta, ele atrai sobre si o filho do sol, no mesmo momento em que ele toma a sua existência atual”. Ímã, aço, nós estamos ainda no reino do ferro.

Não tiremos conclusões apressadas porque nos resta um último minério a examinar, o qual apresenta também sólidas pretensões à honra de ser a matéria filosófica.

(1) Sou eu quem sublinha.

A *estibina* ou sulfureto de antimônio, de fórmula Sb_2S_3 (2).

É preciso, primeiro, notar que a frase de Artéphius, que citamos ainda há pouco a propósito da galena, pode também falar em favor do antimônio. É preciso, em seguida, lembrar-se que Basile Valentin consagrou um tratado inteiro, *O Carro do triunfo do antimônio*, a esta substância e que Philalèthe deu por título a um de seus trabalhos: *Experiências sobre a preparação do mercúrio filosófico pela regra do antimônio marcial estrelado e a prata*.

Por seu lado, Fulcanelli, nas *Moradas filosóficas*, exprime-se assim: “Os mais instruídos de nós na cabala tradicional têm, sem dúvida, percebido a relação existente entre a via, o *caminho* traçado pelo hieroglifo que toma emprestada a forma do número 4 e o *antimônio mineral* ou *stibium*, claramente indicado sob este vocábulo topográfico. Com efeito, o oxissulfureto de antimônio natural se chamava, entre os gregos, Στιμμυ ou Στιβι ou Στιβια é o *caminho*, a *senda*, a *via* que o *investigador* (Στιβευς) ou peregrino percorre em sua viagem; é a ele que pisa. (Στειβω). Estas considerações, fundadas em uma correspondência exata de palavras, não escaparam aos velhos mestres nem aos filósofos modernos, que, apoiando-se em sua autoridade, contribuíram para expandir este erro nefasto de que o antimônio vulgar era o misterioso *objeto* da Arte. Confusão lamentável, obstáculo invencível contra o qual se chocaram centenas de pesquisadores. Não concluamos, todavia, muito rapidamente que Fulcanelli condena definitivamente o sulfureto de antimônio, e leiamos o comentário desta mesma passagem do mestre por Eugênio Canselet, na sua edição de *Mutus Liber*: “Que o discípulo, neste lugar conserve contudo, toda a sua prudência; a precaução resolutamente desenvolvida por Fulcanelli em quase cinco páginas por ocasião do mesmo problema, poderia muito bem não esconder senão o desígnio de tirar aos indignos o benefício de uma base sólida, segura e de fácil aquisição”. E acrescenta, quase imediatamente: “Nós poderíamos, equitativamente, retomar a nosso benefício a palavra do velho Dujols e declarar que, da confiança, passamos quase à repreensível divulgação”.

(2) Uma outra variedade de *estibina*, a *quermesita*, parece por vezes designada sob o nome de *Kermès*, ora através da alegoria de um carvalho.

É preciso agora decidir: o ferro, ou o antimônio? Eu estou mais ou menos persuadido de que os dois minérios foram escolhidos pelos alquimistas e que nenhuma das duas substâncias é totalmente estranha à Obra. É preciso não mais perder de vista, além do caráter de unicidade da matéria-prima, que sua característica mais freqüentemente citada, aquela à qual os velhos filósofos atribuíam mais importância, era a sua *universalidade*. Devia-se encontrá-la por toda a parte, todo o mundo a via ou tocava constantemente, os três reinos vegetal, animal, mineral nela se continham. Isso não se pode aplicar ao antimônio, mas convém admiravelmente ao ferro. De outra parte, por que dizer ferro *ou* antimônio? Por que não ferro e antimônio, como o faz, aliás, Bergier, quando sugere tomar por objeto uma piritita de ferro antimoniado, isto é, onde o antimônio figura em estado de impureza? Quanto a mim, isto será minha conclusão (1).

* * *

O FOGO SECRETO OU PRIMEIRO AGENTE

“Para satisfazer à sua pergunta, saiba que não há senão uma só matéria e principal substância que é a matéria do magistério; que esta matéria se faz um, que este um é feito com ela; e que não se acrescenta nem se diminui o que quer que seja”, responde o filósofo Morien a uma pergunta do rei Calid.

Encontra-se freqüentemente uma tal asserção na pena de numerosos Adeptos. Ela tem às vezes enganado os investigadores que pensaram que nenhuma substância, além daquelas que contêm a matéria-prima, devia intervir na Obra. Trata-se de uma armadilha a mais colocada na rota do neófito. Nada, certamente, deve ser, no mais estrito sentido, *acrescentado* à matéria, mas é

(1) Conclusão reforçada pelo fato seguinte: em 1616, um Adepto anônimo publicava uma obra hermética, *As núpcias químicas*, na qual pretendia dar a chave da alquimia por um cálculo cabalístico. Ele substituiu as letras da palavra *Alchimia* por seu valor numeral, ou seja: A = 1, L = 12, C = 3, H = 8, I = 9, M = 13, I = 9, A = 1, o que dá um total de 56. Ora, 56 é o peso atômico do ferro, o que é tanto mais notável que a teoria dos pesos atômicos não estava ainda descoberta na época. Mas não deveríamos, antes; dizer *redescoberta*?

igualmente certo que é preciso, para dela extrair o mercúrio filosófico, *aplicar-lhe* o fogo secreto, e este fogo é parcialmente estranho à Pedra. Eu disse parcialmente, porque, quando se interrogam os alquimistas a respeito do ponto de se saber se o fogo secreto tem os mesmos constituintes que o objeto dos Sábios, eles respondem “não e sim”. E eles têm razão, como vamos tentar demonstrar.

Que pode ser este fogo secreto, esta água seca, que não molha as mãos, isto é, esta substância que queima sem o socorro de uma flama? Diversos corpos químicos vêm ao espírito; os ácidos, as bases fortes e certos sais. Podemos excluir os ácidos e as bases usuais que são líquidos, restam certos ácidos orgânicos fracos e sais. Encontramos logo Basile Valentin que nos declara: “O sal é o fogo, a água que não molha as mãos”. Podemos concluir que o fogo secreto é bem um sal, que se apresenta a nós sob uma forma cristalina — pois que não molha as mãos — e que é suscetível de se liquefazer, pois que pode transformar-se em “água”. Aliás, Basile Valentin qualifica-o de “homem duplo ígneo”, e ele não é o único a assinalar este carácter duplo do sal. A conclusão também se impõe com evidência: trata-se de um sal duplo de uma substância metálica presente na matéria-prima (1), sem dúvida sob forma de impureza.

Vejamos agora se os Adeptos indicaram ou procuraram um tal sal. Atiremos um golpe de vista sobre o desenho da duodécima chave de Basile Valentin. Vemos ali o fogo queimando acima de qualquer coisa, que não se assemelha de modo algum a um forno, mas a uma pipa; aliás, ele falará da “barrela concentrada de cinza de carvalho ou carbonato de potássio”. Mas a pipa faz também pensar no tártaro que se deposita sobre as paredes internas, e não se deve esquecer que o apelido medieval do carbonato de potássio não era outro senão sal de tártaro. O que nos leva a Jacques Bergier que, na sua preparação, utilizava, em lugar do primeiro agente, o ácido tartárico que é extraído de fato do tártaro.

(1) Pois que os alquimistas declaram que um dos constituintes da matéria-prima existe em comum com o fogo secreto.

Do mesmo modo, Miguel Maier, no terceiro discurso do *Atalante Fugitivo*, declara: “Com efeito, quem lava com auxílio da água uma coisa impura, propicia-lhe o mesmo efeito que aquele obtido por tantos modos de operar. Porque é pelo fogo, como o diz o Jardineiro dos Filósofos, que as roupas brancas do Rei Duenech, manchadas pelo seu suor, devem ser lavadas, e devem ser queimadas pelas águas”. Verifica-se que o anagrama do Rei Duenech dá “du chêne” (do carvalho), fonte da água que queima.

Na página 171 do tomo I das *Moradas filosófais*, em que Fulcanelli nos fala do mercúrio dos Filósofos (que não tem, bem entendido, nenhuma relação com nosso fogo secreto), encontramos esta frase: “Disso vem que vários Adeptos, querendi criar confusão, apelidaram-no de nitro ou salitre (sal petrificado, sal de pedra) e copiaram o signo de um sobre a imagem de outro”. Além disso (tomo II, página 231) ele acrescenta: “Os que são instruídos das qualidades da matéria sabem que o dissolvente universal é um verdadeiro mineral, de aspecto seco e fibroso, de consistência sólida, dura, de textura cristalina. É pois um sal, e não um líquido, nem um mercúrio fluente mas uma pedra ou sal poderoso do que resultam seus qualificativos de salitre, de sal de sabedoria ou sal alembroth...”

Por sua vez, Eugênio Canseliet nos fala deste salitre, ou seja, do nitrato de potássio que Jacques Bergier citava precedentemente: “Entre os sais que se mostram idôneos para entrar na composição do fogo secreto filosófico, o salitre deveria ter um lugar importante. Pelo menos a etimologia deixa presumir. Com efeito, o grego “nitron” (*νιτρον*) que designa o azoto de potássio, chamado vulgarmente de nitro, tira sua origem de *νιτρο*, niptô-ou *νίζω*, nizô — lavar; ora, sabe-se que os filósofos recomendam lavar com o fogo. Todas as suas purificações, todas as suas sublimações são feitas com o auxílio de lavagens ígneas, de lavadura, segundo o que escreveu Nicolas Flamel. De outra parte, o salitre, quando entra em contacto com matérias em fusão, ao *fundir* se transforma parcialmente em carbonato de potássio; ele se alcaliza”.

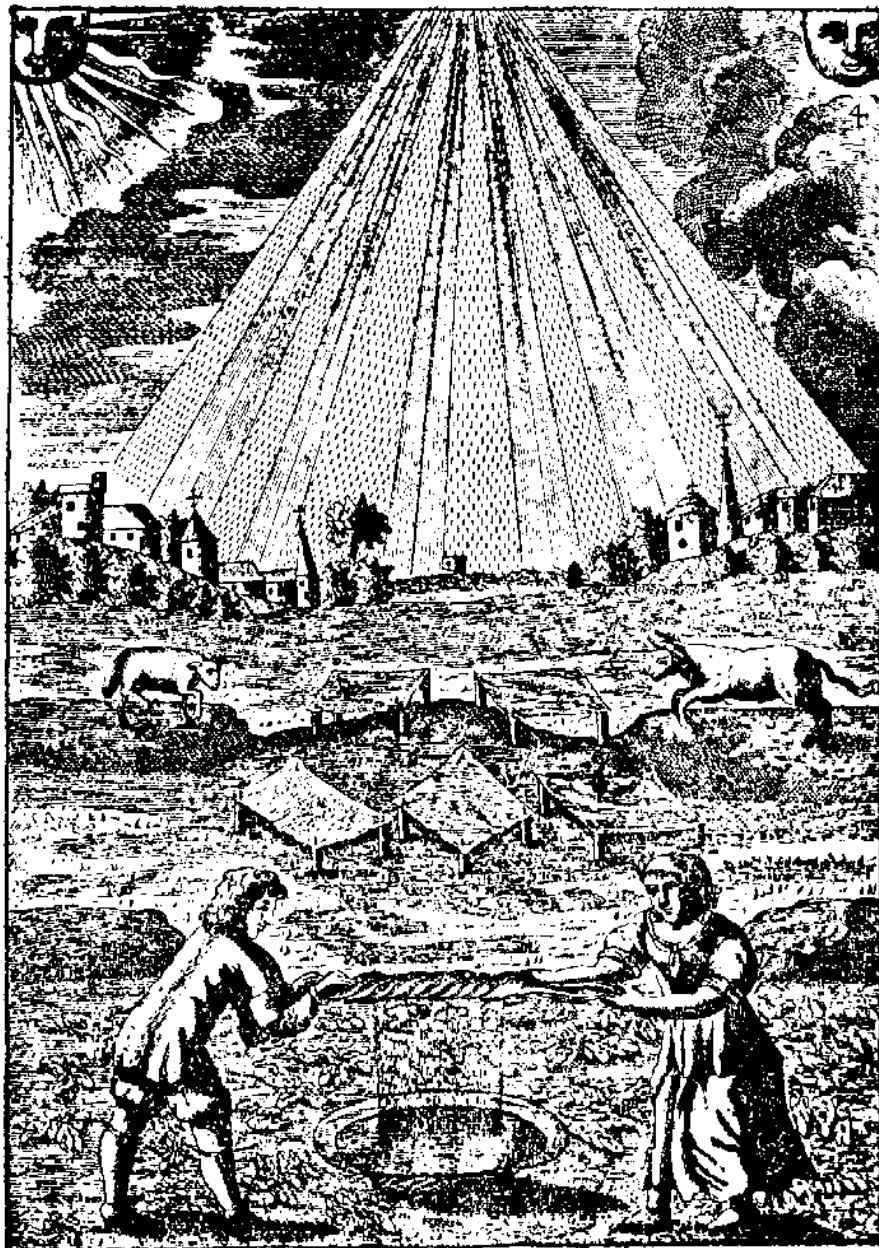
E eis-nos de volta ao nosso sal de tártaro precedentemente citado. Assim, pois, nosso fogo secreto podia não ser senão

um sal duplo de *potassium*, nitrato e tartarato, o potassium por si figurando na matéria-prima, isto é, na pirita de ferro anti-moniado, sob a forma de impureza. Representaria, então, o sal, o princípio da união que ligou o enxofre ao mercúrio, porque o potassium é o único metal estável e fluente para ser normalmente um pouco radiativo.

Atenção, porém, não é preciso empregar estes corpos tais quais são, é preciso utilizar, segundo a expressão dos alquimistas, o salitre filosófico e o sal de tártaro filosófico. É este um outro dos segredos do magistério que os alquimistas não têm jamais querido explicar. Um deles consentiu, todavia, em dizer-me um dia, que a ação de tornar um corpo filosófico resultava de física e não da química. Releiamos, então, as operações descritas por Jacques Bergier, pondo principalmente nossa atenção sobre a utilização da luz polarizada, e não estaremos longe de haver descoberto a solução.

O MERCÚRIO FILOSÓFICO

Os sopradores e numerosos alquimistas atribuíram ao mercúrio filosófico quase todas as identidades possíveis, até incluindo as mais repugnantes, urina macerada, sangue de recém-nascido, etc. De fato, se se procura descobrir qual é o corpo que corresponde ao mercúrio filosófico, ele não será jamais encontrado, simplesmente porque este mercúrio não é nada exterior à matéria-prima, mas, ao contrário, é extraído sob a influência do fogo secreto. Temos visto que não é preciso juntar nada à matéria inicial, uma vez começada a ação do primeiro agente: é essa uma regra absoluta. É, por conseguinte, evidente que o mercúrio filosófico não pode provir senão da matéria inicial; todos os alquimistas admitiram e reconheceram que, deste ponto particular, a dificuldade não se prende à identificação do produto, mas em redor da mão especial necessária para chegar a extrair o minério dos sábios. É, aliás, o que vai aparecer a partir do próximo capítulo, consagrado à realização prática do magistério.



Quarta ilustração do "Mutus Liber"

3

O magistério

Convém, antes de tudo, esclarecer um fato de extrema importância: o magistério não se compõe de um única Obra, mas de três obras perfeitamente distintas. Ora, a maior parte dos tratados de alquimia estuda uma destas três Obras, ou duas dentre elas, como se fossem a Obra completa, e isto sem jamais informar que omitem uma parte importante da realização da Pedra. Este fato, por si só, a torna inutilizável; não existe *nenhum* tratado que estude pela ordem e cronologicamente a sucessão das três Obras! Além disso, as qualificações tradicionais da matéria-prima, mercúrio e enxofre que são empregadas nas três Obras não designam os mesmos corpos materiais em cada uma destas partes do magistério! Dizendo isto certamente eu não me considero somente culpado de um excesso de “caridade”, mas da divulgação pura e simples. Contudo, se, por estar-se persuadido da realidade e da atualidade desta Arte, quer-se desocultar a alquimia, é preciso entregar-se a este arrancamento indispensável.

Portanto, em um mesmo tratado, encontraremos descritas duas Obras, num máximo de três, e em outro, sabemo-lo, o enxofre da segunda Obra poderá muito bem estar qualificado como mercúrio na primeira. Por conseguinte, não será possível

confiar-se num só autor para a realização total do magistério, pois que certas fases estarão ausentes de seus escritos. Deve-se, para tanto, experimentar recompor a marcha a seguir, partindo de um mosaico de tratados? Especialmente não, pois cada filósofo tem seus processos, suas maneiras, talvez suas monomanias, e não são redutíveis uns pelos outros. Não esqueçamos que não se trata, em nada, de experiências científicas renováveis à vontade, mas de qualquer maneira de “receitas de cozinha”, que estão intimamente ligadas à pessoa do operador.

Como há três Obras perfeitamente diferenciadas, todavia, é inteiramente possível tomar por guia um tratado diferente para cada uma das partes do magistério. Pode-se, assim, começar com Nicolas Flamel, prosseguir sob o cajado de Basile Valentin e deixar-se guiar até o fim por Bernardo, o Trevisano. Basta, então, estabelecer uma correspondência precisa entre as diversas qualificações dos produtos de cada um desses filósofos; isto exige uma atenção minuciosa, mas nada tem de impossível. Excepcionalmente, mesmo, pode-se recorrer a um segundo alquimista para precisar um ponto particular de uma das partes da Obra, se o guia escolhido deixou demais na sombra tal ou tal manipulação; é, entretanto, já, uma operação mais complicada e que não se poderia aconselhar ao principiante.

Vamos, agora, pois estudar cada uma das partes do magistério através dos ensinamentos do filósofo que terá parecido, a mim, ser o mais claro e o melhor informado de cada uma delas. Seguirei, assim, alternativamente, Fulcanelli, Cyliani, depois Philalèthe.

A PRIMEIRA OBRA

É preciso, primeiro, procurar a matéria-prima; este ponto pode parecer fútil e aparentar não comportar nenhuma dificuldade, desde o instante em que se pensa ter identificado, desde o instante em que se pensa ter identificado o minério, mas não é assim prática. Na hora atual, todos minérios assim são submetidos a uma preparação química prévia, susceptível de en-

riquecer o seu teor em metal, e esta preparação os torna inteiramente impróprios à Obra (1). É preciso seguir em direção ao lugar, à mina, e obter autorização para visitar os filões.

Com efeito, como nos ensina Armand Barbault em *O Ouro da milésima manhã*, há, da parte do alquimista, uma "tomada de posse" da matéria que é um verdadeiro ato mágico. É preciso que o operador esteja no mesmo lugar e se deixe guiar para o minério que lhe está destinado, eu direi, quase predestinado. Barbault informa que o uso da astrologia, como guia, é necessário nesta fase, o que eu creio de muito boa vontade, e ele assegura que o uso de um médium para escolher a jazida da matéria e proceder à tomada de posse desta é quase indispensável. Em todo o caso, que se deixe levar por seu instinto, pelo estudo de um céu de aurora, ou pela interpretação de um médium, é preciso ser escolhido pela sua matéria-prima, tanto como escolhê-la por si mesmo.

Que quantidade tomar? Armand Barbault trabalhou sobre um quilo e oitocentas gramas de terra, enquanto que um de meus amigos, alquimista também, comprou desde o começo duzentos quilos de minério. Com efeito, uma vez removida a ganga sulfurosa que envolve a matéria-prima, restam bem poucos radicais metálicos. Assim eu penso que, no começo, uma centena de quilos de minério é necessária.

O forno que se precisa construir deve permitir, segundo a tradição, um aquecimento contínuo ao carvão de lenha. Ouve-se, freqüentemente, hoje em dia, proibir, na alquimia, o uso de aquecimentos elétricos ou a gás, mas esta interdição me parece repousar somente sobre a necessidade supersticiosa de imitar em tudo o passado. Penso, ao contrário, que o aquecimento elétrico, graças à sua constância e à capacidade de sua regulamentação, deve ser preferida a todo outro. Em seguida, é preciso proceder-se à fabricação do fogo secreto tal como o descrevi precedentemente; trata-se aqui de uma operação química e não alquímica, também será prudente consultar um

(1) Basile Valentin dizia já: "Todas as mercadorias à venda tiradas das minas, valem cada uma o seu preço, mas, quando são falsificadas, tornam-se impróprias. Elas são, com efeito, alteradas sob um falso brilho e não são mais como antes convenientes à obra". (*As doze chaves da Filosofia*).

manual do século XVII ou do XVIII, indicando a preparação do creme de tártaro ou outras substâncias. A este propósito, Eugênio Canseliet nos diz na sua edição do *Mutus Liber*: “Acrescentaremos o conselho, seguramente não negligenciável, de não utilizar absolutamente de artifício para que a solução de tártaro se torne mais fácil. O duplo fator do tempo e da paciência, na ocorrência, desempenha um grande papel, e se deverá, o que é melhor, consultar a obra de Nicolas Lémery, na excelente edição que reviu Teodoro Baron, ele próprio doutor em medicina (*Curso de Química*, Paris, 1756)”.

Pode-se, daí por diante, começar a Obra? Não, porque existem dois períodos bem determinados do ano, claramente indicados na *Mutus Liber*, e que são não somente mais favoráveis à realização do magistério, mas, mesmo, absolutamente imperativos. Todos os escritos dos filósofos o confirmam. Eis, aliás, o comentário, absolutamente límpido, de Eugênio Canseliet na quarta prancha do *Mutus Liber*: “A quarta estampa revela, positivamente, um dos maiores arcanos da Obra física. O influxo cósmico, em leque imenso de feixes direitos, alternativamente sombreado e malhado, cai a partir do centro do céu de um ponto que se situa entre o sol e a lua.

“Não há autor que tenha indicado, tão sinceramente, o agente principal do movimento e das transformações, na superfície como no centro da terra. Precisamente é a intervenção deste agente cósmico, que diferencia a alquimia da química orgulhosamente empírica e paralela. O segredo mostra-se neste ponto importante que Magophon (o livreiro Pierre Dujols) fez, sem dúvida, um esforço muito grande contra si próprio para dissimulá-lo, enquanto escrevia estas linhas contudo muito significativas: “Sem o concurso do céu, o trabalho do homem é inútil. Não se enxertam as árvores nem se semeia o grão em qualquer estação. Cada coisa tem o seu tempo. A Obra filosófica é apelidada a agricultura celeste; não é por nada que um dos maiores autores assinou os seus escritos com o nome Agrícola, e dois outros excelentes Adeptos são conhecidos sob os nomes de Grande Camponês e de Pequeno Camponês.

“Oh! sim, o carneiro e o touro da imagem sobre a qual nós inclinamos presentemente, correspondem aos dois signos

zodiacais, isto é, aos meses primaveris durante os quais a operação, tendo por fim recolher a flor do céu, realiza-se exatamente como se encontra determinada nesse lugar...

“Conceber-se-á facilmente que é o orvalho e não outra coisa, que o sábio Jacob Sulat nos propõe recolher, e que seria vão filosofar muito sutilmente sobre uma figura de sinceridade quase ingênua, com a idéia de que ela constitui uma abstrusa alegoria. Trata-se, sem disfarce, da maneira simples que temos, nós próprios, primeiro utilizado, há menos de meio século, exceto a diferença quanto a instalação da peça de roupa branca sobre estacas”.

Por sua vez, Armand Barbault contou como, à imitação da dupla de alquimista do *Mutus Liber*, recolheu em cada madrugada o orvalho dos campos durante os meses do carneiro e do touro ⁽¹⁾, a fim de nele embeber sua matéria-prima. É então, depois dessa época, ou seja, em maio, e unicamente nesse momento, que é preciso começar o magistério, porque a terra e o mar estão novamente carregados do influxo celeste da renovação; há uma obrigação absoluta nisso, cuja ignorância arrastaria toda a empresa ao fracasso.

Nós nos encontramos, pois, de posse da matéria afastada da Pedra, do fogo secreto, de uma certa provisão de orvalho, e de um forno; é preciso ainda alguns instrumentos, um almofariz de ágata ou quaquer outra substância muito dura, um cadinho e alguns tubos de ensaio e matrizes. A época do ano é favorável, é tempo de começar.

É preciso, primeiro, preparar o orvalho de maio, que não é utilizável diretamente como na preparação espagírica de Armand Barbault. Escutemos pois o Cosmopolita, na sua *Nova Luz Química*: “Com efeito, tu deves tomar o que é, mas que não se vê, até o que agrada ao artista; é a água do nosso orvalho, da qual se tira o salitre dos filósofos, pela qual todas as coisas crescem e se alimentam”; indicação que com-

(1) De 21 de março a 21 de maio.

pletaremos por estas palavras de Eugênio Canseliet: “Sob o efeito do calor aplicado com sabedoria, graças a seu nitro sutil, o orvalho se eleva e enobrece todo o sal que seja e, preferivelmente, os que a natureza reservou para a Grande Obra”. (1) O corpo assim obtido é o Leite de Virgem.

E agora as operações começam: a primeira é pulverizar no almofariz de ágata blocos da matéria-prima misturados ao sal duplo que constitui o fogo sagrado, depois de embeber o todo com o sal tirado do orvalho de maio. Fulcanelli, no tomo primeiro das *Moradas Filosóficas* no-lo explica nestes termos: “Se você pois deseja possuir o grifó, que é nossa pedra astral (2) arrancando-a da sua ganga arsenical, tome duas partes de terra virgem, nosso dragão escamoso (3) e um do agente ígneo, o qual é valente cavaleiro armado da lança e do escudo (4). Arés mais vigoroso do que Áries deve estar em menor quantidade. Pulverize e acrescente a décima quinta parte de todo este sal puro, branco, admirável, várias vezes lavado e cristalizado, que você deve necessariamente conhecer. (5) Misture, intimamente; depois, servindo-se como exemplo da dolorosa paixão de Nosso Senhor, crucifique com três pontas de ferro (6), a fim de que o corpo morra e possa ressuscitar. Feito isso, tire do cadáver os sedimentos mais grosseiros; esmague e triture os ossos; mexa o todo sobre um fogo doce com uma vara de aço. Jogue, então, nesta mistura, a metade do segundo sal, tirado do orvalho que, no mês de maio, fertiliza a terra e você obterá um corpo mais claro do que o precedente. Repita três vezes a

(1) Não esqueçamos que o nitro é o nome vulgar do salitre, isto é, do nitrato de potássio, de que falava Jacques Bergier no seu *modus operandi*.

(2) Aqui, “grifó”, e “pedra astral” são tomados no sentido de pedra filosófica terminada.

(3) “Terra virgem” e “dragão escamoso” são tomados no sentido de “matéria separada” da Pedra.

(4) Isto é, o sal duplo que constitui o fogo secreto.

(5) Trata-se do sal obtido a partir do orvalho de maio, ou leite de virgem.

(6) Tripla dissolução.

mesma técnica; você chegará ao minério de nosso mercúrio (1) e terá subido o primeiro degrau na escada dos sábios. Quando Jesus ressuscitou, no terceiro dia após sua morte, um anjo luminoso e vestido de branco ocupava sozinho a sepultura vazia . . .”

A título de comparação, vou reproduzir aqui algumas linhas de Philalèthe descrevendo a mesma operação: É preciso tomar do nosso dragão ígneo, que esconde no seu ventre o aço mágico, quatro partes; de nosso ímã, nove partes; misturá-las juntas por um fogo ardente em forma de água mineral, acima da qual sobrenadará uma espuma a ser posta à parte. Deixe a concha e tome o caroço, que porá separadamente; purgue-o e limpe-o três vezes pelo fogo e pelo sal; e isso se fará facilmente se Saturno viu e considerou a beleza no espelho de Marte”. Os dois filósofos, com palavras diferentes, dizem, de fato, a mesma coisa. A notar que, a parte das três dissoluções, é preciso doravante operar em um cadinho e prestar muita atenção às projeções ígneas que arrastam a queimaduras por vezes mortais. Retomemos Fulcanelli: “Quando você perceber no vaso um rumor igual ao da água em ebulição, estrondo surdo da terra de que o fogo rasga as entranhas, esteja pronto para lutar, e conservar o seu sangue frio; você notará fumaças e flamas azuis, verdes e violetas, acompanhando uma série de detonações precipitadas . . .” Aliás, o célebre Adepto contemporâneo declara: ‘Limojon de Saint-Didier enuncia uma verdade primordial, quando assegura que a “Pedra dos Filósofos nasce da destruição de dois corpos”. Nós acrescentaremos que a Pedra filosofal — ou nosso mercúrio, sua matéria próxima — nasce igualmente do combate, da mortificação e da ruína de duas naturezas contrárias. Assim, nas operações essenciais da Arte, vemos que são sempre dois princípios que produzem um terceiro, e que esta geração depende de uma decomposição preliminar de seus agentes”. Atenção ao emprego da palavra mercúrio por Fulcanelli, que é usada af para enganar. De fato, os dois corpos extraídos da matéria-prima e que é preciso decompor são o mercúrio e o enxofre dos filósofos, e o terceiro corpo que pre-

(1) Trata-se do mercúrio filosófico.

cisamos obter no curso desta primeira Obra é o mercúrio filosófico. Vamos pois a este e vejamos como Fulcanelli, no tomo II de suas *Moradas filosóficas*, nos explica sua extração:

“A operação é tanto mais importante que conduz à aquisição do mercúrio filosófico, substância viva, animada, saída do enxofre puro radicalmente unido à água primitiva e celeste. . . Ora, as duas vias da Obra necessitam de duas maneiras diferentes de operar a animação do mercúrio inicial. A primeira pertence à via curta e comporta uma única técnica pela qual se umedece pouco a pouco o fixo — porque toda matéria seca bebe avidamente sua umidade — até que a fusão reiterada do volátil sobre o corpo faça encher o composto e o torne massa pastosa ou xaroposa segundo o caso. O segundo método consiste em dissolver a totalidade do enxofre em três ou quatro vezes seu peso d’água. Decantar em seguida a solução, depois dessecar o resíduo e tomá-lo com uma quantidade proporcional de novo mercúrio. Quando a dissolução terminou, separam-se as escórias, se as há, e os licores reunidos são submetidos a uma lenta destilação no banho. A umidade supérflua se encontra assim separada, deixando o mercúrio na consistência conveniente, sem nenhuma perda de suas qualidades e pronto a sofrer cocção hermética”.

É preciso não esquecer que este mercúrio filosófico se apresenta sob a forma de um sal, que é este sal que se deve recolher após as sublimações reiteradas.

* * *

A SEGUNDA OBRA

Nossa matéria-prima chegou, pois, ao estágio de matéria próxima da Obra e é preciso, agora, essencialmente sob a influência do mercúrio filosófico que foi dela extraído e do leite de Virgem, trazê-la ao estágio do *rebis*, da coisa dupla, que, depois, na terceira Obra, bastará cozer até o seu estágio de perfeição.

As operações desta segunda Óbra foram descritas por vários filósofos, com reserva, como se falassem do começo do magistério. Entre estes tratados, escolhi citar aqui o de Cyliani, *Hermes revelado*, porque ele me parece descrever esta operação de modo mais claro e mais sincero do que os outros.

“Primeira operação: confecção do azoto ou do mercúrio dos filósofos.

“Tomo da matéria contendo as duas naturezas metálicas (1); começo por embebê-la do espírito astral (2), pouco a pouco, a fim de revelar os seus dois fogos interiores que estavam como apagados, dessecando ligeiramente e esmagando circularmente o todo sob um calor de sol; depois, reiterando assim e freqüentemente, umedecendo mais e mais, dessecando e amassando até que matéria, tenha tomado o aspevto de um mingau ligeiramente espesso. Derramo, então, em cima, uma nova quantidade de espírito astral, de maneira a sobrenadar a matéria, e deixo o todo assim durante cinco dias, ao fim dos quais eu decanto jeitosamente o líquido ou a dissolução (3), que conservo em um lugar frio; depois desseco diretamente ao calor solar a matéria que sobrou no vaso de vidro, que tinha quase três dedos de altura; embebo, umedeço, seco e faço dissolver como havia feito precedentemente, e reitero assim até que tivesse dissolvido tudo o que era susceptível de sê-lo, tendo tido o cuidado de verter cada dissolução no mesmo vaso bem fechado, que pus, durante dez dias, no lugar mais frio que encontrei. Quando se escoaram esses dez dias, pus a dissolução total a fermentar em um pelicano durante quarenta dias, ao fim dos quais ela precipitou pelo efeito do calor interno da fermentação uma matéria negra. Foi, então, que destilei sem fogo, o melhor que me foi possível, o líquido precioso que sobrenadava a matéria contendo o seu fogo interior e o pus num vaso de vidro branco, bem fechado a esmeril, em um meio úmido e frio.

(1) Isto é, a matéria próxima.

(2) Sinônimo do leite de Virgem.

(3) É o grande princípio das operações alquímicas: *“solve et coagula”*.

“Tomei a matéria negra e a fiz dessecar ao calor do sol como já disse, reiterei as embebeções com o espírito astral, cessando-as logo que percebia a matéria que começava a secar, e deixando-a desta maneira dessecar-se por si mesma, tantas vezes quantas fossem necessárias para que a matéria se tornasse como pez negra, brilhante. Então a putrefação foi total e cessei o fogo exterior, a fim de não prejudicar a matéria queimando a alma tenra da terra negra. Por este meio, a matéria chegou ao estrume de cavalo: à sua imitação, é preciso, segundo o dizer dos filósofos, deixar agir o calor interior da própria matéria.

“É preciso aqui recomençar o fogo exterior para coagular a matéria e seu espírito. Após havê-la deixado dessecar sozinha, embebe-se a mesma, pouco a pouco, cada vez mais, no seu líquido destilado e reservado, que contém seu próprio fogo, amassando, embebendo e dessecando sob um ligeiro calor solar até que ela tenha bebido toda a sua água. Por este meio, a água se muda inteiramente em terra e esta última, por sua dessecação, se muda em um pó branco, que se chama também ar, que cai como uma cinza, contendo o sal ou o mercúrio dos filósofos.

“Nesta primeira operação, vê-se que a dissolução, ou a água, se mudou em terra, e esta, pela sutilização ou sublimação, se muda em ar pela arte, em que se detém o primeiro trabalho.

“Toma-se esta cinza que se fez dissolver pouco a pouco com o auxílio deste novo espírito astral, deixando-a, após a dissolução e a decantação, uma terra negra que contém o enxofre fixo. Mas, reiterando a operação sobre esta última dissolução, absolutamente como a descrevemos precedentemente, obtém-se uma terra mais branca que da primeira vez, que é a primeira água, e se reitera do mesmo modo sete a nove vezes. Obtém-se por este meio a menstruação universal, ou o mercúrio dos filósofos (1), ou azoto, com auxílio do qual se extrai a força ativa e particular de cada corpo...

(1) Atenção, este segundo “mercúrio dos filósofos” não é o constituinte da matéria-prima, assim designado no curso da primeira obra. Trata-se aqui de um novo sal resultante da operação precedente.

“SEGUNDA OPERAÇÃO: CONFECÇÃO DO ENXOFRE

“A tintura extraída do ouro (1) vulgar se obtém pela preparação de seu enxofre, que é o resultado de sua calcinação filosófica que lhe faz perder a sua natureza metálica e o muda em uma terra pura; calcinação que não pode verificar-se pelo fogo vulgar, mas somente pelo fogo secreto que existe no mercúrio dos sábios, visto sua propriedade dupla; e é em virtude de seu fogo celeste, secundado pela trituração, que ele penetra no centro do ouro vulgar e que o fogo central duplo do ouro, mercurial e sulfuroso, que se encontra como morto e aprisionado, se encontra desligado e animado. Este mesmo fogo celeste, após haver extraído a tintura do ouro, fixa-a por sua qualidade fria e congelante, e torna-se perfeita, podendo multiplicar-se em qualidade assim como em quantidade. . .

“É preciso pois começar por transformar o ouro vulgar em sua matéria espermática, através de nossa água de mercúrio ou nosso azoto. Para chegar aí, é preciso reduzir o ouro em um cal ou óxido de um vermelho castanho muito puro, e, após tê-lo lavado diversas vezes com a água da chuva bem destilada em fogo brando, far-se-á o mesmo secar ligeiramente a um calor de sol; é agora que será ele calcinado com nosso fogo secreto. É nesta ocasião que os filósofos dizem: os químicos queimam com o fogo e nós com a água.

“Após haver embebido e umedecido freqüentemente o óxido de ouro bem calcinado, tendo a sua umidade, e tê-lo feito beber seu peso de sal ou de terra seca que não molha as mãos, e havê-los bem incorporados juntos, embeber-se-ão os mesmos diretamente, aumentando-lhes sucessivamente as embebeções, até que o todo pareça um mingau ligeiramente espesso. Então, por-se-á em cima uma certa quantidade de água de mercúrio proporcional à matéria, de maneira que ela sobrenade esta última; deixar-se-á o todo ao doce calor do banho-maria dos sábios durante cinco dias, ao fim dos quais se decantará a dis-

(1) Este “ouro” designa o princípio macho do composto.

solução num vaso que se fechará bem e que se porá num lugar úmido e frio.

“Tomar-se-á matéria não dissolvida, que se fará secar em um calor semelhante àquele do sal; estando suficientemente seca, recomeçam-se as freqüentes embebeções e triturações, como dissemos anteriormente, a fim de obter uma nova dissolução, que se reunirá com a primeira, reiterando-se, assim, até que se tenha dissolvido tudo o que se puder e que não reste senão a terra morta e de nulo valor. A dissolução estando terminada e reunida num vaso de vidro bem fechado, do qual precedentemente falamos, sua cor é semelhante àquela do lápis-lazúli. Coloca-se esse vaso num lugar o mais frio possível durante dez dias, depois coloca-se a matéria-prima a fermentar, como dissemos quando da primeira operação, e, pelo próprio fogo interno dessa fermentação, se precepitará uma matéria negra; far-se-á destilação da matéria sem fogo, colocando-se o líquido separado pela destilação, que sobrenadará a terra negra, num vaso bem fechado e num lugar frio.

“Tomar-se-á da terra negra, separada por destilação de seu líquido; deixar-se-á que seque, por ela mesma, depois será embebida diretamente com o fogo exterior, isto é, com o mercúrio filosófico. . .

“Quando a matéria estiver branca, a coagulação estando terminada, ela é fixada levando-se a matéria a uma maior dessecção, com o auxílio do fogo exterior, seguindo a mesma marcha que seguimos na coagulação precedente, até que a cor branca esteja mudada em vermelha, que os filósofos chamam o elemento do fogo. . .

“Então, procede-se à separação do puro, do impuro da matéria: é esse o último grau da regeneração, que se faz pela solução. Para chegar até aí, após ter triturado a matéria, e tê-la colocado no vaso sublimatório, alto, como já dissemos, de três a quatro dedos, em bom vidro branco e de espessura dupla à ordinária, verte-se a água mercurial, que é nosso azoto, dissolvida na quantidade do espírito astral que lhe é necessária, e anteriormente indicado, graduando seu fogo de maneira a deixá-lo em calor temperato, e dando-lhe, por fim, uma quantidade desse mercúrio filosófico, como para fundir a matéria.

Por esse meio, leva-se toda parte espiritual dessa última à água, e a parte terrosa fica no fundo; decanta-se seu extrato, coloca-se no gelo, a fim de que a quintessência oleosa se una e suba acima da água e aí sobrenade como um óleo, e lança-se a terra restante ao fundo, como inútil, pois é ela quem mantinha aprisionada a virtude medicinal do ouro; o que faz com que ela tenha nulo valor.

“Separa-se esse óleo sobrenadante com o auxílio de uma pena branca de pombo, bem lavada e molhada; e toma-se cuidado de não perdê-lo, absolutamente, pois é a verdadeira quintessência do ouro vulgar regenerado, no qual os três princípios se encontram reunidos, não mais podendo ser separados um do outro.

“O óleo obtido assim pela separação é a tintura, ou o enxofre, ou o fogo radical do ouro, ouro potável ou a medicina universal para todos os males que afligem a humanidade (1). Toma-se, aos dois equinócios, desse óleo, a quantidade necessária para tingir ligeiramente, uma colher de sopa de vinho branco ou rosado destilado, visto que uma grande quantidade dessa medicina destruiria o úmido radical do homem, privando-o da vida.

“Esse óleo pode tomar todas as formas possíveis e transformar-se em pó, em sal, em pedra, em espírito, etc., através de sua dessecação, com o auxílio de seu próprio fogo secreto. Esse óleo é também o sangue do leão vermelho. Os antigos o representavam pela imagem de um dragão alado que repousa sobre a terra.

“Finalmente, esse óleo inconsumível é o mercúrio ourífico. Estando feito, divide-se em duas porções iguais: conserva-se uma parte em estado de óleo num pequeno vidro branco, bem fechado a esmeril, que se conserva num lugar seco, a fim de servir-se dele para as embebeções nos reinos de Marte e do Sol, como direi ao fim da terceira operação, e se desseca a outra porção até que esteja reduzida a pó, seguindo os mesmos meios que já foram indicados anteriormente para dessecar a pedra e coagulá-la. Então, separa-se esse pó em duas porções iguais,

(1) Cyliani é aqui “invejoso”. Trata-se apenas de uma medicina de ordem inferior.

dissolve-se uma parte em quatro vezes seu peso de mercúrio filosófico, para embeber a outra metade do pó reservado”.

* * *

A TERCEIRA OBRA

Eis-nos na posse de nosso “rebis” que é preciso, agora, levar à perfeição pela cocção, isto é, para falar mais simplesmente, pelo cozimento. É uma operação simples aparentemente, mas que, de fato, é bastante difícil de ser realizada na prática: há uma sucessão de regimes de calor a observar e incrementar muito os fogos, ou ao contrário deixar esfriar a matéria leva a tudo perder. Muitos alquimistas chegados a este ponto nunca puderam passar além dele, após terem ficado anos debruçados sobre seus fornos. *

O que é pior ainda, tal sucessão de regimes é, geralmente, amputada do primeiro regime pelos filósofos “invejosos”, e assim, a terceira Obra fica perdida desde o começo sem que o operador disso se aperceba. Por isso, temos que abandonar operador disso se apercebera. Por isso, temos que abandonar Cyliani pois o veremos declarar: “É então que começa o primeiro degrau, chamado o de “Saturno”, o que mostra que desde este instante seu tratado tornou-se enganador. De meu conhecimento um só filósofo foi muito “caridoso” para revelar a sucessão real dos regimes. Foi Philalèthe, que pensava, sem dúvida, ter-se mostrado suficientemente “invejoso” no curso de seu tratado para aceitar dizer uma parte da verdade sobre o fim, que vamos seguir agora, a partir do capítulo 23 do seu *Entrada aberta ao palácio fechado do Rei*.

“Saiba pois que, em toda nossa obra, não tivemos senão um regime *linear*, que não é outra coisa senão descozer e digerir. Entretanto, esse único regime compreende muitos outros em si, que os invejosos esconderam dando-lhe muitos nomes diferentes, e deles falando como se fossem diferentes operações. Para mim, porque prometi candura e sinceridade, tratarei deles muito mais abertamente; de maneira que tu serás obrigado a confessar que sou nisto mais ingênuo que os demais; pois não é costume falar claramente de uma coisa dessa importância.

“Capítulo 24

“Do Primeiro Regime da Obra, que é aquele do Mercúrio Filosófico.

“Começarei pelo Regime do Mercúrio, que é um segredo, do qual nenhum dos Filósofos jamais falou. Pense bem, que eles todos começaram pela segunda obra, isto é, pelo regime de Saturno e não trouxeram nenhuma luz ao Artista iniciante, do que se faz antes do *negror* aparecer, o qual é um dos principais sinais da Obra. O bom Bernardo, Conde de Trevisano, não disse mesmo nada; pois ensina em sua parábola que o Rei quando vem à fonte, tendo deixado todos os personagens estranhos, entra só no Banho, tendo uma roupa de ouro, que despe e dá a Saturno, que, em troca, o cobre de uma vestimenta de veludo negro. Mas nada diz absolutamente em quanto tempo o Rei tira e despe essa roupa de tecido de ouro, e assim passa ele em silêncio todo um regime inteiro, que pode ser de quarenta dias, por vezes de cinquenta. Durante esse tempo os pobres aprendizes se baseiam em experiências que não conhecem. Depois, uma vez o *negror* começando a aparecer, até o fim da Obra, os novos sinais que surgem todos os dias no vaso dão bastante satisfação ao Artista; mas é preciso confessar que é aborrecido permanecer numa tal incerteza por cinquenta dias, sem guia e sem nenhum traço que possa assegurar os que trabalham.

“Digo então que desde o momento em que o composto (1) começou a sentir o fogo no forno, até aquele em que o *negror* apareça, todo esse intervalo é o regime do mercúrio, isto é, do mercúrio filosófico, que trabalha sozinho durante todo esse tempo, se companheiro (o ouro vulgar) (2) permanecendo morto um espaço de tempo conveniente, e é isso que ninguém ainda descobriu antes de mim.

(1) Philalèthe designa assim o “rebis”.

(2) Compreender o metal contido no “rebis”.

“Quando tu tiveres a conjunção das matérias, que são o curo e nosso mercúrio, não imagines, como fazem os vulgares alquimistas, que o Ocidente (ou dissolução) do Ouro deva chegar bem depressa. Não, asseguro-te que isto não se faz assim. Esperei muito tempo antes que a paz e a calma se fizessem entre o fogo e a água. E disto os invejosos não dizem senão uma só palavra, quando na primeira obra chamam sua matéria de “*rebis*”, isto é, uma coisa que é feita de duas coisas, assim como o poeta o diz:

Rebis não é senão uma coisa, sendo feita de duas.

Todas as duas unidas em uma.

Ele se dissolve para que no sol e na lua

os espermas sejam mudados, que são princípios deles.

“... Toma o corpo que te mostrei, isto é, o Ouro vulgar e coloca-o na água de nosso *mar*, a qual não perde o calor que adquiriu antes, durante um grande número de meses que foi trabalhada e disposta; depura continuamente esse Ouro com um fogo que lhe seja próprio, de maneira que em teu vaso possas ver um rosado e um borbulhar que incessantemente cairão em gotas dia e noite. Ensino-te que nessa circulação o mercúrio sobe e que ele é sua primeira natureza, e que o corpo permanece baixo (no fundo do vaso) em sua primeira natureza, até que após longo tempo o corpo comece a reter alguma água, e assim o corpo e a água são feitos um do outro, participantes dos graus e das qualidades que têm separadamente, isto é, que o corpo comunica sua fixidez à água e a água comunica sua volatilidade ao corpo.

“... Assim, para prender a alma, o espírito é reconciliado com o corpo e se une todos os dois na cor negra esta chega aos cinquenta dias ou mais tarde. Tal operação se chama o regime do mercúrio pois ele circula, estando no alto, e o corpo do Ouro é fervido em baixo, no fundo do vaso, nesse mesmo mercúrio. E nessa operação, o corpo é passivo até que as cores apareçam, que comecem a se fazer ver, um pouco no vigésimo dia, contando que a ebulição se faça bem e sem nenhuma interrupção nem descanso. Em seguida, essas cores aumentam e se

multiplicam, mudam e se diversificam até que terminam no negror imenso, que chegará no quinquagésimo dia, se os destinos favoráveis deixarem chegar a tal felicidade.

“Capítulo 25

“Do segundo Regime da Obra que é o de Saturno ou do chumbo.

“O regime de mercúrio estando completo (o que se reconhece pois que sua operação é de despojar o Rei, isto é, o Ouro de suas vestes douradas, de atacar e fatigar por diversos combates de Leão, até que ele esteja em seus últimos rugidos) o Regime próximo de Saturno lhe sucede.

“... E esse Regime é muito direito e linear com relação ao calor, pois que não há aí senão uma só cor e única, que é o negro bem negro, que aparece; mas não há nem fumaça nem vento, nem nenhum símbolo ou indício de vício, e não se nota aí outra coisa, senão que a composição parece algumas vezes muito seca e às vezes que ela termina à maneira e consistência de pez fundido. Oh! É uma coisa medonha de se ver. É propriamente uma representação da morte eterna e um luto da letargia psíquica: mas que é uma coisa que deve causar alegria ao artista que a conduz! Pois, não é um negror ordinário que aparece aqui mas um negror tão excessivamente forte que, à força de ser negro ele parece luzidio e resplandecente. Se vires uma vez a Matéria inflar como a massa no fundo do vaso, regozija-te pois deves saber que isto te mostra que há um espírito vivificante que está fechado lá dentro e que tornará a dar vida a estes corpos mortos no tempo que o Todo-Poderoso prescreveu para isto.

“Advirto-te aqui para tomar cuidado com teu fogo, que deves manejar e conduzir bem judiciosamente; pois te juro em boa fé que se neste Regime fizeres sublimar alguma coisa de tuas matérias, por ter muito forte o fogo, toda tua obra estará perdida sem recurso. Contenta-te, pois, como o Bom Trevisano,

em ficar na prisão quarenta dias e quarenta noites e deixa permanecer a matéria que está ainda terra no fundo do Vaso que é o ninho onde se faz a concepção. . .”

“O Ouro vulgar exaltando-se e dignificando-se pela virtude de nosso mercúrio manifesta, por sua vez, todos os graus metálicos que tem em si, e torna-se, assim, o ouro filosófico animado e animante.

“Capítulo 26

“Do Terceiro Regime que é o de Júpiter ou do estanho.

“Ao negro Saturno, sucede Júpiter que é de cor diferente. Pois, após a Matéria ter sido devidamente putrefata e apodrecida, e que a concepção tenha sido feita no fundo do vaso, tu verás, ainda, pelo bom prazer de Deus, cores que mudarão com freqüência, e uma outra sublimação que circulará. Esse Regime não é longo, pois não dura mais que três semanas. Durante esse tempo, toda sorte de cores que se possa imaginar aparecerão e não se pode dar, disso, nenhuma razão certa. As chuvas serão, então, mais abundantes de dia a dia, e finalmente, após todas essas coisas que são mais agradáveis de ver, aparece ao lado do vaso um brancor em forma de pequenos filamentos, ou como cabelos (Nicolas Flamel chamou-o brancor capilar). Quando vires isto, regozija-te, pois é um sinal de que tu concluíste, felizmente, o Regime de Júpiter. . .

“Capítulo 27

“Do quarto Regime que é o da Lua ou da prata filosófica.

“O Regime de Júpiter estando terminado, no fim do quarto mês, o sinal do crescente da Lua te aparecerá e tu deves saber que todo o Regime de Júpiter foi empregado em purificar o

Laton (1). O espírito que faz essa *loção*, ou que lava é muito branco e puro em sua natureza, mas o corpo que deve ser purificado é de um negro muito negro, por causa de suas impurezas; na passagem do negro ao branco aparecem todas as cores intermediárias que, desaparecendo, fazem com que tudo se torne branco desde o primeiro dia; mas do branco virá o mais branco, pouco a pouco, e por graus.

“Deves saber que neste Regime todo o composto torna-se à vista como uma prata viva corrente e é a isto que chamamos selar a mãe no ventre de seu filho que ela antes pariu. . .

“Mas, antes que esse Regime tenha terminado, o composto tomará mil formas diferentes. Pois as ondas vindo a aumentar antes de todas as espécies de coagulação, o composto se liquefará e se coagulará cem vezes num dia. . . Ao final terás pequenos grãos muito brancos que se parecerão aos átomos do sol e tão belos que nenhum homem jamais viu semelhantes.

“Rendamos graças imortais a Deus que teves a bondade de conduzir a Obra até essa perfeição. Pois é então a verdadeira tintura perfeita para o branco, apesar de não ser, ainda, senão de primeira ordem e, conseqüentemente, não ter senão pouca virtude e eficácia em comparação com esse poder admirável que adquirirá se se reitera e se refaz sua preparação da segunda ordem.

“Capítulo 28

“Quinto Regime que é o de Vênus ou do cobre.

“Aqui deves tomar cuidado para bem conduzir teu fogo; pois é máxima indubitável que a Pedra, para ser perfeita, deve ser fusível. Assim se tu lhe deres fogo mais forte que o necessário, tua Matéria se vitrificará e, estando fundida, ficará presa aos lados de teu vaso e não poderias fazer nada mais nem lhe

(1) Outro apelido do rebis chegado a este estágio de cocção.

dar maior perfeição... Isto acontece desde a metade do Regime da Lua até o sétimo ou décimo dia do de Vênus.

“É preciso pois aumentar somente um pouco o fogo e de tal maneira que o calor não possa tornar a composição vitrificada, isto é, fluida como vidro fundido. Mas é preciso que o calor seja suave para que, por esse meio, a Matéria se fundirá e se inflará por si mesma e, com o auxílio de Deus, receberá um espírito que voará e subirá ao alto, trará e levará a Pedra consigo e produzirá e fará nascer novas cores. A primeira de todas será o verdor de Vênus, que durará muito tempo, pois não desaparecerá inteiramente senão depois de vinte dias. Em seguida, tomará a cor azul, depois cinza e, ao fim do Regime de Vênus, a cor púrpura pálida e obscura...

“Quando vires o verdor, saibas que ele contém e encerra em si a virtude de germinar. Assim, toma cuidado nesse local que esse agradável verdor não se mude em negro vil por excesso de calor, mas governa teu fogo com prudência, e por esse meio todo esse Regime estará feito em quarenta dias, e tu aí notarás toda a virtude amorosa da regeneração e vegetação.

“Capítulo 29

“Do sexto Regime que é o de Marte ou do ferro.

“... A cor dominante neste regime é um esboço e um começo de laranja misturado e purificado de um amarelo sobre um marron limão e, além disso, ostenta as cores do arco-íris e as da cauda de Pavão; mas logo passam.

“Nesse Regime a consistência da composição é mais seca e parece que a Matéria tem o prazer de disfarçar-se tomando várias formas...

“Saiba que *nossa Terra virgem* recebe então a sua última forma, a fim de que o fruto do Sol; isto é, do Ouro seja semeado e germine. Assim, deves continuar a cuidar todos os dias do calor e, seguramente, aos trinta dias desse Regime

verás aparecer a cor alaranjada, que em duas semanas após ter começado a aparecer, tingirá toda a matéria de sua cor.

“Capítulo 30

“Do sétimo Regime que é o do Sol ou do Ouro filosófico.

“Eis que te aproximas do fim de tua Obra, e tu a tens quase terminada. Tudo aparece no vaso como se tudo fosse ouro muito fino e o leite da Virgem que aí circula, com o qual fazes embebeção e embebes esta matéria, torna-se fortemente alaranjado. . .

“Considera que há quase sete meses tu esperas e que não tem propósito destruir e perder tudo em menos de uma hora. Por isso deves agir com muita precaução, tanto mais que estás mais perto do fim e da perfeição de tua Obra.

“Após teres esperado doze ou catorze dias, notarás nesse Regime do Sol ou do Ouro filosófico que a maior parte da Matéria torna-se-á úmida, de certa maneira pesada; entretanto ela não deixará de ser toda levada no *ventre do vento* (1).

“Finalmente por volta do vigésimo sexto dia desse Regime, ela começará a secar, depois se liquefará, tornando-se fluida e se congelará, em seguida se liquefará novamente cem vezes ao dia até que comece a ensaibrar de tal forma que toda a Matéria parecerá dividida em pequenos grãos; após o que se reunirá formando massa e de um dia para outro tomará mil formas diferentes e isto durará ainda mais ou menos duas semanas.

“Enfim, por ordem de Deus, a luz de tua matéria lançará raios tão vivos que não poderás imaginar. Quando vires aparecer essa luz, deves esperar para breve o fim da Obra, pois verás este fim desejado três dias depois, pois que a Matéria ficará em grãos minúsculos como os átomos do sol e terá uma

(1) Alusão à *Tabua de Esmeralda*.

cor vermelha tão forte que à força de ser tão vermelha parecerá negra, como é o sangue de um homem bem são quando aquele é retido e coalhado. E tu não poderás crer que a Arte tenha podido dar tal tintura ao Elixir, pois que é uma coisa extraordinária jamais vista na natureza, e difícil será encontrar algo semelhante no mundo”.

* * *

A MULTIPLICAÇÃO

A clareza das operações descritas por Irineu Philalèthe é suficiente, tornando-se inútil comentá-las. Após o sétimo regime, e se Deus ajudar ou se a sorte quiser, temos “o enxofre vermelho incombustível” que é verdadeiramente a Pedra filosofal, mas não ainda totalmente acabada. É preciso, ainda, multiplicá-la, isto é, fazê-la sofrer o ciclo completo das operações às quais foi submetida a matéria-prima.

Philalèthe esclarece no capítulo 31: “Entretanto, quando chegares até aqui não imagines que chegaste ao fim com teus trabalhos e que nada mais há a fazer, pois deves ainda reiterar e fazer uma segunda vez a circulação da roda (isto é, recomeçar as operações que vinham sendo feitas) a fim de que deste enxofre incombustível tenhas o teu elixir”. Isto todos os filósofos o assinalam mas se mostram “invejosos”, no sentido de não indicarem se é preciso reiniciar as operações a partir da primeira Obra ou somente a partir da segunda ou terceira. Esclarecerei pois que se trata de recozer a Pedra segundo os regimes de Philalèthe, isto é, fazê-la desempenhar o papel de *rebis* a partir do momento em que se submete à ação conjugada do mercúrio filosófico e do fogo exterior.

Uma vez tal cocção terminada é que o feliz alquimista se encontra de posse da verdadeira medicina universal, da qual uma diluição homeopática se tornará o elixir de sua longa vida. Como vimos no começo desta obra, nosso novo Adepto terá, igualmente, feito fermentar sua Pedra com o ouro —

na proporção de uma parte para quatro de ouro — a fim de obter o pó de projeção necessário a seu teste de transmutação.

O método de elaboração da Pedra filosofal que acabamos de examinar é aquele da via úmida que é praticamente a única abordada nos tratados alquímicos. Todavia, alguns deles fazem referência a uma via seca muito mais rápida mas muito mais difícil de realizar. Entretanto, no *Mistério das Catedrais* (página 140) Fulcanelli escreveu: “Poucos alquimistas admitem a possibilidade de duas vias, uma curta e fácil, nomeada via seca, e outra mais longa e mais ingrata, denominada via úmida. Isto pode ligar-se ao fato de que muitos autores tratam exclusivamente do processo mais longo, seja porque ignoram o outro, seja porque preferem guardar silêncio antes do que ensinar os princípios”. Mais adiante, acrescenta: “Nessa (a via seca) é preciso cozer o sal celeste que é o mercúrio filosófico, com um corpo metálico terrestre, num crisol e a fogo nu, durante quatro dias”.

Uma vez mais nos encontramos diante da dificuldade habitual de um texto hermético. Fulcanelli parece aceitar a idéia das vias, mas indica que a via seca é mais fácil, ao passo que todos os filósofos que a evocaram dizem, ao contrário, ser ela bem mais difícil. Ademais, ele dá uma precisão de tempo, quatro dias, que não significa grande coisa desde o instante em que não se tem um ponto de comparação seguro.

Colecionei, pacientemente, textos antigos e modernos referentes a este assunto, e pude retirar deles os princípios seguintes: existe não uma ou duas, mas três vias para realizar o magistério. A *via úmida*, que é aquela que descrevemos e na qual as operações duram três anos mais ou menos admitindo-se que todas as manipulações tenham êxito na primeira tentativa. A *via seca*, que dura algumas semanas somente, e se faz com o crisol aberto, o fogo secreto aí desempenhando então papel mais importante que no método precedente. Para o filósofo que possui a prática da Arte hermética, esta via é mais fácil que a precedente — daí a informação de Fulcanelli — mas, ao contrário, para o iniciante é muito difícil, praticamente impossível. Finalmente, a *via breve*, que dura três ou quatro dias, e onde se

opera com o cadinho aberto e a altas temperaturas. Esse último método é extremamente perigoso em razão dos riscos de explosão, e ele só é reservado aos Adeptos superiores. Creio útil precisar ainda que os corpos químicos correspondentes ao fogo secreto, ao leite de Virgem e ao mercúrio filosófico não são exatamente os mesmos nas três vias.

Três anos é a duração mínima do tempo a consagrar ao magistério filosófico, mas não esqueçamos que vimos Denis Zacheire, Bernardo o Trevisano, Nicolas Flamel e tantos outros errar durante mais de vinte anos antes de ver o fim de suas pesquisas. Nessa segunda metade do século XX, Armand Barbault levou mais de doze anos para realizar suas primeiras soluções de ouro potável, seis anos mais para entrever sua medicina de segunda ordem, e nada prova que chegou a tempo de elaborar a Pedra, se chegou até aí. É preciso contar com uns vinte anos, um quarto consagrado ao estudo e os outros à prática de laboratório. É o mínimo necessário hoje, como ontem, para realizar a Obra filosófica. Vimos, de outro lado, que seriam necessários desvelos constantes, particularmente durante a terceira Obra. É mister não esquecer que a instalação de um laboratório custa muito hoje em dia e o mineral, de onde se tira a matéria-prima, está longe de ser facilmente vendido, como o era na Idade Média; também infelizmente, é evidente que só um homem muito rico pode emprender a realização do magistério e consagrar-lhe os vinte ou trinta anos necessários.

Os grandes Adeptos que encontraram a Pedra eram bastante ricos, diríamos hoje, milionários. Raimundo Lulle, Denis Zacheire, Bernardo o Trevisano possuíam bens de família extremamente importantes. Alberto o Grande desfrutava de uma fortuna pessoal considerável e obteve autorização para desfrutá-la até o fim da vida; Arnaldo de Villeneuve era um médico muito em moda e cobrava muito caro. Ao contrário, Nicolas Flamel, que não desfrutava senão de modesta quantia, teve dificuldades em seguir o magistério, e Paracelso, que era pobre, não chegou a nada. Permito-me insistir nesse ponto pois esta obra poderá suscitar vocações alquímicas. Gostaria que todos que quisessem emprender o magistério estejam cien-

tes de que é preciso ter pela frente um mínimo de vinte anos de independência total... (1)

Não poderia melhor terminar este estudo prático da realização da Obra filosófica senão citando uma conclusão de Basile Valentin em seu tratado *Revelação dos mistérios das tinturas dos sete metais*: “Mas o que meus olhos viram, o que minhas mãos tocaram e que minha razão sem enganar-se compreendeu, nada pode impedir-me de crer e de admitir os seus efeitos nesta vida, exceto a morte que separa toda coisa.

“... Após tais motivos do amor divino, a afeição ao próximo me tem levado a isto para testemunhar (2) que eu o quero tanto quanto a mim mesmo. Como também a meus inimigos e perseguidores maldizentes desta divina ciência, a fim de que eu possa colher sobre suas cabeças os carvões ardentes.

“Em terceiro lugar, que todos estes adversários contraditores possam conhecer o que mais errou e o que mais revelou os segredos da natureza, e se eu mereço ser censurado e os outros louvados, e também a fim de que esse grande segredo não seja engolido nas trevas nem afogado nas grandes águas da torrente dos anos; mas que eu possa iluminar pelos raios da verdadeira luz, fora do naufrágio e fora da multidão dos idiotas. E que, pela publicação de uma verdadeira e certa confissão, haja muitas testemunhas e autoridades irrepreensíveis que pudessem provar a verdade de meus escritos”.

* * *

(1) Há um outro ponto que é preciso assinalar aos eventuais praticantes, e do qual não falei absolutamente até aqui porque não interessava diretamente o conjunto dos leitores que é preciso conhecer a fundo a química mineral antes de poder trabalhar no laboratório. Entendamo-nos bem, não quero falar da química moderna que nada tem a ver com a alquimia, mas daquela, digamos a do século XVIII, que decorria ainda bem diretamente das operações dos sopradores feitas à imitação da Arte hermética. Encontram-se aí perfeitamente descritas, operações de sublimação, de calcinação, de dissolução, etc. que são usadas no curso das três Obras.

(2) O autor indica por que escreveu este tratado.

Conclusão:

A ARTE REAL

No curso das páginas precedentes, acreditei ter suficientemente demonstrado a realidade da alquimia para convencer o mais incrédulo. Sei, entretanto, que o espírito falsamente científico herdado do século XIX, não admitirá jamais uma verdade que o pertube. É uma atitude comum a muitos sábios, murados em seus hábitos de pensamento, e que, já em 1758, foi perfeitamente definida por Dom Joseph Pernéty, no prefácio de seu *Dicionário Mito-hermético*: “Fora de propósito, são tratado de loucos os filósofos herméticos: não é cair em um verdadeiro ridículo decidir afoitamente que o objeto da ciência é uma quimera porque não se pode penetrá-lo ou porque se ignora absolutamente? É o mesmo que um cego julgar cores. Que caso deve as pessoas sensatas pois fazer dos julgamentos críticos de alguns censores sobre esta matéria, pois que todo o mérito de seus julgamentos, consiste no frio tempero de algumas boas palavras à sombra das quais escondem sua ignorância, e que semeiam à falta de bom grão para iludir leitores imbecis, sempre dispostos a aplaudi-los. Não: contentemo-nos em enviá-los de volta à escola. Menos desdenhoso e menos desprezível do que esses censores cheios de orgulho e de ignorância, e cegos pelo preconceito, Salomão olhava os hieroglifos, os provérbios, os enigmas e as parábolas dos filósofos como um objeto merecedor de toda atenção e de todo o estudo de um homem sábio e prudente”.

Objetar-me-ão, entretanto, que as provas que apresentei são fundadas no testemunho humano, e que um tal testemunho é falível. Isto é exato mas se refere a um simples problema estatístico: se eu tivesse apenas apresentado dois ou três relatos de transmutação, não teria sido possível levá-los em consideração; mas é grande o número de vezes em que o fenômeno teve lugar, e diante de um número cada vez maior de testemunhas. Posso acrescentar que não relatei neste livro, senão a metade de projeções cujos traços históricos permanecem? Creio que é bom reler aqui uma frase de um grande sábio contemporâneo, Camille

Flammarion: “O número desses relatos é tanto mais digno de atenção — excetuando-se ilusões, erros e farsas mesmo — quanto devemos, legitimamente, considerar a mentalidade mediana dos seres humanos, sua escravização mental, sua pusilanimidade, sua vileza”. (*As casas mal-assombradas*, pág. 296).

Camille Flammarion, ele mesmo chocado com a ausência de espírito científico entre seus próprios colegas, demonstrou, magnificamente, seu ponto de vista a respeito dos aerólitos, essas pedras que caem do céu e que foram, por muito tempo, negadas pela ciência. Sua demonstração nos interessa duplamente, primeiro porque é aplicável à transmutação metálica, em seguida porque ela põe em cena o químico francês Lavoisier que foi o principal artesão da rejeição da alquimia pela ciência oficial.

Assim como nos relata Camille Flammarion, um certo abade Bachelay vira uma pedra cair do céu aos seus pés, fenômeno corrente e perfeitamente admitido em nossos dias, que fez disso uma comunicação à Academia das ciências. Tal comunicação foi submetida ao parecer de Lavoisier. Eis um extrato do relatório deste último à Academia: “Fomos encarregados, Fongerou, Cadet e eu, de dar conta à Academia de uma observação comunicada pelo abade Bachelay sobre uma pedra que se pretende ter caído do céu durante uma tempestade.

“Não há talvez pedra cuja história fosse tão extensa como a das pedras de tempestade, se quiséssemos reunir tudo o que se tem escrito a respeito por diferentes autores. Pode-se julgá-lo pelo grande número de substanciais obras que trazem esse nome. Entretanto, apesar da opinião credenciada entre os Antigos, os verdadeiros físicos têm sempre olhado como bastante duvidosa a existência dessas pedras. Pode-se consultar a este respeito a memória de Lémery, impressa entre as da Academia, no ano de 1700.

“Se a existência das pedras de tempestade foi olhada com suspeição ao tempo em que os físicos não tinham quase nenhuma idéia da natureza da tempestade, com muito mais razão deve ela parecê-lo hoje que os físicos modernos descobriram que os efeitos deste meteoro eram os mesmos que os da eletricidade. Seja como for, vamos relatar, fielmente, o fato que foi comunicado por Bachelay; examinaremos em seguida quais são as consequên-

cias que dele se podem tirar . . . (*Salto a relação do abade Bachelay, perfeitamente circunstanciada e probante, mas que aqui não nos interessa*).

“Cremos pois poder concluir, após uma só análise, e independentemente de um grande número de outras razões que seria inútil detalhar, que a pedra apresentada por Bachelay não deve sua origem absolutamente à tempestade, *que não caiu absolutamente do céu*, que não foi formada por matérias minerais postas em fusão pelo fogo como se poderia presumir; que esta pedra não é senão uma espécie de grés de pirita que nada tem de particular, senão esse odor *hepático* que exala durante a dissolução pelo ácido marinho; este fenômeno, com efeito, não tem lugar na dissolução das piritas ordinárias. A opinião que nos parece mais provável, a que melhor se enquadra com os princípios aceitos em física, com os fatos relatados pelo abade Bachelay, e com nossas próprias experiências, é que esta pedra, que talvez estivesse coberta de uma pequena camada de terra ou de grama, foi atingida pelo raio e que, assim, foi posta em evidência; o calor teria sido bastante grande para fundir a superfície da ponte atingida, mas não terá sido por longo tempo continuado, o bastante para penetrar no interior; foi isto que fez com que a pedra fosse inteiramente decomposta”.

E Camille Flammarion conclui: “Este relatório de Lavoisier à Academia de ciências nos inspira reflexões diretamente associadas às pesquisas que nos ocupam aqui. *Testemunhas viram cair a pedra*, em pleno dia 13 de setembro de 1768 em campo aberto; elas a apanharam, ela estava lá; examina-se a pedra e conclui-se . . . que não caiu do céu! As idéias preconcebidas impedem reconhecer a verdade. A opinião popular associando essas pedras à tempestade era falsa, não se tem a idéia de recusar a teoria e imaginar que poderia haver uma outra explicação. O testemunho é considerado como nulo e, em nossos dias ainda, uma certa escola, amiga do paradoxo, continua a ensinar que os testemunhos, quaisquer que sejam, não têm nenhum valor probatório”.

É essa mesma desonestidade intelectual que levou alguns escritores científicos modernos a fazer passar Van Helmont ou Helvetius como alquimistas, pois seu testemunho era irrefutável;

mas é preciso não nos deixar deter por esses combates de retaguarda feitos por sofistas: a transmutação metálica existe, eis um ponto que se pode considerar como adquirido.

É interessante, de outra parte, notar que o sábio escolhido por Camille Flammarion para ilustrar um belo exemplo de espírito não-científico é, justamente, Lavoisier, homem que revolucionou a química e fez entrar a Arte hermética no domínio das superstições medievais. Como se pode pensar isto? Bem, da mesma maneira que por sua refutação às pedras que caíam do céu. Tomou uma hipótese de Lémery relativa aos corpos simples, e sim! ao mesmo Lémery a cuja autoridade ele se referiu em sua memória à Academia, e transformou esta hipótese em um dogma da fé química: "Um corpo simples é um corpo indecomponível pelos meios conhecidos até hoje". Ora, assim como o abade Bachelay não pudera ver a pedra tombar do céu, pois não há pedra no céu, da mesma forma a transmutação metálica não poderia ter sido efetuada, pois os metais são corpos simples, indecomponíveis. Eis o que é formal, mas Arnaldo de Villeneuve não o era menos quando escrevia no *Caminho do Caminho*: "Cada coisa é composta dos elementos nos quais se pode decompor-la. Citemos um exemplo impossível de negar e fácil de compreender: o vidro, com o auxílio do calor, tornar-se água, daí ser água. Ora, todos os metais se transformam em mercúrio; donde o mercúrio é a matéria-prima de todos os metais. Ensinarei, mais além, a maneira de fazer essa transmutação, destruindo-se, assim, a opinião daqueles que pretendem que a forma dos metais não pode ser mudada. Teriam razão se não se pudesse reduzir os metais em sua matéria-prima, mas mostrarei que tal redução à matéria-prima é fácil e que a transmutação é possível e viável." A ciência moderna deu crédito a Lavoisier mas nunca admitiu a opinião de Mestre Arnaldo e de outros Adeptos. Assim como o químico do século XVII, ela recusa admitir que possa existir uma ciência paralela, de princípios diferentes, e que lhe escapam. Se os químicos modernos remodelaram, totalmente, os conceitos de Lavoisier, em troca conservaram seu dogma da impossibilidade da transmutação metálica por meios alquímicos; ora, sabemos que essa transmutação foi efetuada e que ela se efetua ainda. Estou pois perfeitamente convicto de que um dia,

próximo sem dúvida, a realidade do fato alquímico será reconhecida pela ciência oficial, assim como as pedras do céu, negadas por Lavoisier são, hoje, definitivamente admitidas.

Este estudo essencialmente preocupou-se com os aspectos práticos e tangíveis da Arte alquímica a fim de bem mostrar sua realidade material. Com efeito, um certo número de escritores, que estudou os textos herméticos e concluiu, muito justamente, que a transmutação metálica era uma finalidade indigna de um Adepto, deduziu que o alquimista procurava, unicamente, sua realização espiritual e descrevia, simbolicamente, através do magistério, as etapas de sua busca interior onde o corpo era, ao mesmo tempo, matéria-prima e *athanor* da Obra. Falaram, então, de *alquimia espiritual*: este contra-senso completo vinha de um estudo insuficiente dos textos. Tendo adquirido um primeiro nível de compreensão, a saber que o filósofo hermético não era um fazedor de ouro, não tinham podido chegar ao segundo nível que lhes revelaria a chave verdadeira da Grande Obra.

Não se poderia, no entanto, negligenciar o aspecto simbólico dos textos e das manipulações herméticas. Há disso um estudo muito importante a fazer mas que ultrapassa os limites deste livro; assinalarei, somente, que as descrições de cada fase do magistério podem ser compreendidas em diversos níveis: primeiro pela prática, depois pela inter-reação entre essa prática e o manipulador, afinal pelo papel deste último na harmonia da Grande Obra. Por exemplo, no texto de Cyliani, descrevendo as operações da segunda Obra, vimos que era preciso embeber a matéria com o espírito astral, corpo cujo sinônimo filosófico é *leite de Virgem*. Isto significa, primeiro, no plano material, que é preciso embeber, efetivamente, a matéria-prima da Obra com a solução salina designada, mas, num outro plano, não se pode esquecer que este Leite de Virgem é simbolicamente o da Virgem Maria, mãe de Deus⁽¹⁾, e que o operador deve estar em estado de graça em relação a ela, enfim, e é esse um terceiro

(1) O que não significa que é preciso ser cristão para praticar a alquimia. O filósofo, através de Maria, Jesus, etc. evoca os atributos da divindade que esses personagens simbólicos representam. Ele crê no princípio criador, chamado Deus, mas não pratica, forçosamente, uma religião por isso.

plano, que, na perspectiva da Grande Obra, chega-se ao instante em que a intervenção divina é necessária para que os fenômenos que se desenrolam no ovo filosófico passem do estágio químico ao estágio alquímico.

Outros casos poderiam ter sido abordados neste livro, alguns muito misteriosos, e que não se evocam geralmente, senão com palavras ocultas, seja por falta de informação, seja porque as implicações econômicas e políticas são muito graves para serem trazidas ao conhecimento público. Por exemplo, no Ministério da Indústria e do Comércio, há um serviço que estuda os movimentos do mercado de ouro através do mundo. Um de seus empregados, um dia, revelou a um de meus amigos que dois países vendiam quantidades anormalmente importantes de ouro, bem superiores às que podiam extrair de seu solo ou de suas reservas bancárias... Aliás, sem remontar à lenda dos Nove superiores desconhecidos que governariam o mundo à sua vontade, há murmúrios persistentes, por vezes informações, de que há um pequeno grupo de imortais que viveriam ocultos em meio à nossa sociedade e tratariam de orientá-la segundo seu desejo. Tais personagens teriam, entre outras, diz-se, a faculdade de poder locomover-se no tempo. Uma pessoa de meu conhecimento certa vez chegou de surpresa em casa de um alquimista, seu amigo, um desses verdadeiros alquimistas que vivem escondidos e trabalham secretamente, e encontrou-o conversando com um homem vestido à maneira do século XVII. O alquimista, aparentemente muito embaraçado, despediu o visitante que era contudo um de seus íntimos: teria assim agido se a pessoa que estava em sua companhia estivesse apenas vestida, por exemplo, para ir a um baile de máscaras (o que de qualquer forma surpreenderia em pleno dia)? De tudo isto, e de outras coisas ainda, nada falarei por uma razão muito simples: nada sei com segurança.

O que sei, ao contrário, é que a alquimia, ontem como hoje, é a expressão de uma realidade imutável. Também se apresenta a questão: de onde ela vem? Chegamos a este ponto de nosso estudo, a lenda de Hermes não poderia mais nos satisfazer. Como um tal saber científico, muitos pontos avançado sobre a nossa ciência oficial, teria podido desenvolver-se em

civilizações onde a técnica era embrionária e as teorias da matéria, inexistentes? Creio que a resposta nos será fornecida pelo físico atômico Frederick Soddy, que recebeu o prêmio Nobel por sua descoberta dos isótopos. Escreveu, com efeito, em sua obra, *O Radium, interpretação e ensino da radiatividade*: “É curioso refletir, por exemplo, na notável lenda da Pedra filosofal, que é uma das crenças mais antigas e mais universais, e cuja origem, por mais distantes que possamos remontar nos traços do passado, não poderia ser com certeza relacionada à sua verdadeira fonte. Atribui-se à Pedra filosofal o poder, não somente de efetuar a transmutação de metais mas, também, de agir como o elixir da vida. Ora, qualquer que tenha sido a origem desta associação de idéias, aparentemente desprovida de sentido, ela se mostra, na realidade, como a expressão muito correta e tão-somente alegórica de nossa atual maneira de ver. Não é preciso um grande esforço de imaginação para chegar a ver na energia a vida mesma do universo físico. Sabe-se, hoje, que é graças à transmutação que brotaram as fontes primeiras da vida física do universo. Essa antiga aproximação do poder de transmutação e do elixir da longa vida não é uma simples coincidência? Prefiro crer que isto poderia bem ser um eco vindo de uma das numerosas idades onde, em tempos pré-históricos, os homens seguiram, antes de nós, o caminho que nossos pés hoje percorrem. Mas este passado é, provavelmente, tão recuado que os átomos que lhe foram contemporâneos já tiveram literalmente tempo de desintegrar-se totalmente. . .

“Deixemos ainda um instante nossa imaginação vagar livremente em regiões ideais. Suponhamos que esta hipótese que por si mesma se nos apresenta, seja verdadeira e que possamos confiar no menor fundamento constituído pelas tradições e superstições transmitidas até nós desde os tempos pré-históricos. Não poderíamos ver nelas uma certa justificação desta crença que os homens de alguma raça extinta e esquecida chegaram não somente aos conhecimentos que nós tão recentemente adquirimos, mas ainda às capacidades que ainda não são as nossas?”

Esta é, creio, a resposta à nossa pesquisa: a alquimia é a lembrança da ciência de uma raça que pisou o solo terrestre

bem antes do dilúvio. A objeção dos paleontologistas, que colocam a ausência de corpos fósseis e restos de uma tal civilização para recusar a possibilidade dela, baseia-se em margem muito estreita de tempo. Desde que se recue até a última grande glaciação nos pólos nenhuma verificação é possível, pois nenhum fóssil pode ser encontrado. Ora, sabe-se hoje que tais regiões conheceram num passado remoto um clima tropical, totalmente modificado, a seguir, por um gigantesco cataclisma que afetou toda a Terra. É permitido portanto supor ali uma civilização que se teria mantido através das eras geológicas em pequenos grupos étnicos, provavelmente cidades submarinas, que guardavam a lembrança de catástrofe que destruiu sua civilização (talvez uma guerra atômica) e, igualmente, o conhecimento de certas técnicas científicas de sua grande época. A alquimia e sua irmã gêmea, a astrologia, não seriam então mais que resíduos, pequenas parcelas de um saber esquecido refugiado no inconsciente coletivo da raça e susceptível de reflorescer através de certos indivíduos sob a inspiração divina.

Neste fim do século XX, em que estamos novamente à véspera de um cataclisma em escala planetária, a Obra alquímica volta a ser primordial pois se apresenta como uma das raras tábuas de salvação do homem. É particularmente revivida num momento em que a civilização materialista, mecânica e atéia que é a nossa, se aliena quase totalmente e se destrói. As máquinas que construímos pouco a pouco nos dirigem a uma civilização de robôs onde o poder real será detido por gigantescos computadores que o homem terá como senhores.

Certos povos asiáticos, da Índia em particular, têm possibilidade de escapar a esse inferno graças ao ioga e a algumas outras técnicas de concentração mental, mas a implantação dessas técnicas no Ocidente — aceitas dado o desespero — é vã pois são mal adaptadas à nossa forma de espírito. A via alquímica, ao contrário, nos dá um meio de chegar ao estado de vigília, esse estado onde cessamos de ser o brinquedo, dizendo melhor, a marionete dos acontecimentos exteriores para nos tornarmos um de seus senhores. A alquimia dá, igualmente, o meio de alcançarmos contingências terrestres, de nos liberar dos males e de prolongar nossa vida além do termo ridiculamente curto que temos

Em face das guerras ameaçadoras, em face do perigo atômico, em face do barulho e agitação da vida moderna, em face da civilização mecanizada de amanhã, não vejo senão duas atitudes possíveis: a oração ou a Grande Obra.

Comprei um almofariz de ágata.



"Física subterrânea" de Bechhaner (XVIII século). Na *Biblioteca esotérica* de Dorbon.

ENIGMAS E MISTÉRIOS DO UNIVERSO

Eis o primeiro livro completo e perfeitamente claro escrito sobre a Alquimia. Através de extraordinária pesquisa no passado, Jacques Sadoul faz-nos reviver as vidas tumultuosas e as descobertas de Alberto, o Grande, Nicolas Flamel, Paracelso, o Cosmopolita, Fulcanelli e tantos outros.

As transmutações metálicas são atribuídas aos grandes adeptos da antiguidade e a pedra filosofal designa o produto terminado da obra alquímica.

A alquimia é a expressão de uma realidade imutável.

Mas, de onde ela vem?

Seria a lembrança da ciência de uma raça que pisou o solo terrestre bem antes do dilúvio?

Trata-se de uma disciplina essencialmente secreta, tradicional e iniciática.

Enquanto os alquimistas do século XIX preferiram ficar na sombra, o nosso século XX, ao contrário, brilha com um vivo clarão hermético.


Hemus

ISBN 85-289-0439-3



9 788528 904390